

Fred Vargas



FUJA LOGO
E DEMORE PARA VOLTAR


COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

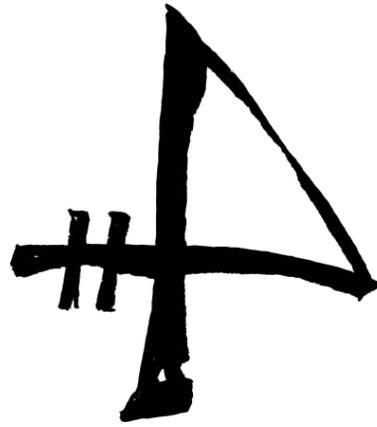
Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

FRED VARGAS

*FUJA LOGO E DEMORE
PARA VOLTAR*

Tradução:
DOROTHÉE DE BRUCHARD





1

“E então, quando as serpentes, os morcegos, os texugos e todos os animais que vivem nas profundezas das galerias subterrâneas saem aos bandos pelos campos e abandonam seu hábitat natural; quando as plantas frutíferas e as leguminosas começam a apodrecer e a se encher de vermes...”

2

As pessoas, em Paris, andam muito mais depressa do que em Le Guilvinec, isso Joss já tinha percebido há tempos. Toda manhã, os pedestres passavam pela avenue du Maine à velocidade de três nós. Naquela segunda-feira, Joss estava a quase três nós e meio, se esforçando para recuperar um atraso de vinte minutos. Devido à borra do café que se esparramara toda no chão da cozinha.

Não que isso o tivesse surpreendido. Joss já compreendera há muito tempo que as coisas eram dotadas de uma vida secreta e perniciosa. Com exceção talvez de certas peças de obras mortas que, até onde ia sua memória de marinheiro bretão, nunca o tinham agredido, o mundo das coisas estava, com toda a evidência, carregado de uma energia inteiramente concentrada em encher o saco do ser humano. Por oferecer à coisa uma repentina liberdade, por mínima que fosse, o menor erro de manipulação dava início a uma série de calamidades em cadeia, passível de percorrer toda uma gama, da contrariedade à tragédia. A tampa escapando pelos dedos constituía, em modo menor, um modelo de base. Pois uma tampa solta não vem, de jeito nenhum, rolar até os pés do homem. Ela se enrosca, ruim, atrás do fogão, feito aranha à cata do inacessível, ocasionando para o seu predador, o Homem, uma sucessão de provações variáveis: arredamento do fogão, rompimento da mangueira do gás, queda de utensílio, queimadura. O caso daquela manhã derivara de um encadeamento mais complexo, que tivera início numa falha benigna de lançamento, acarretando fragilização da lixeira, caimento lateral e derramamento do filtro de café no chão. Assim é que as coisas, animadas por um espírito de vingança legitimamente originado de sua condição de escravas, conseguiam por sua vez, em momentos breves mas intensos, submeter o homem ao seu poder latente,

fazer com que ele se contorcesse e rastejasse feito um cão, sem poupar mulher ou criança. Não, por nada neste mundo Joss teria depositado sua confiança nas coisas, e nem nos homens, nem no mar. As primeiras tiram da gente a razão, os segundos, a alma, e o terceiro, a vida.

Homem calejado que era, Joss não desafiara a sorte e, como um cão, juntara o café grão por grão. Cumprira a penitência sem reclamar e o mundo das coisas refluía para o seu jugo. Aquele incidente matinal não era nada, na aparência não passava de uma ínfima contrariedade, mas, para Joss, que não se deixava enganar, era a clara evocação de que a guerra entre os homens e as coisas prosseguia e que, nesse combate, o homem nem sempre saía vencedor, muito pelo contrário. Evocação das tragédias, das naus desmastreadas, das traineiras desmanteladas e do seu barco, o *Vento de Norois*, que fizera água em 23 de agosto no mar da Irlanda, às três da manhã, com oito homens a bordo. E olhe que Deus sabe o quanto Joss respeitava as exigências históricas da sua traineira, e Deus sabe o quanto homem e barco eram conciliadores um com o outro. Até aquela maldita noite de borrasca quando, num surto, soqueara o alcatrate. O *Vento de Norois*, já quase deitado sobre estibordo, fizera subitamente água na parte traseira. Com o motor afogado, a traineira derivara dentro da noite, os homens despejando água sem parar, para finalmente se imobilizar, no alvorecer, sobre um recife. Isso fora havia catorze anos, e dois homens tinham morrido. Catorze anos desde que Joss demolira o armador do *Norois* a pontapés. Catorze anos desde que Joss deixara o porto de Le Guilvinec, depois de nove meses de xadrez por agressão e danos físicos com intuito homicida, catorze anos desde que sua vida quase inteira se esvaía por aquela água aberta.

Joss desceu a rue de la Gaîté, dentes cerrados, mascando a raiva que vinha à tona dentro dele cada vez que o *Vento de Norois*,

perdido no mar, emergia na crista dos seus pensamentos. No fundo, não era com o *Norois* que ele ficara bravo. A boa e velha traineira apenas reagira ao soco, rangendo o casco apodrecido pelos anos. Ele estava convencido de que o barco não medira o alcance de sua breve revolta, inconsciente da própria idade, da decrepitude e da força das águas naquela noite. A traineira certamente não desejara a morte dos dois marinheiros e, hoje, jazendo feito boba no fundo do mar da Irlanda, se arrependia. Joss seguidamente lhe dirigia palavras de conforto, de absolvição e tinha a impressão de que, assim como ele, o barco agora conseguia conciliar o sono, refizera a sua vida lá como ele aqui, em Paris.

Quanto à absolvição do armador, porém, nem pensar.

— Ora, Joss Le Guern — ele dizia, dando-lhe um tapa nas costas —, você ainda vai fazer esse xaveco correr por aí mais uns dez anos. É um valente, e você é o chefe dele.

— O *Norois* está ficando perigoso — Joss repetia, insistente. — Ele está caracolando e o casco está se deformando. As anteparas do porão empenaram. Não respondo mais por ele no caso de um vagalhão. E o bote não está mais conforme às normas.

— Eu conheço os meus barcos, capitão Le Guern — respondia o armador, endurecendo o tom. — Se está com medo do *Norois*, tenho aqui uns dez homens prontos para substituir você num estalar de dedos. Homens de cabelo nas ventas que não se lamentam que nem burocratas sobre as normas de segurança.

— E eu estou com sete caras a bordo.

O armador aproximava o rosto, gordo, ameaçador.

— Se passar pela sua cabeça, Joss Le Guern, ir choramingar na capitania do porto, pode contar comigo para deixar você no chão antes que consiga dar um ai. E, de Brest até Saint-Nazaire, não vai achar um só cara que chame você a bordo. De modo que aconselho você a pensar bem, capitão.

É, Joss ainda se arrependia de não ter acabado com o sujeito no dia seguinte ao naufrágio, em vez de se contentar em quebrar-lhe um membro e afundar-lhe o esterno. Mas quatro homens da tripulação tinham-se juntado para puxá-lo para trás. “Não jogue a sua vida fora, Joss”, disseram. Eles o tinham bloqueado, impedido. Impedido de arrebentar o armador e todos os seus lacaios, que o riscaram das listas assim que ele saía da prisão. Joss andara bradando por todos os bares que os mandachovas da capitania levavam comissão, de modo que pôde dar adeus à marinha mercante. Repelido de porto em porto, Joss, numa terça de manhã, saltara no trem Quimper-Paris para ir dar, como tantos bretões antes dele, no largo da estação Montparnasse, deixando atrás de si uma mulher em fuga e nove sujeitos por matar.

Ao avistar o cruzamento do boulevard Edgar-Quinet, Joss guardou de volta os ódios nostálgicos no forro do seu espírito e se preparou para recuperar o atraso. Essas histórias todas de borra de café, guerra das coisas e guerra dos homens tinham-lhe roubado, por baixo, uns quinze minutos. Ora, a pontualidade era um elemento-chave do seu trabalho e ele fazia questão de que a primeira edição do seu jornal falado tivesse início às oito e trinta, a segunda às doze e trinta e cinco, e a da noite, às dezoito e dez. Eram as horas de maior afluência e os ouvintes, naquela cidade, eram apressados demais para suportar a menor demora.

Joss despreendeu a urna da árvore onde a pendurava à noite, com um nó de bolina duplo e dois alarmes. Naquela manhã não estava muito cheia, daria para fazer rapidamente a triagem. Deu um sorriso fugidio ao levar a caixa para os fundos da loja que Damasco o deixava usar. Ainda havia uns caras legais neste mundo, caras feito o Damasco, que dão para a gente uma chave e um canto de mesa sem medo de a gente roubar a cadeira. Damasco, isso lá é nome? Ele tinha uma loja de *rollers* na praça, a Roll-Rider, e lhe autorizava o acesso para que ele pudesse preparar suas edições ao abrigo da chuva. Roll-Rider, isso lá é nome?

Joss destrancou a urna, um caixote grande de madeira feita de tábuas trincadas com suas próprias mãos e que ele batizara de *Vento de Noroís II*, em homenagem ao saudoso falecido. Decerto que não era lá muito honorífico, para uma grande traineira de pesca em alto-mar, dar com sua descendência reduzida à condição de caixa postal em Paris, mas aquela caixa não era uma caixa qualquer. Era uma caixa genial, concebida a partir de uma ideia genial que brotara sete anos atrás e permitira a Joss dar uma formidável volta por cima depois de três anos de trabalho numa fábrica de conservas, seis meses numa usina de bobinagem e dois anos desempregado. A ideia genial lhe viera numa noite de dezembro em que, prostrado, de copo na mão, num café lotado de Montparnasse, em sua maior parte de bretões solitários, ele escutava o ronronar de sempre das notícias da Terra. Um sujeito falou em Pont-l'Abbé, e foi assim que o trisavô Le Guern, nascido em Locmaria em 1832, saiu de dentro da cabeça de Joss para se encostar no balcão e lhe dar um olá. "Olá", disse Joss.

— Lembra de mim? — Perguntou o velho.

— Ahã — resmungou Joss. — Eu não tinha nascido quando você morreu, e não chorei.

— Puxa, filho, procure não desvairar, eu te visito tão pouco. Você está com quanto?

— Cinquenta anos.

— É, a vida não te ajudou. Parece mais.

— Não preciso dos seus palpites e não te chamei. Você também era feio.

— Vamos mudando o tom, meu rapaz. Você sabe como é quando eu fico nervoso.

— Ahã, todo mundo sabia. A sua mulher, principalmente, que você moeu de pancada a vida inteira.

— Bem — disse o velho, com uma careta —, você tem que situar a coisa dentro do século. A época pedia isso.

— A época uma ova. Quem pedia era você. Acabou com um olho dela.

— Epa, nós não vamos agora ficar mais dois séculos falando nesse olho!

— Vamos, sim. Pra dar exemplo.

— Você, Joss, me falando em exemplo? O Joss que por pouco não estripa um cara a pontapés no cais de Le Guilvinec? Ou estou enganado?

— Pra começar, não era mulher e, pra continuar, não era homem. Era uma burra de dinheiro que não queria nem saber se os outros estavam se estrepando, desde que levasse o dele.

— É, eu sei. Não te tiro a razão. Mas fora isso, garoto, você me chamou para quê?

— Já disse. Não te chamei.

— Teimoso feito uma mula, você. Sua sorte é ter herdado os meus olhos, senão eu até te dava um tabefe. Pois fique sabendo que se eu estou aqui é porque você chamou, é assim e não é de outro jeito. Aliás, esse não é dos bares que eu frequento, não gosto da música.

— Está bem — disse Joss, derrotado. — Te pago uma bebida?

— Se é que você vai conseguir erguer o braço. Não é por nada, mas você já bebeu o seu tanto.

— Não se meta, velho.

O ancião deu de ombros. Já tinha visto coisa pior, e não ia ser aquele moleque quem ia tirá-lo do sério. Um Le Guern de boa cepa, esse Joss, sem dúvida nenhuma.

— Quer dizer então — retomou o velho, entornando seu *chouchen*^[1] num gole só — que você está sem mulher e sem tostão?

— Adivinhou — respondeu Joss. — Você não era tão esperto naquele tempo, pelo que dizem.

— É por ser fantasma. Quando a gente está morto, sabe umas coisas que não sabia antes.

— Não brinca — disse Joss, estendendo um braço bambo na direção do garçom.

— Quanto a mulher, nem valia a pena me chamar, não é minha melhor praia.

— Eu já imaginava.

— Mas quanto a trabalho, não tem complicação, meu rapaz. É só imitar a família. Você não tinha de se meter com bobinagem, foi um erro. E você sabe, temos que desconfiar dos objetos. Os cordames, ainda vá lá, mas bobina, fio, para não falar em tampas, é melhor passar ao largo.

— Eu sei — disse Joss.

— A gente tem que se acertar com o herdado. Imita a família.

— Não posso mais ser marinheiro — retrucou Joss, ficando nervoso. — *Virei persona non grata*.

— Quem falou em marinheiro? Não existe só peixe nessa vida, meu Deus, era só o que faltava. E eu era marinheiro, por acaso?

Joss esvaziou o copo e se concentrou na pergunta.

— Não — disse ele, depois de alguns instantes. — Você era o Pregoeiro. De Concarneau a Quimper, você era o Pregoeiro das notícias.

— É, meu rapaz, e me orgulho disso. *Ar Bannour*,^[2] eu era: o “Pregoeiro”. Não tinha nenhum melhor que eu na costa sul. Cada dia que Deus fazia, *Ar Bannour* entrava numa aldeia nova e, ao meio-dia, apregoava as notícias. E posso lhe adiantar que tinha gente me esperando desde o amanhecer. Eu tinha trinta e sete aldeias no meu território, não é pouca coisa, é? Já é um mundo de gente, não é? Um mundo de gente que vivia no mundo e graças a quê? Graças às notícias. E graças a quem? A mim, *Ar Bannour*, o melhor coletor de notícias do Finistério. Minha voz ia da igreja até a fonte, e eu conhecia cada palavra. E minha voz trazia o mundo, a vida, não tinha nada a ver com peixe, acredite.

— Ahã — disse Joss, servindo-se direto da garrafa que estava no balcão.

— O Segundo Império fui eu que cobri. Eu ia até Nantes atrás de notícias e trazia elas de volta a cavalo, fresquinhas que nem a maré. A Terceira República fui eu que apregoei em todas as praias, você tinha que ver a algazarra. E nem te conto do feijão com arroz local: os casamentos, as mortes, as brigas, os achados e perdidos, as crianças desaparecidas, os tamancos para arrumar, tudo eu é que transportava. De aldeia em aldeia, me entregavam notícias

para ler. Lembro até hoje da declaração de amor da filha de Penmarch a um sujeito de Sainte-Marine. Foi um escândalo dos diabos, seguido de assassinato.

— Você podia ter se asegurado.

— Espera aí, eu era pago para ler, estava fazendo o meu trabalho. Se eu não lesse, ia estar roubando o cliente, os Le Guern podem até ser grossos, mas não são bandidos. Os dramas, os amores e os ciúmes de marinheiro pescador deles não eram assunto meu. Eu tinha a minha própria família para cuidar. Uma vez por mês eu passava na minha aldeia para ver as crias, ir à missa e dar umazinha.

Joss soltou um suspiro dentro do copo.

— E deixar um dinheirinho — completou o ancião, com voz firme. — Uma mulher e oito filhos comem um bocado. Mas acredite, com *Ar Bannour* nunca faltou nada para eles.

— Não faltou bofetão?

— Grana, imbecil.

— Rendia tanto assim?

— Rendia um montão. Se tem um produto que não se acaba nesse mundo, são as notícias, e se tem uma sede que não se estanca, é a curiosidade dos homens. Quando você é pregoeiro, está dando de mamar a toda a humanidade. Você está garantido de nunca ficar sem leite e nunca ficar sem bocas. Mas escute, meu filho, bebendo assim desse jeito você nunca que vai poder ser pregoeiro. É um ofício que requer ideias claras.

— Não é que eu queira te magoar, ancião — disse Joss, meneando a cabeça —, mas “pregoeiro” não é mais um ofício que se pratique. Você não vai nem encontrar quem entenda a palavra. “Sapateiro”, pode ser, mas “pregoeiro”, nem tem no dicionário. Eu não sei se você continuou se mantendo informado depois que morreu, mas as coisas mudaram um bocado por aqui. Ninguém mais precisa que fiquem lhe gritando nos ouvidos na praça da igreja, já que todo mundo tem jornal, rádio e tevê. E se você se conectar à rede em Loctudy, fica sabendo se alguém fez xixi em Bombaim. Então, pense bem.

— Você acha mesmo que eu sou um velho bobo?

— Estou informando, só isso. Agora é a minha vez.

— Pobre Joss, você está soltando o leme. Levante. Você não entendeu patavina do que eu falei.

Joss ergueu um olhar vazio para a silhueta do trisavô, que descia do banco de bar com certa presteza. *Ar Bannour* tinha sido alto para a sua época. Era verdade que ele se parecia com aquele bruto.

— O Pregoeiro — disse o ancião com força, espalmando a mão no balcão — é a Vida. E não me venha dizer que ninguém mais sabe o que a palavra significa, que ela não está mais escrita no dicionário, ou então é que os Le Guern degeneraram e já não são dignos de apregoar a Vida.

— Pobre velho bobo — murmurou Joss, olhando o trisavô enquanto ele ia embora. — Pobre velho resmungão.

Pôs o copo no balcão e acrescentou, gritando em sua direção:

— Eu nem tinha te chamado mesmo!

— Agora chega — disse o garçom, segurando-lhe o braço. — Seja razoável, você está incomodando todo mundo.

— O mundo que se dane! — berrou Joss, agarrando-se ao balcão.

Joss se lembrava de ter sido despachado para fora do Bar d'Artimon por dois sujeitos menores que ele e ter ficado oscilando uns cem metros no meio da rua. Tinha acordado nove horas mais tarde debaixo do pórtico de um edifício, a umas dez estações de metrô do bar. Lá pelo meio-dia, tinha se arrastado até o seu quarto, segurando a cabeça de chumbo com as duas mãos, e tornara a adormecer até as seis horas do dia seguinte. Ao abrir dolorosamente os olhos, fitara o teto sujo de seu alojamento e dissera, obstinado:

— Pobre velho bobo.

Lá se iam, pois, sete anos que, depois de alguns meses de ajustes difíceis — encontrar o tom, empostar a voz, escolher o local, conceber as rubricas, fidelizar a clientela, fixar as tarifas — Joss abraçara a desusada profissão de "pregoeiro". *Ar Bannour*. Ele

vagara, com sua urna, por diversos pontos num raio de uns setecentos metros em volta da estação Montparnasse — onde chegam os trens vindos da Bretanha —, da qual não gostava de se afastar — “nunca se sabe”, dizia —, para finalmente se estabelecer, dois anos antes, no cruzamento do boulevard Edgar-Quinet com a rue Delambre. Atraía assim os frequentadores do mercado, os moradores, captava os funcionários dos escritórios misturados aos assíduos discretos da rue de la Gaîté e abocanhava, de passagem, uma parte do fluxo desaguado pela estação Montparnasse. Pequenos grupos compactos se juntavam à sua volta para ouvir o pregão das notícias, em menor número, decerto, do que os que se amontoavam em volta do trisavô Le Guern, mas havia que levar em conta que Joss oficiava diariamente, e três vezes ao dia.

Por outro lado, ele colhia em sua urna uma quantidade considerável de mensagens, umas sessenta por dia, em média — muito mais de manhã do que à tarde, a noite sendo propícia para os depósitos furtivos —, cada qual num envelope lacrado e com uma moeda de cinco francos como lastro. Cinco francos para uma pessoa ouvir seu pensamento, seu anúncio, sua busca serem lançados ao vento de Paris: não era tão caro. Joss tentara, no início, uma tarifa mínima, mas as pessoas não gostavam que se bradasse suas frases por uma moeda de um franco. Depreciava a oferta. A atual tarifa, portanto, convinha aos doadores e ao receptor, e Joss faturava seus nove mil francos líquidos por mês, incluindo os domingos.

O velho *Ar Bannour* tinha razão: matéria nunca faltara e Joss fora obrigado a concordar com ele, certa noite de porre no Bar d’Artimon. “Os homens estão cheios de coisas para dizer, eu tinha te avisado”, dissera o ancião, bastante satisfeito de ver que o menino tinha retomado o empreendimento. “Cheios como aqueles colchões velhos enchidos com palha. Cheios de coisas para dizer, e de coisas para não dizer. Você vai juntando as fichas e prestando um favor à humanidade. Você é o purgador. Mas cuidado, filho, nem tudo é tranquilidade. Raspando o fundo, você vai bombear tanto a

água clara como a lama. Fique de olho vivo, não tem só boniteza na cabeça do homem.”

Estava certo, o ancestral. No fundo da urna, havia dizível e havia não dizível. “Indizível”, corrigira o letrado, o velho que tinha uma espécie de hotel ao lado da loja de Damasco. Quando juntava as mensagens, aliás, Joss começava formando duas pilhas, a pilha dizível e a pilha não dizível. Em geral, o dizível escorria por seu caminho natural, ou seja, pela boca dos homens, em riachinhos ordinários ou torrentes urrantes, o que permitia ao homem não explodir sob a pressão das palavras amontoadas. Pois, à diferença do colchão de palha, o homem a cada dia armazenava palavras novas, o que tornava realmente vital a questão do escoamento. Deste dizível, uma parte trivial chegava à urna nas rubricas Venda, Compra, Procura, Amor, Diversos e Anúncios técnicos, sendo estes últimos quantitativamente limitados por Joss, que por eles cobrava seis francos para compensar o aborrecimento que sua leitura lhe causava.

Mas o que o Pregoeiro descobrira principalmente era o volume insuspeitado de indizível. Insuspeitado porque não estava prevista nenhuma abertura no colchão de palha para o desimpedimento daquela matéria verbal. Fosse por ela ultrapassar os limites lícitos da violência ou da audácia, fosse, ao contrário, por não conseguir se alçar a um nível de interesse que justificasse sua existência. Aquelas palavras desmedidas ou indigentes eram então encurraladas numa existência reclusa, socadas no enchimento, vivendo na sombra, na vergonha e no silêncio. Aquelas palavras, porém — e isso o Pregoeiro já tinha compreendido naqueles sete anos de colheita —, nem por isso morriam. Elas se acumulavam, iam subindo uma em cima da outra, azedando à medida que transcorria sua existência de toupeira, assistindo, iradas, o exasperante vaivém das palavras fluidas e autorizadas. Ao inaugurar aquela urna rasgada por uma fina abertura de doze centímetros, o Pregoeiro criara uma brecha por onde as prisioneiras escapavam feito uma revoada de grilos. Não havia manhã em que ele não puxasse algum indizível do fundo da sua caixa, arengas, injúrias, desesperos, calúnias, denúncias, ameaças, loucuras.

Indizível por vezes tão ralo, tão desesperadamente frágil que era uma dificuldade ler a frase até o final. Por vezes tão emaranhado que o sentido escapava por completo. Por vezes tão viscoso que o papel lhe caía da mão. E por vezes tão rancoroso, tão destrutivo que o Pregoeiro o eliminava.

Sim, porque o Pregoeiro filtrava.

Embora sendo homem cumpridor e consciente de estar extirpando do nada os refugos mais acoitados do pensamento humano, de perpetuar a obra salvadora realizada pelo ancestral, o Pregoeiro dava-se o direito de excluir tudo o que não conseguisse passar por seus próprios lábios. As mensagens não lidas ficavam à disposição, junto com a moeda de cinco, pois, como martelara o ancião, os Le Guern não são bandidos. Assim, a cada pregão, Joss estendia os refugos do dia sobre o caixote que lhe servia de estrado. Sempre havia algum. Todos os que prometiam esmagar as mulheres e todos os que mandavam os negões, os turcos, os chinas e os veados para o inferno eram deixados no refugio. Joss percebia instintivamente que por pouco poderia ter nascido mulher, negro ou veado e aquela censura que ele exercia não significava nenhuma grandeza de alma, só um mero reflexo de sobrevivência.

Uma vez ao ano, durante o período morto de 11 a 16 de agosto, [3] Joss punha a urna em doca seca para arrumar, lixar, pintar: de azulão acima da linha de flutuação, de azul ultramarino abaixo, o *Vento de Norois II* pintado de preto na face dianteira, com letras graúdas, cuidadas, os "Horários" no flanco bombordo, as "Tarifas e outras disposições *à tinentes*" a estibordo. Ele escutara muito aquela palavra quando de sua detenção e julgamento, e tinha guardado de lembrança. Joss considerava que aquele "*à tinentes*" dava certo aprumo aos pregões, mesmo que o letrado do hotel tivesse suas objeções. Um sujeito sobre o qual ele não sabia muito bem o que pensar, esse Hervé Decambrais. Um aristocrata, sem dúvida, com muito estilo, mas tão sem dinheiro que precisava sublocar os quatro quartos do andar de cima, e incrementar sua parca renda vendendo guardanapos e cobrando para distribuir conselhos psicológicos furados. Vivia confinado em duas peças do

térreo, cercado de pilhas de livros que lhe tomavam todo o espaço. Se Hervé Decambrais já tinha, daquele modo, engolido milhares de palavras, Joss nem por isso temia que ele sufocasse, pois o aristocrata falava bastante. Ia engolindo e regurgitando o dia inteiro, uma verdadeira bomba d'água, com partes complicadas, nem sempre inteligíveis. Damasco também não captava tudo, o que por um lado o tranquilizava, mas Damasco também não era nenhum luminar.

Joss despejou o conteúdo da urna sobre a mesa e estava começando a separar o dizível do indizível quando pousou a mão num envelope largo e grosso, de um branco sujo. Pela primeira vez, ele se perguntou se o letrado não seria o autor daquelas mensagens luxuosas — vinte francos dentro do envelope — que ele vinha recebendo há três semanas, as mensagens mais desagradáveis que já tivera de ler naqueles sete anos. Joss rasgou o envelope, com o ancestral espiando por cima do ombro dele. “Fique de olho vivo, não tem só boniteza na cabeça do homem.”

— Cale a boca — disse Joss.

Ele desdobrou o papel e leu em voz baixa: — “E então, quando as serpentes, os morcegos, os texugos e todos os animais que vivem nas profundezas das galerias subterrâneas saem aos bandos pelos campos e abandonam seu hábitat natural; quando as plantas frutíferas e as leguminosas começam a apodrecer e a se encher de vermes...”.

Joss virou a folha buscando a continuação, mas o texto terminava ali. Meneou a cabeça. Já tinha colhido muita palavra desvairada, mas aquele cara estava batendo todos os recordes.

— Maluco — murmurou. — Rico e maluco.

Deixou a folha de lado e deslacrou rapidamente os outros envelopes.

3

Hervé Decambrais apareceu no umbral da porta alguns minutos antes de começar o pregão das oito e trinta. Encostou-se no vão da porta e esperou a chegada do bretão. Suas relações com o marinheiro pescador eram carregadas de silêncio e hostilidade, cuja causa ou origem Decambrais não conseguia identificar. Ele tendia a jogar a responsabilidade naquele sujeito tosco, talhado em granito, possivelmente violento, que havia dois anos viera perturbar-lhe a ordenação sutil da existência, com o seu caixote, sua urna esquisita e seus pregões que despejavam três vezes ao dia uma tonelada de baixaria na praça pública. No começo, não lhe dera muita importância, convencido de que o sujeito não aguentaria nem uma semana. Mas aquele negócio do pregão tinha dado extraordinariamente certo e o bretão estivera a sua clientela, lotando a sala, por assim dizer, dia após dia — um verdadeiro incômodo.

Por nada neste mundo Decambrais teria deixado de assistir àquele incômodo, e por nada neste mundo ele teria admitido isso. Então, toda manhã, tomava o seu lugar com um livro na mão e escutava o pregão com os olhos abaixados, virando as páginas sem avançar uma linha sequer da leitura. Entre duas rubricas, Joss Le Guern às vezes lançava-lhe um breve olhar. Decambrais não gostava daquela olhadela azul. Parecia que o Pregoeiro queria se certificar da sua presença, que imaginava ter-lhe fincado o anzol como a um peixe qualquer. Pois o bretão nada mais fizera senão aplicar à cidade seus reflexos brutais de pescador, arrastando em sua rede as multidões de passantes, como faria com os cardumes de pescado, verdadeiro profissional da captura que era. Passantes, pescados, era tudo a mesma coisa naquela cabeça redonda, prova

disso é que ele lhes esvaziava as entranhas para efetuar o seu comércio.

Decambrais, porém, fora apanhado, e o fino conhecedor da alma humana que era não podia ignorar esse fato. Somente o livro em suas mãos ainda o diferenciava dos demais ouvintes da praça. Não seria mais digno deixar de lado o maldito livro e enfrentar três vezes ao dia a sua condição de pescado? Quer dizer, de vencido, de homem de letras arrebatado pelo inepto grito das ruas?

Joss Le Guern estava um pouco atrasado naquela manhã, fato um tanto inabitual e, com um canto do olho abaixado, Decambrais o viu chegar apressado e prender firmemente a urna vazia no tronco do plátano, a urna azul-berrante pretensiosamente batizada de *Vento de Noroís II*. Decambrais se perguntava se o marinheiro regulava bem da cabeça. Gostaria de saber se ele tinha batizado daquele jeito todos os seus pertences, se suas cadeiras, sua mesa também tinham nome. Então ele observou Joss virar o maciço estrado com suas mãos de estivador, firmá-lo na calçada com a mesma facilidade com que teria segurado um passarinho, subir em cima dele com uma enérgica pernada como se estivesse embarcando, tirar os papéis de dentro da blusa de marinheiro. Umhas trinta pessoas esperavam, dóceis, entre elas Lizbeth, fiel no seu posto, as mãos nos quadris.

Lizbeth ocupava, na casa dele, o quarto número 3 e, à guisa de aluguel, ajudava no funcionamento de sua pequena pensão clandestina. Ajuda decisiva, luminosa, insubstituível. Decambrais vivia preocupado com o dia em que algum sujeito lhe roubaria sua magnífica Lizbeth. Esse dia viria, inevitavelmente. Alta, gorda e negra, Lizbeth era visível de longe. Não havia a menor esperança, portanto, de ele conseguir dissimulá-la aos olhos do mundo. Mesmo porque Lizbeth não era de um temperamento discreto; falava alto e distribuía generosamente sua opinião a respeito de tudo. O mais grave é que o sorriso de Lizbeth, por sorte não muito frequente, provocava nas pessoas um desejo irrefreável de se jogar nos braços dela, se acomodar naquele colo imenso e se instalar ali pelo resto

da vida. Ela tinha trinta e dois anos e um dia ele a perderia. No momento, Lizbeth estava dando um sermão no Pregoeiro.

— Joss, você está meio lerdo hoje — dizia ela, costas arqueadas, cabeça erguida para ele.

— Eu sei, Lizbeth — retrucava o Pregoeiro, ofegante. — Foi a borra de café.

Lizbeth, arrancada aos doze anos do gueto negro de Detroit, fora jogada num bordel tão logo chegara à capital francesa, onde durante catorze anos aprendera a língua nas calçadas da rue de la Gaîté. Até ser, por motivo de corpulência, jogada para fora de todos os *peep-shows* do bairro. Estava havia dez dias dormindo num banco da praça quando Decambrais resolvera ir falar com ela, numa noite de chuva fria. Dos quatro quartos que ele alugava no andar de cima de sua velha casa, um estava vago e ele o oferecera a ela. Lizbeth aceitara, tirara a roupa já na entrada e se estendera no tapete, com as mãos sob a nuca, os olhos no teto, esperando que o velho se desempenhasse. “Trata-se de um mal-entendido”, resmungara Decambrais, estendendo-lhe suas roupas. “É só o que eu tenho para pagar”, Lizbeth respondera, erguendo-se, pernas cruzadas. “Eu aqui”, prosseguira Decambrais, com os olhos fixos no tapete, “não estou mais dando conta, com a faxina, o jantar dos inquilinos, as compras, o serviço. Me dê uma mãozinha e eu lhe cedo o quarto.” Lizbeth sorria e por pouco Decambrais não se jogara no seu colo. Mas ele se achava velho e julgava que aquela mulher tinha direito ao repouso. Repouso, isso Lizbeth conseguira: naqueles seis anos em que ela estava ali, nunca tivera nenhum amor, que ele soubesse. Lizbeth estava se recuperando e ele rezava para que isso durasse mais um pouco.

O pregão tinha começado e os anúncios se sucediam. Decambrais percebeu que tinha perdido o começo, o bretão já estava no anúncio número 5. Era assim que funcionava. Cada um anotava o número que lhe interessava e se dirigia ao Pregoeiro “para detalhes complementares e atinentes”, Decambrais se perguntava onde é que ele tinha ido buscar aquela expressão de policial.

— “Cinco” — gritava Joss. — “Vendo ninhada de gatinhos brancos e ruivos, três machos, duas fêmeas. Seis: O pessoal que vem fazendo baderna a noite inteira com aquela música de doido defronte ao número 36, favor parar com isso. Tem gente querendo dormir. Sete: Serviços de marcenaria, restauração de móveis antigos, trabalho caprichado, busca e entrega em domicílio. Oito: A Companhia de Gás e a de Energia Elétrica que se danem. Nove: Pura picaretagem, esses caras da dedetização. Fica um monte de barata do mesmo jeito e eles levam seiscentos paus da gente. Dez: Hélène, eu te amo. Te espero hoje à noite no Chat qui danse. Assinado: Bernard. Onze: Tivemos mais um verão de merda e agora já estamos em setembro. Doze: Para o açougueiro da praça: a carne de ontem estava uma verdadeira sola de sapato, e já é a terceira vez esta semana. Treze: Volta, Jean-Christophe. Catorze: Tiras igual a malucos, igual a safados. Quinze: Vendo maçãs e peras direto do pomar, saborosas, suculentas.”

Decambrais lançou um olhar para Lizbeth, que marcou o número 15 no caderninho. Desde que o Pregoeiro pregoava, dava para encontrar produtos excelentes e baratos, o que se revelava vantajoso para o jantar dos inquilinos. Ele tinha inserido um papel branco entre as páginas do seu livro e estava esperando, de lápis na mão. De umas semanas para cá, três semanas talvez, o Pregoeiro vinha declamando uns textos insólitos que não pareciam intrigá-lo mais do que as vendas de maçã ou de carro. Aquelas mensagens, fora do comum, refinadas, absurdas ou ameaçadoras, agora surgiam regularmente na sessão da manhã. Anteontem, Decambrais resolvera anotá-las discretamente. Seu lápis, com quatro centímetros de comprimento, cabia direitinho na palma da mão.

O Pregoeiro chegara ao intervalo meteorológico. Ele anunciava suas previsões estudando a situação do céu vista do seu estrado, de nariz para cima, e completava em seguida com uma meteorologia marítima completamente inútil para todos os que se amontoavam ao seu redor. Mas ninguém, nem mesmo Lizbeth, ousava lhe dizer que deixasse aquela rubrica para lá. Ficava todo mundo escutando, como na igreja.

— Tempo cinzento de setembro — explicava o Pregoeiro, com o rosto voltado para o céu —, que não se espere nenhuma limpada antes das dezesseis horas, melhora à tardinha, quem quiser pode sair, mas leve uma malha, vento fresco se atenuando no sereno. Meteorologia marítima, Atlântico, situação geral neste dia e evolução: anticiclone 1030 sudoeste Irlanda com pressão barométrica aumentando sobre o canal da Mancha. Setor Cabo Finistério, Leste a Nordeste 5 a 6 ao norte, 6 a 7 ao sul. Mar agitado localmente forte com marulho de oeste para noroeste.

Decambrais sabia que a meteorologia marítima levava tempo. Virou sua folha de papel para reler os dois anúncios que anotara nos dias anteriores:

“A pé com meu lacaio (que não ousou deixar em casa, pois está sempre vadiando quando fica com a minha mulher) para me desculpar por não ter ido jantar em casa da sra. [...], que, estou vendo, está brava porque não lhe consegui um jeito de fazer compras vantajosas para o seu grande banquete em honra da nomeação do marido ao cargo de leitor, mas pouco se me dá.”

Decambrais franziu o cenho, vasculhando mais uma vez a memória. Estava convencido de que aquele texto era uma citação, e de que já o tinha lido em algum lugar, um dia, uma vez na vida. Onde? Quando? Passou para a mensagem seguinte, datada da véspera:

“Tais sinais são a abundância extraordinária dos pequenos animais, que se engendram de podridão, como são as pulgas, moscas, rãs, sapos, vermes, ratos e semelhantes, que demonstram grande corrupção, no ar assim como na umidade da terra”.

O marinheiro tropeçara no final da frase, pronunciando “no arassi como na umidade”. Decambrais atribuíra o excerto, porém sem certeza absoluta, a um texto do século XVII.

Citações de um doido, de um maníaco, era o mais provável. Ou então de um metido a besta. Ou ainda de um impotente tentando

estabelecer seu poder destilando o incompreensível, alçando-se, gozoso, acima do vulgo, massacrando o homem da rua e sua crassa incultura. Ele decerto estava por ali, misturado à pequena multidão, a fim de se deliciar com as expressões de estupor causadas pelas mensagens eruditas que o Pregoeiro penava para ler.

Decambrais tamborilou com o lápis na folha de papel. Mesmo vistos por esse ângulo, o desígnio e a personalidade do autor permaneciam obscuros. Se o anúncio número 14 do dia anterior — “Vão se danar, seu bando de panacas” —, mil vezes escutado em versões aproximadas, tinha, em sua raiva breve e sumária, o mérito da clareza, já as mensagens intrincadas do metido a besta resistiam à decifração. Ele teria de aumentar a sua coleção para entender, escutá-las manhã após manhã. Talvez o autor quisesse simplesmente isto: que todo dia se bebessem suas palavras.

A meteorologia marítima terminara, enigmática, e o Pregoeiro retomava a sua ladainha, com sua bela voz alcançando o outro lado do cruzamento. Estava concluindo sua rubrica “Sete dias no mundo”, na qual tratava a seu modo as notícias internacionais do dia. Decambrais pegou as últimas frases: “Na China, ninguém tá para brincadeira não, e por lá, como quem não quer nada, o pau tá sempre comendo. Na África, as coisas não vão bem, hoje não tá melhor que ontem. E nem vai melhorar amanhã, já que ninguém tá se mexendo para ajudar.” Ele agora retomava o anúncio 16, referente à venda de um “flipperama fabricado 1965 decorado mulher seios nus estado impecável”. Apertando o lápis, Decambrais esperava, quase tenso. E o anúncio veio, bem reconhecível em meio aos “Eu te amo”, “vendo”, “que se danem” e “compro”. Decambrais julgou ver o pescador hesitar meio segundo antes de se lançar. Era de se perguntar se o próprio bretão não tinha identificado o intruso.

— “Dezenove” — anunciou Joss. — “E então, quando as serpentes, os morcegos, os texugos e todos os animais que vivem nas profundezas das galerias subterrâneas saem aos bandos pelos campos...”

Decambrais rabiscou rapidamente no papel. Sempre aquelas histórias de bichos, aquelas histórias de bichos nojentos. Releu o

texto todo, pensativo, enquanto o marinheiro concluía seu pregão com a tradicional “Página de história da França ao alcance de todos”, que se resumia sistematicamente no relato de um antigo naufrágio. Esse Le Guern provavelmente naufragara um dia. E o barco provavelmente se chamava *Vento de Norois*. E então, certamente, a cabeça do bretão fizera água, junto com o xaveco. Aquele homem com ar saudável e decidido na verdade não regulava bem, agarrado às suas obsessões como a boias derivantes. Igualzinho a ele, portanto, que não tinha o ar nem saudável, nem decidido.

— “Cidade de Cambrai” — enunciou Joss —, “15 de setembro de 1883. Vapor francês, 1400 toneladas. Vai de Dunquerque a Lorient, carregado de trilhos para via férrea. Esbarra em Basse Gouac’h. Explosão da caldeira, um passageiro morto. Tripulação 21 homens, salvos.”

Joss Le Guern não precisava fazer nenhum sinal para dispersar seus fiéis. Todos sabiam que com o relato do naufrágio o pregão chegava ao fim. Relato tão aguardado que alguns tinham passado a fazer apostas sobre o desfecho do drama. As contas eram acertadas no café em frente ou no escritório, segundo se tinha apostado “todos salvos”, “todos perdidos” ou “meio a meio”. Joss não gostava muito daquele comércio em cima de tragédia, mas também sabia que é desse modo que a vida renasce sobre os destroços e que está bem assim.

Desceu do estrado, cruzou seu olhar com o de Decambrais, que estava guardando o livro. Como se Joss não soubesse que ele vinha escutar o pregão. Velho hipócrita, velho chato que não queria admitir que um pobre pescador bretão o distraía do seu tédio. Se Decambrais desconfiasse do que ele tinha encontrado na urna da manhã. “Hervé Decambrais é quem faz os guardanapos de renda, Hervé Decambrais é veado.” Joss, depois de uma leve tentação, tinha arquivado a mensagem no refugio. Eles agora eram dois, talvez três, contando Lizbeth, que sabiam que Decambrais exercia às escondidas o ofício de rendeira. Em certo sentido, essa notícia

tornava o homem menos antipático. Talvez por ter visto, durante tantos anos, seu pai consertando a rede à noite, horas a fio.

Joss juntou o refugo, colocou o caixote no ombro e Damasco o ajudou a guardá-lo nos fundos da loja. O café estava quente, as duas xícaras estavam preparadas, como todo dia depois do pregão.

— Não entendi nada da 19 — disse Damasco, sentando-se num banco alto. — Aquela história de serpente. A frase nem estava completa.

Damasco era um sujeito jovem, forte, bonito até, mão-aberta, mas não muito esperto. Tinha sempre dentro dos olhos uma espécie de torpor que lhe esvaziava o olhar. Demasiada meiguice, ou demasiada burrice. Joss não conseguia discernir. O olhar de Damasco nunca se detinha num ponto preciso, nem quando falava com a gente. Flutuava, discreto, etéreo, feito bruma, inapreensível.

— É um maluco — comentou Joss. — Nem tente entender.

— Não estou tentando — disse Damasco.

— Me diga uma coisa, você ouviu a minha previsão do tempo?

— Ahã.

— Você ouviu que terminou o verão? Não acha que vai acabar se resfriando?

Damasco estava vestindo um short e só um colete de brim direto no corpo.

— Está tudo bem — disse ele, se olhando. — Estou firme.

— Do que é que te adianta ficar exibindo os músculos?

Damasco tomou o café num gole só.

— Isso aqui não é uma loja de rendas — respondeu. — É a Roll-Rider. Vendo pranchas, body-boards, *rollers*, skates e bicicletas de *cross-country*. É uma boa propaganda para a loja — acrescentou, colocando o polegar sobre o peito.

— Por que é que você está falando em rendas? — Perguntou Joss, subitamente desconfiado.

— Porque Decambrais vende rendas. E ele é bem velhinho, magrinho.

— Você sabe onde é que ele consegue aqueles guardanapos?

— Sei. Com um atacadista de Rouen. Decambrais não é nada bobo. Ele me deu uma consulta de graça.

— Você foi lá procurar o homem?

— E daí? “Conselheiro para coisas da vida”, é o que está escrito na placa, não é? Não é nenhuma vergonha conversar sobre as coisas, Joss.

— Também está escrito: “quarenta francos por meia hora. A fração de hora iniciada é cobrada”. É caro para uma enganação, Damasco. E o que é que o velho entende das coisas da vida? Pois se nem navegar ele navegou.

— Não é enganação, Joss. Quer uma prova? “Não é pela loja que você mostra o corpo, Damasco, é por você mesmo”, foi o que ele me disse. “Vista uma calça comprida e tente se sentir seguro, conselho de amigo. Você vai continuar bonito igual, mas vai ficar com menos cara de bobo.” O que é que você acha disso, Joss?

— É, reconheço que é bem sensato. E por que é que você não veste?

— Porque eu faço o que eu tenho vontade. Só que Lizbeth fica com medo de eu pegar uma coisa ruim, e Marie-Belle também. Daqui a cinco dias me animo e visto uma roupa.

— É bom — disse Joss. — Porque a coisa está ficando preta lá para o oeste.

— Decambrais?

— Decambrais o quê?

— Você não vai com a cara dele?

— Não é bem assim, Damasco. Decambrais é que não me suporta.

— É uma pena — disse Damasco, recolhendo as xícaras. — Porque parece que vagou um dos quartos. Poderia ser bem legal pra você. Bem do lado do seu trabalho, com calefação, comida à noite e roupa lavada.

— Droga — disse Joss.

— É mesmo. Mas você não pode ficar com o quarto. Já que não vai com a cara dele.

— Não — disse Joss —, não posso ficar com o quarto.

— Que chato.

— Muito chato.

— E ainda tem a Lizbeth. O que é mais uma supervantagem.

- Uma imensa vantagem.
- É mesmo. Mas você não pode alugar o quarto. Já que não vai com a cara dele.
- Não é bem assim, Damasco. Ele é que não me suporta.
- Dá na mesma, quanto ao quarto. Você não pode.
- Não posso.
- Dá tudo errado, às vezes. Você tem certeza que não pode?
Joss endureceu o maxilar.
- Certeza, Damasco. E não vale a pena falar mais nisso.

Joss saiu da loja para ir ao café em frente, O Viking. Não que normandos e bretões tenham se dado bem algum dia, esbarrando suas naus naqueles mares geminados, mas Joss também sabia que por pouco podia ter nascido para o lado das terras do Norte. O dono do bar, Bertin, um homem alto de cabelos louro-ruivos, maçãs do rosto altas e olhos claros, servia um calvados que era sem igual no mundo, posto que essa aguardente de maçã supostamente propiciava a eterna juventude, açoitando com jeito as entranhas em vez de despachar a gente direto para o túmulo. Dizia ele que as maçãs vinham lá da sua pradaria, onde os touros morriam centenários e ainda cheios de vida. Daí dá para imaginar que maçãs!

— Alguma coisa errada? — Preocupou-se Bertin, servindo-lhe o calvados.

— Não é nada. Só que, às vezes, dá tudo errado — disse Joss. — Você diria que o Decambrais não me suporta?

— Não — disse Bertin, munido de sua prudência bem normanda. — Eu diria que ele acha você um grosso.

— Qual é a diferença?

— Digamos que dá para se ajeitar, com o tempo.

— Tempo, é só o que vocês, normandos, têm na boca. Uma palavra a cada cinco anos, com alguma sorte. Se todo mundo fizesse igual, a civilização ia andar devagar, quase parando.

— Talvez andasse melhor.

— Tempo! Mas quanto tempo, Bertin? Essa é que é a questão.

— Pouca coisa. Uns dez anos.
— Então danou-se.
— Era urgente? Você queria se consultar com ele?
— Que nada. Eu queria o quarto.
— É melhor você ir se mexendo, acho que já tem um candidato. Ele está relutando porque o cara é doido pela Lizbeth.
— Para que é que eu vou me mexer, Bertin? O velho posudo acha que eu sou um grosso.
— Você tem que entender, Joss. Ele nunca navegou. E por acaso você não é um grosso mesmo?
— Eu nunca disse o contrário.
— Então, tá vendo? Decambrais é um perito. Me diga uma coisa, Joss, você entendeu aquele anúncio 19?
— Não.
— Achei especial, especial que nem os desses últimos dias.
— Muito especial. Não gosto desses anúncios.
— Então, por que é que lê?
— Porque é pago, e bem pago. E os Le Guern podem até ser grossos, mas não são bandidos.

4

— Eu me pergunto — disse o delegado Adamsberg — se, de tanto ser tira, eu não estou virando tira.

— Isso você já disse — observou Danglard, que estava organizando a arrumação futura do seu armário metálico.

Danglard, segundo explicara, tinha a intenção de começar de bases nítidas. Adamsberg, que não tinha nenhum tipo de intenção, espalhara suas pastas nas cadeiras próximas à sua mesa.

— E o que é que você acha?

— Acho que, depois de vinte anos na profissão, talvez seja uma boa coisa.

Adamsberg enfiou as mãos nos bolsos e se encostou na parede recém-repintada, considerando com um olhar vago a nova sede onde se estabelecera menos de um mês atrás. Nova sede, nova nomeação, Brigada Criminal da Prefeitura de Polícia de Paris, seção de homicídios, antena do 13º distrito. Fim dos assaltos, dos roubos violentos, vias de fato, caras armados, caras desarmados, exasperados, não exasperados, e quilos de papéis atinentes. “Atinentes”, ele escutara a expressão duas vezes nos últimos tempos. De tanto ser tira.

Não que os quilos de papéis atinentes não fossem segui-lo, aqui como em qualquer outro lugar. Mas, aqui como em qualquer outro lugar, encontraria uns caras que iam gostar de papel. Muito cedo, quando deixara os Pireneus, descobrira que existiam caras assim e nutria por eles um imenso respeito, um pouco de tristeza e uma formidável gratidão. Ele gostava essencialmente de andar, sonhar e fazer, e sabia que inúmeros colegas o consideravam com um pouco de respeito e muita tristeza. “O papel”, explicara-lhe certo dia um

sujeito tagarela, “a redação, os autos, está na origem de toda Ideia. Sem papel, não há ideia. O verbo puxa a ideia como o húmus puxa a ervilha. Um ato sem papel é mais uma ervilha morrendo no mundo.”

Bem, então ele devia ter matado caminhões de ervilhas desde que se tornara tira. Mas muitas vezes sentira emergirem pensamentos intrigantes ao cabo de suas perambulações. Pensamentos mais parecidos com pacotes de algas do que com ervilhas, sem dúvida, mas vegetal é sempre vegetal e ideia é sempre ideia e ninguém pergunta, depois de enunciada, se foi colhida num campo lavrado ou apanhada num atoleiro. Mas, isto posto, era inquestionável que seu adjunto Danglard, que gostava do papel em todas as suas formas, das mais altivas às mais humildes — em resma, em livro, em rolo, em folha, do incunábulo ao mata-borrão —, era homem de fornecer ervilhas de qualidade. Danglard era um sujeito concentrado que pensava sem andar, um ansioso de corpo mole que escrevia enquanto bebia e que, contando apenas com sua inércia, sua cerveja, seu lápis mordido e sua curiosidade meio cansada, produzia ideias enfileiradas de uma espécie bem diferente das dele.

Tinham diversas vezes se enfrentado naquela linha. Danglard só considerava aceitável a ideia oriunda do pensamento reflexivo, e suspeitosa toda forma de intuição informe, e Adamsberg não se atinha a nada e nem sequer tentava desembaraçar umas das outras. Transferido para a Brigada Criminal, Adamsberg lutara para trazer consigo o espírito tenaz e preciso do tenente Danglard, promovido a capitão.

Naquele novo local, as reflexões de Danglard ou as divagações de Adamsberg não iam mais ficar quicando de um quebrar de vidraça a um roubo de bolsa. Iam se concentrar num único objetivo: crimes de sangue. Nem mais aquela vidracinha para distrair a gente do pesadelo da humanidade assassina. Nem mais aquela bolsinha contendo chaves, agenda e carta de amor para deixar a gente aspirar o ar vivificante do delito menor e acompanhar a jovem senhora até a porta com um lenço limpo.

Não. Crimes de sangue. Seção de homicídios.

Essa definição incisiva de sua nova linha de intervenção feria como navalha. Muito bem, ele tinha pedido, trazendo a reboque uns trinta casos criminais desvendados graças a muitos devaneios, passeios e emersão de algas. Tinham-no colocado ali, na linha dos matadores, naquele caminho de pavor em que ele se revelava, contra todas as expectativas, diabolicamente bom — “diabolicamente” sendo um termo escolhido por Danglard para expressar a impraticabilidade das veredas mentais de Adamsberg.

Os dois ali, naquela linha, com vinte e seis adjuntos.

— Eu me pergunto — retomou Adamsberg passando lentamente a mão no gesso úmido — se pode acontecer com a gente a mesma coisa que com os rochedos à beira-mar.

— Ou seja? — Perguntou Danglard com um quê de impaciência.

Adamsberg sempre falara devagar, tomando tempo para enunciar o importante e o irrisório, perdendo às vezes o objetivo no meio do caminho, e Danglard tinha dificuldade em suportar aquele jeito de ser.

— Bem, digamos que esses rochedos não formem um bloco só. Digamos que sejam feitos de calcário duro e calcário mole.

— O calcário mole não existe na geologia.

— Não faz mal, Danglard. Tem pedaços moles e pedaços duros, como em toda forma de vida, como dentro de mim e dentro de você. Aí estão os rochedos. De tanto o mar ficar batendo neles, os pedaços moles começam a derreter.

— “Derreter” não é bem a palavra.

— Não faz mal, Danglard. Esses pedaços vão indo embora. As partes duras começam a sobressair. E quanto mais o tempo passa, mais o mar vai batendo e o frágil se espalhando aos quatro ventos. No final de sua vida de homem, o rochedo já não passa de ameias, dentes, maxilar de calcário pronto para morder. No lugar do mole, ficam os ocos, vazios, ausências.

— E daí? — Disse Danglard.

— Daí que eu me pergunto se os tiras e montes de outros humanos expostos aos fracassos da vida não sofrem a mesma

erosão. Desaparecimento das partes tenras, resistência das partes rijas, insensibilização, endurecimento. No fundo, uma verdadeira decadência.

— Você se pergunta se está tomando a direção desse maxilar de calcário?

— É. Se eu não estou virando tira.

Danglard considerou a questão por um breve instante.

— No que se refere ao seu rochedo particular, acredito que a erosão não esteja se comportando de modo normal. Digamos que, com você, o duro é mole e o mole é duro. Aí é claro que o resultado não tem nada a ver.

— E qual é a diferença?

— Toda. Resistência das partes moles: isso é o mundo de cabeça para baixo.

Danglard atentou para o seu próprio caso enquanto enfiava um maço de folhas numa pasta suspensa.

— E o que aconteceria se um rochedo fosse inteiramente constituído de calcário mole? E se ele fosse tira?

— Acabaria ficando do tamanho de uma bolinha de gude e sumiria do mapa com malas e bagagens.

— Que animador.

— Mas não acredito que existam rochedos assim à solta na natureza. Muito menos tiras.

— Esperemos que não — disse Danglard.

A jovem senhora hesitava diante da porta da delegacia. Afinal, não estava escrito “Delegacia”, e sim, “Prefeitura de Polícia — Brigada Criminal”, em letras laqueadas, numa placa brilhante suspensa no batente da porta. Era a única coisa limpa do lugar. A construção era antiga e escura, e os vidros, sujos. Quatro operários se movimentavam junto às janelas, furando a pedra com uma barulheira dos diabos para provê-las com grades. Maryse concluiu que, Delegacia ou Brigada, eram todos tiras, e aqueles ali estavam muito mais próximos que os lá da avenida. Deu um passo em direção à porta e tornou a parar. Paul tinha avisado, os tiras iam

todos rir da cara dela. Mas ela não estava se sentindo tranquila com as crianças. O que é que custava entrar? Cinco minutos? Só o tempo de falar e sair correndo?

— Todos os tiras vão rir da sua cara, minha pobre Maryse. Se é isso que você quer, vá em frente.

Um sujeito saiu pela porta-cocheira, passou diante dela e então voltou sobre seus passos. Ela torcia a alça da bolsa.

— Alguma coisa errada? — Ele perguntou.

Era um homem baixo e moreno, descuidadamente vestido, mal penteado, com as mangas do paletó preto arregaçadas nos antebraços nus. Decerto alguém que, assim como ela, tinha uns probleminhas para contar. Só que ele já tinha terminado.

— O pessoal aí dentro é simpático? — Perguntou Maryse.

O sujeito moreno deu de ombros.

— Depende do cara.

— Eles escutam a gente? — Especificou Maryse.

— Depende do que você diz para eles.

— Meu sobrinho acha que eles vão rir de mim.

O sujeito inclinou a cabeça para um lado, pousou sobre ela um olhar atento.

— Do que é que se trata?

— Do meu prédio, umas noites atrás. Eu me preocupo por causa das crianças. Se um louco entrou naquela noite, quem me diz que ele não vai voltar ou algo assim?

Maryse mordia os lábios, o rosto um pouco vermelho.

— Aqui — disse o homem, devagar, designando o prédio encardido — é a Brigada Criminal. É para os assassinatos, sabe? Quando matam alguém.

— Oh — fez Maryse, alarmada.

— Vá até a delegacia da avenida. Ao meio-dia é mais tranquilo, eles vão ouvi-la com calma.

— Não dá — disse Maryse meneando a cabeça —, tenho de estar no escritório às duas, meu chefe é intransigente com atrasos. Os daqui não podem avisar os colegas deles lá da avenida? Quer dizer, esses policiais não são todos mais ou menos da mesma turma?

— Não exatamente — respondeu o sujeito. — O que aconteceu?
Foi roubo?

— Não, isso não.

— Alguma violência?

— Não, isso não.

— Pois me conte, assim fica mais fácil. A gente pode orientar você.

— Claro — disse Maryse, levemente amedrontada.

O sujeito esperou pacientemente, encostado no capô de um carro, enquanto Maryse se concentrava.

— É uma pintura preta — ela explicou. — Ou melhor, são treze pinturas, em todas as portas do prédio. Elas me assustam. É que estou sempre sozinha com as crianças, entende?

— São quadros?

— Não, isso não. São quatro. Números 4. Uns 4 grandes, pretos, com uma cara antiga. Eu estava me perguntando se não seria uma gangue ou algo assim. Pode ser que os policiais saibam o que é, pode ser que consigam entender. Mas pode ser que não. Paul me disse: "se quiser que eles fiquem rindo da sua cara, vá em frente".

O sujeito se ergueu, colocou a mão no braço dela.

— Venha — disse ele. — Vamos anotar isso tudo e não vai haver mais nada a temer.

— Mas — perguntou Maryse — não seria melhor a gente procurar um tira?

O homem olhou para ela, meio surpreso.

— Eu sou tira — ele respondeu. — Delegado-chefe Jean-Baptiste Adamsberg.

— Oh — fez Maryse, desorientada. — Sinto muito.

— Não tem problema. A senhora achava que eu era o quê?

— Não tenho coragem de dizer.

Adamsberg a conduziu para dentro da Brigada Criminal.

— Quer uma mão, delegado? — Perguntou, ao passar, um tenente com olheiras, prestes a sair para o almoço.

Adamsberg empurrou delicadamente a mulher para a sua sala e olhou para o homem, tentando situá-lo. Ele ainda não conhecia todos os adjuntos que haviam sido designados para o seu grupo e

passava o maior aperto para lembrar os nomes deles. Os membros da equipe logo tinham percebido essa dificuldade e se apresentavam sistematicamente a cada dedo de conversa. Se era por ironia ou de fato para ajudar, Adamsberg ainda não sabia ao certo e nem estava muito preocupado com isso.

— Tenente Noël — disse o homem. — Quer uma mão, delegado?

— Uma jovem senhora com os nervos à flor da pele, só isso. Uma brincadeira sem graça no prédio dela, ou simples grafites. Ela só está precisando de um pouco de apoio.

— Isso aqui não é o Serviço Social — disse Noël, fechando a jaqueta num gesto seco.

— E por que não, tenente...

— Noël — completou o homem.

— Noël — repetiu Adamsberg, tentando memorizar o seu rosto.

Cabeça quadrada, pele branca, cabelo escovinha loiro e orelhas bem visíveis: Noël. Cansaço, arrogância, brutalidade eventual: Noël. Orelhas, brutalidade: Noël.

— Falamos nisso mais tarde, tenente Noël — disse Adamsberg. — Ela está com pressa.

— Se é para apoiar a senhora — interveio um cabo, também desconhecido para Adamsberg —, sou voluntário. Tenho meu instrumental — acrescentou, sorrindo, com as mãos penduradas no cós da calça.

Adamsberg voltou-se devagar.

— Cabo Favre — anunciou o homem.

— Aqui — disse Adamsberg, com voz tranquila —, você vai descobrir coisas que vão surpreendê-lo, cabo Favre. Aqui, as mulheres não são um círculo com um buraco no meio, e se essa notícia o espanta, não hesite em procurar descobrir mais a respeito. Embaixo, você encontra pernas, pés e, acima, um busto, uma cabeça. Procure pensar nisso, Favre, se tiver meios para tanto.

Adamsberg se dirigiu para a sua sala, esforçando-se para gravar o rosto do cabo. Bochechas cheias, nariz largo, sobrancelha grossa, cara de imbecil: Favre. Nariz, sobrancelha, mulheres: Favre.

— Me conte — disse ele, encostando-se na parede da sua sala, de frente para a jovem senhora, que pousara na pontinha de uma cadeira. — A senhora tem filhos, está sozinha, a senhora mora onde?

Adamsberg rabiscou as respostas num caderninho, o nome, o endereço, para tranquilizar Maryse.

— Esses 4 foram pintados nas portas, é isso? Numa noite só?

— Isso. Estavam em todas as portas ontem de manhã. Uns 4 deste tamanho — ela acrescentou, afastando as mãos uns sessenta centímetros.

— Nenhuma assinatura? Nenhuma rubrica?

— Tem, sim. São três letras, embaixo, menores, CTL. Não, CLT.

Adamsberg anotou, CLT.

— Pretas também?

— Também.

— Mais nada? Nada na fachada? Na escada?

— Só nas portas. Em preto.

— Esse número não é meio deformado? Que nem uma sigla?

— É, sim. Posso mostrar pro senhor, não sou ruim em desenho.

Adamsberg lhe estendeu o caderninho e Maryse se aplicou em representar um quatro grande, fechado, em tipografia de imprensa, com traçado cheio, base alargada como uma cruz de Malta, com dois traços sobre a linha horizontal.

— Aqui está — disse Maryse.

— A senhora fez ao contrário — disse Adamsberg suavemente, retomando o caderninho.

— É porque ele está ao contrário. Ele está ao contrário, é largo na base, com esses dois tracinhos na ponta. O senhor conhece? Será que é uma marca de assaltante? CTL? Ou algo assim?

— Assaltantes marcam as portas tão discretamente quanto possível. O que é que a assusta?

— A história de Ali Babá, acho. O assassino marcava todas as portas com uma cruz bem grande.

— Nessa história, ele marcava só uma porta. A mulher de Ali Babá é que marcava as outras para confundir tudo, se não me engano.

— É verdade — disse Maryse, apaziguada.

— É um grafite — disse Adamsberg, levando-a até a porta. — Criançada do bairro, provavelmente.

— Nunca vi esse 4 lá no bairro — disse Maryse, em voz baixa. — E nunca vi grafite em porta de apartamento. Um grafite não é para ser visto por todo mundo?

— Não existe nenhuma regra. Lave sua porta e esqueça esse assunto.

Depois que Maryse saiu, Adamsberg arrancou as folhas do caderninho e jogou-as, amassadas, na lixeira. Então voltou à sua posição em pé, encostado na parede, meditando sobre maneiras de limpar a cabeça de indivíduos como Favre. Nada fácil, vício de formação muito profundo, sujeito mal e mal consciente. Só restava esperar que a seção de homicídios não estivesse toda em uníssono. Mesmo porque havia ali quatro mulheres.

Como acontecia sempre que se punha a meditar, Adamsberg rapidamente se entregou e se aproximou de um vazio próximo da sonolência. Emergiu com um leve sobressalto dez minutos depois, procurou nas gavetas a lista dos seus vinte e sete adjuntos e se esforçou para memorizar os nomes, exceto o de Danglard, pronunciando em voz baixa. Depois, na margem, anotou "Orelhas, Brutalidade, Noël" e "Nariz, Sobrancelhas, Mulheres, Favre".

Tornou a sair para ir tomar aquele café que seu encontro com Maryse o fizera perder. Ainda não tinham sido entregues a cafeteira e a máquina de lanches, os homens vinham lutando para conseguir três cadeiras e papel, os eletricitas estavam instalando tomadas para os computadores e ainda estavam colocando as grades das janelas. Sem grades, logo, sem crime. Os assassinos iriam se conter até a conclusão da obra. Melhor então ir sonhar lá fora e socorrer pelas calçadas jovens senhoras com os nervos à flor da pele. E pensar em Camille, também, que ele não via fazia mais de dois

meses. Se não estava enganado, ela voltava amanhã, ou depois de amanhã, já não lembrava a data.

5

Na terça de manhã, Joss manipulou com muito cuidado a borra do café, evitando qualquer gesto mais brusco. Tinha dormido mal, claro que tudo por culpa daquele quarto para alugar que ficava dançando diante dos seus olhos, inacessível.

Sentou-se pesadamente à mesa, diante da tigela, do pão com salame, examinando com hostilidade os quinze metros quadrados em que morava, as paredes com rachaduras, o colchão no chão, o banheiro no corredor. Claro que com os seus nove mil francos podia conseguir algo um pouco melhor, mas quase a metade deles ia todo mês para a cidadezinha de Le Guilvinec, para a sua mãe. Não dá para se sentir aquecido sabendo que a mãe da gente está com frio, a vida é assim mesmo, tão simples e tão complicada. Joss sabia que o letrado não cobrava caro, porque era um quarto na própria casa dele, e porque era por baixo do pano. E também, tinha que reconhecer, Decambrais não era desses exploradores que arrancam os olhos da cara da gente por quarenta metros cúbicos em Paris. Lizbeth, inclusive, morava de graça em troca de fazer as compras, o jantar e a limpeza do banheiro comum. Decambrais cuidava do resto, passava o aspirador e o pano de chão nas áreas coletivas, punha a mesa do café da manhã. Era preciso reconhecer que, aos setenta anos, o letrado não media esforços.

Joss mastigou devagar seu pão molhado, escutando distraidamente o rádio em surdina, para não perder a meteorologia marítima que ele anotava toda manhã. Tinha todas as vantagens, a casa do letrado. Por um lado, ficava a uma pedrada de distância da estação Montparnasse — nunca se sabe. Além disso, tinha espaço, aquecedores, camas com pés, tacos de carvalho e tapetes com franja usados. Nos primeiros tempos depois que mudou para lá, Lizbeth tinha passado vários dias de pés descalços nos tapetes

quentes, só por prazer. Tinha o jantar, é claro. Joss só sabia grelhar linguados, abrir ostras e sorver mariscos crus. De modo que, noite após noite, comia enlatados. Finalmente, tinha Lizbeth dormindo no quarto ao lado. Não, ele jamais encostaria em Lizbeth, jamais a tocaria com suas mãos ásperas, vinte e cinco anos mais velhas que ela. E também tinha que reconhecer a favor de Decambrais que ele sempre a respeitara. Lizbeth lhe contara uma história terrível, a da primeira noite, quando ela se estendera no tapete. Pois não é que o aristocrata não tinha movido um dedinho sequer? De tirar o chapéu. É o que se chama coragem. E onde o aristocrata tinha coragem, Joss teria igualzinho, ora se não. Os Le Guern podem até ser grossos, mas não são bandidos.

E era aí que a porca torcia o rabo. Decambrais o tinha por grosso e nunca lhe cederia o quarto, era inútil sonhar. Nem com Lizbeth, nem com o jantar, nem com a calefação.

Ainda pensava no assunto ao esvaziar a sua urna, uma hora mais tarde. Identificou imediatamente o envelope grande, marfim, que ele rasgou com o polegar. Trinta francos. A tarifa estava subindo por conta própria. Deu uma olhada no texto, sem se dar ao trabalho de ler até o final. O lero-lero incompreensível daquele doido já estava começando a cansar. Depois, separou maquinalmente o dizível do indizível. Na segunda pilha, colocou a mensagem seguinte: "Decambrais é veado, é ele mesmo quem faz as rendas". A mesma coisa de ontem, na ordem inversa. Sujeito pouco criativo, aquele. Logo, logo, ia começar a andar em círculos. Quando Joss estava colocando o anúncio no refugio, sua mão hesitou, mais que no dia anterior. Me alugue o quarto ou jogo a merda toda no ventilador. Chantagem, nem mais nem menos.

Às oito e vinte e oito, Joss já estava em cima do caixote, prontíssimo. Estavam todos a postos, como dançarinos de uma coreografia apresentada mais de mil vezes: Decambrais na soleira da porta, cabeça inclinada para o livro, Lizbeth no meio da pequena multidão, à mão direita; Bertin à mão esquerda, atrás das cortinas listradas de vermelho e branco do Viking, Damasco atrás dele,

encostado à vitrine da Roll-Rider, não muito longe da locatária de Decambrais, quarto número 4, quase escondida atrás de uma árvore e, finalmente, os rostos familiares dos aficionados dispostos em círculo, cada um voltando, por uma espécie de atavismo, para o mesmo lugar da véspera.

Joss tinha aberto o pregão.

— “Um: Procura-se receita de bolo inglês em que as frutas cristalizadas não fiquem no fundo. Dois: Não adianta você fechar a porta para esconder suas sujeiras. Deus lá no alto está julgando você e a sua piranha. Três: Hélène, por que é que você não veio? Peço desculpas por tudo o que te fiz. Assinado: Bernard. Quatro: Foram perdidas seis bolas de bocha na praça. Cinco: Vendo moto ZR7750 1999, 8500 km, vermelha, alarme, para-brisa, protetor de cárter, a 3 mil francos.”

Uma mão incauta se ergueu na multidão para indicar seu interesse pelo anúncio. Joss teve de se interromper.

— Depois, no Viking — disse ele, meio seco.

O braço se abaixou, envergonhado, tão depressa como se erguera.

— “Seis” — prosseguiu Joss. — “Não entendi o assunto da carne. Sete: Procuo caminhão de pizza abertura panorâmica, licença VI, forno seis pizzas. Oito: Moçada da baderna, na próxima eu chamo a polícia. Nove...”

Na impaciência de ouvir o anúncio do metido a besta, Decambrais já não escutava com a mesma atenção as mensagens do dia. Lizbeth anotou a venda de umas ervas de Provença, já estava quase na meteorologia marítima. Decambrais se preparou, direcionando o toco de lápis na palma da mão.

— “... 7 a 8 enfraquecendo gradualmente 5 a 6 e voltando setor Oeste 3 a 5 durante a tarde. Mar forte, chuvas ou aguaceiros amainando.”

Joss chegou ao anúncio 16 e Decambrais o reconheceu já na primeira palavra.

— “Após o que, fui de *reticências* pelo rio, pedi para desembarcar do outro lado da cidade e, tendo caído a noite, pude entrar na casa da mulher de *reticências* e, lá, tive a companhia

dela, embora com mil dificuldades, porém afinal estava com vontade dela. Saciado nesse sentido, fui embora a pé.”

Um silêncio estupefato se seguiu, rapidamente desfeito por Joss, que encadeou algumas mensagens mais inteligíveis antes de iniciar a sua “Página de história”. Decambrais fez uma careta. Não dera tempo de anotar tudo, o texto era comprido demais. Apurou o ouvido para saber do destino do *Direitos do Homem*, nau francesa de 74 canhões, 14 de janeiro de 1797, voltando de uma campanha fracassada na Irlanda com 1350 homens a bordo.

— “... perseguido por duas embarcações inglesas, *Infatigável* e *Amazona*: após uma noite de combate, acabou tocando o fundo na praia de Canté.”

Joss enfiou suas folhas de papel na jaqueta.

— Oh Joss! — Gritou uma voz. — Quantos se salvaram?

Joss desceu do caixote.

— Não dá para querer saber tudo — respondeu, um tanto solene.

Antes de carregar seu estrado de volta para a loja de Damasco, cruzou seu olhar com o de Decambrais. Por pouco não deu três passos na sua direção, mas resolveu adiar o negócio para o pregão da tarde. Tomar um calvados lhe daria energia.

Às doze e quarenta e cinco, Decambrais anotou febrilmente, pipocando abreviações, o anúncio seguinte:

“Doze: Os magistrados mandarão estabelecer os regulamentos que devem ser observados e os mandarão afixar nas esquinas e nas praças a fim de que ninguém os ignore. *Reticências*. Mandarão matar os cães, os gatos; os pombos, os coelhos, os frangos e as galinhas. Tomarão especial cuidado em manter *affeadas* as *cafás* e as ruas, em mandar limpar as cloacas da cidade e dos arredores, as *foffas* cheias de *eftrume*, de água parada, *reticências*; ou pelo menos *af* mandarão *fecar*.”

Joss já chegara no Viking para almoçar quando Decambrais decidiu abordá-lo. Empurrou a porta do bar e Bertin lhe serviu uma cerveja, sobre uma bolacha de papelão vermelho decorada com dois leões da Normandia, fabricada especialmente para o estabelecimento. Para anunciar o almoço, o dono do bar bateu com o punho numa placa larga de cobre que estava suspensa acima do balcão. Todo dia, no almoço e no jantar, Bertin batia o seu gongo, causando um estrondo de trovoadas que fazia decolar em conjunto todos os pombos da praça e, numa rápida contradança entre aves e humanos, convergir todos os famintos para o Viking. Com aquele gesto, Bertin eficientemente lembrava a todos que a hora de comer tinha soado, ao mesmo tempo que homenageava suas temíveis raízes, que a ninguém seria dado ignorar. Bertin era Toutin por parte de mãe, o que estabelecia, com base na etimologia, seu laço de ascendência direta com Thor, o deus escandinavo do trovão. Embora alguns, Decambrais entre eles, julgassem aquela interpretação meio arriscada, não ocorria a ninguém esmiuçar a árvore genealógica de Bertin e aniquilar todos os sonhos de um homem que havia trinta anos lavava copos nas ruas de Paris.

Aquelas excentricidades tinham estendido a fama do Viking para além de sua zona e o estabelecimento estava constantemente lotado.

Decambrais, segurando bem alto a cerveja, foi se deslocando até a mesa onde Joss tinha se instalado.

— Podemos ter uma palavrinha? — Perguntou, sem se sentar.

Joss ergueu os olhinhos azuis sem responder, mastigando a carne. Quem é que tinha dado com a língua nos dentes? Bertin? Damasco? Será que Decambrais ia mandá-lo pastar com o seu quarto para alugar, pelo simples prazer de notificá-lo de que sua presença de grosso não era desejada no hotel dos tapetes? Se Decambrais se permitisse insultá-lo, ele mostraria logo quem era grosso. Com a mão, fez sinal para ele se abancar.

— O anúncio número 2 — começou Decambrais.

— Eu sei — disse Joss, surpreso —, é especial.

Então, o bretão tinha percebido. Isso ia simplificar as coisas.

— Ele tem companhia — disse Decambrais.

— Ahã. Faz três semanas.

— Eu estava aqui me perguntando se você teria guardado esses anúncios.

Joss enxugou o molho com o pão, engoliu, e então cruzou os braços.

— E se tivesse?

— Eu gostaria de reler. Se quiser — acrescentou, vendo a expressão teimosa do bretão —, posso comprar. Todos os que você ainda tiver, e os que vierem pela frente.

— Então quer dizer que não foi você?

— Eu?

— Que colocou eles na urna. Eu estava aqui me perguntando. Até teria a ver com o seu jeito, essas frases velhas que não dá pra entender. Mas se está querendo comprar, é porque não são seus. Estou sendo lógico.

— Quanto?

— Não tenho todos. Só os últimos cinco.

— Quanto?

— Um anúncio lido — disse Joss, mostrando o prato — é que nem costela de cordeiro comida: não tem mais valor. Não vendo. Os Le Guern podem até ser grossos, mas não são bandidos.

Joss lançou-lhe um olhar cheio de significados.

— Então? — Insistiu Decambrais.

Joss hesitou. Seria realmente possível negociar um quarto em troca de cinco pedaços de papel sem pé nem cabeça?

— Dizem que um dos seus quartos tá vago — resmungou ele.

O rosto de Decambrais se petrificou.

— Já tenho candidatos — respondeu baixinho. — Essas pessoas têm precedência.

— Está bem — disse Joss. — Pode ficar com a sua conversa fiada. Hervé Decambrais não quer que um grosso venha pisar nos seus tapetes. É mais simples falar assim, não é? Porque tem que ter estudado as letras para entrar lá dentro, ou tem que ser uma

Lizabeth, e tanto uma coisa quanto a outra vai demorar um bocado para me acontecer.

Joss esvaziou o copo e o pôs de volta com força sobre a mesa. Então, deu de ombros e se acalmou de repente. Os Le Guern já tinham passado por coisa pior.

— Está certo — prosseguiu, servindo-se de mais um copo. — Fique com o seu quarto. Posso entender, afinal. Não somos o tipo um do outro, e pronto. O que é que se pode fazer? Posso lhe dar esses papéis, se eles o perturbam tanto assim. Passe à tardinha no Damasco, antes do pregão das seis e dez.

Decambrais apareceu na Roll-Rider na hora combinada. Damasco estava ocupado, ajustando os *rollers* de um cliente e a irmã dele fez sinal lá do caixa.

— Senhor Decambrais — disse ela em voz baixa —, se o senhor pudesse falar para ele enfiar uma blusa. Ele vai pegar uma friagem, é meio fraco do pulmão. Eu sei que o senhor tem muita influência sobre ele.

— Já falei com ele, Marie-Belle. Custa para ele entender.

— Eu sei — disse a jovem, mordendo os lábios. — Mas e se o senhor tentasse de novo?...

— Vou falar assim que for possível, prometo. O marinheiro está por aqui?

— Nos fundos da loja — disse Marie-Belle, indicando uma porta.

Decambrais se abaixou sob as rodas das bicicletas suspensas, se insinuou entre as fileiras de pranchas e penetrou na oficina de consertos, coberta do piso até o teto com rodinhas de todos os calibres, e onde um canto da bancada estava ocupado por Joss e a sua urna.

— Pus tudo ali, na ponta da mesa — disse Joss sem se virar.

Decambrais pegou as folhas e passou-as rapidamente em revista.

— E aqui está o desta tarde — acrescentou Joss. — Em primeira mão. O maluco está forçando a marcha, agora já são três por dia.

Decambrais desdobrou a folha e leu:

— “E primeiramente para evitar a infecção procedente da terra, há que manter as ruas limpas e as casas varrendo e removendo excrementos e imundícies, tanto humanas como de outros animaes, principalmente relacionadas ao mercado de peçado, açougues, matadouros onde comumente se amontoam excrementos sujeitos a corrupção”.

— Não sei que tipo de carne é esse peçado — disse Joss, que continuava debruçado sobre suas pilhas.

— Pescado, se me permite.

— Peraí, Decambrais, eu até quero ser legal, mas vá cuidar da sua vida. Porque os Le Guern sabem ler. Nicolas Le Guern já fazia o pregão no Segundo Império. Não venha você querer me ensinar a diferença entre peçado e pescado, caramba.

— Le Guern, são cópias de textos antigos, do século XVII. O sujeito transcreveu literalmente, com caracteres especiais. Na época, o S se escrevia quase igual ao F. De modo que, no anúncio do meio-dia, não se tratava de “foffas” ou “cafas affeadas”. Muito menos de mandar “fecá-las”.

— Como assim, S? — Indagou Joss, erguendo-se e elevando o tom.

— S, Le Guern. “Fossa”, “casas asseadas”, “secar”, “pescado”. Antigos S em forma de F. Dê você mesmo uma olhada. Eles não têm exatamente a mesma forma, se examinamos de perto.

Joss arrancou-lhe o papel das mãos e analisou os grafismos.

— Muito bem — disse ele, num tom azedo —, que seja. E daí?

— Só facilita a sua leitura, mais nada. Eu não estava querendo ofender.

— Pois já ofendeu. Pegue seus benditos papéis e caia fora. Porque a leitura é o meu trabalho, puxa vida. Eu não fico me metendo nos seus assuntos.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que sei um bocado sobre você, com essas denúncias todas que andam por aí — disse Joss, designando sua pilha de indizível. — Como me lembrava outra noite meu trisavô Le Guern, não existe só boniteza na cabeça do homem. Ainda bem que eu escolho o meu feijão.

Decambrais empalideceu e procurou um banquinho para se sentar.

— Meu Deus — disse Joss —, não precisa se assustar desse jeito.

— Essas denúncias, Le Guern, você ainda as tem aí?

— Ahã, coloquei no refugio. Tá interessado?

Joss vasculhou seu monte dos não vendidos e lhe estendeu as duas mensagens.

— Afinal, é sempre útil conhecer seu inimigo — disse ele. — Um homem prevenido vale por dois.

Joss observava Decambrais desdobrar os bilhetes. Suas mãos tremiam e, pela primeira vez, sentiu um pouco de pena do velho letrado.

— Olhe, não se impressione — disse Joss —, é só nojeira e coisas do tipo. Se você soubesse cada coisa que leio. Merda a gente tem que deixar ir embora para o rio.

Decambrais leu os dois bilhetes, depois os colocou sobre as pernas sorrindo mingudadamente. Pareceu a Joss que o sopro lhe voltava. Do que é que o aristocrata tinha tido medo?

— Não há mal nenhum em fazer renda — insistiu Joss. — Meu pai fazia redes. É a mesma coisa, só que maior, não é mesmo?

— É verdade — disse Decambrais, devolvendo as mensagens. — Mas é melhor que isso não se espalhe. As pessoas são estreitas.

— Muito estreitas — disse Joss, retomando o seu trabalho.

— Foi minha mãe quem me ensinou o ofício. Por que é que você não leu esses anúncios no pregão?

— Porque não gosto de babaca — disse Joss.

— Você também não gosta de mim, Le Guern.

— Não gosto. Mas não gosto de babaca.

Decambrais se levantou e se afastou. Ao passar pela porta baixa, virou-se.

— Le Guern — ele disse —, o quarto é seu.

6

No pórtico da Brigada, por volta da uma da tarde, Adamsberg foi interceptado por um tenente desconhecido.

— Tenente Maurel, delegado — apresentou-se o homem. — Há uma jovem senhora esperando pelo senhor na sua sala. Ela queria tratar só com o senhor. Uma certa Maryse Petit. Está aí há uns vinte minutos. Tomei a liberdade de fechar a porta porque Favre estava querendo dar a ela um apoio moral.

Adamsberg franziu o cenho. A mulher de ontem, a história dos grafites. Caramba, ele a tinha tranquilizado bem demais. Se ela passasse a vir se abrir com ele todo dia as coisas iam ficar meio complicadas.

— Fiz alguma bobagem, delegado? — Perguntou Maurel.

— Não, Maurel. A culpa é minha.

Maurel. Alto, magro, moreno, acne, prognata, sensível. Acne, prognata, sensível: Maurel.

Adamsberg entrou na sua sala com certa prudência e se instalou à mesa com um aceno de cabeça.

— Ah, delegado, lamento vir incomodá-lo novamente — começou Maryse.

— Só um minuto — disse Adamsberg, tirando uma folha de papel da gaveta e mergulhando na sua leitura, de caneta em punho.

Truquezinho barato de tira ou diretor de empresa, gasto até a alma, para criar um fosso, demonstrar à outra pessoa sua insignificância relativa. Adamsberg sentia-se culpado por recorrer a ele. Ele, que se julgava a dez léguas de um tenente Noël que fechava a jaqueta num gesto seco, de repente estava ali fazendo coisa pior. Maryse se calara imediatamente e baixara a cabeça. Adamsberg viu nisso um longo hábito de broncas patronais. Ela era

até bonita e, debruçada, sua blusa deixava entrever o começo dos seios. Ele, que se julgava a cem léguas de um cabo Favre, lá pelas tantas estava metido no mesmo curral de javalis. Em sua lista, Adamsberg anotou devagar: "Acne, Prognata, Sensível, Maurel".

— Sim? — Disse ele, erguendo a cabeça. — A senhora ainda está com medo? Lembre-se, dona Maryse, aqui é a seção de homicídios. Se a senhora está se sentindo muito impressionada, um médico não seria mais útil que um tira?

— É, talvez.

— Está bem — disse Adamsberg, levantando-se. — Deixe de se preocupar, grafites nunca morderam ninguém.

Ele abriu a porta bem aberta e sorriu para ela, para encorajá-la a sair.

— Mas — disse Maryse — eu não lhe contei dos outros prédios.

— Que outros prédios?

— Dois prédios lá do outro lado de Paris, no 18º distrito.

— E então?

— Os 4 pretos. Estavam em todas as portas há mais de uma semana, aliás, bem antes do que no meu prédio.

Adamsberg ficou parado um instante, depois fechou devagar a porta e indicou a cadeira à jovem senhora.

— Delegado — Maryse perguntou timidamente ao se sentar —, os grafiteiros não costumam marcar principalmente o bairro deles? Quer dizer, num território bem delimitado? Eles não marcam um prédio aqui e depois outro no outro lado da cidade, não é?

— A menos que eles morem nos dois lados da cidade.

— Ah, sim. Mas nessas gangues, em geral, eles são do mesmo bairro, não é?

Adamsberg ficou calado, depois pegou seu caderninho.

— Como é que a senhora soube?

— Levei meu filho ao fonoaudiólogo, ele é dislético. Durante a consulta, eu sempre espero num café embaixo do prédio. Fiquei folheando o jornal do bairro, sabe, as notícias da vizinhança e a seção de política. Havia uma coluna inteira sobre o assunto, um prédio da rue Poulet e outro na rue Caulaincourt que tinham sido cobertos de 4 em todas as portas.

Maryse fez uma pausa.

— Eu trouxe o jornal para o senhor — disse ela, colocando o recorte sobre a mesa. — Para o senhor ver que eu não estou inventando histórias. Quer dizer, que eu não estou tentando aparecer ou algo assim.

Enquanto Adamsberg percorria o artigo, a jovem senhora se levantou para ir embora. Adamsberg deu uma olhada na sua lixeira vazia.

— Só um momento — disse ele. — Vamos retomar desde o começo. Seu nome, endereço, o desenho do 4 e tudo o mais.

— Mas eu já disse isso ontem — disse Maryse, meio constrangida.

— Prefiro retomar tudo. Por precaução, a senhora entende.

— Ah, bom — disse Maryse, tornando a sentar-se, dócil.

Depois de Maryse ir embora, Adamsberg saiu para caminhar. Uma hora numa cadeira sem se mexer era o seu tempo máximo de posição sentada. Os jantares em restaurantes, as sessões de cinema, os concertos, as longas noites em amplas poltronas, iniciadas com um prazer sincero, se encerravam numa espécie de sofrimento físico. O desejo compulsivo de sair e caminhar, ou pelo menos de se levantar, fazia com que abandonasse a conversa, a música, o filme. Aquela condição limitativa tinha lá suas vantagens. Permitia-lhe compreender aquilo que os outros chamavam de exaltação, impaciência ou até o sentimento de urgência, estados que lhe escapavam em todas as outras circunstâncias da vida.

Uma vez de pé ou caminhando, essa impaciência se retirava tal como viera e Adamsberg recobrava seu ritmo natural, lento, calmo, constante. Voltou para a Brigada sem ter refletido particularmente, mas com a sensação de que aqueles 4 não eram grafite, nem brincadeira de adolescente, nem mesmo um embuste vingativo. Um vago desprazer nessa série de números, um mal-estar furtivo.

Chegando à vista da Brigada, sabia também que não era oportuno falar com Danglard sobre o assunto. Danglard detestava vê-lo derivar em percepções infundadas, que a seus olhos eram a

causa de todos os escorregões policiais. Na melhor das hipóteses, chamava a isso perda de tempo. Por mais que Adamsberg lhe explicasse que perder tempo nunca era tempo perdido, Danglard permanecia decididamente refratário a esse sistema de pensamentos ilegítimos, sem vínculos racionais. O problema de Adamsberg era que ele nunca conhecera nenhum outro, e aliás sequer se tratava de um sistema, ou de uma convicção ou mesmo de uma mera veleidade. Era uma tendência, e era a única que ele tinha.

Danglard estava em sua sala, com o olhar pesado depois de um almoço consistente, testando a rede de computadores que acabava de ser instalada.

— Não consigo importar o arquivo de impressões digitais da Prefeitura de Polícia — ele resmungou, enquanto Adamsberg ia passando. — O que é que eles estão fazendo, puxa vida? Retenção? Somos ou não somos um posto avançado, afinal?

— Vai dar tudo certo — disse Adamsberg, apaziguador, tanto mais calmo porque se envolvia o mínimo possível com computadores.

Aquela inaptidão, pelo menos, não perturbava o capitão Danglard, que manipulava com prazer os bancos de dados e as séries cruzadas. Gravar, classificar, manipular os arquivos mais extensos convinha à amplitude de seu espírito organizado.

— Tem um bilhete na sua mesa — disse ele, sem erguer os olhos. — A filha da rainha Mathilde. Voltou de viagem.

Danglard só chamava Camille de “filha da rainha Mathilde”, desde que, muito tempo atrás, essa Mathilde lhe causara um enorme choque estético e sentimental. Ele a admirava como a um ícone, e boa parte daquela devoção estendia-se à sua filha Camille. Danglard achava que Adamsberg estava longe de ser, com Camille, tão prestativo e atencioso como deveria. Isso Adamsberg ouvia com toda a clareza em certos resmungos ou mudas censuras do seu adjunto, que, no entanto, esforçava-se como um gentleman para não se meter na vida dos outros. Naquele exato momento, sem dizer uma palavra, Danglard o estava censurando por não ter procurado saber de Camille havia mais de dois meses. E,

principalmente, por ter cruzado com ele nos braços de uma outra moça, uma noite dessas, ainda na semana passada. Os dois homens tinham se cumprimentado sem dizer uma palavra.

Adamsberg foi para trás do seu adjunto e ficou um momento olhando desfilarem as linhas na tela.

— Escute, Danglard, tem um sujeito que anda brincando de pintar de preto umas espécies de 4 arrevezados nas portas dos apartamentos. De três prédios, na verdade. Um no 13º distrito e dois no 18º. Estou me perguntando se dou um pulo lá para ver.

Danglard ficou com os dedos parados acima do teclado.

— Quando? — Perguntou.

— Agora mesmo. É só o tempo de avisar o fotógrafo.

— Para quê?

— Para fotografar os 4, ora, antes que as pessoas apaguem. Se é que já não apagaram.

— Mas para quê? — Repetiu Danglard.

— Não gosto desses 4. Nem um pouco.

Muito bem. O pior já estava dito. Danglard tinha pavor de frases que começavam com “Não gosto disso” ou “Não gosto daquilo”. Um tira não tem que gostar ou não gostar. Ele tem que trabalhar, e raciocinar enquanto trabalha. Adamsberg entrou na sua sala e viu o bilhete deixado por Camille. Se ele estivesse livre, ela podia se encontrar com ele à noite. Não estando livre, será que ele poderia avisar? Adamsberg meneou a cabeça. Sim, é claro que estava livre.

Subitamente satisfeito, pegou o telefone e mandou chamar o fotógrafo. Danglard tinha entrado na sala, intrigado e aborrecido.

— Danglard, como é o fotógrafo? — Perguntou Adamsberg. — E como é que ele se chama?

— Você foi apresentado a toda a equipe três semanas atrás — disse Danglard —, e apertou a mão de cada um dos homens e das mulheres presentes. Até conversou com o fotógrafo.

— É possível que sim, Danglard, é certo que sim. Mas isso não responde à minha pergunta. Como é que ele é e qual é o nome dele?

— Daniel Barteneau.

— Barteneau, Barteneau, esse não é nada fácil. Como ele é?

— Mais para magro, um jeito animado, sorridente, inquieto.
— Alguma coisa característica?
— Muitas sardas, cabelo quase ruivo.
— Bom, muito bom — disse Adamsberg, puxando a lista da gaveta.

Debruçou-se sobre a mesa e anotou: “Magro, Ruivo, Fotógrafo”...

— Qual foi o nome que você disse?

— Barteneau — soletrou Danglard. — Daniel Barteneau.

— Obrigado — disse Adamsberg, completando os seus apontamentos. — Você reparou que tem um tremendo babaca na equipe? Digo um, mas talvez sejam vários.

— Jean-Louis Favre.

— Esse mesmo. O que é que vamos fazer com ele?

Danglard abriu os braços.

— É uma questão que se coloca em nível mundial — disse ele.

— Vamos melhorá-lo?

— Vai levar uns cinquenta anos, meu chapa.

— O que é que você vai fazer com esses 4?

— Ah — respondeu Adamsberg.

Ele abriu o caderninho na página do desenho de Maryse.

— Eles se parecem com isso.

Danglard deu uma olhada e devolveu o desenho.

— Houve delito? Violência?

— Só essas pinceladas. O que é que custa dar uma olhada? Enquanto não colocarem as grades aqui, todos os casos estão sendo encaminhados para a sede, no Quai des Orfèvres.

— Isso não é motivo para sair fazendo qualquer coisa. Dá trabalho pôr tudo para funcionar.

— Não se trata de qualquer coisa, Danglard, eu garanto.

— Grafites.

— Desde quando os grafiteiros marcam portas de apartamento? Em três lugares de Paris?

— Engraçadinhos? Artistas?

Adamsberg meneou lentamente a cabeça.

— Não, Danglard. Não tem nada de artístico nisso. Tem todo o jeito de coisa ruim, isso sim.

Danglard deu de ombros.

— Eu sei, meu chapa — disse Adamsberg, saindo da sala. — Eu sei.

O fotógrafo estava chegando no saguão e abria caminho em meio ao entulho. Adamsberg apertou sua mão. O nome que Danglard lhe repetira escapava-lhe por completo. O melhor seria transpor seus apontamentos para o caderninho, sempre à mão. Trataria disso no dia seguinte, porque à noite havia Camille, e Camille era mais importante que Bretonneau, ou seja lá qual fosse o nome dele. Danglard chegou rapidamente por trás dele.

— Boa tarde, delegado. Barteneau — disse ele.

— Boa tarde, Barteneau — repetiu Adamsberg, fazendo um sinal de agradecimento ao seu adjunto. — Vamos lá. Avenue d'Italie. Só coisa bonita, fotos artísticas.

Com o canto do olho, Adamsberg viu Danglard vestir o paletó, puxando-o atrás com cuidado para que caísse corretamente nos ombros.

— Eu te acompanho — ele resmungou.

7

Joss desceu apressadamente a rue de la Gaîté, a três nós e meio. Desde o dia anterior ele vinha se perguntando se escutara direito o velho letrado pronunciar a frase: “Le Guern, o quarto é seu”. É claro que ele tinha escutado, mas será que aquilo queria mesmo dizer o que Joss achava que queria dizer? Será que aquilo queria *realmente* dizer que Decambrais ia lhe alugar o quarto? Com o tapete, Lizbeth, o jantar? Para ele, o grosso de Le Guilvinec? Claro, era isso que queria dizer. O que mais seria? Mas depois de dizer isso ontem, Decambrais não teria acordado estarecido e decidido a dar para trás? Não viria ter com ele depois do pregão, para anunciar que lamentava muito, mas o quarto já estava alugado, era uma questão de precedência?

Sim, era o que ia acontecer daqui a pouco. O velho posudo, o velho covarde que ficara aliviado ao saber que Joss não ia lançar aquela história de rendas em praça pública. E, num impulso incontrolado, cedera o quarto. E agora, tomava-o de volta. Decambrais era isso. Um chato e um cretino, é o que ele sempre tinha achado.

Furioso, Joss despreendeu a urna e esvaziou-a sem consideração na mesa da Roll-Rider. E se houvesse outra mensagem a respeito do letrado, era bem possível que ele a lesse, hoje. Para cretino, cretino e meio. Percorreu os anúncios, impaciente, mas não achou nada do gênero. Já o envelope graúdo cor de marfim estava ali, com seus trinta francos.

— Esse aqui — murmurou Joss, desdobrando a folha — não vai me largar tão cedo.

Por outro lado, não era um mau negócio. O sujeito atualmente estava lhe rendendo, sozinho, quase cem paus por dia. Joss se concentrou para ler.

“Videbis animalia generata ex corruptione multiplicari in terra ut vermes, ranas et muscas; et si sit a causa subterranea videbis reptilia habitantia in cavernis exire ad superficiem terrae et dimittere ova sua et aliquando mori. Et si est a causa celesti, similiter volatilia.”

— Droga — disse Joss. — Está em italiano.

A primeira coisa que Joss fez quando subiu no seu estrado às oito e vinte e oito foi certificar-se da presença de Decambrais junto à porta. Era, de fato, a primeira vez em dois anos que ele estava ansioso por vê-lo. Sim, ali estava ele, impecável no seu terno cinza, ajeitando num gesto os cabelos brancos, abrindo o livro encadernado em couro. Joss lançou-lhe um olhar ruim e proferiu com sua voz forte o anúncio número 1.

Pareceu-lhe que fizera o pregão mais rápido que de costume, na pressa de saber como Decambrais iria renegar sua palavra. Com isso, quase estragou sua “Página de história da França ao alcance de todos”, e ficou mais aborrecido ainda com o letrado.

— “Vapor francês” — concluiu com brusquidão —, “3 mil barris, esbarra nos rochedos de Penmarch e então deriva até Torche, onde afunda sobre as âncoras. Tripulação perdida.”

Terminado o pregão, Joss se obrigou a levar com indiferença o caixote de volta para a loja de Damasco, que estava erguendo a cortina metálica. Os dois homens se apertaram as mãos. Damasco estava com a mão bem fria. Claro, com esse tempo, ele sempre só de colete. Ia ficar doente, de tanto bancar o gostoso.

— O Decambrais está te esperando hoje, às vinte horas, no Viking — disse Damasco, colocando as xícaras de café.

— Ele não pode dar seus recados pessoalmente?

— Ele tem consultas marcadas para o dia todo.

— Pode ser, mas não estou sempre às ordens. Esse aristocrata não dita a lei.

— Por que é que você diz “aristocrata”? — Perguntou Damasco, surpreso.

— Ei, Damasco, acorde. Decambrais por acaso não é nome de aristocrata?^[4]

— Sei lá. Nunca me fiz essa pergunta. Em todo caso, ele está sempre na pindaíba.

— Mas existem aristocratas na pindaíba. Aliás, é o que há de melhor em matéria de aristocracia.

— Ah — disse Damasco. — Eu não sabia.

Damasco serviu o café quente, parecendo não ter reparado na expressão contrariada do bretão.

— E esse suéter, é para hoje ou para amanhã? — Perguntou Joss, com certo mau humor. — Você não acha que a sua irmã já tem muito com que se preocupar?

— Logo mais, Joss, logo mais.

— Não leve a mal, mas por que é que você não aproveita para lavar a cabeça?

Damasco fez uma cara espantada e jogou seus cabelos, compridos e castanhos, ondulados, para trás.

— A minha mãe dizia que os cabelos de um homem são o capital que ele tem — garantiu Joss. — Pois não dá para dizer que você deixa o seu render muito.

— Estão sujos? — Inquiriu o rapaz, perplexo.

— Estão, sim, um pouco. Não leve a mal. É para o seu bem, Damasco. Você tem uns cabelos bonitos, deveria cuidar deles. A sua irmã não fala sobre isso?

— É claro que fala. Só que eu esqueço.

Damasco segurou a ponta dos cabelos e examinou-os.

— Tem razão, Joss, vou tratar disso agora mesmo. Você pode dar uma olhada na loja pra mim? A Marie-Belle só chega depois das dez.

Damasco saiu num pé só e Joss o viu atravessar a praça correndo, em direção à farmácia. Suspirou. Pobre Damasco. Tinha gentileza demais, esse cara, e massa cinzenta de menos. De se deixar explorar sem um ai. O contrário do aristocrata, esse com tudo na cabeça e nada no coração. Que mal equilibrada que é a existência.

O estrondo de trovão de Bertin ressoou às oito e quinze da noite. Os dias estavam ficando um bocado mais curtos, a praça já estava na penumbra e os pombos, deitados. Joss se arrastou de má vontade até o Viking. Distinguiu Decambrais na mesa do fundo, de gravata e terno escuro, camisa branca puída no colarinho, diante de duas jarras de vinho tinto. Estava lendo, e era o único a fazê-lo entre todos os presentes. Tivera o dia inteiro para preparar seu discurso e Joss supunha que este ia estar bem costurado. Mas era preciso mais que isso para enrolar um Le Guern. De amarras, cordames e cabos ele entendia.

Joss sentou-se pesadamente sem cumprimentar e Decambrais imediatamente encheu os dois copos.

— Obrigado por ter vindo, Le Guern, eu preferia não deixar para amanhã.

Joss simplesmente meneou a cabeça e deu uma boa esvaziada no seu copo.

— Você está com eles aí?

— O quê?

— Os anúncios do dia, os anúncios especiais.

— Eu não carrego tudo comigo. Estão lá no Damasco.

— Você se lembra deles?

Joss coçou demoradamente a bochecha.

— Tinha de novo aquele sujeito que fica contando a vida dele, sem pé nem cabeça, como sempre — disse ele. — E outro em italiano, como de manhã.

— É latim, Le Guern.

Joss ficou um momento em silêncio.

— Pois eu não gosto muito disso, não. Ficar lendo coisas que a gente não entende não é trabalho honesto. O que é que esse cara quer? Encher o saco de todo mundo?

— É bem possível. Escute, seria muito incômodo você ir buscar eles para mim?

Joss esvaziou o copo e se levantou. As coisas não estavam tomando o rumo esperado. Ele estava perturbado, como naquela noite, no mar, quando tudo saíra dos eixos e não se conseguia mais marcar o ponto. Pensavam que os troncos estivessem a estibordo e,

ao amanhecer, deram com eles bem em frente, em pleno norte. Tinham passado a um triz do desastre.

Ele foi e voltou rapidamente, perguntando-se se Decambrais não estava a bombordo enquanto ele o julgava a estibordo, e pôs os três envelopes marfim em cima da mesa. Bertin acabava de trazer os pratos quentes, escalope normando com batatas, e uma terceira jarra. Joss atacou sem esperar, enquanto Decambrais lia o anúncio do meio-dia em voz baixa.

— “Fui ao escritório esta manhã, sentindo muita dor no indicador da mão esquerda por causa de uma entorse que tive ontem ao lutar com minha mulher, que eu mencionava ontem. [...] Minha mulher foi aos banhos [...] para se lavar depois de ter ficado em casa no meio da poeira. Ela afirma que tomou a resolução de ser muito asseada daqui em diante. Quanto tempo isso vai durar é fácil para mim adivinhar.” Conheço esse texto, puxa vida — ele disse, enfiando-o de volta no envelope —, mas está como que numa névoa. Ou eu li demais ou minha memória está me largando.

— Às vezes, quem larga é o sextante.

Decambrais tornou a encher os copos e passou ao anúncio seguinte:

— *“Terrae putrefactae signa sunt animalium ex putredine nascentium multiplicatio, ut sunt mures, ranae terrestres [...], serpentes ac vermes, [...] praesertim si minime in illis locis nasci consuevere.”* Posso ficar com eles? — Perguntou.

— Se tiver alguma serventia.

— Nenhuma, no momento. Mas vou acabar achando, Le Guern, vou acabar achando. O sujeito está brincando de gato e rato, mas, um dia, uma palavra a mais vai me pôr na pista certa, estou convencido.

— Para ir aonde?

— Para saber o que ele quer.

Joss deu de ombros.

— Com esse temperamento, você jamais poderia ser pregoeiro. Porque se a gente se detiver em tudo o que lê, é o fim. A gente não consegue mais gritar, se engasga. Um pregoeiro deve estar acima das coisas. Eu já vi cada doido passar pela minha urna. Só que

nunca tinha visto ninguém pagando mais que a tarifa de praxe. Nem proseando em latim, nem com esses antigos em forma de efe. Para que será que isso serve?

— Serve para andar com uma máscara. Por um lado, não é ele que está falando, já que está citando textos. Percebe a esperteza? Ele não suja as mãos.

— Não confio em caras que não sujam as mãos.

— Por outro lado, ele escolhe textos antigos que fazem sentido só para ele mesmo. Está se escondendo.

— Agora — disse Joss, brandindo a faca —, não tenho nada contra o antigo. Eu até dou uma página de história da França no pregão, você notou? Isso vem da escola. Eu gostava de história. Eu não prestava atenção, mas gostava.

Joss terminou de comer e Decambrais pediu uma quarta jarra. Joss deu uma olhada para ele. Era um bom copo, o aristocrata, para não falar no que já tinha ingerido enquanto esperava por ele. Ele próprio estava acompanhando o ritmo, mas sentia seu autocontrole escapar furtivamente. Olhou com atenção para Decambrais, que, pensando bem, não parecia muito estável. Decerto tinha bebido para se decidir a falar sobre o quarto. Joss percebeu que ele também estava recuando. Enquanto falavam sobre trecos e troços não falavam sobre o hotel, o que já era uma vantagem.

— No fundo, eu gostava mesmo é do professor — acrescentou Joss. — Mesmo que ele falasse chinês, eu ia achar bom igual. Quando me expulsaram do internato, foi o único de quem eu senti falta. Eles não estavam para brincadeira lá em Tréguier.

— O que é você estava fazendo em Tréguier? Pensei que fosse de Le Guilvinec.

— Eu não estava fazendo nada, aí é que está. Fui para o internato para darem um jeito em mim. Gastaram energia à toa. Dois anos depois, me mandaram de volta para Le Guilvinec, porque eu era uma má influência para os meus colegas.

— Conheço Tréguier — disse Decambrais em tom negligente, tornando a encher o copo.

Joss olhou ceticamente para ele.

— Você conhece a rue de la Liberté?

— Conheço.

— Pois ali é que ficava o internato de moços.

— Sei.

— Passando a igreja Saint-Roch.

— Sei.

— Você vai dizer “sei” para tudo o que eu digo?

Decambrais deu de ombros, pálpebras pesadas. Joss balançou a cabeça.

— Você está bêbado, Decambrais — disse ele. — Não está se aguentando em pé.

— Estou bêbado mas conheço Tréguier. Uma coisa não impede a outra.

Decambrais esvaziou o copo e fez um sinal para que Joss tornasse a enchê-lo.

— Mentira — disse Joss, obedecendo. — Mentira, só para me amolecer. Se você acha que eu sou bobo a ponto de amolecer só porque um sujeito atravessou a Bretanha, está muito enganado. Eu não sou um patriota, sou um marinheiro. Conheço uns bretões que são tão cretinos quanto qualquer outro.

— Eu também conheço.

— E por que é que você está me dizendo isso?

Decambrais balançou brandamente a cabeça e fez-se um longo silêncio.

— Mas é mesmo verdade que você conhece Tréguier? — Retomou Joss, com a teimosia de quem bebeu demais.

Decambrais aquiesceu e esvaziou o copo.

— Pois eu não conheço muito bem — disse Joss, subitamente triste. — O dono do internato, o velho Kermarec, dava um jeito de me deixar de castigo todo domingo. Acho que só vi a cidade através das vidraças e do relato dos meus colegas. A memória é uma coisa muito ingrata, porque eu lembro do nome daquele safado, mas não lembro do nome do professor de história, que era o único que me defendia.

— Ducouëdic.

Joss ergueu lentamente a cabeça.

— Como? — Perguntou.

— Ducouëdic — repetiu Decambrais. — O nome do seu professor de história.

Joss apertou os olhos e se debruçou sobre a mesa.

— Ducouëdic — confirmou ele. — Yann Ducouëdic. Me diga uma coisa, Decambrais, você anda me espionando? O que é que você quer de mim? Você é um tira? É isso, Decambrais, você é um tira? Que mensagens, que nada! Que quarto, que nada! O que você quer é me puxar para esse seu negócio de tira!

— Você tem medo dos tiras, Le Guern?

— O que você tem a ver com isso?

— É problema seu. Mas eu não sou tira.

— Não acredito. Como é que você conhece o meu Ducouëdic?

— Ele era meu pai.

Joss ficou petrificado, os cotovelos em cima da mesa, o maxilar para a frente, embriagado e indeciso.

— Mentira — resmungou, depois de um longo minuto.

Decambrais afastou a aba esquerda do paletó e, com um gesto um pouco impreciso, achou o bolso interno. Puxou a carteira e tirou de dentro dela a identidade, que estendeu ao bretão. Joss a examinou por muito tempo, seguindo com o dedo o nome, a foto, o local de nascimento. Hervé Ducouëdic, nascido em Tréguier, setenta primaveras.

Quando ergueu a cabeça, Decambrais estava com o indicador sobre os lábios. Silêncio. Joss inclinou a cabeça várias vezes. Confusões. Isso ele podia entender, mesmo bêbado. Reinava, porém, tamanha barulheira no Viking, que dava para se falar baixinho sem nenhum risco.

— Então... "Decambrais"? — Ele murmurou.

— Pura lorota.

Ora essa, era de tirar o chapéu. Baixar o chapéu para o aristocrata. Tinha que reconhecer. Joss ficou um bocado de tempo refletindo.

— Mas então — retomou —, você é ou não é nobre?

— Nobre? — Disse Decambrais, guardando a identidade. — Escute, Le Guern, se eu fosse aristocrata, não estaria estragando os olhos fazendo renda.

— Mas nem aristocrata na pindaíba?

— Nem isso. Na pindaíba, ponto. Bretão, ponto.

Joss se recostou na cadeira, desconcertado, como quando uma fantasia ou um sonho nos abandona sem aviso prévio.

— Preste atenção, Le Guern — disse Decambrais. — Nem uma palavra, para ninguém.

— A Lizbeth?

— Nem a Lizbeth sabe. Ninguém pode saber.

— Então por que você me contou?

— Toma lá, dá cá — explicou Decambrais, entornando o copo. — Para honesto, honesto e meio. Se isso o faz mudar de ideia quanto ao quarto, diga claramente. Posso compreender.

Joss se endireitou de súbito.

— Você ainda quer o quarto? — Perguntou Decambrais. — Porque tenho alguns interessados.

— Quero — disse Joss, precipitadamente.

— Então, até amanhã — disse Decambrais, se levantando —, e obrigado pelas mensagens.

Joss segurou-o pela manga.

— Decambrais, o que é que têm essas mensagens?

— Subterrâneos, pútridos. Perigosos também, tenho certeza disso. Assim que tiver uma luz, eu lhe conto.

— O farol — disse Joss, meio aéreo —, quando avistarmos o farol.

— Exatamente.

8

Boa parte dos 4 já tinha sido apagada nas portas dos apartamentos dos três prédios marcados, principalmente os dois do 18º distrito, que já datavam de dez e oito dias atrás, segundo o testemunho de alguns moradores. Mas tratava-se de uma tinta acrílica de boa qualidade e tinham sobrado umas manchas escuras bem visíveis na superfície da madeira. Já o prédio de Maryse ainda apresentava várias amostras intactas, que Adamsberg mandou fotografar antes que fossem destruídas. Eram feitos à mão, um por um, não em série com um molde. Mas todos apresentavam as mesmas particularidades: com setenta centímetros de altura, o traço com uns bons três centímetros de largura, eram todos invertidos, com base alargada e ostentando duas barras no braço inferior.

— Bem feito, não é? — Perguntou a Danglard, que permanecera calado durante toda a expedição. — O homem é hábil. Desenha num traço só, sem retoques. Como um caractere chinês.

— É indiscutível — disse Danglard, instalando-se no carro à direita do delegado. — O grafismo é elegante, ligeiro. Ele leva jeito.

O fotógrafo jogou seu material atrás e Adamsberg arrancou devagarinho.

— Esses clichês são urgentes? — Perguntou Barteneau.

— Nem um pouco — disse Adamsberg. — Me entregue quando puder.

— Daqui a dois dias — sugeriu o fotógrafo. — Hoje à tarde tenho que fazer umas revelações para o Quai.

— Falando em Quai, não precisa comentar isso com eles. Fica sendo um passeiozinho entre nós.

— Se ele leva jeito, quem sabe não é um pintor.

— Acho que não, não são obras de arte.

— Mas o conjunto pode formar uma obra. Imagine se o cara pegar uns cem prédios, vão acabar falando nele. Fenômeno de peso, sequestro artístico da coletividade, é o que se chama uma “intervenção”. Dentro de seis meses o nome do autor vai ser conhecido.

— É — disse Adamsberg. — Talvez você esteja certo.

— É claro que sim — interveio o fotógrafo.

O nome dele acabava de voltar bruscamente à memória de Adamsberg: Brateneau. Não. Barteneau. “Magro, ruivo, fotógrafo: Barteneau.” Muito bem. Quanto ao primeiro nome, não tinha jeito, também era pedir demais.

— Na minha cidade, Nanteuil, um sujeito uma vez pintou umas cem lixeiras públicas de vermelho, com pontinhos pretos. Parecia que uma revoada de joaninhas gigantes tinha tomado a cidade, cada uma se segurando num poste como se fosse num ramo gigantesco. Pois bem, um mês depois o cara arranjou um emprego na maior emissora de rádio local. Hoje em dia ele manda e desmanda na cultura do município.

Adamsberg dirigia em silêncio, insinuando-se sem se irritar pelos engarrafamentos das seis horas. Aproximavam-se lentamente da Brigada.

— Só tem um detalhe que não encaixa — disse ele, parando num sinal vermelho.

— Eu vi — interrompeu Danglard.

— O quê? — Perguntou Barteneau.

— O cara não pintou as portas de todos os apartamentos — respondeu Adamsberg. — Ele pintou todas *menos uma*. E isso nos três prédios. O lugar da porta poupada não é sempre o mesmo. Sexto andar à esquerda no prédio de Maryse, terceiro à direita na rue Poulet e quarto à esquerda na rue Caulaincourt. Não combina muito bem com uma “intervenção”.

Danglard mordiscou os lábios, de um lado e de outro.

— É o toque de desequilíbrio que faz com que a obra seja uma obra, não uma decoração — sugeriu. — Que faz com que o artista proponha uma reflexão, não um papel de parede. É a parte que falta, o buraco da fechadura, o inacabado, a inserção do acaso.

— Acaso falsificado — corrigiu Adamsberg.
— O artista deve, ele próprio, fabricar o acaso.
— Não se trata de um artista — disse Adamsberg, baixinho.
Ele estacionou em frente à Brigada, puxou o freio de mão.
— Muito bem — admitiu Danglard. — Trata-se do que, então?
Adamsberg se concentrou, os braços descansando na direção, o olhar fixo num ponto remoto à sua frente.
— Se você pudesse evitar responder “eu não sei”... — sugeriu Danglard.
Adamsberg sorriu.
— Nessas condições, o melhor é eu ficar calado — disse ele.

Adamsberg voltou para casa num passo ligeiro, para ter certeza de não perder a chegada de Camille. Tomou uma ducha e se deixou cair numa poltrona para sonhar por uma breve meia hora, pois Camille costumava ser pontual. O único pensamento que lhe ocorreu é que estava se sentindo nu debaixo da roupa, como não raro acontecia quando ficava muito tempo sem vê-la. Nu debaixo da roupa, condição natural de todo mundo. Essa espécie de constatação lógica não perturbava Adamsberg. O fato permanecia: enquanto esperava por Camille, ele estava nu debaixo da roupa, mas não estava durante o trabalho. A diferença era absolutamente clara, fosse ou não fosse lógica.

9

Entre os três pregões da quinta-feira, Joss, com o furgão emprestado por Damasco, transportou seus pertences em algumas viagens, numa espécie de impaciência ansiosa. Damasco lhe deu uma mão para a última leva, quando desceram os seis andares com o grosso da mobília. Tudo se resumia a pouca coisa: um baú de marinho revestido de lona preta e cravejado de cobre, um tremó cuja parte pintada trazia um navio de três mastros acostado no cais, uma pesada poltrona com esculturas artesanais, feitas pelas mãos grandes do trisavô durante uma de suas breves estadas com a família.

Ele passara a noite edificando novos sustos. Decambrais — quer dizer, Hervé Ducouëdic — falara demais na noite passada, inchado que estava com seis jarras de vinho tinto. Joss temia que ele despertasse em pânico e que seu primeiro reflexo fosse despachá-lo para o outro lado der mundo. Mas não aconteceu nada do gênero e Decambrais assumira dignamente a situação, encostado no vão da porta, de livro na mão, desde as oito e meia. Se estava arrependido, como provavelmente estava, ou se estremecia por ter entregado o seu segredo às mãos ásperas de um desconhecido e, além do mais, um grosso, não o deixara transparecer. E se estava de ressaca, como certamente estava, tanto quanto Joss, também não o demonstrara, com o semblante concentrado como sempre quando chegara a vez dos dois anúncios do dia, que eles agora chamavam de “especiais”.

Joss tinha lhe entregado os dois, à noitinha, quando acabou de fazer a mudança. Tão logo ficara sozinho no novo quarto, seu primeiro gesto tinha sido o de tirar os sapatos e as meias e se plantar descalço sobre o tapete, pernas afastadas, braços pendentes, olhos fechados. Foi o momento que Nicolas Le Guern,

nascido em Locmaria em 1832, escolheu para sentar-se sobre a ampla cama de madeira e lhe dar um olá. “Olá”, disse Joss.

— Boa jogada, filho — disse o velho, reclinando-se no edredom.

— É mesmo — disse Joss, entreabrindo os olhos.

— Você está melhor aqui do que lá. Eu falei para você que trabalhando de pregoeiro dava para subir na vida.

— Faz sete anos que você me diz isso. Foi para isso que você veio?

— Esses anúncios — disse lentamente o ancestral, coçando uma bochecha mal barbeada —, esses “especiais”, como você chama, os que você passa para o aristocrata. Pois eu, no seu lugar, pegava leve. É coisa ruim.

— É pago, ancestral, e bem pago — disse Joss, calçando os sapatos.

O velho deu de ombros.

— Eu, no seu lugar, pegava leve.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer o que estou dizendo, Joss.

Ignorando a visita de Nicolas Le Guern no andar de cima de sua própria casa, Decambrais trabalhava no seu estreito escritório do térreo. Dessa vez, parecia-lhe que um dos “especiais” do dia tinha provocado um estalo, muito tênue, mas talvez decisivo.

O texto do pregão da manhã apresentava a continuação anedótica daquilo que Joss chamava de “história do homem sem pé nem cabeça”. Era exatamente isso, pensava Decambrais, tratava-se de excertos de um livro, que alguém tinha tirado lá do meio, pulando o começo. Por quê? Decambrais lia regularmente as passagens, na esperança de que aquelas frases familiares e inapreensíveis anunciassem afinal o nome de seu criador.

“Na igreja com a minha mulher, que não a frequentava havia um ou dois meses. [...] Eu me pergunto se é graças ao pé de coelho destinado a me preservar dos ventos, mas nunca mais tive diarreia desde que estou usando ele.”

Decambrais largou o papel com um suspiro e pegou o outro, o do estalo:

"Et de eis quae significant illud, est ut videas mures et animalia quae habitant sub terra fugere ad superficiem terrae et pati sedar, id est, commoveri hinc inde sicut animalia ebria."

Ele anotara embaixo uma rápida tradução, com um ponto de interrogação no meio: "E entre essas coisas que são seu sinal, ocorre que vês os ratos e esses animais que vivem debaixo da terra fugirem para a superfície e sofrerem (?), isto é, eles saem para fora deste lugar como animais embriagados."

Empacara há mais de uma hora naquele "sedar", que não era uma palavra latina. Estava convencido de que não se tratava de um erro de transcrição, sendo o metido a besta tão meticuloso que indicava com reticências todos os cortes que se permitia fazer nos textos originais. Se o metido a besta tinha digitado "sedar", é que esse "sedar" certamente existia, bem no meio de um texto em perfeito baixo-latim. Galgando sua velha escadinha de madeira para pegar um dicionário, Decambrais se deteve de repente.

Árabe. Um termo de origem árabe.

Quase febril, voltou à sua mesa, com as duas mãos sobre o texto como que para assegurar-se de que ele não ia sair voando. Árabe, latim, uma mistura. Decambrais procurou rapidamente os outros anúncios que evocavam aquela fuga dos animais para a superfície da terra, inclusive o primeiro texto em latim que Joss lera na véspera e que começava de modo quase idêntico: "Verás".

"Verás os animais nascidos da corrupção multiplicarem-se debaixo da terra, como os vermes, sapos e moscas, e, se a causa for subterrânea, verás os répteis que habitam as profundezas virem à superfície, abandonarem seus ovos e às vezes morrerem. E, se a causa estiver no ar, o mesmo se dará com os pássaros."

Escritos que se copiavam um ao outro, às vezes palavra por palavra. Diferentes autores repisando uma mesma ideia, ainda no

século XVII, uma ideia que se transmitia de geração em geração. À maneira dos monges que reproduziam os decretos do *Auctoritas* através dos tempos. Uma corporação, portanto. Elitista, culta. Mas não eram monges, isso não. Aquilo não tinha nada de religioso.

Com a fronte apoiada na mão, Decambrais ainda estava refletindo quando o chamado de Lizbeth ecoou por toda a casa, chamando para a mesa, feito uma cantiga.

Ao descer para a sala de jantar, Joss encontrou todos os inquilinos do hotel Decambrais já instalados, afeitos à rotina, tirando seus guardanapos das argolas de madeira, sendo cada argola marcada com um sinal distintivo. Ele hesitara em se juntar aos comensais já naquela noite — o jantar da meia pensão não era obrigatório, se é que tinham reparado em sua ausência no dia anterior —, tomado por um acanhamento inabitual. Joss se acostumara a morar sozinho, comer sozinho, dormir sozinho e falar sozinho, exceto quando ia, de vez em quando, jantar com Bertin. Nos treze anos de sua vida parisiense, tivera três namoradas, por períodos relativamente curtos, mas nunca se atrevera a levá-las até o seu quarto para acolhê-las no colchão colocado diretamente no chão. As casas das mulheres, mesmo rudimentares, sempre tinham sido mais acolhedoras que seu decrépito retiro.

Joss fez um esforço para espantar aquela falta de jeito que parecia voltar lá do antigo tempo de sua adolescência, agressiva e inepta. Lizbeth sorriu ao lhe estender sua argola para guardanapo. Quando Lizbeth sorria tão largamente, ele sentia vontade, um impulso brusco, de se atirar no colo dela, feito um naufrago encontrando um rochedo no meio da noite. Um rochedo esplêndido, redondo, liso e escuro, pelo qual viria a sentir uma eterna gratidão. Isso o surpreendia. Ele só experimentava essa violência sentimental com Lizbeth, e só quando ela sorria. Um murmúrio confuso dos convivas deu as boas-vindas a Joss, que ocupou o lugar à direita de Decambrais. Lizbeth presidia a outra ponta da mesa, desdobrando-se para servir. Estavam presentes mais dois hóspedes do hotel: quarto 1, Castillon, um ferreiro aposentado que passara a primeira

metade da vida exercendo o ofício de prestidigitador, percorrendo todos os cabarés da Europa, e quarto 4, Évelyne Curie, uma mulher baixinha de menos de trinta anos, apagada, rosto suave e fora de moda, debruçada sobre o seu prato. Lizbeth pusera Joss por dentro tão logo ele chegara ao hotel.

— Cuidado, marujo — ela discorreu, puxando-o discretamente para o banheiro —, não me faça nenhuma besteira. Com Castillon, pode ir com tudo, é um fortão que se acha o máximo para uma farra, não parece que tem muito conteúdo, mas você não está arriscado a quebrar nada. Não se preocupe se notar que o seu relógio sumiu durante o jantar, é mais forte que ele, mas ele sempre devolve na sobremesa. É compota a semana toda, ou frutas frescas, dependendo da estação, bolo de semolina no domingo. Aqui, não se faz comida de plástico, pode comer de olhos fechados. Mas cuidado com a moça. Ela está aqui há um ano e meio, em segurança. Ela se mandou do domicílio conjugal depois de ter apanhado durante oito anos. Oito anos, você pode imaginar? Porque ela amava ele. Enfim, acabou criando juízo e apareceu por aqui uma bela noite. Mas cuidado, marujo. O homem está procurando por ela em toda a cidade para acabar com ela e carregar ela de volta para o ninho. Soa meio estranho, óbvio, mas esses caras funcionam assim mesmo, sem complexidades. Ele está pronto para dar um tiro nela só para ela não ser de mais ninguém, você é vivido, já viu esse filme. Quer dizer, o nome de Évelyne Curie, você não conhece, nunca ouviu falar. Aqui, a gente chama ela de Eva, que não compromete. Deu pra sacar, marujo? Você trata ela com cuidado. Ela não fala muito, se sobressalta bastante, fica vermelha, como se estivesse sempre com medo. Ela está se refazendo aos pouquinhos, mas leva tempo. Quanto a mim, você me conhece bem, sou boa moça, mas não tenho mais saco para essas coisas de sexo. Era só isso. Desça para comer, já está quase na hora, e é melhor você saber de cara, são duas garrafas e só, porque Decambrais tem um fraco, então eu ponho um freio. Quem quer mais que vá ao Viking. E café da manhã entre sete e oito, fica bom para todo mundo, menos para o ferreiro, que levanta tarde, cada um tem seu jeito. Já falei tudo, não fique aqui me rodeando,

vou preparar sua argola. Tenho uma com um pintinho e outra com um barco. Qual você prefere?

— Que argola? — Perguntou Joss.

— Para guardar seu guardanapo. Falando nisso, a lavação de roupa é toda semana, roupa branca na sexta, de cor na terça. Se você não quiser que sua roupa rode com a do ferreiro, tem uma lavanderia a duzentos metros daqui. Se quiser roupa passada, precisa pagar à parte para a Marie-Belle, que vem também lavar os vidros. E aí, quanto à argola, qual você escolhe?

— O pintinho — respondeu Joss firmemente.

— Esses homens — suspirou Lizbeth ao sair —, sempre fazendo gracinha.

Sopa, vitela refogada, queijos e peras cozidas. Castillon falava meio que sozinho, Joss prudentemente esperava se situar, como se aborda um mar desconhecido. A jovem Eva comia quieta e só ergueu uma vez o rosto para pedir pão a Lizbeth. Lizbeth sorriu para ela e Joss teve a curiosa sensação de que Eva tivera vontade de se jogar nos braços dela. A menos que fosse ele mesmo, de novo.

Decambrais não falara praticamente nada durante todo o jantar. Lizbeth sussurrara para Joss, que ajudava a tirar a mesa: “Quando ele está desse jeito, é que está trabalhando enquanto come”. De fato, Decambrais se levantara da mesa assim que terminara de comer as peras e pedira licença a todos para voltar ao seu escritório.

A luz se fez pela manhã, no primeiro instante de consciência. O nome se projetou nos seus lábios antes mesmo de ele abrir os olhos, como se a palavra tivesse esperado a noite inteira pelo seu despertar, louca para se apresentar. Decambrais ouviu a si mesmo enunciá-lo em voz baixa: “Avicena.”

Ele se levantou repetindo-o várias vezes, de medo que se esvanecesse com a dissipação das brumas do sono. Para maior segurança, anotou-o num papel. “Avicena.” Depois, escreveu do lado: “*Liber canonis.*” O Cânone da medicina.

Avicena. O grande Avicena, médico e filósofo persa, bem do início do século XI, mil vezes copiado do Oriente ao Ocidente. Redação latina entremeada de locuções árabes. Ele agora detinha a pista.

Sorrindo, Decambrais esperou cruzar com o bretão no corredor. Deteve-o quando ele passou.

— Dormiu bem, Le Guern?

Joss viu claramente que algo tinha acontecido. O rosto branco e fino de Decambrais, geralmente meio cadavérico, reanimara-se como que sob o efeito de um banho de sol. Em vez daquele sorriso meio cínico, meio posudo que ele ostentava de modo geral, Decambrais estava simplesmente vibrando.

— Peguei, Le Guern, peguei.

— O quê?

— O nosso metido a besta! Peguei, caramba. Guarde para mim os “especiais” de hoje, estou voando para a biblioteca.

— Ali embaixo, no seu escritório?

— Não, Le Guern. Não tenho todos os livros.

— Ah — disse Joss, surpreso.

Decambrais, de casacão e segurando uma pasta entre os pés, tomou nota do “especial” da manhã:

“Com o desregramento das estações em sua qualidade, como quando o inverno é quente, em vez de ser frio; o verão, fresco, em vez de ser quente, e assim na primavera, e no outono, pois essa grande desigualdade mostra uma má constituição dos astros, como também do ar...”

Ele guardou o papel na pasta e esperou uns minutos para escutar o naufrágio do dia. Às cinco para as nove, embrenhou-se no metrô.

10

Naquela quinta-feira, Adamsberg chegou à Brigada depois de Danglard, fato raro o bastante para que seu adjunto lhe dirigisse um longo olhar. O delegado estava com as feições amassadas de quem só dormiu algumas horas, entre cinco e oito. Tornou a sair em seguida para tomar um café no bar da rua.

Camille, deduziu Danglard. Camille voltara ontem à noite. Danglard ligou indolentemente o computador. Ele dormira sozinho, como de costume. Feio como ele era, o rosto sem estrutura e o corpo escorrendo para baixo feito vela derretida, era a maior dificuldade ele conseguir tocar numa mulher uma vez a cada dois anos. Como sempre, Danglard se libertou daquela morosidade que o conduzia diretamente ao pacote de latas de cerveja, passando em revista, como numa breve e luminosa projeção de slides, o rosto de seus cinco filhos. O quinto, aliás, com aqueles olhos azul-pálidos, nem era dele, mas sua mulher ao partir tinha lhe deixado o pacote por um precinho camarada. Isso fora havia muito tempo, oito anos e trinta e sete dias, e a imagem de Marie, de costas, passando pelo corredor pausadamente, de tailleur verde, abrindo a porta e batendo-a atrás de si, grudara no seu cérebro por dois longos anos e seis mil e quinhentas cervejas. A projeção de slides das crianças, dois gêmeos, duas gêmeas e o pequeno de olhos azuis, tornara-se então sua ideia fixa, seu porto seguro, sua salvação. Passara milhares de horas picando cenouras mais do que bem picadas, lavando roupa mais do que bem lavada, aprontando material escolar em mochilas irretocáveis, passando roupa com um ferro minucioso, esfregando banheiros até a desinfecção total. Então aquele absolutismo fora se apaziguando devagar até chegar a um nível, se não normal, pelo menos aceitável, e a um consumo de cerveja caindo para mil e quatrocentas por ano — verdade que

somadas a vinho branco nos dias difíceis. Restara o seu laço de luz com as cinco crianças, e isso, ele dizia em certas manhãs negras, ninguém poderia lhe tirar. Ninguém, aliás, tinha a menor intenção de fazê-lo.

Ele tinha esperado, e também tentado, que uma mulher ficasse com ele e percorresse o caminho inverso ao de Marie, ou seja, abrisse a porta, de frente, e passasse pelo corredor pausadamente, de tailleur amarelo, na sua direção, mas fora em vão. As estadas das mulheres tinham sido todas curtas, e os relacionamentos, voláteis. Ele não tinha pretensões a uma mulher como Camille, cujo perfil teso era tão nítido e meigo que a gente se perguntava se era urgente pintá-lo ou beijá-lo. Não, ele não estava pedindo a Lua. Uma mulher, apenas uma mulher, mesmo que ela tivesse escorrido para baixo que nem ele, o que é que tem?

Danglard viu Adamsberg passar novamente em sentido inverso e ir encerrar-se em sua sala, fechando a porta sem fazer ruído. E olhe que ele também não era bonito, mas tinha a Lua. Ou melhor, ele era bonito, sim, embora isoladamente nenhum de seus traços pudesse, pela lógica, contribuir para aquele resultado. Nenhuma regularidade, nenhuma harmonia, e nada de imponente. O efeito de desordem era total, mas aquela desordem gerava um caos atraente, às vezes suntuoso quando ele ficava animado. Danglard sempre achara injusto aquele lance de dados. O seu rosto era uma combinação tão fortuita quanto o de Adamsberg, mas a soma era pouco interessante. Enquanto Adamsberg, sem trunfo inicial, se saía com uma trinca de dez.

Porque praticara muita leitura e meditação desde a idade de dois anos e meio, Danglard não era invejoso. Também porque tinha a sua projeção de slides. Também porque, apesar de uma irritação quase crônica, gostava daquele sujeito e até mesmo da cara daquele sujeito, com seu nariz grande e seu sorriso insólito. Quando ele lhe propusera vir com ele para a Brigada, não hesitara um segundo sequer. A indolência de Adamsberg, decerto por compensar a hiperatividade ansiosa, por vezes rígida, de sua própria mente,

tornara-se quase necessária para ele, tanto quanto o relaxante pacote de cervejas.

Danglard considerou a porta fechada. Adamsberg ia, de um modo ou de outro, se dedicar aos 4, e procurava não indispor o seu adjunto. Tirou as mãos do teclado e se recostou na cadeira, um pouco preocupado. Ele vinha se perguntando desde a noite anterior se não tinha trilhado o caminho errado. Porque esse 4 de trás para a frente ele já tinha visto em algum lugar. Tinha lembrado disso na cama, ao adormecer, sozinho. Havia sido muito tempo atrás, quando ele ainda era jovem, talvez, antes de ser tira, e fora de Paris. Como Danglard viajara muito pouco na vida, poderia tentar buscar seu rastro na memória, se é que ainda sobrava mais do que uma impressão quase toda apagada.

Adamsberg fechara a porta para poder telefonar para umas quarenta delegacias de Paris sem sentir pesar sobre ele o compreensível aborrecimento de seu adjunto. Danglard optara por um artista intervencionista e aquela não era a sua opinião. Daí a investigar por todos os distritos de Paris era só um passo, um passo inútil e ilógico que Adamsberg preferia dar sozinho. Ainda de manhã, não estivera determinado a tanto. Durante o café, folheara novamente o seu caderninho e olhara para aquele 4 como quem diz ou vai ou racha, desculpando-se junto de Camille. Ele até tinha lhe perguntado o que ela achava. “É bonito”, ela dissera, mas, ao despertar, Camille não enxergava nada, não via nenhuma diferença entre o calendário dos Correios e uma imagem religiosa. Prova disso é que ela não deveria ter dito: “É bonito”, e sim: “É horrível”. Ele respondera devagar: “Não, Camille, não é muito bonito”. Naquele instante, com aquela frase, com aquela negação, é que ele se decidira.

Meio desacelerado pela noite pouco dormida, o corpo envolvido em benigna lassidão, discou o primeiro número da lista.

Por volta das cinco horas, tinha concluído a sua ronda, tendo saído apenas uma vez para caminhar, na hora do almoço. Camille tinha ligado para o seu celular enquanto ele engolia um sanduíche, sentado num banco de rua.

Não tinha sido para comentar a noite anterior em voz baixa, não, esse não era o feitio de Camille. Camille destilava as palavras com muita discrição, deixando para o seu corpo o cuidado de se expressar, quem quiser entender que entenda — e nunca dava para saber exatamente entender o quê.

No caderninho, ele escreveu: “Mulher, inteligência, desejo: Camille”. Interrompeu-se e releu aquela linha. Palavras enormes e palavras vazias. Mas, pousadas sobre Camille, elas se soerguiam, como que repletas de evidência. Ele quase podia vê-las criando bolhas na superfície do papel. Bem. Igual a Camille. Era bem árduo para ele redigir a palavra “Amor”. A caneta formava o “A” e então se imobilizava no “m”, inquieta demais para prosseguir. Essa reticência o intrigara durante muito tempo, até que ele conseguira, de tanto frequentá-la, chegar ao seu âmago, achava ele. Ele gostava do amor. Não gostava das coisas que o amor acarreta. Porque o amor *acarretava coisas*, viver exclusivamente na cama é utopia, mesmo que por apenas dois dias. Uma espiral inteira de coisas, que começava com umas ideias à toa e terminava com uma construção sólida de onde o amor supostamente não devia nunca mais escapar. Partindo, violento como fogo no matagal, entre duas portas e debaixo do céu, concluía a sua trajetória entre quatro paredes no chão de uma lareira. E para um sujeito como Adamsberg, a espiral das coisas configurava uma armadilha opressiva. Fugia de suas sombras precursoras, avistando-as de bem longe com aquele talento para a antecipação próprio das presas aguerridas detectando o passo de seus predadores. Naquela escapada, ele às vezes desconfiava que Camille estava uma cabeça à sua frente. Camille e seu absentéismo cíclico, sua sentimentalidade prudente, suas botas sempre firmadas na linha de partida. Mas Camille jogava a partida subterraneamente, com menos aspereza e mais indulgência. De modo que era difícil, para quem não tomasse o tempo de refletir mais demoradamente, perceber nela aquele

instinto primeiro que a impelia para o ar livre. E Adamsberg era obrigado a reconhecer que ele negligenciava pensar em Camille. Ele às vezes começava, então se esquecia de continuar, chamado por outros pensamentos, arremessado de uma ideia para outra até que se formasse aquele mosaico de imagens que, nele, preludiava o surgimento do vazio.

Com o caderninho ainda aberto sobre os joelhos, terminou de anotar a frase colocando um ponto depois do A, em meio à barulhada das furadeiras atacando a pedra das janelas. Camille que não lhe telefonara, portanto, para se darem parabéns um ao outro mas, com mais sobriedade, para falar sobre aquele 4 que ele lhe mostrara pela manhã. Adamsberg se levantou e, passando por cima de alguns entulhos no caminho, chegou à sala de Danglard.

— Já deu para recuperar o arquivo? — Perguntou, para demonstrar interesse.

Danglard meneou a cabeça e apontou para a tela, onde impressões de polegares aumentadas desfilavam velozmente, feito imagens galácticas.

Adamsberg deu a volta na mesa e parou diante de Danglard.

— Se você tivesse de dizer um número, quantos diria que são os prédios marcados com um 4 em Paris?

— Três — disse Danglard.

Adamsberg ergueu os dedos da mão.

— Três mais nove, doze no total. Considerando-se que poucas pessoas teriam a ideia de comunicar esse tipo de coisa aos tiras, tirando os inquietos, os desocupados e os obsessivos, o que, bem ou mal, já dá bastante gente, podemos contar que pelo menos uns trinta prédios já foram enfeitados pelo intervencionista.

— Sempre os mesmos 4? Mesma forma, mesma cor?

— Os mesmos.

— Sempre numa porta virgem?

— É o que temos de verificar.

— Você tem a intenção de verificar?

— Acho que sim.

Danglard colocou as mãos sobre as coxas.

— Já vi esse 4 — disse.

— Camille também.

Danglard ergueu uma sobancelha.

— Na página de um livro aberto em cima de uma mesa — disse Adamsberg. — Na casa do amigo de uma amiga.

— Um livro sobre o quê?

— Camille não sabe. Ela supõe que seja um livro de história, porque o sujeito em questão é faxineiro durante o dia e medievalista à noite.

— Não é o contrário, normalmente?

— Normalmente em relação a quê?

Danglard pegou a garrafa de cerveja que estava em cima da mesa e tomou um gole.

— E você, onde é que viu o 4?

— Não lembro. Não foi aqui, e faz muito tempo.

— Se esse 4 existe aqui e ali, já não se trata de uma criação.

— Não — reconheceu Danglard.

— Uma intervenção pressupõe uma criação, não é?

— Em princípio, sim.

— O que é que a gente faz com o seu intervencionista?

Danglard fez um muxoxo.

— A gente descarta.

— E troca pelo quê?

— Por um cara que não nos interessa.

Adamsberg deu alguns passos descuidados em meio ao entulho, branqueando seus sapatos velhos.

— Eu pensei que tivéssemos sido transferidos — observou Danglard. — Transferidos para a Brigada Criminal, seção de homicídios.

— Eu lembro — disse Adamsberg.

— Nesses nove prédios, houve algum crime?

— Não.

— Violências? Ameaças? Intimidações?

— Não, você sabe que não.

— Então, por que é que estamos falando nisso?

— Por que existe presunção de violência, Danglard.

— Nos 4?

— É. É uma ofensiva silenciosa. E grave.

Adamsberg consultou o relógio.

— Tenho tempo de levar...

Puxou o caderninho e tornou a fechá-lo rapidamente.

— Levar Barteneau para visitar alguns prédios.

Enquanto Adamsberg ia buscar o paletó, que ficara todo embolado em cima de uma cadeira, Danglard vestiu o dele ajustando direito o caimento. Na falta de beleza natural, Danglard punha todas as suas fichas no trunfo secundário da elegância.

11

Decambrais voltou tarde e mal teve tempo de pegar, antes do jantar, o especial da tarde que Joss tinha guardado para ele.

“... quando aparecem os cogumelos venenosos, quando os campos e bosques se cobrem de teias de aranha, e o rebanho adocece ou morre no prado, assim como os bichos selvagens nos bosques, quando o pão tende a mofar rapidamente; quando é possível avistar sobre a neve moscas, vermes ou mosquitos recentemente eclodidos...”

Ele tornou a dobrá-lo, enquanto Lizbeth percorria a casa chamando os inquilinos para a mesa. Decambrais, com o rosto menos radiante do que pela manhã, pousou rapidamente a mão no ombro de Joss.

— Precisamos conversar — disse. — Hoje à noite, no Viking. Acho melhor não nos escutarem.

— Boa pescaria? — Perguntou Joss.

— Boa, mas mortal. O negócio é grande demais para nós.

Joss fez cara de dúvida.

— É sim, Le Guern. Palavra de bretão.

Durante o jantar, Joss arrancou um sorriso do rosto inclinado de Eva graças ao relato, parcialmente inventado, de uma anedota de família, e sentiu com isso algum orgulho. Ele ajudou Lizbeth a tirar a mesa, em parte por hábito, em parte para aproveitar da proximidade dela. Ele se preparava para ir ao Viking quando a viu descer do quarto em traje de festa, um vestido preto brilhante moldando sua amplíssima silhueta. Ela passou apressada, endereçando-lhe um sorriso, e Joss sentiu um baque na barriga.

No Viking superaquecido e enfumaçado, Decambrais se instalara na última mesa ao fundo e esperava, preocupado, diante de dois calvados.

— A Lizbeth saiu em traje de gala assim que terminou de lavar a louça — anunciou Joss ao se sentar.

— É — disse Decambrais, sem manifestar surpresa.

— Ela recebeu algum convite?

— Toda noite, com exceção de terça e domingo, a Lizbeth sai em traje de gala.

— Ela se encontra com alguém? — Perguntou, Joss, preocupado. Decambrais balançou a cabeça.

— Ela canta.

Joss franziu o cenho.

— Ela canta — repetiu Decambrais —, ela se apresenta. Num cabaré. A Lizbeth tem uma voz de tirar o fôlego.

— Desde quando, caramba?

— Desde que chegou aqui e eu ensinei solfejo para ela. Toda noite ela lota a sala do Saint-Ambroise. Um dia, Le Guern, você ainda vai ver o nome dela no alto de um cartaz. Lizbeth Glaston. Lembre-se disso, onde quer que você esteja.

— Vai ser difícil eu esquecer, Decambrais. Dá para a gente ir neste cabaré? Dá para ouvir ela cantar?

— O Damasco vai toda noite.

— O Damasco? O Damasco Viguier?

— Quem mais poderia ser? Ele não lhe falou?

— Tomamos café juntos toda manhã e ele nunca me disse uma palavra sobre isso.

— Está certo, ele está apaixonado. Não é coisa para se compartilhar.

— Droga, o Damasco. Mas o Damasco tem trinta anos.

— Lizbeth também. Não é só porque Lizbeth é gorda que ela não pode ter trinta anos.

Joss deixou seu pensamento divagar numa eventual associação Damasco-Lizbeth.

— Será que pode dar certo? — Perguntou. — Já que você entende de coisas da vida...

Decambrais fez um gesto cético.

— Faz muito tempo que a fisiologia viril não impressiona mais a Lizbeth.

— O Damasco é simpático.

— Não basta.

— O que é que a Lizbeth espera dos homens?

— Não muito.

Decambrais tomou um gole de calvados.

— Não estamos aqui para falar de amor, Le Guern.

— Sei. O negócio grande que você fisgou.

O rosto de Decambrais se anuviou.

— É tão grave assim? — Perguntou Joss.

— Temo que sim.

Decambrais percorreu com um olhar as mesas vizinhas e pareceu reconfortado pelo barulho que reinava no Viking, pior que o de uma tribo de bárbaros no convés de um drácar.

— Identifiquei um dos autores — disse. — Trata-se de Avicena, um médico persa do século XI.

— Bom — disse Joss, que se interessava muito menos pelos assuntos de Avicena do que pelos de Lizbeth.

— Localizei o excerto, no seu *Liber canonis*.

— Bom — repetiu Joss. — Me diga, Decambrais, você foi professor que nem seu pai?

— Como é que você sabe?

— Assim — disse Joss, estalando os dedos. — Eu também entendo de coisas da vida.

— Talvez o que eu estou lhe contando o aborreça, Le Guern, mas seria uma boa ideia você escutar.

— Bom — repetiu Joss, que se sentiu subitamente voltando ao tempo das aulas do velho Ducouëdic, no internato.

— Os outros autores não fizeram mais que copiar Avicena. Trata-se sempre do mesmo tema. Eles ficam dando voltas sem dizer o nome, sem encostar, como os abutres se aproximando em círculos de uma carniça.

— Em volta do quê?

— Em volta do tema, Le Guern, acabei de dizer. Do único objeto de todos os especiais. Daquilo que eles anunciam.

— O que é que eles anunciam?

Naquele momento, Bertin colocou dois calvados sobre a mesa e Decambrais esperou que o normando grandalhão se afastasse para prosseguir.

— A peste — disse ele, baixando a voz.

— Que peste?

— A peste.

— A superdoença de antigamente?

— Ela mesma. Em pessoa.

Joss deixou passar um silêncio. Será que o letrado podia estar falando bobagem? Será que podia estar rindo da cara dele? Joss era incapaz de checar aquelas histórias todas de *canonis* e Decambrais podia fazê-lo de otário à vontade. Marinheiro prudente, examinou o rosto do velho erudito, que decididamente não estava para brincadeira.

— Decambrais, você não está querendo me enrolar?

— Para quê?

— Para jogar o jogo do cara que sabe tudo e do cara que não sabe nada. O jogo do esperto e do otário, do estudado e do inestudado, do gnorante e do ignorante. Porque nesse jogo eu também posso te levar até o alto-mar, e sem colete salva-vidas.

— Le Guern, você é violento.

— Sou — reconheceu Joss.

— Imagino que já tenha quebrado a cara de um bocado de gente neste mundo.

— E neste mar.

— Eu nunca brinquei de esperto e otário. O que se ganha com isso?

— Poder.

Decambrais sorriu e deu de ombros.

— Podemos continuar? — Perguntou.

— Se você quiser. Mas o que eu tenho com isso, afinal? Passei três meses lendo um cara que copiava a Bíblia. Era pago, eu li. O que importa?

— Moralmente falando, esses anúncios lhe pertencem. Se eu for procurar os tiras amanhã, prefiro que você esteja avisado. E prefiro também que você me acompanhe.

Joss virou seu calvados num gole só.

— Os tiras? Você ficou maluco, Decambrais! Cadê o lugar dos tiras nessa história? Também não é nenhum alerta geral, puxa vida.

— Como é que você sabe?

Por causa do quarto, Joss segurou as palavras que lhe vinham à boca. Ele tinha que manter o quarto.

— Escute bem, Decambrais — retomou, controlando-se —, tem aí um cara que, segundo você, se diverte copiando uns papéis velhos sobre a peste. Resumindo, um doido, um obcecado. Se a gente fosse falar com os tiras cada vez que um maluco abra a boca, nem sobrava mais tempo para beber.

— Primeiro — disse Decambrais, esvaziando a metade do calvados —, ele não se contenta em copiar, ele leva para você apregoar. Ele se expressa em praça pública, anonimamente. Segundo, ele está se aproximando. Está no começo dos textos. Ainda não abordou as passagens que contêm a palavra “peste”, ou “mal”, ou “mortalidade”. Está se demorando nos prelúdios, mas está avançando. Você entende, Le Guern? *Ele está avançando*. É isso que é grave. *Ele está avançando*. Para onde?

— Ora, para o final do texto. É lógico, ué. Nunca se viu um cara começar um livro pelo final.

— Vários livros. E você sabe o que tem no final?

— Mas eu não li essas porcarias de livros!

— Dezenas de milhões de mortos. É isso que tem no final.

— E você está imaginando que esse doido vai matar a metade da França?

— Eu não disse isso. Eu disse que ele está progredindo para um desdobramento mortal, eu disse que ele está engatinhando. Não é como se ele estivesse lendo *As mil e uma noites*.

— Você é que diz que ele está progredindo. Já eu acho que ele não está saindo do lugar. Faz um mês que está nos aporrinhando com essas histórias de bichos, vai de um jeito, vai de outro. Você chama isso de progredir?

— Tenho certeza. Você lembra daqueles outros anúncios, que contam a vida do homem sem pé nem cabeça?

— Exatamente. Não tem nada a ver. É um cara que come, trepa, dorme, é só o que ele tem para dizer.

— Esse cara é Samuel Pepys.

— Pois eu não conheço.

— Eu lhe apresento: é um inglês, um nobre burguês que viveu no século XVII, em Londres. Aliás, ele trabalhava, diga-se de passagem, no Escritório da Marinha.

— Um mandachuva da capitania?

— Não exatamente, mas isso não importa. O que interessa é que Pepys redigiu um diário durante nove anos, entre 1660 e 1669. O ano que nosso maluco colocou na urna é o da grande peste de Londres, 1665, setenta mil cadáveres. Você entende? Dia após dia, os especiais vão se aproximando da data da sua eclosão. Estamos chegando perto. É o que eu chamo de *avançar*.

Pela primeira vez, Joss se sentiu perturbado. Fazia sentido o que o letrado estava contando. Daí a avisar os tiras...

— Os tiras vão dar risada quando a gente falar que um doido está brincando de ler para nós um diário de três séculos atrás. Está na cara que é a gente que eles vão prender.

— Nós não vamos dizer isso. Vamos simplesmente avisar que um doido está brincando de anunciar a morte em praça pública. Depois, eles que se virem. A minha consciência vai estar em paz.

— Mesmo assim, eles vão dar risada.

— É evidente. Por isso é que não vamos falar com qualquer tira. Conheço um que não dá risada igual aos outros, nem pelos mesmos motivos. É com ele que nós vamos falar.

— Que *você* vai falar, se estiver a fim. Porque o meu testemunho eu duvido que eles tratem a pão de ló. O fato, Decambrais, é que a minha caderneta não está em branco.

— Nem a minha.

Joss olhou para Decambrais sem dizer nada. Essa era de tirar o chapéu. De tirar o chapéu para o aristocrata. O velho letrado não só era, como quem não quer nada, bretão de Côtes-du-Nord, como

ainda por cima tinha, como quem não quer nada, ficha na polícia. Por isso o nome falso, decerto.

— Quantos meses? — Perguntou Joss discretamente, sem se preocupar com o motivo, como um autêntico gentleman do mar.

— Seis — disse Decambrais.

— Nove — respondeu Joss.

— Cumpridos?

— Cumpridos.

— Idem.

Igualdade. Após essa troca, os dois homens guardaram um silêncio um pouco grave.

— Muito bem — disse Decambrais. — Você me acompanha?

Joss fez uma careta, não muito convencido.

— São apenas palavras. *Palavras*. Isso nunca matou ninguém. Ou a gente saberia.

— Mas a gente sabe, Le Guern. Pelo contrário, as palavras sempre mataram.

— Desde quando?

— Desde o dia em que alguém gritou “Morra!” e a multidão enforcou. Desde sempre.

— Muito bem — disse Joss, convencido. — E se me tirarem o meu trabalho?

— Ora, Le Guern, você tem medo dos tiras?

Fustigado, Joss se aprumou.

— Peraí, Decambrais, os Le Guern podem até ser grossos, mas nunca tiveram medo de tira.

— Então está bem.

12

— Quem é o tira que nós vamos ver? — Perguntou Joss, subindo o boulevard Arago por volta das dez da manhã.

— Um homem com quem cruzei duas vezes por ocasião dessa, da minha...

— Caderneta — completou Joss.

— É isso.

— Duas vezes nem dá tempo de examinar um homem.

— Dá para sobrevoar e a imagem aérea era boa. No começo, eu o confundi com um acusado, o que não deixa de ser bom sinal. Acho que ele nos concede uns cinco minutos. No pior dos casos, anota a nossa visita no livro de ocorrências e esquece. No melhor, se interessa o suficiente para se informar de alguns detalhes.

— E atinentes.

— E atinentes.

— Por que ele se interessaria?

— Ele gosta de histórias confusas ou desinteressantes. Pelo menos era essa a censura que um superior estava lhe fazendo quando cruzei com ele pela primeira vez.

— Vamos falar com um subalterno lá de baixo do escalão?

— Isso o incomoda, capitão?

— Já disse, Decambrais. Não estou nem ligando para essa história.

— Não é um subalterno. Ele agora é delegado-chefe, comanda um grupo na Criminal. Seção de homicídios.

— Homicídios? Ah, mas ele vai adorar esses papéis velhos da gente.

— Quem sabe?

— E a troco de que um cara confuso teria virado chefe?

— Esse cara confuso tem certo talento, pelo que eu soube. Digo confuso, mas também dá para dizer inefável.

— Não vamos regatear com as palavras.

— Eu gosto de regatear.

— Eu já tinha reparado.

Decambrais se deteve diante de um pórtico alto.

— É aqui — disse.

Joss percorreu a fachada com o olhar.

— Esse xaveco estava precisando de uma boa faxina.

Decambrais se recostou na fachada, de braços cruzados.

— E então? — disse Joss. — Vai desistir?

— Temos hora marcada para daqui a seis minutos. Horário é horário. Deve ser um sujeito ocupado.

Joss se recostou na fachada ao lado dele e esperou.

Um homem atravessou a rua na frente deles, com o olhar mergulhado no chão, as mãos enfiadas nos bolsos, e passou sem pressa pelo pórtico, sem olhar para os dois homens encostados na parede.

— Acho que é ele — murmurou Decambrais.

— O moreno baixinho? Está brincando. Uma camiseta cinza velha, um paletó todo amassado, o cabelo não tem nem corte. Vendedor de flores no cais Narbonne, vá lá, mas delegado! Me desculpe.

— Estou dizendo que é ele — insistiu Decambrais. — Reconheço o jeito de andar. Se balançando.

Decambrais consultou o relógio até transcorrerem os seis minutos e então arrastou Joss para dentro do edifício em reforma.

— Lembro de você, Ducouëdic — disse Adamsberg, levando os dois visitantes para sua sala. — Ou melhor, reli seu dossiê depois que você ligou e então lembrei de você. A gente tinha conversado um pouco, as coisas não andavam muito bem naquela época. Acho que eu o tinha aconselhado a largar a profissão.

— Foi o que eu fiz — disse Decambrais, elevando a voz por causa do barulho das furadeiras de pedras, que Adamsberg parecia

não notar.

— Você encontrou trabalho quando saiu da prisão?

— Eu me tornei conselheiro — disse Decambrais, optando por não mencionar os quartos sublocados e as rendas.

— Fiscal?

— De coisas da vida.

— Ah, sim — disse Adamsberg, pensativo. — Por que não? Você tem clientela?

— Não posso me queixar.

— O que é que as pessoas contam para você?

Joss estava começando a se perguntar se Decambrais não tinha errado o endereço e se por acaso aquele tira fazia o seu trabalho de vez em quando. Não havia computador sobre a mesa dele, só montes de papéis espalhados, também nas cadeiras e no chão, cobertos com anotações ou desenhos. O delegado tinha ficado de pé, encostado na parede branca, os braços apertados na cintura, e olhava para Decambrais obliquamente, com a cabeça inclinada. Joss achou que os olhos dele tinham a cor e a consistência dessas algas marrons e escorregadias que se enroscam nas hélices, os fucos, tão suaves e tão doces quanto elas, reluzentes, mas sem brilho, sem definição. As vesículas redondas dessas algas se chamavam flutuadores, e Joss concluiu que isso convinha perfeitamente para os olhos do delegado. Os flutuadores estavam incrustados sob as sobranceiras grossas e embaralhadas, que eram como dois abrigos rochosos para eles. O nariz arqueado e traços angulosos conferiam àquilo tudo um pouco de firmeza.

— Mas as pessoas aparecem principalmente para falar de histórias de amor — prosseguia Decambrais —, seja porque têm histórias de mais, ou de menos, ou nenhuma, seja porque não são como elas queriam que fossem ou porque não conseguem pôr a mão nelas, por causa de todo esse tipo de...

— Coisa — interrompeu Adamsberg.

— Coisa — confirmou Decambrais.

— Veja bem, Ducouëdic — disse Adamsberg, se desgrudando da parede e percorrendo a sala com passos medidos —, aqui é uma brigada especializada em homicídios. De modo que se a sua antiga

história teve desdobramentos, se estão perturbando você, de um jeito ou de outro, eu não...

— Não — cortou Decambrais. — Não se trata de mim. Mas também não se trata de crime. Pelo menos não ainda.

— Ameaças?

— Quem sabe. Anúncios anônimos, anúncios de morte.

Joss pôs os cotovelos sobre as coxas, divertindo-se. O letrado, com aquelas ansiedades obscuras, não ia sair dessa tão facilmente.

— Visando alguma pessoa em particular? — Inquiriu Adamsberg.

— Não. Anúncios de destruição geral, de catástrofe.

— Bem — disse Adamsberg, continuando a andar para lá e para cá. — Um arauto do terceiro milênio? Anunciando o quê? O apocalipse?

— A peste.

— Veja só — disse Adamsberg, fazendo uma pausa. — Para variar um pouco. E como é que ele anuncia? Através do correio? Do telefone?

— Através deste senhor aqui — disse Decambrais, designando Joss com um gesto um pouco cerimonioso. — O senhor Le Guern é pregoeiro de profissão, por parte de seu trisavô. Ele declama as notícias do bairro no cruzamento do Edgar-Quinet com a Delambre. Ele mesmo pode explicar melhor.

Adamsberg se voltou para Joss, o rosto um pouco cansado.

— Para encurtar — disse Joss —, as pessoas que têm alguma coisa para dizer deixam mensagens para mim e eu leio as mensagens. Nenhuma complicação. Precisa ter voz boa e pontualidade.

— E então? — Disse Adamsberg.

— Todo dia, e atualmente duas ou três vezes ao dia — retomou Decambrais —, o senhor Le Guern depara com esses pequenos textos anunciadores da peste. Cada anúncio nos aproxima da sua eclosão.

— Bem — disse Adamsberg, puxando o livro de ocorrências, indicando meio claramente, com seu movimento descuidado, que a discussão estava chegando ao fim. — Desde quando?

— Desde 17 de agosto — esclareceu Joss.

Adamsberg suspendeu seu gesto e ergueu rapidamente os olhos para o bretão.

— Tem certeza? — Perguntou.

E Joss percebeu que se enganara. Não, não sobre a data do primeiro “especial”, mas sobre os olhos do delegado. Na água daquele olhar de alga acabava de se acender uma luz clara, feito um minúsculo incêndio rebentando a casca do flutuador. Quer dizer então que aquilo acendia e apagava, feito farol.

— Dia 17 de agosto, pela manhã — repetiu Joss. — Logo após o período de doca seca.

Adamsberg largou o livro de ocorrências e retomou sua deambulação. Dia 17 de agosto, primeiro prédio marcado com 4 em Paris, na rue de Chaillot. O primeiro prédio reportado, pelo menos. Segundo prédio, dois dias depois em Montmartre.

— E a mensagem seguinte? — Perguntou Adamsberg.

— Dois dias depois, dia 19 — respondeu Joss —, e em seguida dia 22. Então os anúncios foram ficando mais frequentes. Quase todo dia a partir do dia 24 e, de uns dias para cá, várias vezes ao dia.

— Posso ver?

Decambrais estendeu os últimos folhetos guardados e Adamsberg os percorreu rapidamente.

— Não sei — disse — o que o faz pensar na peste.

— Identifiquei esses excertos — explicou Decambrais. — São citações extraídas de antigos tratados sobre a peste, desses que existiram às centenas no decorrer dos séculos. O mensageiro está nos sinais precursoros. Não vai demorar a entrar no âmago da questão. Estamos bem perto. Nessa última passagem, a de hoje de manhã — disse Decambrais apontando uma das folhas —, o texto se interrompe justamente antes da palavra “peste”.

Adamsberg examinou o anúncio do dia:

“... que muitos se deslocam como sombras numa parede, que se veem vapores sombrios erguerem-se do solo como névoa, [...] quando se observa nos homens uma grande falta de confiança, inveja, ódio e libertinagem...”

— Na verdade — disse Decambrais —, acho que amanhã chegamos lá. Ou seja, esta noite, para o nosso homem. Por causa do *Diário* do inglês.

— Os pedaços de vida em desordem?

— Estão em ordem. Datam de 1665, o ano da grande peste de Londres. E nos próximos dias, Samuel Pepys verá seu primeiro cadáver. Amanhã, acho. Amanhã.

Adamsberg colocou os papéis sobre a mesa e suspirou.

— E nós, vamos ver o que, na sua opinião?

— Não faço a menor ideia.

— Nada, decerto — disse Adamsberg. — Mas você achou desagradável, não é?

— Exatamente.

— Mas fantasioso.

— Eu sei. A última peste na França teve fim em Marselha em 1722. Já virou lenda.

Adamsberg passou os dedos pelos cabelos — “quem sabe para penteá-los”, pensou Joss —, então juntou as folhas e devolveu-as a Decambrais.

— Obrigado — disse.

— Posso continuar lendo os anúncios? — Joss perguntou.

— Não interrompa, é importante. E passem por aqui para me contar a sequência.

— E se não tiver sequência? — Disse Joss.

— Quando alguém inventa algo tão organizado e incongruente, é raro que isso não resulte numa manifestação concreta, mesmo que mínima. Me interessaria saber o que esse cara vai inventar para continuar.

Adamsberg acompanhou os dois homens até a saída e voltou para a sua sala a passos lentos. Essa história estava mais do que desagradável. Estava detestável. Quanto à sua relação com os 4, era nenhuma, exceto pela coincidência das datas. No entanto, ele tendia a seguir a mesma linha de raciocínio de Ducouëdic. Amanhã, aquele inglês, o Pepys, iria se deparar com seu primeiro morto pela

peste em Londres, no alvorecer da catástrofe. Sem se sentar, Adamsberg abriu rapidamente seu caderninho e achou o número do medievalista que Camille tinha lhe passado, o sujeito com quem ela tinha visto o 4 invertido. Consultou o relógio de parede recentemente instalado, que marcava onze e cinco. Se o sujeito era faxineiro, tinha poucas chances de achá-lo em casa. Uma voz de homem atendeu, bastante jovem e solícita.

— Marc Vandoosler? — Perguntou.

— Ele não está. Está na trincheira de reserva, em missão de limpeza-passagem de roupa. Posso deixar um recado para ele no meu acantonamento, se quiser.

— Obrigado — disse Adamsberg, meio surpreso.

Ouviu-o largar o fone, procurar ruidosamente um pedaço de papel e algo com que escrever.

— Pronto — retomou a voz. — Com quem tenho a honra?

— Delegado-chefe Jean-Baptiste Adamsberg, Brigada Criminal.

— Droga — disse a voz, subitamente grave —, o Marc está com algum problema?

— Nenhum. Camille Forestier me deu o número dele.

— Ah. Camille — disse a voz simplesmente, mas colocando naquele “Camille” uma entonação tal que Adamsberg, que não era um homem ciumento, experimentou mesmo assim um breve estremecimento, ou melhor, uma surpresa. Existiam em volta de Camille mundos muito vastos e povoados dos quais ele ignorava tudo, por indiferença. Quando descobria por acaso um fragmento, ficava sempre espantado, como se estivesse se chocando contra um continente desconhecido. Quem disse que Camille não reinava sobre múltiplos territórios?

— É a respeito de um desenho — retomou Adamsberg —, um grafismo meio enigmático. Camille disse que viu uma reprodução na casa de Marc Vandoosler, num livro dele.

— É bem possível — disse a voz. — Mas não deve ser muito recente.

— Como?

— Marc só se interessa pela Idade Média — disse a voz, com imperceptível desprezo. — Quando muito, mexe vagamente com o

século XVI. Imagino que, na Criminal, esse não seja exatamente o seu campo de atuação?

— Nunca se sabe.

— Bem — disse a voz. — Definição do objetivo?

— Se o seu amigo souber o significado do desenho, pode ser útil para nós. O senhor tem fax?

— Tenho, nesse mesmo número.

— Perfeito. Vou lhe enviar um esboço e, se Vandoosler tiver alguma informação, seria simpático da parte dele me ligar de volta.

— Muito bem — disse a voz. — Seção à disposição. Execução das ordens.

— Senhor.. — Disse Adamsberg, no instante em que o outro ia desligar.

— Devernois, Lucien Devernois.

— Há pressa. Na verdade, é urgente.

— Conte com a minha diligência, delegado.

E Devernois desligou. Perplexo, Adamsberg pôs o fone no gancho. Só o que se poderia dizer é que esse Devernois, com uma ponta de altivez, não se atrapalhava com os tiras. Um militar, quem sabe.

Até meio-dia e meia, Adamsberg se quedou imóvel junto à parede, observando seu fax inanimado. Então, irritado, saiu para caminhar e encontrar alguma coisa para comer. Qualquer coisa, ao acaso das ruas que ele ia aos poucos descobrindo nas proximidades da Brigada. Um sanduíche, tomates, pão, frutas, bolo. Segundo o seu humor, segundo as lojas, deixando de lado o bom senso. Vagou deliberadamente pelas ruas, com um tomate numa mão e um pãozinho de nozes na outra. Ficou tentado a passar o dia fora e só retornar no dia seguinte. Mas Vandoosler podia ter ido almoçar em casa. Nesse caso, haveria a possibilidade de ele ter uma resposta e acabar com aquela criação de fantasmas capengas. Às três da tarde, ele entrou na sua sala, jogou o paletó sobre uma cadeira e se virou para o aparelho. Uma folha de papel esperava por ele, caída no chão.

“Senhor delegado,

“O 4 ao contrário que me enviou é uma reprodução exata do algarismo com que antigamente se marcavam, em algumas regiões, as portas ou lintéis das janelas em tempo de peste. Acredita-se que sua origem seja bastante antiga, tendo sido absorvido pela cultura cristã, que nele reconhecia um sinal da cruz traçado sem se levantar a mão. É um algarismo comercial, e também um algarismo de impressor, mas é famoso sobretudo por seu valor de talismã contra a peste. As pessoas se protegiam do flagelo desenhando-o na porta de suas moradias.

“Esperando que essas informações possam responder a sua pergunta, subscrevo-me

atenciosamente,
Marc Vandoosler.”

Adamsberg encostou-se em sua mesa, a cabeça inclinada para o chão, o fax pendendo na mão. O 4 invertido, um talismã contra a peste. Uns trinta prédios já marcados na cidade, mensagens em abundância na caixa daquele pregoeiro. No dia seguinte, o inglês de 1665 ia se deparar com o primeiro cadáver. De cenho franzido, Adamsberg dirigiu-se à sala de Danglard, pisando no entulho ao passar.

— Danglard, o seu intervencionista está se fazendo de besta.

Adamsberg pôs o fax sobre a mesa e Danglard o leu com ar circunspecto. Depois releu.

— Sim — disse. — Agora estou lembrando daquele meu 4. Na ferragem da sacada do tribunal do comércio, em Nancy. Um 4 duplo, sendo um deles invertido.

— O que é que a gente faz com o seu artista, Danglard?

— Já disse. A gente descarta.

— E o que mais?

— Substitui. Por um iluminado que teme a peste como o diabo teme a cruz e está protegendo a casa dos seus concidadãos.

— Ele não teme a peste. Ele prevê a peste, prepara o caminho para ela. Passo a passo. Ele está instalando um dispositivo. Pode acionar tudo amanhã, ou esta noite.

Danglard tinha uma longa prática do rosto de Adamsberg, que podia passar de um estado quase opaco, apagado feito fogo molhado, ao estado ardente. A luz conseguia então se propagar por baixo da pele morena, por meio de um procedimento técnico que permanecia um mistério. Nesses momentos intensos, Danglard sabia que todas as contestações, ceticismos, demonstrações de lógica mais cerradas iriam evaporar feito vapor sobre a brasa. De modo que preferia economizá-las para períodos mais amenos. Simultaneamente, nessas horas Danglard se deparava com seus próprios paradoxos: as convicções irracionais de Adamsberg abalavam seus sustentáculos e aquela renúncia temporária ao bom senso lhe oferecia um estranho alívio. Ele então não conseguia deixar de escutar, quase que passivamente, levado por um enxame de ideias pelo qual não era responsável. O jeito de falar de Adamsberg, que em outros momentos o irritava, facilitava então a viagem com seu ritmo lento, suas sonoridades suaves e baixas, suas fórmulas repetitivas e circunvoluções. Afinal, a experiência lhe demonstrara com demasiada frequência que, partindo de uma inspiração desordenada, Adamsberg tinha mirado bem no âmago da verdade.

De modo que Danglard vestiu o paletó sem retrucar quando Adamsberg o arrastou pelas ruas para lhe contar o relato do velho Ducouëdic.

Antes das seis horas, os dois homens tinham chegado à place Edgar-Quinet, prontos para o último pregão da tarde. Adamsberg percorrera o cruzamento de um lado e de outro, se situando, respirando o ar do lugar, localizando a casa de Ducouëdic, a urna azul escorada no plátano, a loja de esportes, onde viu Le Guern desaparecendo com seu caixote, e o restaurante O Viking, imediatamente detectado por Danglard, que optara por entrar ali e não sair mais. Adamsberg foi bater na vidraça para avisá-lo da chegada de Le Guern. Escutar o pregão não lhe acrescentaria nada, sabia disso. Mas Adamsberg queria configurar com precisão o ponto de onde saíam os anúncios.

A voz do bretão surpreendeu-o, possante, melodiosa, alcançando sem esforço o outro lado da praça. Aquela voz, refletiu, tinha sem dúvida muito a ver com o ajuntamento compacto que se formara ao seu redor.

— “Um” — principiou Joss, a quem a presença de Adamsberg não passara despercebida. — “Vendo material de apicultura com dois enxames. Dois: A clorofila se faz sozinha e as árvores nem por isso ficam se exibindo. É um bom exemplo para os fanfarrões.”

Adamsberg ficou espantado. Ele não tinha entendido aquele segundo anúncio, mas o público, sério, não parecia desconcertado e esperava o resto. A força do hábito, decerto. Como para tudo na vida, o treino era certamente requisito de uma boa escuta.

— “Três” — prosseguiu Joss, imperturbável. — “Alma gêmea bem-vinda, se possível atraente, se não, tudo bem. Quatro: Héléne, continuo esperando. Nunca mais vou levantar a mão para você, Bernard, desesperado. Cinco: O filho da mãe que destruiu a minha campanha que se prepare para uma má surpresa. Seis: 750 FZX 92, 39e.f.000 km, pneus e freios novos, totalmente revisada. Sete: O que é que nós somos, o que é que nós somos exatamente? Oito: Ofereço pequenos serviços de costura feitos com capricho. Nove: Se um dia tivermos de nos instalar no planeta Marte, vocês irão sem mim. Dez: Vendo cinco caixas de vagem francesa. Onze: Clonar o ser humano? Acho que já tem babaca demais na Terra. Doze...”

Adamsberg estava começando a se deixar embalar pela ladainha do Pregoeiro, observando o pequeno grupo, os que anotavam alguma coisa num pedaço de papel, os que olhavam para o Pregoeiro sem se mexer, a bolsa pendurada, parecendo descansar de um dia de escritório. Le Guern emendou com a previsão meteorológica do dia seguinte, depois de uma breve olhada para o céu, e uma meteorologia marítima — ventos de oeste se intensificando de 3 para 5 durante a noite, o que pareceu satisfazer todo mundo. Então o desenrolar dos anúncios recomeçou, prático e metafísico, e Adamsberg acordou ao ver Ducouëdic se endireitando lá pelo anúncio 16.

— “Dezessete” — encadeou o Pregoeiro. — “Esse flagelo, portanto, está presente e existe em algum lugar, e essa existência

é um efeito da criação, pois nada se faz de novo e não há nada existente que não tenha sido criado.”

O Pregoeiro lançou um rápido olhar na sua direção, expressando assim que acabavam de passar pelo “especial”, e encadeou o número 18: “É um risco fazer crescer trepadeiras em muros divididos”. Adamsberg escutou até o final, inclusive o inesperado relato do périplo do *Louise Jenny*, vapor francês de 546 barris, carregado de vinho, licores, frutas secas e conservas, voltando para Basse aux Herbes e indo soçobrar em Pen Bras, tripulação perdida com exceção do cão de bordo. A esse último anúncio seguiram-se murmúrios de satisfação ou desapontamento e um movimento parcial em direção ao Viking. O Pregoeiro já estava saltando para o chão e erguendo o seu estrado com um braço, a edição da noite estava encerrada. Adamsberg, um tanto desconcertado, voltou-se para Danglard para saber da sua opinião, mas Danglard, muito provavelmente, fora acabar de tomar o seu copo interrompido. Adamsberg encontrou-o encostado no balcão do Viking, com um ar sereno.

— Calvados excepcional, esse — comentou Danglard, apontando para o seu copinho. — Um dos melhores que já provei.

Uma mão tocou o ombro de Adamsberg. Ducouëdic lhe fez sinal para que o acompanhasse até a mesa do fundo.

— Já que o senhor está na vizinhança — disse ele —, é melhor que saiba que aqui ninguém, exceto o Pregoeiro, sabe o meu verdadeiro nome. O senhor compreende? Aqui, eu sou Decambrais.

— Só um instantinho — disse Adamsberg, escrevendo o nome no caderninho.

“Peste, Ducouëdic, cabelos brancos: Decambrais.”

— Eu vi o senhor anotando alguma coisa durante o pregão — disse Adamsberg, guardando o caderninho no bolso.

— Anúncio número 10. Sou candidato à aquisição das vagens. Encontram-se bons produtos por aqui, e baratos. Quanto ao “especial”...

— O “especial”?

— O anúncio do doido. Pela primeira vez, o nome da peste apareceu, embora mascarado: o “flagelo”. É uma de suas

denominações, existem muitas outras. Mortalidade, infecção, contágio, doença dos calombos, mal... As pessoas evitavam o verdadeiro nome, de tanto medo que tinham. O sujeito continua avançando. Ele quase citou seu nome, está chegando lá.

Uma jovem mulher loira, miúda, cabelos cacheados presos na nuca, aproximou-se de Decambrais e tocou-lhe timidamente o braço.

— Marie-Belle? — Disse ele.

A jovem ergueu-se na ponta dos pés e deu-lhe um beijo no rosto.

— Obrigada — disse ela, sorrindo. — Eu sabia que o senhor ia conseguir.

— Não foi nada, Marie-Belle — disse Decambrais, sorrindo também.

A jovem escapuliu com um aceno e saiu de braços dados com um sujeito alto, moreno, de cabelo até os ombros.

— Muito bonita — disse Adamsberg. — O que é que o senhor fez por ela?

— Consegui que o irmão dela vestisse um suéter e, acredite, não foi fácil. A próxima etapa, para novembro, é a jaqueta. Já estou trabalhando nesse sentido.

Adamsberg desistiu de entender, sentindo que penetravam nos meandros de uma vida de bairro que não lhe interessava.

— Outra coisa — disse Decambrais. — O senhor foi identificado. Havia pessoas na praça que já sabiam que o senhor é tira. Como é que conseguem — acrescentou, dando-lhe uma rápida olhada de alto a baixo —, isso eu não sei explicar.

— O Pregoeiro?

— Talvez.

— Não faz mal. Pode até ser bom.

— É o seu adjunto que está ali? — Perguntou Decambrais, indicando Danglard com o queixo.

— O capitão Danglard.

— Bertin, o normando grandalhão, dono do bar, está lhe explicando as virtudes de rejuvenescimento do calvados especial da casa. Pelo ritmo com que o seu capitão está obedecendo, daqui a

quinze minutos ele vai estar quinze anos mais jovem. Só estou observando o fato para deixá-lo de sobreaviso. Por experiência, é um calvados fora do comum, mas que deixa a gente inoperante por toda a manhã seguinte, no mínimo.

— Danglerd fica frequentemente inoperante a manhã toda.

— Ah, muito bem. Que ele saiba, de qualquer modo, que se trata de um calvados bastante peculiar. A gente não só fica inoperante, como fica quase retardado, abobado, um pouco feito lesma imersa na própria baba. Uma mutação espantosa.

— É doloroso?

— Não, é como estar de férias.

Decambrais despediu-se e saiu, preferindo não apertar a mão de um tira na frente de todos. Adamsberg continuou observando Danglerd retrocedendo no tempo e, lá pelas oito, sentou-o à mesa à força para fazê-lo ingerir algo sólido.

— Para quê? — Inquiriu Danglerd, digno e embaçado.

— Para ter o que vomitar esta noite. Senão, dá dor de barriga.

— Excelente ideia — disse Danglerd. — Comamos.

13

Adamsberg tomou um táxi para levar Danglard à porta de casa na saída do Viking, e depois pediu para ser deixado debaixo das janelas de Camille. Da calçada, avistava-se o janelão iluminado do ateliê que ela ocupava abaixo do telhado. Encostado no capô de um carro, ele se demorou alguns minutos fitando aquela luz, com as pálpebras cansadas. Aquele dia absurdo e laborioso se diluiria no corpo de Camille e logo só sobrariam farrapos daquele fantasma da peste, depois véus e transparências.

Galgou os sete andares e entrou sem fazer barulho. Quando Camille estava compondo, deixava a porta entreaberta para não ter de se interromper no meio de um compasso. Sentada diante do sintetizador, de fones de ouvido e mãos no teclado, Camille sorriu para ele e, com um sinal de cabeça, deu-lhe a entender que ainda não tinha terminado. Adamsberg ficou em pé, escutando as notas filtradas pelos fones, e esperou. Ela trabalhou mais uns dez minutos e então tirou os fones de ouvido e desligou o teclado.

— Filme de aventura? — Perguntou Adamsberg.

— Ficção científica — respondeu Camille, levantando-se. — Um seriado. Estou com seis episódios encomendados.

Camille acercou-se de Adamsberg, pôs um braço no seu ombro.

— Um cara aparece na Terra sem aviso prévio — explicou —, dotado de poderes paranormais, com a intenção de detonar todo mundo, não se sabe nem por quê. Essa pergunta não parece perturbar ninguém. Querer detonar não exige mais explicações do que querer beber. Ele quer detonar, só isso, é um ponto pacífico desde o início. Sinal característico do cara: ele não transpira.

— Eu também — disse Adamsberg. — Ficção científica. Estou só no início do primeiro episódio e não estou entendendo nada. Um

cara aparece na Terra com a intenção de detonar todo mundo. Sinal paranormal: ele fala latim.

No meio da noite, Adamsberg abriu os olhos a um leve movimento de Camille. Ela adormecera com a cabeça sobre a sua barriga, e ele a segurava com ambos os braços e ambas as pernas. Aquilo o intrigava, vagamente. Ele se soltou devagarinho para deixar algum espaço para ela.

14

O homem penetrou, quando caiu a noite, na curta alameda que levava à casa decrépita. Conhecia de cor o relevo dos pavimentos soltos e o polimento da velha porta de madeira em que deu cinco batidas.

— É você?

— Sou eu, Zinha. Abra.

Uma mulher velha, alta e gorda, conduziu-o de lanterna até a sala-cozinha. Não havia eletricidade na entrada pequena. Propusera inúmeras vezes à velha Zinha que mandasse reformar a casa e a tornasse mais confortável, mas ela rechaçava seus projetos com constante teimosia.

— Mais tarde, Arnaud — ela dizia. — Quando for o seu dinheiro. Estou pouco ligando para esse tal de conforto.

Então ela mostrava os pés, calçados com pesados mocassins pretos.

— Você sabe que idade eu tinha quando me compraram o meu primeiro par? Quatro anos. Até os quatro anos, andei de pés descalços.

— Eu sei, Zinha — dizia o homem. — Mas o telhado está com goteiras e isso apodrece o piso do sótão. Não quero que qualquer dia você acabe caindo lá de cima.

— É melhor você ir cuidar das suas coisas.

O homem sentou-se no sofá estampado com flores e Zinha trouxe vinho quente e um prato de *galettes*.

— Antes — disse Zinha, colocando o prato diante dele —, eu podia fazer *galettes* com a nata do leite. Mas não se encontra mais leite que faça nata. Acabou, não tem mais. Você pode deixar o leite fora uns dez dias, ele acaba azedando sem criar nem um pinguinho

de nata. Não é mais leite, é pura água. Sou obrigada a substituir por creme de leite. Sou obrigada, Arnaud.

— Eu sei, Zinha — disse Arnaud, enchendo os copos, que a velha escolhia meio grandes.

— Muda muito o gosto?

— Não, fica bom do mesmo jeito, juro. Não precisa se preocupar com esses bolinhos.

— Tem razão, basta de bobagem. Em que pé você está?

— Está tudo pronto.

Um sorriso duro abriu o rosto de Zinha.

— Quantas portas?

— Duzentas e cinquenta e três. Estou fazendo cada vez mais rápido. Estão muito bonitos, sabe, muito finos.

O sorriso da velha se fez mais largo ainda, mais doce.

— Você tem todos os dons, meu Arnaud, e você vai recuperar esses dons, eu juro para você sobre o Evangelho.

Arnaud sorriu também e encostou a cabeça no peito amplo e caído da velha senhora. Ela cheirava a perfume e azeite de oliva.

— Todos, meu Arnauzinho — ela repetiu, afagando-lhe os cabelos. — Eles todos vão empacotar, até o último, sozinhos, como bons meninos.

— Todos — disse Arnaud, apertando a mão dela com força.

A velha teve um sobressalto.

— Você está com o seu anel, Arnaud? O anel?

— Não se preocupe — disse ele, reerguendo-se —, só troquei ele de mão.

— Deixa eu ver.

Arnaud lhe deu a mão direita, ornada com um anel no dedo médio. Ela tocou de leve, com o polegar, o pequeno diamante que brilhava em sua palma. Depois retirou-o e o passou para a mão esquerda.

— Deixe ele na esquerda — ordenou — e não o tire nunca.

— Está bem. Não se preocupe.

— Na esquerda, Arnaud. No anular.

— Certo.

— Nós esperamos, esperamos durante anos. E esta noite, chegamos lá. Agradeço ao Senhor que me deixou viver para poder ver esta noite. E se Ele deixou, Arnaud, é porque Ele queria isso. Queria que eu estivesse aqui para que você pudesse cumprir.

— É verdade, Zinha.

— Vamos beber, Arnaud, à sua saúde.

A velha ergueu o copo e encostou-o no de Arnaud. Tomaram vários goles em silêncio, suas mãos ainda entrelaçadas.

— Basta de bobagem — disse Zinha. — Está tudo pronto mesmo? Você sabe o código para entrar no prédio, o andar? Eles são quantos?

— Ele mora sozinho.

— Vem cá, vou te dar o material, você não pode demorar muito. Faz dois dias que estou esfomeando elas, vão se jogar com tudo em cima dele. Ponha as luvas.

Arnaud acompanhou-a até a escada reta que levava ao sótão.

— Não vá cair, Zinha.

— Que nada. Faço essa manobra duas vezes por dia.

Zinha se alçou sem dificuldade até o sótão, onde ecoavam guinchos estridentes.

— Calma, meus pequenos — ordenou. — Alumie para mim, Arnaud, a da esquerda.

Arnaud focou a lanterna numa ampla gaiola em que pululavam cerca de vinte ratos.

— Olhe aquele ali, agonizando num canto. Vou ter outras novas até amanhã.

— Você tem certeza que estão infectadas?

— Carregadas até a boca. Você está duvidando da minha competência, por acaso? Na hora da grande noite?

— É claro que não. Mas achava melhor você pôr umas dez, em vez de cinco. Seria mais seguro.

— Se quiser, dá para pôr até quinze. Assim você vai poder dormir tranquilo.

A velha inclinou-se para juntar um saquinho de pano que estava no chão, junto à gaiola.

— Morreu de peste anteontem — disse ela, sacudindo o saco debaixo do nariz de Arnaud. — Vamos tirar as pulgas com pente fino e lá vamos nós. Alumie aqui.

Arnaud ficou olhando enquanto Zinha, na cozinha, se desdobrava em cima do cadáver do rato.

— Tome cuidado. E se elas te picarem?

— Não tem perigo, estou falando — resmungou Zinha. — Estou coberta de óleo da cabeça aos pés. Tá mais tranquilo?

Dez minutos depois, ela jogou o bicho na lixeira e estendeu um envelope grande para Arnaud.

— Vinte e duas pulgas — disse ela. — Isso lhe dá uma boa margem, está vendo?

Com cuidado, ele enfiou o envelope no bolso interno do paletó.

— Vou indo, Zinha.

— Abra ele de uma vez só, bem depressa, e passe por baixo da porta. E pode abrir sem medo. Você é o mestre.

A velha o abraçou rapidamente.

— Basta de bobagem — disse. — Agora é a sua vez de jogar; que o Senhor te guarde e tome tento com os tiras.

Adamsberg entrou na Brigada por volta das nove horas da manhã. O sábado era um dia morto, de efetivo reduzido, e o ruído das furadeiras silenciara. Danglard não estava, decerto que pagando um alto preço pela cura de rejuvenescimento empreendida no Viking. Quanto a ele, só guardava da véspera aquela sensação particular das noites passadas junto de Camille, uma languidez nos músculos das coxas e das costas que o acompanharia até as duas horas, mais ou menos, como um eco de veludo abrigado em seu corpo. Depois, iria embora.

Passou a manhã fazendo nova ronda telefônica pelas delegacias dos distritos. Nada a assinalar, nenhuma morte suspeita nos prédios marcados com 4. Em compensação, tinham sido registradas mais três queixas por depredação, nos 1º, 16º e 17º distritos. Os mesmos 4, a mesma assinatura de três letras, CLT. Ele concluiu o circuito ligando para Breuil, no Quai des Orfèvres.

Breuil era um sujeito simpático e complexo, um esteta irônico e cozinheiro talentoso, qualidades que não o levavam a julgar precipitadamente o próximo. No Quai, onde a nomeação de Adamsberg para a chefia de uma das seções de homicídios provocara brados notáveis, em razão de sua indolência, sua indumentária e seus enigmáticos sucessos profissionais, Breuil era um dos poucos que aceitava Adamsberg como ele era, sem nunca tentar normalizá-lo. Uma tolerância tanto mais preciosa por ele ocupar um cargo influente na Chefatura de Polícia.

— Caso ocorra algum problema num desses prédios — resumiu Adamsberg —, faça o favor de me passar a notícia. Faz vários dias que estou mexendo com isso.

— Quer dizer, dar a vez para você?

— É isso.

— Conte comigo — disse Breuil. — Mas no seu lugar, eu não me impressionaria muito. Os caras que operam por tabela, tipo esse seu pintor de domingo, em geral são impotentes.

— Eu me impressiono assim mesmo. E fico de olho.

— Acabaram de colocar as grades, por aí?

— Mais duas janelas.

— Venha jantar comigo uma noite dessas. Uma musse de aspargo com mandioquinha-salsa, você vai se surpreender. Até você.

Adamsberg desligou, sorrindo, e saiu para almoçar com as mãos nos bolsos. Andou durante quase três horas sob um céu de setembro meio cinzento e voltou para a Brigada no meio da tarde.

Um agente desconhecido se levantou ao vê-lo aproximar-se.

— Cabo Lamarre — foi logo anunciando o homem, torcendo um botão do paletó, o olhar mirando a parede em frente. — Uma chamada para o senhor às treze e quarenta e um. Um certo Hervé Decambrais desejava um retorno no número indicado — concluiu, estendendo um bilhete.

Adamsberg examinou Lamarre, procurando cruzar o olhar com o dele. O maltratado botão caiu no chão, mas o homem se manteve ereto, com os braços caídos ao longo do corpo. Alguma coisa na sua estatura grande, seus pelos loiros, seu olhar azul, evocava o dono do Viking.

— Você é normando, Lamarre? — Perguntou Adamsberg.

— Afirmativo, delegado. Nascido em Granville.

— Você vem da gendarmaria?

— Afirmativo, delegado. Fiz os concursos para ser transferido para a capital.

— Pode pegar seu botão, cabo — sugeriu Adamsberg —, e pode voltar a se sentar.

Lamarre obedeceu.

— E pode tentar olhar para mim. Nos meus olhos.

Um certo pânico contraiu o rosto do cabo, cujo olhar permaneceu obstinadamente apontado para a parede.

— É para o trabalho — explicou Adamsberg. — Faça um esforço. O homem voltou lentamente o rosto.

— Está bem assim — deteve-o Adamsberg. — Não se mexa. Concentre-se nos olhos. Aqui, cabo, você está com os tiras. A seção de homicídios requer mais discrição, naturalidade e humanidade que qualquer outra. Você terá de se esgueirar, ficar de tocaia, interrogar, seguir sem ser visto, tranquilizar, e também enxugar lágrimas. Assim desse jeito, espetado feito um dois de paus, dá para identificar você de longe. Você vai ter que ir se soltando, e isso não acontece de um dia para o outro. Primeiro exercício: olhe para os outros.

— Pois não, delegado.

— Nos olhos, não na testa.

— Sim, delegado.

Adamsberg abriu o seu caderninho e anotou no ato: “Viking, botão, reto contra a parede: Lamarre”.

Decambrais atendeu na primeira chamada.

— Achei melhor avisar, delegado, que o nosso homem acaba de dobrar o cabo.

— Ou seja?

— O mais simples é eu ler para o senhor os especiais da manhã e do meio-dia. Está preparado?

— Estou preparado.

— O primeiro é a continuação do diário daquele inglês.

— Sepys.

— Pepys, delegado. “Hoje, bem contra a minha vontade, avistei duas ou três casas com uma cruz vermelha na porta e a inscrição: ‘Deus tenha piedade de nós’. Triste cena, a primeira que vejo no gênero, se bem me lembro.”

— As coisas não estão melhorando nada.

— É o mínimo que se pode dizer. A cruz vermelha assinalava as portas das casas infectadas para que os transeuntes se afastassem. Pepys, portanto, acaba de cruzar com seus primeiros pestíferos. Na verdade, fazia tempo que a doença estava latente nas periferias, mas Pepys, em segurança na cidade dos ricos, ainda não estava informado.

— E a segunda mensagem? — Interrompeu Adamsberg.

— Mais grave ainda. Vou ler para o senhor.

— Devagar — pediu Adamsberg.

— “Em *17 de agosto*, falsos rumores precedem o mal, muitos tremem, um bom número, porém, espera pelas explicações do famoso médico que é Rainssant. Esforços vão: em *14 de setembro*, a peste entrou na cidade. Acometeu primeiramente o *bairro Rousseau*, onde, um depois do outro, corpos mortos manifestam sua presença.” Quero observar, já que o senhor não está com o papel diante dos olhos, que o texto está constelado de reticências. O sujeito é um maníaco, não suporta cortar a frase original sem indicar. Além disso, “17 de agosto”, “14 de setembro” e “bairro Rousseau” estão digitados num tipo diferente. Ele certamente modificou os locais e datas originais do texto e está destacando essas deformações mudando a fonte. Na minha opinião.

— E hoje é 14 de setembro, não é? — Perguntou Adamsberg, que nunca sabia direito em que dia se estava.

— Exatamente. De modo que esse doido está muito simplesmente nos anunciando que a peste entrou hoje em Paris, e que matou alguém.

— Na rue Jean-Jacques Rousseau.

— O senhor acha que é o local visado?

— Tenho um prédio marcado com 4 nessa rua.

— Que 4?

Adamsberg julgou que Decambrais estava suficientemente envolvido no caso para ser informado sobre a outra frente de atuação do seu anunciante. Observou de passagem que, instruído como era, Decambrais parecia ignorar o significado dos 4, tanto quanto o erudito Danglard. O talismã, portanto, não era muito conhecido e o sujeito que o utilizava devia ser tremendamente culto.

— Seja como for — concluiu Adamsberg —, o senhor pode dar seguimento ao caso sem mim, a título documental para as suas *coisas da vida*. Vai ser uma bela peça para a sua coleção, e também para os anais do Pregoeiro. Mas no que se refere ao risco criminal, creio que podemos esquecer. O sujeito saiu por outra

tangente, puramente simbólica, como diria o meu adjunto. Pois não aconteceu nada esta noite na rue Jean-Jacques Rousseau, nem nos outros prédios implicados. Em compensação, nosso homem continua pintando. Uma hora ele acaba cansando.

— Melhor assim — disse Decambrais depois de um silêncio. — Deixe-me dizer que fiquei muito feliz por conhecê-lo mais de perto, e me perdoe se o fiz perder tempo.

— Pelo contrário. Sei dar ao tempo perdido o seu justo valor.

Adamsberg desligou e decidiu que o seu sábado estava encerrado. O livro de ocorrências não mostrava nada que não pudesse esperar pela segunda-feira. Antes de deixar a sala, consultou o caderninho, de modo a estar preparado para cumprimentar o gendarme de Granville pelo nome.

Na rua, o Sol tornava a apontar em meio às nuvens atenuadas e a cidade recobrava um ar estival um tanto indolente. Ele tirou o paletó, jogou-o por cima do ombro e se foi devagar em direção ao rio. Parecia-lhe que os parisienses esqueciam que tinham um rio. Por mais emporcalhado que fosse, o Sena era para ele um refúgio, com seu movimento pesado, seu cheiro de roupa molhada e seus gritos de pássaros.

Dirigindo-se calmamente para ele pelas ruas menores, refletiu que tinha sido melhor Danglard ficar curtindo o calvados em casa. Era melhor enterrar o caso dos 4 sem testemunha. Danglard estava certo. Artista intervencionista ou maníaco simbolista, o doido dos 4 andava à solta num universo que não lhes dizia respeito. Adamsberg perdera a aposta, estava pouco ligando e era melhor assim. Não colocava nenhum orgulho nesses enfrentamentos com seu adjunto, porém apreciava que o abandono tivesse se dado na solidão. Segunda, diria que tinha se enganado e que os 4 iam se juntar, no anedotário, às fileiras das joaninhas gigantes de Nanteuil. Quem lhe contara essa história? O fotógrafo, o sujeito com sardas. Como ele se chamava? Já não lembrava mais.

16

Na segunda-feira, Adamsberg comunicou a Danglard o fim do caso dos 4. Homem educado, Danglard não se permitiu nenhum comentário e limitou-se a assentir.

Na terça, às duas e quinze da tarde, um chamado da delegacia do 1º distrito notificou-lhe a descoberta de um cadáver, à rue Jean-Jacques Rousseau, número 117.

Adamsberg pôs o fone no gancho com extrema lentidão, como se faz no meio da noite quando não se quer acordar ninguém. Só que era dia claro. E ele não estava tentando preservar o sono dos outros, estava era querendo dormir, mergulhar silenciosamente no vácuo. Ele conhecia esses momentos em que sua própria natureza o preocupava a ponto de ele rezar para algum dia encontrar um refúgio de beatitude e impotência, onde se encolheria para nunca mais sair. Aqueles momentos em que ele tivera razão a despeito de qualquer razão não eram os melhores para ele. Eles o oprimiam brevemente, como se de repente sentisse pesar sobre si o peso de um dom pernicioso, concedido ao nascer por uma fada malvada e gagá que teria, sobre o seu berço, pronunciado as seguintes palavras: “Como não fui convidada para este batizado” — o que não era de surpreender, já que seus pais, pobres como Jó, tinham festejado o seu nascimento sozinhos, no meio dos Pireneus, embrulhando-o num bom cobertor —, “como não fui convidada para este batizado, concedo a esta criança o dom de pressentir a sujeira onde os outros ainda não a tiverem enxergado.” Ou qualquer coisa do gênero, dito de forma melhor, pois a fada malvada não era a última das iletradas, de jeito nenhum, nem uma figura mal-educada.

Aqueles momentos de mal-estar duravam pouco. De um lado, porque Adamsberg não tinha a menor intenção de se encolher num

canto, visto que precisava andar durante uma metade do dia e ficar de pé durante a outra metade e, de outro, porque não julgava possuir nenhuma espécie de dom. O que ele pressentira quando apareceram os 4 não passava, afinal, de algo muito lógico, mesmo que aquela lógica não tivesse a bela legibilidade da lógica de Danglard, mesmo que ele fosse incapaz de apresentar suas impalpáveis engrenagens. O que lhe parecia evidente era que aqueles 4 tinham sido desde o início concebidos como ameaça, tão claramente como se seu autor tivesse escrito nas portas: "Estou aqui. Olhem para mim e tomem cuidado." Era evidente que a ameaça tomara vulto quando Decambrais e Le Guern tinham vindo comunicar-lhe que um anunciador da peste vinha investindo desde a mesma data. Era evidente que o homem se comprazia numa tragédia que ele próprio orquestrava. Era evidente que ele não ia parar no meio do caminho, evidente que aquela morte anunciada com tanta precisão melodramática podia redundar num cadáver. Lógico, tão lógico que Decambrais receara isso tanto quanto ele.

Não perturbava Adamsberg a monstruosa encenação do autor, sua grandiloquência, sua complexidade até. Em sua estranheza, ela tinha algo de quase clássico, exemplar para um tipo raro de assassino, atormentado por um orgulho monumental e ultrajado, que se alçava num pedestal na medida de sua humilhação e de sua ambição. Mais obscuro, incompreensível até, era o recurso à antiga figura da peste.

O delegado do 1º distrito fora taxativo: de acordo com as primeiras informações, passadas pelos oficiais que tinham descoberto o corpo, o cadáver estava preto.

— Estamos saindo, Danglard — disse Adamsberg, passando diante da sala do seu adjunto. — Reúna a equipe de urgência, temos um corpo. O legista e os técnicos já estão a caminho.

Naquelas horas, Adamsberg sabia ser relativamente rápido, e Danglard não tardou a reunir os homens e segui-lo, sem ter ouvido uma só palavra de explicação.

O delegado deixou os dois tenentes e o cabo se instalarem no carro, atrás, enquanto segurava Danglard pelo pano da manga.

— Um momento, Danglard. É melhor não preocupar esses caras antes do tempo.

— Justin, Voisenet e Kernorkian — disse Danglard.

— O fruto caiu. O corpo está na rue Jean-Jacques Rousseau. O prédio estava com as portas recentemente marcadas com dez 4 invertidos.

— Droga — disse Danglard.

— É um homem de uns trinta anos, branco.

— Por que você está dizendo “branco”?

— Porque o corpo está preto. A pele está preta, escura. A língua também.

Danglard franziu a testa.

— A peste — disse ele. — A “Morte Negra”.

— Isso mesmo. Mas não acredito que esse homem tenha morrido de peste.

— O que lhe dá tanta certeza?

Adamsberg fez um movimento com os ombros.

— Não sei. Excessivo demais. Faz um tempão que não existe mais peste na França.

— Sempre dá para inocular.

— Mas seria preciso obtê-la.

— É muito possível. Os institutos de pesquisa estão repletos de yersinioses, em Paris mesmo, e sabe-se onde. Nesses recantos secretos, o combate continua. Um sujeito hábil e bem-informado poderia ir se servir.

— Como assim, yersinioses?

— É o nome de família. Sobrenome, nome: *Yersinia pestis*. Qualidade: bacilo pestilento. Profissão: *historial killer*. Número de vítimas: várias dezenas de milhões. Motivo: castigo.

— Castigo — murmurou Adamsberg. — Tem certeza?

— Durante mil anos, ninguém teve a menor dúvida de que a peste tinha sido enviada à Terra por Deus em pessoa, como punição por nossos pecados.

— Vou lhe dizer uma coisa, eu é que não gostaria de cruzar com Deus numa esquina, de noite, no escuro. É verdade o que você está dizendo, Danglard?

— Verdade. Ela é o *flagelo de Deus* por excelência. Imagine só um cara passeando por aí com isso no bolso, pode ser explosivo.

— E se não for isso, Danglard, se quiserem apenas fazer a gente acreditar que um cara está carregando o flagelo de Deus dentro do bolso, é catastrófico. Basta surgir um boato para ele se espalhar como fogo no mato. Risco de psicose coletiva à vista, imensa como uma montanha.

Do carro, Adamsberg chamou a Brigada.

— Brigada Criminal, tenente Noël — declarou uma voz seca.

— Noël, leve um homem com você, alguém discreto, ou melhor, leve aquela mulher, a morena, meio contida...

— A tenente Hélène Froissy, delegado?

— Isso mesmo, e vão para o cruzamento do Edgar-Quinet com a Delambre. Verifique, de longe, se um certo Decambrais está em casa, na esquina da rue de la Gaîté, e fiquem no local até a hora do pregão da tarde.

— Pregão?

— Você vai entender. Um cara trepado num caixote, lá pelas seis e pouco. Fiquem por lá até alguém ir substituir vocês e abram bem os olhos para tudo o que aparecer. Para o público do Pregoeiro, principalmente. Volto a fazer contato.

Os cinco homens subiram até o quinto andar, onde os esperava o delegado do 1º distrito. As portas tinham sido limpas em todos os andares, mas dava para perceber facilmente os amplos traços pretos deixados pela pintura recente.

— Delegado Devillard — soprou Danglard para Adamsberg quando estavam para chegar ao último andar.

— Obrigado — disse Adamsberg.

— Dizem que é você que está assumindo o caso, Adamsberg — disse Devillard ao lhe apertar a mão. — Acabo de falar com o Quai.

— Estou — disse Adamsberg. — Eu já vinha acompanhando esse caso antes de ele surgir.

— Perfeito — disse Devillard, que estava com um ar exausto. — Estou com um roubo de vídeos nas mãos, coisa séria, e uns trinta

carros arrombados no meu setor. Estou com a minha cota da semana para lá de preenchida. Então, você sabe quem é?

— Não sei nada, Devillard.

Enquanto isso, Adamsberg empurrava a porta do apartamento para examiná-la de frente. Estava limpa, sem nenhum vestígio de pintura.

— René Laurion, solteiro — disse Devillard, consultando suas primeiras anotações —, trinta e dois anos, garagista. Nos conformes, sem ficha policial. Foi a faxineira que encontrou o corpo, ela vem uma manhã por semana, às terças.

— Que falta de sorte — disse Adamsberg.

— Pois é. Teve uma crise de nervos, a filha veio buscá-la.

Devillard lhe entregou uma pilha de anotações e Adamsberg agradeceu com um gesto. Aproximou-se do corpo e o grupo de técnicos afastou-se para que ele pudesse olhar. O homem estava nu, virado de costas, os braços em cruz, e sua pele trazia umas dez manchas largas de um preto fuligem, nas coxas, no torso, num braço, no rosto. Sua língua estava puxada para fora da boca, igualmente preta. Adamsberg pôs-se de joelhos.

— É de mentira, não é? — Perguntou ao médico legista.

— Não brinque comigo, delegado — respondeu secamente o médico. — Ainda não examinei o corpo, mas esse sujeito está morto, bem morto, faz algumas horas. Estrangulado, pelo que estou vendo no pescoço, por baixo da camada de preto.

— Sim — disse Adamsberg brandamente —, não foi isso que eu quis dizer.

Ele juntou um pouco do pó preto que se espalhara pelo chão, esfregou-o entre os dedos e limpou os dedos na calça.

— Carvão — murmurou. — Passaram carvão no cara.

— É o que parece — disse um dos técnicos.

Adamsberg deu uma olhada em volta.

— Onde está a roupa dele? — Perguntou.

— Dobrada direitinho, no quarto — respondeu Devillard. — Os sapatos estão guardados embaixo da cadeira.

— Nada quebrado? Nenhuma infração?

— Não. Ou Laurion abriu a porta para o assassino, ou o cara arrombou a fechadura de mansinho. Acho que estão considerando a segunda hipótese. Se for assim, vai nos facilitar as coisas.

— Um especialista, é?

— Exatamente. Abrir fechaduras com arte não se aprende na escola. O cara decerto esteve no xadrez, por um período meio longo, com tempo para se educar. Nesse caso, vai estar fichado. Se tiver deixado a menor impressão digital, você põe as mãos nele num vapt-vupt. É o que tenho de melhor para lhe desejar, Adamsberg.

Três técnicos atarefavam-se em silêncio, um junto ao morto, outro na fechadura e o terceiro em todos os elementos da mobília. Adamsberg deu lentamente a volta na sala, depois visitou o banheiro, a cozinha, o quarto, pequeno e ordenado. Vestira as luvas e ia abrindo mecanicamente a porta do armário, a mesa de cabeceira, as gavetas da cômoda, da escrivaninha, do aparador. Na mesa da cozinha, único setor em que reinava alguma desordem, deteve-se num envelope grande, cor de marfim, atravessado sobre uma pilha de cartas e jornais. Fora aberto com um corte preciso. Ficou olhando muito tempo para ele, sem tocar, esperando que a imagem viesse, por ordem sua, da memória. Ela não estava longe, era questão de um ou dois minutos. Se, de um lado, a memória de Adamsberg era inapta para registrar corretamente os nomes próprios, os títulos, as marcas, a ortografia, a sintaxe e tudo o que se relacionava à escrita, por outro ela se superava em matéria de imagens. Adamsberg era um visual superdotado que captava na íntegra o espetáculo da vida, desde a luminosidade das nuvens até o botão que faltava na manga de Devillard. A imagem se reconstituiu, bem nítida. Decambrais na Brigada, sentado na frente dele, tirando o maço dos “especiais” de dentro de um grosso envelope marfim, com formato maior que a média, forrado com um papel de seda cinza-claro. Era um envelope igual ao que ele tinha diante dos olhos, sobre a pilha de jornais. Fez um sinal para o fotógrafo, que bateu umas chapas enquanto Adamsberg folheava o caderninho procurando o nome dele.

— Obrigado, Barteneau — disse.

Pegou o envelope e o abriu. Estava vazio. Passou em revista a pilha de correspondência recente e verificou cada um dos demais envelopes, todos abertos com o dedo e ainda com o conteúdo dentro. Na lixeira, em meio aos dejetos datando de no mínimo três dias, dois envelopes rasgados e várias folhas amassadas, mas nenhuma com formato correspondente ao envelope vazio. Ele se ergueu e passou as luvas na água, pensativo. Por que é que o homem guardara um envelope vazio? E por que não o tinha aberto com o dedo, rapidinho, como os outros todos?

Voltou para a sala principal, onde os técnicos tinham terminado seu trabalho.

— Posso ir embora, delegado? — Perguntou o médico-legista, hesitando entre Devillard e Adamsberg.

— Pode — respondeu Devillard.

Adamsberg enfiou o envelope num saco plástico e o entregou a um dos tenentes.

— Isso vai junto com o resto para o laboratório — disse. — Indicação especial, urgente.

Saiu do prédio uma hora mais tarde, com o corpo, deixando no local dois oficiais para interrogar os moradores.

Às cinco horas da tarde, vinte e três agentes da Brigada estavam reunidos em volta de Adamsberg, instalados em cadeiras alinhadas em meio ao entulho. Só faltavam Noël e Froissy que vigiavam a place Edgar-Quinet, e os dois oficiais em serviço na rue Jean-Jacques Rousseau.

Adamsberg, em pé, afixava um grande mapa de Paris na parede recém-pintada. Em silêncio, consultando a lista que tinha em mãos, assinalou com largos alfinetes vermelhos os catorze prédios já marcados com 4 e, com verde, o décimo quinto, onde ocorrera o assassinato.

— Dia 17 de agosto — disse Adamsberg —, aparece na Terra um cara que tem a intenção de detonar pessoas. Vamos chamá-lo de CLT. CLT não se atira com tudo na garganta do primeiro que aparece. Ele passa antes por uma fase preparatória que lhe toma quase um mês, fase essa que, por sua vez, foi decerto planejada com muita antecedência. Ele ataca em duas frentes simultaneamente. Primeira frente: seleciona, em Paris, prédios em que pinta, à noite, algarismos pretos nas portas dos apartamentos.

Adamsberg ligou um projetor, e a imagem do grande 4 invertido apareceu na parede branca.

— É um 4 bem específico, invertido em espelho lateral, com base alargada e cortada por dois traços. Essas particularidades todas se encontram em cada um dos desenhos. Embaixo, à direita, ele acrescenta as três letras maiúsculas: CLT. Ao contrário do desenho do 4, as letras são simples, sem floreios. Ele reproduz essa figura em todas as portas do prédio, *menos uma*. A escolha dessa porta poupada é aleatória. Os critérios de seleção dos prédios parecem igualmente casuais. Localizam-se em onze diferentes distritos, em grandes avenidas como em ruas discretas. Os números

dos prédios variam, pares e ímpares, os próprios prédios pertencem a todos os estilos, de todas as épocas, são abastados ou míseros. É de imaginar que CLT incluiu propositadamente, na sua amostra, a máxima variedade. Como se quisesse indicar com isso que pode atingir todo mundo, que ninguém lhe escapa.

— E os moradores? — perguntou um tenente.

— Mais tarde — disse Adamsberg. — O significado desse 4 invertido foi decodificado com absoluta certeza: trata-se de um algarismo usado antigamente como talismã para proteção contra as investidas da peste.

— Que peste? — perguntou uma voz.

Adamsberg identificou facilmente as sobranceiras do cabo.

— A peste, Favre. Não há tantas assim. Danglard, por favor, um apanhado em três frases.

— A peste desembarcou no Ocidente em 1347 — disse Danglard. — Em cinco anos, devastou a Europa, de Nápoles a Moscovo, deixando trinta milhões de mortos. Esse episódio pavoroso da história dos homens é chamado de “Morte Negra”. É importante para a investigação conhecer essa designação. Originada...

— Três frases, Danglard — interrompeu Adamsberg.

— Depois disso, ela ressurgiu periodicamente, mais ou menos a cada dez anos, devastando regiões inteiras, e só desaparece, finalmente, no século XVIII. Não mencionei a alta Idade Média, nem os tempos contemporâneos, nem o Oriente.

— Perfeito, não mencione mais nada. É o suficiente para saber do que estamos falando. Da peste histórica, aquela que mata um homem entre cinco e dez dias.

Um murmúrio geral seguiu-se a essa declaração. Adamsberg, com as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada para o chão, esperou que a reação se acalmasse.

— O homem da rue Jean-Jacques Rousseau morreu de peste? — Inquiriu uma voz insegura.

— Estou chegando lá. Segunda frente: também em 17 de agosto, CLT solta o seu primeiro anúncio em praça pública. Escolhe o cruzamento do Edgar-Quinet com a Delambre, onde um sujeito reinventou, com algum sucesso, a profissão de pregoeiro público.

Um braço se ergueu à sua direita.

— Isso consiste no quê?

— O sujeito deixa uma urna pendurada numa árvore, dia e noite, e as pessoas depositam ali mensagens a serem lidas, imagino que em troca de uma pequena remuneração. Três vezes ao dia, o Pregoeiro esvazia a caixa e apregoa.

— É completamente ridículo — disse uma voz.

— Pode ser, mas funciona — disse Adamsberg. — Não é mais ridículo vender palavras do que vender flores.

— Ou ser tira — disse uma voz à esquerda.

Adamsberg identificou o oficial que acabava de falar, um baixinho de cabelo grisalho, quase calvo, todo sorrisos.

— Ou ser tira — confirmou Adamsberg. — As mensagens de CLT são incompreensíveis para o grande público, ou para o público simplesmente. Trata-se de excertos curtos tirados de livros antigos, redigidos em francês ou até em latim, colocados na urna dentro de grandes envelopes marfim. Esses textos são impressos em impressora. No local, um sujeito versado em livros antigos preocupou-se o bastante para tentar entender o que era aquilo.

— O nome dele? Profissão? — Perguntou um tenente, bloco de anotações aberto sobre os joelhos.

Adamsberg hesitou um instante.

— Decambrais — disse ele. — Aposentado e conselheiro em coisas da vida.

— São todos malucos nessa praça? — Perguntou outro.

— É possível — disse Adamsberg. — Mas trata-se de um efeito de óptica. Enquanto se olha de longe, tudo parece estar sempre em ordem. Assim que a gente se aproxima e tem tempo de observar os detalhes, percebe que todo mundo é mais ou menos maluco, nessa praça ou em outra, em qualquer lugar e dentro desta brigada.

— Não concordo — protestou Favre, num tom alto. — Tem que ser muito doente para ficar gritando bobagens numa praça. O cara que vá dar uma rapidinha para limpar as meninges. Na rue de la Gaîté é só pagar trezentos paus e aquilo se abre sozinho.

Houve algumas risadas, Adamsberg varreu o grupo com um olhar sereno, apagando os risos à medida que passava, e deteve-se

no cabo.

— Eu estava dizendo, Favre, que há malucos nesta brigada.

— Peraí, delegado — começou Favre, levantando-se de súbito, as faces vermelhas.

— Cale a boca — disse bruscamente Adamsberg.

Espantado, Favre sentou-se de súbito, como que chocado pelo impacto. Adamsberg esperou vários segundos em silêncio, braços cruzados.

— Já lhe pedi para raciocinar uma vez, Favre — disse ele, mais calmamente. — Estou pedindo pela segunda vez. Você necessariamente tem um cérebro, procure. Caso não encontre, vá dar suas derrapadas longe das minhas vistas e fora desta brigada.

Adamsberg em seguida desinteressou-se de Favre, contemplou o grande mapa de Paris e retomou:

— Esse Decambrais conseguiu identificar o sentido das mensagens colocadas por CLT. São todas tiradas de antigos tratados sobre a peste e de um diário que a relata. Durante um mês, CLT se ateve à descrição dos sinais precursores do mal. Depois, acelerou a marcha e declarou a entrada da peste na cidade, no último sábado, no “bairro Rousseau”. Três dias depois, ou seja, hoje, descobre-se este primeiro corpo num prédio marcado com o 4. A vítima é um jovem garagista, solteiro, honesto, sem ficha policial. O corpo está nu e a pele do cadáver está coberta de manchas pretas.

— A “Morte Negra” — disse uma voz, a mesma que antes se preocupara com a causa do óbito.

Adamsberg identificou um jovem tímido, com feições ainda arredondadas, olhos verdes bem grandes. Uma mulher ao seu lado levantou-se, rosto maciço, descontente.

— Delegado — disse ela —, a peste é uma doença terrivelmente contagiosa. Nada nos prova que este homem não morreu de peste. Mas o senhor levou quatro agentes ao local, sem nem esperar pelo relatório do legista.

Adamsberg apoiou o queixo no punho, pensativo. Aquela reunião informativa extraordinária estava assumindo um ar de tomada de contato iniciática, com passes de armas e provocações experimentais.

— A peste — disse Adamsberg — não se pega por contato. Trata-se de uma doença dos roedores, especialmente ratos, transmitida ao homem pela picada das pulgas infectadas.

Adamsberg tinha tirado essa ciência recente do dicionário que consultara ainda naquele dia.

— Quando levei os quatro homens — prosseguiu —, já era certo que a vítima não tinha morrido de peste.

— Por quê? — Perguntou a mulher.

Danglard veio em socorro do delegado.

— O anúncio da chegada da peste foi lançado pelo Pregoeiro no sábado — disse ele. — Laurion morreu na noite de segunda para terça, três dias depois. Sabe-se que, após a inoculação do bacilo, o prazo mínimo da morte por peste é de cinco dias, salvo raríssimas exceções. Estava excluído, portanto, deparar-nos com um autêntico caso de peste.

— Por que não? Ele poderia ter sido inoculado antes.

— Não. CLT é um maníaco. E os maníacos não podem trapacear. Se ele anunciou sábado, inocula no sábado.

— Pode ser — disse a mulher, voltando a sentar-se, um pouco mais calma.

— O garagista foi estrangulado — retomou Adamsberg. — Seu corpo foi enegrecido a posteriori com carvão de lenha, decerto para evocar os sintomas e o nome da doença. CLT, portanto, não está de posse do bacilo. Não se trata de um laboratorista iluminado andando por aí com uma seringa na sacola. O homem atua simbolicamente. Mas é evidente que acredita nisso e se acha muito capaz. A porta do apartamento da vítima não ostentava nenhum 4. Lembrem-se de que esses 4 não são ameaça, mas *proteção*. Portanto, só aquele cuja porta permanece virgem estará exposto, CLT seleciona sua vítima de antemão e salvaguarda os outros moradores do prédio com seus desenhos. Esse cuidado para poupar os outros demonstra que CLT está convencido de que está espalhando uma autêntica peste contagiosa. Ele, portanto, não investe às cegas: mata um só e preocupa-se em preservar os outros, aqueles que, a seus olhos, não merecem o flagelo.

— Ele pensa que está passando a peste enquanto estrangula? — Perguntou o homem da direita. — Se ele é capaz de enganar a si mesmo a esse ponto, estamos lidando com um verdadeiro esquizofrênico, não é?

— Não necessariamente — disse Adamsberg. — CLT manipula um universo imaginário que faz sentido para ele. Não é tão raro assim: uma quantidade de gente acredita que é possível ler o futuro em cartas de baralho ou borra de café. Lá, em todo lugar, na rua aqui em frente ou dentro desta brigada. Qual é a diferença? Outras pessoas penduram uma Virgem acima da cama, convencidas de que a estatueta, feita por mão humana e comprada por sessenta e nove francos, vai realmente protegê-las. Falam com a estatueta, contam histórias para ela. Qual é a diferença? Tenente, o limite entre a ideia de real e o real depende do ponto de vista, da pessoa, da cultura.

— Mas — interrompeu o oficial de cabelos grisalhos — existem outras pessoas visadas? Todas aquelas cujas portas ficaram intocadas estarão expostas à mesma sorte de Laurion?

— Teme-se que sim. Esta noite, serão colocados reforços de proteção diante das catorze portas virgens dos prédios marcados. Mas não conhecemos todos os prédios envolvidos, só aqueles com queixa registrada. Deve haver outros vinte em Paris, talvez mais.

— Por que não lançamos um apelo? — Perguntou a mulher. — Para avisar as pessoas?

— É esta a questão. Um apelo pode desencadear um pânico coletivo.

— Falando apenas nos 4 — sugeriu o homem de cabelos grisalhos. — Não é preciso passar mais informações.

— Vai acabar vazando, de um jeito ou de outro — disse Adamsberg. — E se não vazar, CLT vai se encarregar de abrir as comportas do medo. É o que ele vem fazendo desde o começo. Se escolheu o Pregoeiro, é porque não dispunha de nada melhor. Essas mensagens pretensiosas teriam ido parar no lixo assim que chegassem aos jornais. Ele então iniciou de um modo mais modesto. Se falarem sobre isso na mídia hoje à noite, vão estar abrindo uma via régia para ele. Mas, de qualquer maneira, é uma

questão de dias. Ele mesmo vai acabar abrindo. Se ele prosseguir, se seguir matando, se espalhar sua morte negra, não vamos escapar da psicose coletiva.

— O que o senhor decide, delegado? — Perguntou Favre, em voz baixa.

— Salvar vidas. Vamos divulgar um comunicado solicitando aos moradores dos prédios marcados que avisem as delegacias.

Um burburinho geral expressou o acordo unânime dos membros da Brigada. Neste final de tarde, Adamsberg se sentia cansado, porque muito tira. Gostaria de poder dizer, simplesmente, “Ao trabalho, e cada um que se vire”. Em vez disso, tinha de expor os fatos, ordenar as perguntas, definir a investigação, orientar as tarefas. Dentro de certa ordem e com certa autoridade. Viu-se fugazmente correndo, criança, nas trilhas das montanhas, nu sob o sol, e se perguntou o que estava fazendo ali, explicando as coisas para vinte e três adultos que o seguiam com os olhos como se fosse um pêndulo.

Ele lembrava, sim, o que estava fazendo ali. Um sujeito estava estrangulando os outros, e ele estava atrás dele. Era o seu trabalho, impedir certos caras de detonar o mundo.

— Primeiros objetivos — resumiu Adamsberg, endireitando-se. — Um, proteger as vítimas em potencial. Dois, traçar o perfil dessas vítimas e pesquisar todo tipo de relação entre elas: família, faixa etária, sexo, categoria socioprofissional, a rotina toda. Três, vigiar a place Edgar-Quinet. Quatro, nem é preciso dizer, procurar o assassino.

Adamsberg deu, bem devagar, umas voltas pela sala antes de retomar.

— O que se sabe sobre ele? Talvez seja uma mulher, não podemos descartar essa possibilidade. Tendo a pensar que é um homem. Essa exibição literária, essa ostentação evoca um orgulho masculino, uma vontade de aparecer, a necessidade de uma demonstração de força. Se o estrangulamento for confirmado, poderemos apostar num homem com pouco risco de errar. Um homem muito instruído, ou mesmo extremamente instruído, um letrado. Em boas condições financeiras, já que possui um

computador e uma impressora. Gostos luxuosos, quem sabe. Os envelopes que ele usa são fora do padrão, e caros. Tem talento para desenho, é caprichoso, meticuloso. Obcecado, sem dúvida. Temeroso, portanto, e supersticioso. Finalmente, pode ser um ex-detento. Se o laboratório confirmar que a fechadura foi forçada, vamos ter que cavar por esse lado. Passar em revista os presos com iniciais CLT, se é que se trata mesmo da assinatura dele. Em suma, não sabemos nada.

— E a peste? Por que a peste?

— Quando compreendermos isso, então saberemos.

O grupo se dispersou num arrastar de cadeiras.

— Distribua as tarefas, Danglard, vou caminhar uns vinte minutos.

— Preparo o comunicado?

— Por favor. Você faz isso melhor que eu.

O anúncio foi transmitido em todos os canais televisivos no telejornal das oito da noite. Sobriamente redigido por Adrien Danglard, solicitava a todos os moradores de casas ou apartamentos marcados com um número 4 que se apresentassem o quanto antes na delegacia mais próxima. Motivo alegado: busca de uma gangue organizada.

Os telefones da Brigada tocaram sem parar a partir das vinte e trinta. Um terço da equipe permaneceu no local, Danglard e Kernorkian foram buscar comida e vinho, que colocaram na bancada de trabalho dos eletricitas. Às nove e meia, registravam-se mais catorze prédios marcados — ou seja, um total de vinte e nove —, que Adamsberg ia situando com novos pontos vermelhos no mapa da cidade. Estabelecera-se uma lista, numerada por ordem de aparição cronológica dos 4. Os residentes dos vinte e oito apartamentos com portas intocadas já estavam registrados e eram, à primeira vista, incongruentes: famílias grandes, solteiros, mulheres, homens, jovens, médios, velhos, todas as faixas etárias, sexos, profissões e categorias sociais misturadas. Às onze horas passadas, Danglard veio informar a Adamsberg que dois tiras

estavam de guarda em frente a cada porta ameaçada, em todos os prédios envolvidos.

Adamsberg liberou os agentes que tinham ficado em hora extra, estabeleceu a equipe noturna e pegou um carro de serviço para dar uma passada na place Edgar-Quinet. Dois oficiais, o homem calvo e a mulher maciça, aquela que quase o agredira no meio da reunião, tinham substituído a dupla anterior. Avistou-os num banco, descontraídos, parecendo discutir, mas vigiando a urna que estava a uns quinze metros dali. Foi discretamente cumprimentá-los.

— Concentrem-se no formato do envelope — disse. — Com alguma sorte e com esse poste de luz, talvez dê para ver.

— Não interpelamos ninguém? — Perguntou a mulher.

— Contentem-se em observar. Se aparecer alguém que tenha a ver, vocês o seguem de mansinho. Há dois fotógrafos na avenida, na escadaria daquele prédio. Vão clicar todos que se aproximarem da urna.

— A que horas vão nos substituir? — Perguntou a mulher, bocejando.

— Às três da manhã.

Adamsberg entrou no Viking e avistou Decambrais, instalado à sua mesa do fundo, cercado pelo Pregoeiro e mais cinco pessoas. Sua chegada fez baixar o tom das conversas, como ocorre com orquestras quando desafinam. Compreendeu que todos naquela mesa sabiam que ele era tira. Decambrais optou por uma abertura direta.

— Este é o delegado Jean-Baptiste Adamsberg — disse ele. — Delegado, apresento-lhe Lizbeth Glaston, cantora; Damasco Viguier, da Roll-Rider; a irmã dele, Marie-Belle; Castillon, ferreiro aposentado, e Eva, nossa madona. O senhor já conhece Joss Le Guern. O senhor nos acompanha num calvados?

Adamsberg recusou.

— Posso trocar uma palavrinha com você, Decambrais?

Lizbeth, sem cerimônia, agarrou o delegado pela manga, sacudindo-o um pouco. Adamsberg reconheceu aquela descontração bem específica, cúmplice, como se tivessem gastado suas calças nos mesmos bancos de delegacia, a naturalidade *blasée* das

prostitutas com os tiras, aguerridas que eram em função das inúmeras *Blitze* por que passavam.

— Me conte, delegado — disse ela, examinando seus trajes —, o senhor hoje está de tocaia? É o seu disfarce noturno?

— Não, é meu traje de todo dia.

— Puxa, o senhor não se dá o trabalho. Descontraída, a polícia.

— O hábito não faz o monge, Lizbeth — disse Decambrais.

— Às vezes faz, sim — disse Lizbeth. — Esse homem aí é um tipo descontraído, um cara que não fica por aí querendo impressionar. Não é verdade, delegado?

— Impressionar quem?

— As mulheres — sugeriu Damasco, sorrindo. — A gente tem que saber impressionar as mulheres, ora.

— Você não é nada esperto, Damasco — disse Lizbeth, voltando-se para ele, e o rapaz corou até a testa. — As mulheres não estão nem um pouco a fim de serem impressionadas.

— Está certo — disse Damasco, franzindo o cenho. — Do que é que elas estão a fim, Lizbeth?

— De nada — disse Lizbeth, soltando sua mão grande e negra sobre a mesa. — Elas não estão a fim de nada. Não é mesmo, Eva? Nem de amor, nem de carinho, no máximo de uma caixinha de vagens. Então, tá vendo? Pense um pouquinho.

Eva não respondeu e Damasco se acabrunhou, girando o copo entre as mãos.

— Você não está sendo justa — disse Marie-Belle, com a voz tremida. — É óbvio que ninguém passa sem amor. O que é que a gente tem além dele?

— Tem vagens, acabei de dizer.

— Você fala um monte de bobagens, Lizbeth — disse Marie-Belle, cruzando os braços, à beira das lágrimas. — Não é só porque você tem experiência que tem que ficar aí desanimando os outros.

— Experimente, meu bichinho — disse Lizbeth. — Não vou te impedir.

De repente, Lizbeth caiu na gargalhada, deu um beijo na testa de Damasco e afagou a cabeça de Marie-Belle.

— Sorria, meu bichinho — disse ela. — E não acredite em tudo que a gorda Lizbeth fala. A gorda Lizbeth está azeda. A gorda Lizbeth enche o saco de todo mundo com a experiência de quartel que ela tem. Você tem razão de se defender. Está certo. Mas, se quiser o conselho de uma profissional, não experimente demais.

Adamsberg puxou Decambrais à parte.

— Me perdoe — disse Decambrais —, mas eu preciso acompanhar as conversas. No dia seguinte, sou eu quem dá conselhos, compreende? Preciso me manter a par.

— Ele está apaixonado, não está? — Perguntou Adamsberg, com o tom vagamente interessado de quem joga na loteria apostando pouco.

— Damasco?

— É. Pela cantora?

— Na mosca. O que é que o senhor queria, delegado?

— Aconteceu, Decambrais — disse Adamsberg, baixando a voz.

— Um corpo todo preto, na rue Jean-Jacques Rousseau. Foi descoberto esta manhã.

— Preto?

— Estrangulado, nu, e pintado com carvão.

Decambrais cerrou os maxilares.

— Eu sabia — disse ele.

— Sim.

— Era uma porta não marcada?

— Sim.

— O senhor mandou vigiar as outras?

— As outras vinte e oito.

— Me perdoe. Imagino que o senhor saiba fazer o seu trabalho.

— Preciso desses “especiais”, Decambrais, todos os que estão guardados com o senhor, com os envelopes, se ainda tiver.

— Me acompanhe.

Os dois homens atravessaram a praça e Decambrais conduziu Adamsberg até o seu escritório sobrecarregado. Deslocou uma pilha de livros para convidá-lo a sentar-se.

— Aqui está — disse Decambrais, estendendo-lhe um maço de folhas e envelopes. — Quanto a digitais, o senhor pode adivinhar

que não será possível. Le Guern manipulou isso tudo vezes sem conta, e depois dele fui eu. Não preciso lhe passar as minhas, meus dez dedos estão disponíveis no arquivo central.

— Vou precisar das de Le Guern.

— Também estão no arquivo. Le Guern esteve preso há catorze anos, uma briga de peso em Le Guilvinec, até onde eu sei. Está vendo, somos homens prestativos, estamos lhe dando tudo mastigadinho. Nem precisa pedir, já estamos no seu computador.

— Me diga uma coisa, Decambrais, nesta pracinha todo mundo já esteve preso?

— Há lugares assim, onde sopra o espírito. Vou ler para o senhor o especial de domingo. Só teve um: “Esta noite, voltando à casa para jantar, soube que a peste acaba de irromper na Cidade. *Reticências*. Fui ao meu escritório terminar as minhas cartas, preocupado em deixar meus negócios e minha fortuna em ordem, para o caso em que aprovesse a Deus chamar-me para junto d’Ele. Seja feita a Sua vontade!”.

— A continuação do diário do inglês — sugeriu Adamsberg.

— Exatamente.

— Sepys.

— Pepys.

— E ontem?

— Ontem, nada.

— Ah — disse Adamsberg. — Ele está desacelerando.

— Não creio. Escute o de hoje de manhã: “Este flagelo está sempre pronto e às ordens de Deus, que o envia e manda embora quando lhe convém”. Este texto parece indicar que ele não está se abrandando. Repare no “sempre pronto” e no “quando lhe convém”. Ele está trombeteando. Provocando.

— Está tomado de onipotência — disse Adamsberg.

— Infantilismo, portanto.

— Não há nada aqui — disse Adamsberg, meneando a cabeça.
— Ele não é burro. Com toda a polícia de prontidão, não vai mais nos fornecer indicação de lugar. Ele precisa ter liberdade de movimentos. Ele só apontou o “bairro Rousseau” para ter certeza de que faríamos a relação entre o primeiro crime e a peste

anunciada. É provável que daqui para a frente ele fique mais evasivo. Mantenha-me a par, Decambrais, anúncio por anúncio.

Adamsberg deixou-o, o pacote de mensagens debaixo do braço.

No dia seguinte, por volta das duas horas, o computador cuspiu um nome.

— Peguei um — disse Danglard, com a voz um tanto alta, estendendo um braço para os colegas.

Uns dez agentes agruparam-se atrás dele, olhos fixos na tela do computador. Desde a manhã, Danglard vinha procurando um CLT no arquivo, enquanto outros continuavam armazenando informações sobre os vinte e oito apartamentos ameaçados, procurando, em vão, um ponto de cruzamento entre eles. Os primeiros resultados do laboratório tinham chegado de manhã: a fechadura tinha sido forçada, coisa de profissional. Nenhuma digital no apartamento além das da vítima e da faxineira. O carvão de lenha usado para enegrecer a pele do cadáver provinha de galhos de macieira e não de sacos vendidos no comércio, que contêm uma mistura de essências florestais diversas. Quanto ao envelope marfim, podia ser obtido em qualquer papelaria bem sortida, por três francos e vinte a unidade. Fora aberto com uma lâmina lisa. Continha apenas pó de papel e o cadáver de um pequeno inseto. Era para repassar o bichinho para um entomologista? Adamsberg franzira o cenho e aquiescera.

— Christian Laurent Taveniot — leu Danglard, inclinado sobre a tela. — Trinta e quatro anos, nascido em Villeneuve-les-Ormes. Encarcerado há doze anos, por golpes e ferimentos, na prisão central de Périgueux. Dezoito meses de xadrez, com mais dois meses por agressão ao guarda.

Danglard fez o dossiê aparecer na tela e todos esticaram o pescoço para ver a cara de CLT, seu rosto comprido com fronte estreita, nariz cheio, olhos juntos. Danglard leu rapidamente a continuação do dossiê.

— Um ano desempregado ao sair da prisão, depois disso guarda-noturno num ferro-velho de automóveis. Reside em Levallois, casado, dois filhos.

Danglard lançou um olhar interrogativo a Adamsberg.

— Escolaridade? — Perguntou Adamsberg, dubitativo.

Danglard fez ouvir o som do teclado.

— Orientado para um curso profissionalizante aos treze anos de idade. Tenta, sem sucesso, um diploma de telhador-zincador. Desiste, vive de apostas em jogos de futebol e faz consertos em motonetas que revende às escondidas. Isso até a tal briga em que ele quase mata um dos clientes atirando a motoneta em cima dele, à queima-roupa, digamos assim. Depois disso, cadeia.

— Os pais?

— Tem a mãe, empregada numa fábrica de cartonagem em Périgueux.

— Irmãos, irmãs?

— Um irmão mais velho, guarda-noturno em Levallois. Foi através dele que conseguiu o emprego.

— Isso tudo não deixa muito espaço para o estudioso. Não vejo como Christian Laurent Taveniot teria achado tempo e condições para falar latim.

— Autodidata? — Sugeriu uma voz.

— Não vejo por que um sujeito que extravasa a raiva simplesmente jogando motonetas começaria a destilar francês antigo. Seria, em dez anos, uma mudança de método radical.

— Então? — Perguntou Danglard, decepcionado.

— Mande dois homens darem uma olhada. Mas não acredito.

Danglard apertou a tecla "pausa" do aparelho e seguiu Adamsberg até a sua sala.

— Estou chateado — declarou ele.

— O que foi?

— Estou com pulgas.

Adamsberg ficou surpreso. Era a primeira vez que Danglard, homem discreto e pudico, partilhava uma preocupação de higiene doméstica.

— Abra um inseticida fumigante a cada dez metros quadrados, meu chapa. Saia de casa durante umas duas horas, volte, deixe arejar, funciona muito bem.

Danglard balançou a cabeça.

— São pulgas lá do Laurion — explicou.

— Quem é o Laurion? — Perguntou Adamsberg, sorrindo. — Um fornecedor?

— René Laurion, o morto de ontem, droga.

— Desculpe — disse Adamsberg. — O nome me saiu da cabeça.

— Pois então tome nota, caramba. Peguei essas pulgas lá no Laurion. Comecei a me coçar ontem à noite, na Brigada.

— Mas, puxa vida, Danglard, o que é que você quer que eu faça? O sujeito era menos asseado do que parecia. Ou pegava pulgas na garagem. O que eu posso fazer?

— Meu Deus — disse Danglard, ficando nervoso. — O senhor mesmo disse para a equipe toda, ainda ontem: a peste se transmite por picada de pulga.

— Ah — disse Adamsberg, desta vez fitando o seu adjunto. — Estou compreendendo, Danglard.

— O senhor está meio lento, hoje.

— Dormi pouco. Você tem certeza de que são pulgas?

— Conheço a diferença entre uma picada de pulga e uma de mosquito. Fui picado na virilha e nas axilas, umas bolotas do tamanho de uma unha. Só descobri hoje de manhã, não tive tempo de checar as crianças.

Então Adamsberg se deu conta de que Danglard estava realmente preocupado.

— Mas do que é que você tem medo, meu chapa? O que é que foi?

— Laurion morreu de peste, e eu peguei duas pulgas na casa dele. Tenho vinte e quatro horas para reagir, ou talvez seja tarde demais. O mesmo vale para as crianças.

— Mas caramba, você está entrando no jogo? Você não lembra que Laurion morreu estrangulado, num *simulacro* de peste?

Adamsberg foi fechar a porta e puxou a cadeira para perto de seu adjunto.

— Lembro — disse Danglard. — Mas, com essa mania de símbolos, CLT levou a minúcia ao ponto de soltar pulgas no apartamento. Pode não ser mera coincidência. Na cabeça de doido dele, são pulgas pestilentas. E nada, absolutamente nada me garante que elas não estão, de fato, infectadas.

— Se estivessem, por que ele teria se dado ao trabalho de estrangular Laurion?

— Porque ele quer matar pessoalmente. Não sou medroso, delegado. Mas não vejo nenhuma graça em ser picado por pulgas soltas por um obcecado por peste.

— Quem estava com você ontem?

— Justin, Voisenet e Kernorkian. O senhor. O legista. Devillard e os homens do 1º distrito.

— Você ainda está com elas? — Perguntou Adamsberg, com a mão no telefone.

— O quê?

— As pulgas.

— Certamente. A menos que já estejam zanzando pela Brigada.

Adamsberg pegou no telefone e discou o número do laboratório da Prefeitura de Polícia.

— Aqui é o Adamsberg — disse ele. — Lembra aquele inseto que você encontrou dentro do envelope vazio? É, isso mesmo. Apresse o entomologista, prioridade absoluta. Azar, diga para ele deixar as moscas para mais tarde. É urgente, meu chapa, um caso de peste. É, acelere, e diga que estou mandando outras, vivas. Que ele tome suas precauções e, atenção, silêncio absoluto.

— Quanto a você, Danglard — disse ele, desligando —, suba até o chuveiro e ponha toda a sua roupa num saco plástico. Vamos mandar tudo para análise.

— E como é que eu faço? Fico andando pelado o dia inteiro por aí?

— Vou comprar umas coisinhas para você — disse Adamsberg, levantando-se. — É melhor você não ficar espalhando seus bichinhos pela cidade.

Danglard estava fragilizado demais com as picadas de pulga para se preocupar com a roupa que Adamsberg ia lhe trazer. Uma

vaga apreensão, porém, cruzou seus pensamentos.

— Ande logo, Danglard. Vou mandar a desinfecção para a sua casa e dizer que venham aqui na Brigada também. E vou alertar Devillard.

Antes de fazer suas compras, Adamsberg ligou para o historiador faxineiro, Marc Vandoosler. Este, por sorte, estava tomando um café da manhã tardio em casa.

— Lembra daquela história dos 4, sobre a qual o consultei? — Perguntou Adamsberg.

— Lembro — respondeu Vandoosler. — Depois disso, vi o comunicado do jornal das oito e li os jornais de hoje. Dizem que foi encontrado um sujeito morto e um jornalista afirma que, quando saiu o cadáver, um braço caiu para fora do lençol, um braço manchado de preto.

— Droga — disse Adamsberg.

— O corpo estava preto, delegado?

— O senhor entende de peste? — Perguntou Adamsberg, sem responder. — Ou só de números?

— Sou medievalista — explicou Vandoosler. — Conheço bem a peste, sim.

— Há muita gente que conhece?

— Pestólogos? Digamos que, hoje em dia, existem cinco. Não estou falando dos biólogos. Tenho dois colegas no sul, mais ligados ao aspecto médico da questão, outro em Bordeaux, mais especializado nos insetos vetores, e um historiador versado em demografia, na Universidade de Clermont.

— E o senhor? Qual é a sua linha?

— Linha desemprego.

Cinco, refletiu Adamsberg, não é grande coisa, para um país inteiro. E até agora, Marc Vandoosler fora o único a saber o significado dos 4. Historiador, literato, pestólogo e provavelmente latinista, valia a pena sondar o homem.

— Me diga uma coisa, Vandoosler, quanto tempo o senhor daria para a duração da doença? Por alto?

— Três a cinco dias de incubação, em média, às vezes um ou dois, e cinco a sete dias de peste declarada. *Grosso modo*.

— É facilmente curável?
— Se tratada logo, desde os primeiros sintomas.
— Acho que vou precisar do senhor. Poderia me receber?
— Onde? — Perguntou Vandoosler, desconfiado.
— Na sua casa?
— Está certo — respondeu Vandoosler, após uma clara hesitação.

O sujeito estava reticente. Mas muitos sujeitos, quase todos, aliás, são reticentes ante a ideia de deixar um tira entrar na casa deles. Isso não transformava automaticamente o tal Vandoosler num CLT.

— Dentro de duas horas — sugeriu Adamsberg.

Ele desligou e correu para a loja de departamentos da place d'Italie. Calculou, para Danglard, um manequim 48 ou 50, quinze centímetros a mais que ele e trinta quilos acima. Precisava de espaço para acomodar a barriga. Apanhou rapidamente um par de meias, uma calça jeans e uma camiseta grande, preta, porque o branco engorda, segundo tinha ouvido falar, assim como as listras. Não precisava pegar um paletó, o tempo estava ameno e Danglard estava sempre com calor, por causa das cervejas.

Danglard estava aguardando no banheiro, enrolado numa toalha. Adamsberg passou-lhe as roupas novas.

— Estou mandando o pacote para o laboratório — disse ele, erguendo o sacão de lixo em que Danglard encerrara suas roupas.
— Nada de pânico, Danglard. Você tem pela frente dois dias de incubação, temos uma boa margem. Assim, dá tempo para chegar o resultado dos exames. Vão cuidar do assunto em regime de urgência.

— Obrigado — resmungou Danglard, tirando a camiseta e a calça jeans da sacola. — Caramba, o senhor quer que eu use isso aqui?

— Vai servir perfeitamente, capitão, você vai ver.

— Vou ficar com cara de babaca.

— Eu tenho cara de babaca?

Danglard não respondeu, e explorou o fundo da sacola.

— O senhor não trouxe cueca.

— Esqueci, Danglard, não é o fim do mundo. Beba menos cerveja daqui até hoje à noite.

— Que prático.

— Você avisou a escola? Para que verifiquem as crianças?

— É claro que sim.

— Me mostre essas picadas.

Danglard ergueu um braço e Adamsberg contou três bolotas abaixo da axila.

— Nem se discute — reconheceu. — São picadas de pulga.

— O senhor não tem medo de pegar? — Perguntou Danglard, vendo-o revirar o saco plástico de tudo quanto era jeito para conseguir amarrá-lo.

— Não, Danglard. Não sou de ter muito medo. Estou esperando morrer para sentir medo, assim me estraga menos a vida. Na verdade, a única vez na vida em que realmente senti medo foi quando desabei daquela geleira sozinho, de costas, quase na vertical. O que me assustava, além da queda iminente, eram as danadas daquelas camurças, aqueles bichos que parecem cabras, ali do lado, que me olhavam e diziam, com aqueles enormes olhos castanhos: “Pobre cretino. Você não vai conseguir”. Tenho muito respeito pelo que as camurças dizem com os olhos, mas deixo para contar outra hora, Danglard, quando você não estiver tão tenso.

— Por favor — disse Danglard.

— Vou fazer uma visitinha para aquele historiador-faxineiro-pestólogo, Marc Vandoosler. Não é muito longe, na rue Chasle. Dê uma olhada para ver se tem alguma coisa sobre ele, e transfira todas as ligações do laboratório para o meu celular.

19

Na rue Chasle, Adamsberg se deparou com um pavilhão decrépito, alto e estreito, surpreendentemente poupado no coração de Paris, separado da rua por um terreno baldio de capim alto, que ele atravessou com certa satisfação. Um homem velho, sorridente e irônico abriu a porta, com uma cara boa de quem, ao contrário de Decambrais, não parecia ter dado um basta nos prazeres da vida. Estava com uma colher de pau na mão, com a qual lhe indicou a direção a seguir.

— Acomode-se no refeitório — disse ele.

Adamsberg entrou numa sala grande, aberta por três janelas altas, em forma de arco, mobiliada com uma mesa comprida sobre a qual um sujeito de gravata se desdobrava com um pano e cera, em gestos circulares e profissionais.

— Lucien Devernois — apresentou-se o sujeito, largando o pano, mão firme e voz forte. — Marc vai ficar pronto num minuto.

— Desculpe o incômodo — disse o velho —, esta é a hora de Lucien encerrar a mesa. Não se pode fazer nada, é o regulamento.

Adamsberg sentou-se num dos bancos de madeira, abstendo-se de qualquer comentário, e o velho sentou-se na frente dele com cara de quem vai passar uns momentos excelentes.

— Então, Adamsberg — investiu o velho num tom contentíssimo —, não conhece mais os antigos? Não cumprimenta mais? Não respeita nada, como sempre?

Estupefato, Adamsberg encarou o velho com intensidade, chamando as imagens enterradas na memória. Não eram recentes, certamente que não. Iam levar pelo menos uns dez minutos para emergir. O sujeito do pano, Devernois, num gesto mais vagaroso, olhava alternadamente cada um dos dois homens.

— Já vi que você não mudou nada — continuou o velho, sorrindo francamente. — O que não o impediu de subir, partindo do seu banquinho de sargento. Há que reconhecer que você construiu belas vitórias, Adamsberg. O caso Carréron, o caso da Somme, a absolvição de Valancry honrosos troféus de cavalheiro. Para não falar dos altos feitos recentes, o caso Le Nermord, a matança do Mercantour, o caso Vinteuil. Parabéns, delegado. Como vê, acompanhei sua carreira de perto.

— Por quê? — Perguntou Adamsberg, na defensiva.

— Porque eu me perguntava se eles iam deixá-lo viver ou morrer. Com esse seu jeito de ter crescido feito mandioquinha-salsa silvestre em campo lavrado, calmo demais, indiferente demais, você incomodava todo mundo, Adamsberg. Quero crer que você sabe disso melhor que eu. Você divagava na indústria policial feito uma bola de bilhar nos escalões da hierarquia. Incontrolado e incontrolável. É, eu me perguntava se eles o deixariam crescer. Você se esgueirou, foi melhor assim. Não tive a sua sorte. Eles me pegaram e me expulsaram.

— Armand Vandoosler — murmurou Adamsberg, vendo surgir, sob as feições do homem velho, um rosto enérgico, um delegado vinte e três anos mais novo, cáustico, egocêntrico e bon-vivant.

— Isso mesmo.

— Em Hérault — prosseguiu Adamsberg.

— Ahã. A moça desaparecida. Você se virou bem naquela história, sargento. Agarramos o sujeito no porto de Nice.

— E jantamos sob as arcadas.

— Polvo.

— Polvo.

— Vou tomar um vinho — resolveu Vandoosler, levantando-se. — Isso tem que ser brindado.

— Marc é seu filho? — Perguntou Adamsberg, aceitando a taça de vinho.

— Sobrinho e afilhado. Ele me cede um quarto lá em cima, porque é um bom rapaz. Saiba, Adamsberg, que continuei tão chato como você continuou flexível. Mais chato, até. E você, mais flexível?

— Não sei.

— Na época, já existia um monte de coisas que você não sabia e isso não parecia alarmá-lo. O que é que você não sabe e veio buscar nesta casa?

— Um assassino.

— Qual a relação com o meu sobrinho?

— A peste.

Vandoosler, o Velho, meneou a cabeça. Pegou um cabo de vassoura e deu duas batidas no teto, num local em que o gesso já fora amplamente escavado pelos impactos.

— Somos quatro aqui — explicou Vandoosler, o Velho —, empilhados um sobre o outro. Uma batida para são Mateus, duas batidas para são Marcos, três batidas para são Lucas, aqui presente com seu pano, e quatro batidas para mim. Com sete batidas, desabam todos os evangelistas de uma vez.

Vandoosler lançou uma olhada a Adamsberg, enquanto guardava o cabo de vassoura no lugar.

— Você não mudou, hein? Nada o surpreende?

Adamsberg sorriu sem responder, e Marc apareceu no refeitório. Deu a volta na mesa, apertou a mão do delegado e lançou um olhar contrariado para o tio.

— Estou vendo que você já assumiu o comando das operações — disse ele.

— Sinto muito, Marc. Comemos polvo juntos, vinte e três anos atrás.

— Promiscuidade das trincheiras — murmurou Lucien, dobrando o seu pano.

Adamsberg observou o pestólogo, Vandoosler, o Jovem. Magro, nervoso, cabelo preto e liso, algo indígena nas feições. Estava vestido de escuro dos pés à cabeça, com exceção de um cinto meio brilhoso, e usava anéis de prata nos dedos. Adamsberg observou que usava nos pés pesadas botas de fivela bastante parecidas com as de Camille.

— Se o senhor deseja uma conversa particular — ele disse a Adamsberg —, receio que seja preciso sair daqui.

— Está bem assim — disse Adamsberg.

— O senhor está com um problema de peste, delegado?

- Um problema com um perito em peste, para ser mais exato.
- Esse que anda desenhando os 4?
- É.
- Tem alguma relação com o assassinato de ontem?
- Na sua opinião?
- Na minha opinião, tem sim.
- Por causa?
- Da pele preta. Mas o 4 está aí, supostamente, para proteger da peste, não para chamá-la.
- Então?
- Então, suponho que sua vítima não estivesse protegida.
- Correto. O senhor acredita no poder desse algarismo?
- Não.

Adamsberg e Vandoosler cruzaram o olhar. O pesquisador parecia sincero e levemente ofendido.

— Assim como não acredito nos amuletos, anéis, turquesas, esmeraldas, rubis, nem nas centenas de talismãs que foram criados como proteção. Muito mais onerosos que um simples 4, é evidente.

— Usavam-se anéis?

— Quando se possuíam os meios. Os ricos morriam pouco de peste, protegidos que eram, sem saber, por suas casas sólidas não frequentadas por ratos. O povo é quem apanhava. Então, com mais razão ainda, acreditava-se no poder das pedras preciosas: os pobres não usavam rubi e morriam. O *nec plus ultra* era o diamante, a proteção por excelência: “O diamante usado na mão esquerda neutraliza, segundo dizem, toda sorte de sucedimentos”. Foi assim que, como prova de amor, os homens de posses tomaram o hábito de oferecer um diamante às suas noivas, para protegê-las do flagelo. O costume ficou, mas ninguém mais sabe o porquê, como também ninguém mais se lembra do significado dos 4.

— O assassino lembra. Onde foi que ele encontrou isso?

— Nos livros — disse Marc Vandoosler, com um gesto de impaciência. — Se o senhor me expusesse o problema, delegado, eu talvez pudesse ajudar.

— Primeiro, preciso perguntar onde você estava na segunda-feira à noite, por volta de duas da manhã.

— É a hora do assassinato?

— Mais ou menos.

O médico-legista a estipulara por volta de uma e meia, mas Adamsberg preferia deixar uma margem. Vandoosler ajeitou os cabelos lisos atrás das orelhas.

— Por que eu? — Perguntou.

— Lamento, Vandoosler. Poucas pessoas, pouquíssimas, conhecem o significado desse 4.

— Tem lógica, Marc — interveio Vandoosler, o Velho. — É o trabalho dele.

Marc teve um gesto de irritação. Então levantou-se, pegou o cabo de vassoura e deu uma batida.

— Desce são Mateus — explicou o Velho.

Os homens aguardaram num silêncio só interrompido pelo barulho de Lucien lavando a louça, desinteressado da conversa.

Um minuto depois, entrou um sujeito alto, loiro, da largura da porta, vestindo apenas uma calça grossa de brim, amarrada na cintura com um cordão.

— Me chamaram? — Perguntou, com voz de baixo.

— Mathias — disse Marc —, o que é que eu estava fazendo na segunda à noite, às duas da manhã? É importante, que ninguém assopre.

Mathias se concentrou alguns instantes, franzindo as sobrancelhas claras.

— Você voltou tarde da passagem de roupa, lá pelas dez. Lucien lhe serviu algo para comer e foi para o quarto dele, com a Élodie.

— Émilie — retificou Lucien, virando-se. — É incrível como vocês não conseguem enfiar o nome dela na cabeça.

— Jogamos duas partidas de baralho, com o padrinho — prosseguiu Mathias —, ele embolsou trezentos e vinte paus e foi dormir. E você se pôs a passar a roupa da senhora Boulain, depois a da senhora Druyet. À uma da manhã, quando você estava guardando a tábua, lembrem que tinha de entregar dois pares de lençóis no dia seguinte. Eu te dei uma mão e passamos juntos, os dois, em cima da mesa. Peguei o ferro antigo. Terminamos de dobrar às duas e meia, e fizemos dois pacotes separados. Quando

subimos para ir deitar, cruzamos com o padrinho, que estava descendo para mijar.

Mathias ergueu a cabeça.

— Ele é pré-historiador — comentou Lucien, lá da pia. — É muito preciso, pode confiar.

— Posso ir embora? — Perguntou Mathias. — É que estou no meio de uma remontagem.

— Pode — disse Marc. — Te agradeço.

— Uma remontagem? — Perguntou Adamsberg.

— Ele está colando sílex paleolíticos no porão — explicou Marc Vandoosler.

Adamsberg meneou a cabeça, sem entender. O que ele compreendia, em compensação, é que não captaria o funcionamento daquela casa, nem dos seus moradores, em poucas perguntas. Isso certamente exigiria um estágio completo, e não era assunto dele.

— Mathias poderia estar mentindo, evidentemente — disse Marc Vandoosler. — Mas, se quiser, pergunte para cada um de nós, em separado, qual era a cor dos lençóis. Ele não pode ter alterado as datas. Peguei a roupa naquele mesmo dia, na casa da senhora Toussaint, na avenue de Choisy, 22, o senhor pode ir lá conferir. Coloquei para rodar e secar durante o dia e passamos à noite. Levei de volta no dia seguinte. Dois lençóis azul-claros, com conchinhas, e dois bege rosado com reverso cinza.

Adamsberg meneou a cabeça. Um álibi doméstico impecável. O sujeito era perito em rouparia.

— Muito bem — disse ele. — Vou resumir a situação.

Como Adamsberg falava devagar, acabou levando uns bons vinte e cinco minutos para expor o caso dos 4, do Pregoeiro e o assassinato do dia anterior. Os dois Vandoosler escutavam, atentos. Marc balançava frequentemente a cabeça, como que confirmando o relato à medida que ia se desenrolando.

— Um semeador de peste — concluiu —, é com isso que o senhor está lidando. Ao mesmo tempo, um protetor. Um cara, portanto, que se julga o senhor da peste. Isso já foi visto, mas principalmente inventado, aos milhares.

— Isso quer dizer?... — Perguntou Adamsberg, abrindo o seu caderninho.

— A cada investida da peste — explicou Marc —, o terror era tamanho que se buscavam, além de Deus, dos cometas e da infecção do ar, que não se podia castigar, responsáveis terrestres para punir. Procuravam-se os *semeadores de peste*. Acusavam-se certas pessoas de espalhar o flagelo por meio de unguentos, graxas e preparados diversos, que elas aplicavam nas campainhas, fechaduras, corrimãos, fachadas. Um pobre coitado que encostasse descuidadamente a mão num edifício corria mil riscos de morte. Enforcaram um monte de gente. Foram chamados de semeadores, cevadores, graxeiros, sem que ninguém na história humana nunca se perguntasse que interesse teria um sujeito em fazer esse tipo de trabalho. O senhor tem aí um semeador, não há dúvida. Mas ele não está semeando aos quatro ventos, não é? Ataca um e protege os outros. Ele é Deus, e manipula o flagelo de Deus. Enquanto Deus, ele escolhe aqueles que chama para junto de si.

— Estamos procurando uma ligação entre todos os visados. Nada, por enquanto.

— Se existe um semeador, deve existir um vetor. O que é que ele está usando? Vocês encontraram vestígios de unguento nas portas virgens? Nas fechaduras?

— Não procuramos. Vetor para quê, se ele está estrangulando?

— Suponho que, na lógica dele, ele não se sinta assassino. Se ele próprio quisesse matar, não precisaria recorrer a toda essa história de peste. Ele está usando um flagelo intermediário, interposto entre ele e aqueles que abate. É a peste que mata, não ele.

— Onde os anúncios.

— Sim. Ele põe a peste em cena de maneira ostensiva e a designa como única responsável pelo que está para acontecer. E ele precisa necessariamente de um vetor.

— As pulgas — sugeriu Adamsberg. — Meu adjunto foi mordido por pulgas ontem, na casa da vítima.

— Caramba, pulgas? Tinha pulgas na casa do morto?

Marc levantou-se de súbito, com os punhos enfiados nos bolsos da calça.

— Que pulgas? — Perguntou, nervoso. — Pulgas de gato?

— Não sei. Mandei as roupas dele para o laboratório.

— Se forem pulgas de gato ou cachorro, não tem problema — disse Marc, andando para lá e para cá ao longo da mesa. — São incompetentes. Mas se forem pulgas de rato, se o cara realmente infectou pulgas de rato e está soltando elas por aí... gente, vai ser um desastre.

— São realmente perigosas?

Marc olhou para Adamsberg como se este tivesse lhe perguntado o que achava dos ursos polares.

— Vou ligar para o laboratório — disse Adamsberg.

Afastou-se para telefonar e Marc fez sinal a Lucien para fazer menos barulho ao guardar os pratos.

— É, isso mesmo — dizia Adamsberg. — Terminou? Qual é o nome? Soletre, caramba!

No caderninho, Adamsberg desenhou um N, um O e estava com dificuldades para prosseguir. Marc tirou o lápis da mão dele e completou a palavra: *Nosopsyllus fasciatus*. E acrescentou um ponto de interrogação. Adamsberg aquiesceu.

— Pronto, estou com o nome aqui — disse ele ao entomologista.

Marc escreveu em seguida: “portadoras do bacilo?”.

— Mande para a bacteriologia — acrescentou Adamsberg. — Pesquisa do bacilo da peste. Diga a eles para darem uma acelerada, já estou com um homem picado. E não me extraviem essas pulgas pelo laboratório, pelo amor de Deus. É, no mesmo número. A noite inteira.

Adamsberg guardou o celular no bolso interno.

— Havia duas pulgas na roupa do meu adjunto. Não eram pulgas de homem. Eram...

— *Nosopsyllus fasciatus*, pulgas de rato — disse Marc.

— Dentro do envelope que recolhi na casa do morto, havia outra, morta. Da mesma espécie.

— Assim é que ele introduz as pulgas.

— É — disse Adamsberg, também pondo-se a caminhar. — Ele abre o envelope, solta as pulgas no apartamento. Mas não creio que essas malditas pulgas estejam infectadas. Acho que ele continua dentro do simbólico.

— Mas ele leva o simbólico ao ponto de desencavar pulgas de rato. Não é tão fácil de conseguir.

— Acho que ele está blefando, e por isso ele próprio é que mata. Sabe que as pulgas não podem matar.

— Não é certeza absoluta. Seria interessante mandar recuperar todas as pulgas que ficaram lá no Laurion.

— E como é que eu faço?

— O mais simples é entrar no apartamento com uma ou duas cobaias, e deixar elas passearem uns cinco minutos no local. Vão juntar tudo o que estiver por ali. Depois, é só enfiar rapidamente num saco e levar para o laboratório. Logo em seguida, desinfecção do local. Não deixe a cobaia muito tempo. Depois de picar, essas pulgas tendem a ir dar uma voltinha. Elas têm de ser agarradas durante o almoço.

— Bem — disse Adamsberg, anotando a estratégia. — Obrigado por sua ajuda, Vandoosler.

— Mais duas coisas — disse Marc, enquanto o acompanhava até a porta. — Saiba que o seu semeador de peste não é um pestólogo tão bom assim. A erudição dele tem limites.

— Ele se enganou?

— Se enganou.

— No quê?

— No carvão, na “Morte Negra”. É uma imagem, uma confusão de palavras. *Pestis atra* significava “morte horrível”, não “Morte Negra”. Os corpos dos infectados nunca ficaram pretos. Umas manchas azuladas aqui e ali, e olhe lá. Trata-se de um mito tardio, de um erro popular que se generalizou. Todo mundo acredita, mas está errado. Esse homem está errando quando passa carvão no corpo. Está cometendo um imenso de um equívoco.

— Ah — disse Adamsberg.

— Mantenha a cabeça fria, delegado — disse Lucien, deixando a sala. — O Marc gosta de esmiuçar, como todo medievalista. Acaba

se perdendo nos detalhes e passando ao largo do essencial.

— Que vem a ser...?

— A violência, delegado. A violência do homem.

Marc sorriu e se pôs de lado para deixar Lucien passar.

— O que é que o seu amigo faz?

— O ofício primeiro dele é irritar todo mundo, mas não é remunerado. Essa atividade ele exerce por filantropia. Em segunda opção, ele é contemporanista, especialista na Grande Guerra. Temos imensos conflitos de períodos.

— Ah, muito bem. E qual é a segunda coisa que você queria me dizer?

— O senhor está procurando um cara com as iniciais CLT?

— É uma pista séria.

— Deixe para lá. CLT é, muito simplesmente, a abreviação do célebre electuário dos três advérbios.

— Como assim?

— Praticamente todos os tratados sobre a peste o citam como o melhor dos conselhos: *Cito, longe fugeas et tarde redeas*. Ou seja: "Fuja logo, por um longo tempo, e demore para voltar". Em outras palavras, dê no pé rapidinho e não volte tão cedo. É o famoso "remédio dos três advérbios": "Depressa, Longe, Demorado." Em latim: "*Cito, Longe, Tarde.*" CLT.

— Você pode anotar para mim? — Pediu Adamsberg, estendendo o seu caderninho.

Marc rabiscou algumas linhas.

— "CLT" é um conselho que o assassino está dando às pessoas, ao mesmo tempo que as protege com o 4 — disse Marc, devolvendo o caderninho.

— Eu preferiria muitíssimo que fossem iniciais — disse Adamsberg.

— Compreendo. O senhor pode me manter a par? Sobre as pulgas?

— A investigação lhe interessa a esse ponto?

— Não se trata disso — disse Marc, sorrindo. — Mas o senhor talvez esteja com alguma *Nosopsyllus*. Nesse caso, talvez eu já tenha uma comigo. E os outros também.

— Percebo.

— É outro remédio contra a peste. Bloqueie-as depressa e lave-se bem. BLB.

Ao sair, Adamsberg cruzou com o gigante loiro e deteve-o para fazer uma só pergunta.

— Um par era bege — respondeu Mathias —, com reverso cinza, e o outro par era azul, com umas conchas de Santiago estampadas.

Adamsberg deixou a casa da rue Chasle passando pelo terreno baldio, meio atordoado. Havia nesse mundo pessoas que sabiam uma quantidade incrível de coisas. Que tinham prestado atenção na escola, para começar, e depois tinham continuado armazenando conhecimentos em vagões-tanque. Conhecimentos de outro mundo. Pessoas que passavam a vida no meio de histórias de semeadores, unguentos, pulgas latinas e eletuários. E ele tinha absoluta certeza de que se tratava apenas de um pequeno fragmento dos vagões-tanque empilhados na cabeça do tal Marc Vandoosler. Vagões-tanque que não pareciam ajudá-lo a se virar pela existência melhor do que ninguém. Hoje, no entanto, ajudaria, vitalmente.

20

Mais faxes, provenientes do laboratório, tinham chegado à Brigada e Adamsberg tomou conhecimento deles rapidamente: os “especiais” não apresentavam nenhuma digital além das do Pregoeiro e de Decambrais, identificadas em todos os anúncios.

— Eu teria ficado surpreso se o semeador se permitisse pôr os dedos em todas as mensagens — disse Adamsberg.

— Por que é que ele compra esse tipo de envelope? — Perguntou Danglard.

— Questão de cerimonial. Aos seus olhos, cada um de seus atos é precioso. Ele não vai apresentá-los num envelope proletário. Quer engastá-los em escrínios caros, porque são atos requintadíssimos. Não são míseros atos de um passante qualquer, eu ou você, Danglard. Você não consegue imaginar um grande cozinheiro servindo *vol-au-vent* numa tigela de plástico. Pois é a mesma coisa. O envelope está à altura do gesto: é rebuscado.

— Digitais de Le Guern e Ducouëdic — disse Danglard, largando o fax. — Dois ex-presidiários.

— É. Mas com estadas de curta duração. Nove meses e seis meses.

— Tempo de sobra para estabelecer contatos úteis — disse Danglard, coçando-se com força debaixo do braço. — O estágio de chaveiro pode ter sido feito depois da cadeia. Quais foram as acusações?

— Para Le Guern, golpes e ferimentos com intuito homicida.

— Bem — disse Danglard, assobiando —, já é respeitável. Por que não pegou mais tempo?

— Circunstâncias atenuantes: o armador que ele demoliu tinha deixado apodrecer a traineira que ele usava e o barco acabou afundando. Dois marinheiros morreram afogados. Le Guern desceu

do helicóptero de resgate, enlouquecido de tristeza, e se atirou em cima dele.

— O armador foi penalizado?

— Não. Nem ele, nem os caras da capitania que deram cobertura para ele, todos com a mão molhada, segundo o depoimento de Joss Le Guern na época. Eles se combinaram, entre armadores, e acabaram com ele em todos os portos da Bretanha. Le Guern nunca mais conseguiu nenhum comando. Há treze anos desembarcou, com uma mão na frente e outra atrás, no largo de Montparnasse.

— Ele tem sérios motivos para querer mal ao mundo inteiro, o senhor não acha?

— Tem sim, e é raivoso e rancoroso. Mas, ao que parece, René Laurion nunca pôs os pés numa capitania.

— Ele talvez escolha vítimas substitutas. Já houve coisa assim. Le Guern está bem posicionado para mandar mensagens para si mesmo, não está? Aliás, desde que começaram a vigiar a praça, e esse Le Guern foi o primeiro a saber disso, não há mais “especiais”.

— Ele não era o único que sabia que os tiras estavam por ali. No Viking, às nove da noite, todo mundo já tinha sacado.

— Se o assassino não é do bairro, como ficaria sabendo?

— Ele matou, podia imaginar que os tiras estariam de prontidão. Percebeu quando eles estavam vigiando, sentados no banco.

— No fim das contas, estamos de olho para nada?

— Estamos de olho pelo princípio. E por outro motivo também.

— Decambrais-Ducouëdic esteve em cana por quê?

— Por tentativa de estupro de menor na escola onde lecionava. Toda a imprensa, na época, caiu em cima dele. Aos cinquenta e dois anos, quase foi linchado na rua. Precisou de proteção policial até o processo.

— O caso Ducouëdic, estou lembrado. Uma garota agredida no banheiro. Não dá para acreditar, não é? Olhando assim para ele?

— Lembre-se da defesa dele, Danglard. Três alunos do segundo ano tinham se jogado em cima de uma menina de doze anos, no horário morto da cantina. Ducouëdic teria batido nos caras, com força, e agarrado a menina para tirar ela dali. A garota estava

seminua e berrava nos braços dele pelo corredor. Foi isso que os outros meninos viram. Os três caras apresentaram uma versão oposta dos fatos: Ducouëdic estava violentando a menina, eles intervieram, Ducouëdic bateu neles e levou a garota com ele. A palavra de um contra a palavra dos outros. Ducouëdic caiu. A namorada largou dele no ato, os colegas se afastaram. Na dúvida. A dúvida cria um vazio, Danglard, e a dúvida permanece. Por isso é que ele agora se chama Decambrais. É um sujeito que acabou de viver aos cinquenta e dois anos.

— Que idade teriam esses três caras, hoje? Uns trinta e dois, trinta e três anos? A idade de Laurion?

— Laurion estudou em Périgueux. Ducouëdic lecionava em Vannes.

— Ele pode estar escolhendo vítimas substitutas.

— De novo?

— E daí? O senhor por acaso não conhece nenhum desses velhos que abomina uma geração inteira?

— Conheço até demais.

— Temos que aprofundar nesses dois caras. Decambrais está muito bem situado para colocar as mensagens, e para escrever mais ainda. Afinal, foi ele quem elucidou o sentido delas. Partindo de uma palavrinha árabe que o colocou diretamente na pista do *Liber canonis* de Avicena. Brilhante, não é?

— Vamos ter que aprofundar, de qualquer maneira. Estou convencido de que o assassino está presente no pregão. Ele começou ali porque não tinha escolha, está claro. Mas também porque conhecia a urna de perto, desde muito tempo. Aquele pregão, que para nós é tão incongruente, para ele parecia, ao contrário, assim como para todos do bairro, um veículo evidente para as notícias. Estou certo disso. E estou convencido de que ele vem escutar a si mesmo, estou certo de que ele está ali presente, durante o pregão.

— Não há motivo — objetou Danglard. — E é perigoso para ele.

— Não há motivo, Danglard, mas, acho que ele está ali, na multidão. Por isso é que não estamos relaxando a vigilância na praça.

Adamsberg saiu da sua sala e atravessou a sala principal, indo postar-se diante do mapa de Paris. Os agentes o seguiam com os olhos, e Adamsberg compreendeu que não era ele que todos observavam com interesse, e sim Danglard, envolto numa imensa camiseta preta de manga curta. Ergueu o braço bem alto, e todos os olhares se voltaram para ele.

— Evacuação do local às dezoito horas para desinfecção — disse ele. — Chegando em casa, cada um tomará uma ducha, incluindo o cabelo, e colocará toda a roupa, repito, *toda*, na máquina de lavar, à temperatura de 60 graus. Motivo: extermínio de pulgas potenciais.

Houve alguns sorrisos, murmúrios.

— Trata-se de uma ordem formal — disse Adamsberg —, que vale para todos, particularmente para os três homens que me acompanharam à casa de Laurion. Alguém aqui foi picado, de ontem para hoje?

Ergueu-se um dedo, o de Kernorkian, que foi encarado com certa curiosidade.

— Tenente Kernorkian — declarou ele.

— Fique tranquilo, tenente, está em boa companhia. O capitão Danglard também foi picado.

— A sessenta graus — disse uma voz —, a camisa vai ficar destruída.

— É isso ou o fogo — disse Adamsberg. — Os que tencionam transgredir estarão se expondo à peste em potencial. Estou dizendo: potencial. Estou convencido de que as pulgas que o assassino soltou na casa de Laurion são saudáveis e tão simbólicas como todo o resto. Mas a medida é, mesmo assim, obrigatória. As pulgas picam principalmente à noite e peço, então, encarecidamente, que efetuem essa operação assim que chegarem em casa. Em seguida, realizem uma desinsetização em regra, há inseticidas fumigatórios à sua disposição nos vestiários. Noël e Voisenet — disse, estendendo-lhes uma ficha —, confirmam amanhã o álibi desses quatro pesquisadores, pestólogos os quatro e, portanto, suspeitos. Você — disse ele, designando o homem sorridente de cabelos grisalhos.

— Tenente Mercadet — disse o oficial, erguendo-se parcialmente.

— Mercadet, verifique essa história de lençóis na casa de uma certa senhora Toussaint, na avenue de Choisy.

Adamsberg estendeu uma ficha, que passou de mão em mão até chegar a Mercadet. Depois, designou com a mão o rosto redondo e assustado de olhos verdes e o rígido cabo de Granville.

— Cabo Lamarre — disse o antigo gendarme, erguendo-se, muito ereto.

— Cabo Estalère — disse o rosto redondo.

— Vocês vão passar nos vinte e nove prédios para proceder a um novo exame das portas virgens. Objetivo: procurar um unguento, uma graxa, um produto qualquer espalhado na fechadura, na campainha ou na maçaneta. Tomem precauções, usem luvas. Quem continuou trabalhando nessas vinte e nove pessoas?

Ergueram-se os quatro dedos de Noël, Danglard, Justin e Froissy.

— E deu em alguma coisa? Algum cruzamento?

— Nenhum — disse Justin. — A amostragem resiste a todas as varreduras estatísticas.

— E os interrogatórios na rue Jean-Jacques Rousseau?

— Nada. Ninguém viu nenhum desconhecido no prédio. E os vizinhos não escutaram nada.

— E o código de entrada no prédio?

— Fácil. Os números-chave estão tão gastos no painel que não são mais legíveis. Com isso, sobram cento e vinte combinações que podem ser testadas em seis minutos.

— Quem ficou encarregado de interrogar os moradores dos outros vinte e oito prédios? Será que nem uma pessoa avistou o tal pintor?

A mulher rude com rosto maciço ergueu um braço decidido.

— Tenente Retancourt — disse ela. — Ninguém viu o pintor. Ele evidentemente trabalha à noite, e o pincel não faz barulho. Com a prática, ele não gasta mais de meia hora na operação.

— Os códigos?

— Há vestígios de massa de modelar em muitos painéis, delegado. Ele tira o molde e localiza os espaços gordurosos.

— Esperteza de presidiário — disse Justin.

— Qualquer pessoa podia ter essa ideia — disse Noël.

Adamsberg olhou para o relógio de parede.

— Dez para as seis — disse. — Vamos evacuar.

Adamsberg foi despertado às três horas da manhã por um telefonema do serviço de biologia.

— Nenhum bacilo — informou a voz de um homem cansado. — Negativo. Nem nas pulgas das roupas, nem na do envelope, nem nos doze espécimes que colhemos na casa de Laurion. Incólumes, limpas feito uma moeda nova.

Adamsberg experimentou um súbito alívio.

— São todas pulgas de rato?

— Todas. Cinco machos, dez fêmeas.

— Perfeito. Guarde todas preciosamente.

— Estão mortas, delegado.

— Sem flores, nem coroa. Guarde num vidro.

Sentou-se em cima da cama, acendeu a luz e esfregou os cabelos. Então ligou para Danglard e Vandoosler para comunicarlhes o resultado. Discou sucessivamente os vinte e seis números dos outros agentes da Brigada, o do legista e o de Devillard. Nenhum deles reclamou por estar sendo acordado no meio da noite. Ele não estava se achando, em meio a tantos adjuntos, e seu caderninho não estava em dia. Não tivera tempo para cuidar dos seus apontamentos e nem para ligar para Camille combinando um encontro. Estava com a impressão de que o semeador de peste mal e mal ia deixá-lo dormir.

Às sete e meia, uma chamada o pegou em plena rua, quando estava a caminho da Brigada, vindo a pé desde o bairro do Marais.

— Delegado? — Disse uma voz ofegante. — Cabo Gardon, equipe noturna. Dois corpos na calçada no 12º distrito, um na rue

Rottembourg, o outro não muito longe dali, no boulevard Sault. Deitados, pelados, no asfalto, e completamente enegrecidos com carvão de lenha. Dois homens.

21

Ao meio-dia, ambos os corpos já tinham sido removidos e levados ao necrotério, e os locais estavam liberados para circulação. Devido à sua exposição espetacular, já não havia a menor esperança de os cadáveres pretos escaparem do conhecimento público. A partir daquela noite, seriam matéria para os noticiários televisivos e, a partir do dia seguinte, estaria tudo na imprensa. Era impossível dissimular a identidade das vítimas, e a relação com suas residências, à rue Poulet e avenue de Tourville, seria imediatamente estabelecida. Dois prédios marcados com 4, com exceção de duas portas — as deles. Dois homens, com idade de trinta e um e trinta e seis anos, sendo um deles pai de família e o outro vivendo em relação estável. Três quartos dos agentes da Brigada tinham se espalhado pela capital, uns procurando testemunhas nos locais onde tinham sido deixados os corpos, outros visitando mais uma vez os dois prédios visados, interrogando as pessoas próximas à cata de qualquer informação passível de revelar um vínculo entre aqueles mortos e René Laurion. O quarto restante se atarefava nos teclados, redigindo relatórios, registrando os novos dados.

Cabeça inclinada, recostado na parede da sua sala, próximo à janela de onde avistava, através das grades novas, o movimento contínuo da vida rolando na calçada, Adamsberg tentava juntar a quantidade, já bastante pesada, dos dados relativos aos assassinatos e outros detalhes *atinentes*. Parecia-lhe que aquela quantidade se tornara volumosa demais para o cérebro de um só homem, em todo caso para o dele, parecia que já não conseguia traçar seu contorno, que ela o esmagava. Com o conteúdo dos

“especiais”, as historinhas da place Edgard-Quinet, os processos de Le Guern e Ducouëdic, a disposição dos prédios marcados, a identidade das vítimas, vizinhos, parentes, com o carvão, as pulgas, os envelopes, as análises do laboratório, as ligações do médico, as características do assassino, ele já não conseguia abarcar a totalidade das trilhas abertas, e se perdia. Pela primeira vez, estava com a impressão de que Danglard, com seu computador, triunfaria, e não ele, farejando o vento em meio à tormenta.

Mais duas vítimas numa só noite, dois homens de uma só vez. Já que os tiras estavam guardando as portas, o assassino simplesmente os atraía para fora a fim de executá-los, contornando o obstáculo de um jeito tão elementar como os alemães transpondo a Linha Maginot de avião, já que os franceses estavam bloqueando as estradas. Os dois cabos que montavam guarda diante do apartamento de Jean Viard, o morto da rue Rottembourg, tinham visto quando ele saía, às vinte e trinta. Também não dá para impedir um cara de ir a um encontro, não é verdade? Principalmente porque o tal Viard não se deixara impressionar nem um segundo com “o raio desse rolo dos 4”, conforme explicara ao policial de plantão. O outro homem, François Clerc, deixara sua residência às dez horas, para dar uma volta, dissera. Estava sufocado, aqueles tiras do outro lado da porta, o tempo estava ameno, queria beber alguma coisa. Também não dá para proibir um cara de ir tomar alguma coisa, não é verdade? Os dois homens tinham sido mortos por estrangulamento, como Laurion, um cerca de uma hora antes do outro. Abate em série. Depois, os cadáveres tinham sido transportados, provavelmente juntos, num carro onde tinham sido desnudados e encarvoados. Finalmente, o assassino os largara em plena rua, no 12º, na periferia de Paris, com todos os seus pertences. O semeador não correria o risco de se expor aos olhares, já que, dessa vez, os corpos não estavam dispostos cristicamente, de costas e com os braços em cruz. Estavam do jeito como tinham sido largados, às pressas. Adamsberg supunha que aquela necessidade de desleixar a última etapa devia ter contrariado o assassino. No coração da noite, ninguém notara nada. Com seus dois milhões de habitantes, em dia

de semana, às quatro da manhã, a capital sabe ser tão deserta como uma aldeia serrana. Capital ou não, dorme-se no boulevard Sault igual se dorme nos Pireneus.

A única novidade era que se tratava de três homens, todos com trinta anos passados. Não era o que de mais preciso se poderia esperar de um denominador comum. O restante dos perfis não combinava em absolutamente nada. Jean Viard não tinha dado duro em escolas profissionalizantes dos subúrbios, como a primeira vítima. Produto dos melhores bairros, tornara-se engenheiro eletrônico e casara-se com uma advogada. François Clerc era de origem mais modesta, um homem pesado, de ombros largos, entregador de uma grande loja de vinhos.

Sem se desencostar da parede, Adamsberg ligou para o legista que estava trabalhando no corpo de Viard. Enquanto iam chamá-lo, consultou o caderninho à cata do sobrenome do médico. Romain.

— Romain, aqui é Adamsberg. Lamento incomodar. Você confirma a estrangulação?

— Nenhuma dúvida. O assassino usou um laço sólido, decerto um fio grosso de plástico. Há um ponto de impacto bem nítido, na nuca. Poderia ser uma espécie de nó corrediço. O assassino só teria que puxar para a direita, não requer muita força. Aliás, ele andou melhorando a técnica quando entrou nessa de matança por atacado: os dois cadáveres levaram uma borrifada bem dosada de gás lacrimogêneo. Antes que eles reagissem o assassino já tinha passado o laço. Coisa rápida e segura.

— O Laurion tinha picadas pelo corpo, picadas de inseto?

— Caramba, não coloquei isso no relatório. Na hora, não pareceu significativo. Ele estava com umas mordidas de pulga na virilha. Viard também, na parte interna da coxa e no pescoço, picadas já mais antigas. Ainda não tive tempo de examinar o último.

— É possível as pulgas picarem um morto?

— Não, Adamsberg, de jeito nenhum. Elas abandonam o corpo aos primeiros sinais de esfriamento.

— Obrigado, Romain. Verifique a ausência do bacilo, como no caso de Laurion. Nunca se sabe.

Adamsberg guardou o celular no bolso, pressionou os olhos com os dedos. Então ele se enganara. O assassino não colocara o envelope com as pulgas na mesma hora em que matara. Transcorrera um período de tempo entre a introdução das pulgas e o assassinato, já que os insetos tinham tido tempo para picar. Um período até meio longo, no caso de Viard, pois o legista decretara que as mordidas já eram antigas.

Deu voltas pela sala, com as mãos cruzadas nas costas. O semeador estava, portanto, seguindo um protocolo insano a ponto de passar, primeiro, o envelope aberto por baixo da porta das vítimas, voltar algum tempo depois, dessa vez forçando a fechadura e estrangulando sua presa, com o carvão de lenha no bolso. Ele trabalhava em dois tempos. Um, as pulgas, dois, o assassinato. Para não falar no infernal ajuste dos 4 e nos anúncios preparatórios. Adamsberg sentiu crescer em si uma espécie de impotência. As trilhas se embaralhavam, o caminho a tomar lhe escapava, aquele assassino cerimonioso tornava-se estranho, incompreensível. Discou, num impulso, o número de Camille e, meia hora mais tarde, deitava-se na cama dela, nu debaixo da roupa, depois nu sem a roupa. Camille pousou sobre ele e ele fechou os olhos. Num minuto, esqueceu que vinte e sete homens da sua brigada estavam patrulhando nas ruas, ou nos teclados.

Duas horas e meia mais tarde, chegou à place Edgar-Quinet, reconciliado consigo mesmo, envolto, e quase que protegido por aquela leve moleza nas coxas.

— Eu estava mesmo para lhe ligar, delegado — disse Decambrais, vindo ter com ele do limiar de sua casa. — Não havia nenhuma ontem, mas hoje há uma.

— Ninguém foi visto colocando nada na urna — disse Adamsberg.

— Chegou pelo correio. Ele mudou de método, não está mais correndo o risco de vir pessoalmente. Está despachando.

- Para que endereço?
- Para Joss Le Guern, aqui mesmo.
- Então ele conhece o nome do Pregoeiro?
- Muita gente conhece.

Adamsberg acompanhou Decambrais até o seu antro e abriu o envelope graúdo.

“Corre, de súbito, o rumor, rapidamente confirmado, de que a peste acaba de irromper na cidade, em duas ruas ao mesmo tempo. Dizem que os dois [...] foram encontrados com todos os sinais mais evidentes do mal.”

- Le Guern apregoou esta mensagem?
- Sim, ao meio-dia. O senhor disse que era para ele continuar.
- Os textos estão mais explícitos, agora que o cara entrou em ação. Qual foi a reação do público?

— Rebuliço, interrogações e muitas discussões no Viking. Acho que havia um jornalista presente. Fez dezenas de perguntas para Joss e os demais. Não sei de onde saiu.

— Do rumor, Decambrais. Era inevitável. Com os especiais dos últimos dias, com o comunicado da terça à noite e o morto da manhã, o círculo ia necessariamente se fechar. Tinha de acontecer. A imprensa talvez tenha recebido uma declaração do próprio semeador, a fim de ativar a tormenta.

— É bem possível.

— Postado ontem — disse Adamsberg, virando o envelope —, no 1º distrito.

— Duas mortes anunciadas — disse Decambrais.

— Já foram — disse Adamsberg, olhando para ele. — Vai dar hoje à noite na televisão. Dois homens jogados na calçada que nem sacos, nus e pintados de preto.

— Dois de uma vez — disse Decambrais numa voz surda.

Sua boca se contraía, dispersando uma chuva de rugas na pele branca.

— Na sua opinião, Decambrais, o corpo dos empestados é preto?

O letrado franziu o cenho.

— Não sou especialista no assunto, delegado, muito menos em história da medicina. Por isso demorei tanto para identificar esses “especiais”. Mas posso garantir que os médicos da época nunca mencionam esse aspecto, essa cor. Pústulas, manchas, bubões, calombos, sim, mas não o preto. O preto se implantou na imaginação coletiva muito mais tarde, por desvio semântico, veja bem.

— Certo.

— Não tem importância, pois o erro permaneceu e a peste é de fato chamada de “Morte Negra”. E essas palavras são certamente fundamentais para o assassino, pois são termos que semeiam o pavor. Ele quer impressionar, chocar os espíritos com ideias fortes, sejam verdadeiras ou falsas. E a Morte Negra atinge feito um canhão.

Adamsberg instalou-se no Viking, tranquilo naquele final de tarde, e pediu um café para o Bertin. Pela vidraça, sua visão englobava toda a praça. Danglard lhe telefonou quinze minutos mais tarde.

— Estou aqui no Viking — disse Adamsberg.

— Cuidado com o calvados — disse Danglard. — É bem peculiar. Acaba com as ideias da gente num instantinho.

— Não tenho mais ideias, Danglard. Estou perdido. Acho que ele me inebriou, me desnor-teou. Acho que me enrolou.

— O calvados?

— O semeador de peste. CLT. Danglard, a propósito, deixe essas iniciais para lá.

— O meu Christian Laurent Taveniot?

— Deixe ele em paz — disse Adamsberg, que abriu o caderninho na página preenchida por Vandoosler. — Trata-se do electuário dos três advérbios.

Adamsberg esperou pela reação do seu adjunto, que não veio. Danglard também estava perdendo pé. Seu espírito esclarecido estava se afogando.

— “*Cito, Longe, Tarde*” — leu Adamsberg. — Pica a mula e dá um tempo.

— Pô — fez Danglard, passado um momento. — “*Cito, longe fugeas et tarde redeas.*” Eu devia ter pensado nisso.

— Não estamos mais pensando, nem mesmo você. Ele está nos submergindo.

— Quem lhe deu a informação?

— Marc Vandoosler.

— Estou com as informações que o senhor pediu sobre esse Vandoosler.

— Deixe para lá também. Ele está fora de questão.

— O senhor sabia que o tio dele era tira e foi expulso no finalzinho da carreira?

— Sabia. Eu já comi polvo com esse cara.

— Então tá. O senhor sabia que o sobrinho, Marc, andou metido em alguns casos?

— Criminais?

— É, mas pelo lado da investigação. Não é nada bobo, o cara.

— Eu já tinha reparado.

— Liguei por causa dos álibis dos quatro pestólogos. Todos com tudo em ordem, na maior transparência, vida familiar irretocável.

— Que azar.

— Pois é. Não temos mais ninguém.

— E eu não estou enxergando mais nada. Não estou sentindo mais nada, meu chapa.

Danglard deveria se alegrar com a agonia das intuições de Adamsberg. Mas surpreendeu a si mesmo lamentando a derrocada e encorajando-o na direção que mais reprovava.

— Está, sim — disse firmemente —, o senhor necessariamente tem de estar sentindo algum treco, pelo menos um treco.

— Só um treco — admitiu lentamente Adamsberg depois de um curto silêncio. — Sempre o mesmo.

— Diga qual é o treco.

Adamsberg varreu a praça com o olhar. Pequenos grupos começavam a se formar, outros iam saindo do bar, preparando-se

para o pregão de Le Guern. Adiante, junto ao plátano, corriam as apostas sobre a tripulação perdida, ou salva, no mar.

— Sei que ele está aqui — disse ele.

— Aqui onde?

— Nesta praça. Ele está aqui.

Adamsberg não tinha mais televisor e criara o hábito, em caso de precisão, de ir até um pub irlandês saturado de música e cheiro de Guinness, a uns cem metros de sua casa, onde Enid, uma garçonete que o conhecia havia tempos, deixava que ele visse televisão num pequeno aparelho encaixado debaixo do balcão. Assim, às cinco para as oito ele abriu a porta do Águas Negras de Dublin e insinuou-se atrás do bar. Águas negras era exatamente a sensação que ele tinha desde pelo menos aquela manhã. Enquanto Enid lhe preparava uma imensa batata com tocinho — onde será que os irlandeses conseguiam batatas tão gigantescas, era de ficar se perguntando, se tivesse tempo, ou seja, se um semeador de peste não estivesse lhe bloqueando a cabeça toda —, Adamsberg acompanhava o noticiário no volume mínimo. Estava quase tão catastrófico como ele temia.

O apresentador anunciava o falecimento de três homens em Paris, ocorrido nas noites de segunda para terça e quarta para quinta, em circunstâncias alarmantes. As três vítimas residiam em prédios marcados com aqueles 4 pintados que tinham sido objeto de um comunicado especial da Prefeitura de Polícia no telejornal da antevéspera. O significado daqueles números, que a polícia não quisera explicar na ocasião, era agora conhecido graças a uma curta mensagem do seu autor enviada para a AFP. O comunicado anônimo devia ser considerado com toda a cautela, nada garantia a sua autenticidade. O autor declarava, contudo, a morte dos três homens pela peste e afirmava que vinha havia muito tempo alertando a população da capital para o flagelo, por meio de repetidos anúncios públicos no cruzamento da place Edgar-Quinet com a Delambre. Tal reivindicação devia certamente ser atribuída a um desequilibrado. Embora os corpos de fato apresentassem alguns

aspectos da “Morte Negra”, a Prefeitura de Polícia garantia que, infelizmente, aqueles homens tinham sido vítimas de um assassino em série, tendo falecido em decorrência de estrangulamento. Adamsberg ouviu que citavam seu nome.

Seguiam-se mapas das portas marcadas, acompanhados de explicações, depoimentos de moradores, uma vista da place Edgar-Quinet, e o delegado divisionário Brézillon em pessoa, filmado na sua sala do Quai des Orfèvres, assegurando, com a necessária gravidade, que todas as pessoas ameaçadas pelo desequilibrado estavam protegidas pelas forças policiais e que o boato de peste era pura e simples invenção do indivíduo, atualmente procurado, tendo as manchas negras constatadas nos corpos sido produzidas por esfregação de um pedaço de carvão de lenha. Em vez de se ater a essas apaziguantes afirmações, o telejornal prosseguiu com um curto documentário relatando o passado da peste negra na França, carregado de imagens e comentários absolutamente atrozes.

Adamsberg voltou para o seu lugar, meio abatido, e ingeriu a monumental batata sem nem reparar nela.

No Viking, aumentaram o volume da tevê e Bertin atrasou a hora do prato quente e o estrondo do trovão. Joss, no centro do interesse geral, virava-se como podia diante do assédio das perguntas, impecavelmente apoiado por Decambrais, que mantinha um perfeito sangue-frio, e Damasco, que, embora ignorando no que poderia ser útil, sentiu que estava surgindo uma situação tensa e complexa e não desgrudava do flanco esquerdo de Joss. Marie-Belle se debulhara em lágrimas, provocando o pânico de Damasco.

— A peste está na cidade? — Gritara ela, durante o boletim, resumindo o medo de todo mundo, que ninguém ousava expressar tão ingenuamente.

— Você não escutou? — Disse Lizbeth com sua voz dominante. — Os caras não morreram de peste, foram estrangulados. Você não escutou? Tem que prestar atenção, Marie-Belle.

— E quem disse que o gordo lá da Prefeitura de Polícia não está nos enrolando? — Disse um homem lá do bar. — E você por acaso acha, Lizbeth, que se houver peste na cidade eles vão nos avisar direitinho no noticiário? E você acha que eles nos contam tudo o que sabem? É como aquilo que eles colocam no milho e na carne de vaca, você por acaso acha que eles contam para a gente o que é?

— E enquanto isso a gente faz o quê? — Disse outro. — Vai comendo o milho, ora.

— Eu não como mais — disse uma mulher.

— Você nunca comeu milho — disse o marido —, você não gosta.

— Com todas essas experiências furadas — retomou uma voz, lá do bar —, é bem possível eles terem feito uma bela de uma besteira e terem soltado a doença mundo afora. Sabe as algas verdes? Alguém sabe de onde saíram as algas verdes?

— Ahã — respondeu um sujeito. — E agora não conseguem pegar elas de volta. Igual com o milho e com as vacas.

— Três mortos, já imaginou? E como é que vão dar um basta nisso? Garanto que nem eles sabem.

— Claro que não — disse um sujeito, do outro lado do bar.

— Mas puxa vida — gritou Lizbeth, tentando sobrepujar o barulho da discussão —, os caras foram estrangulados!

— Porque não estavam com os 4 — disse um homem, levantando o dedo. — Não estavam protegidos. Eles explicaram isso, não explicaram, na tevê? Nós não sonhamos isso, sonhamos?

— Então não é um negócio que escapou, é um cara que está mandando, isso sim.

— É uma coisa que escapou — retomou o homem, firmemente —, e tem um cara tentando proteger, avisar as pessoas. O cara está fazendo o possível.

— Então por que é que ele esqueceu umas pessoas? E por que é que só pintou um punhado de prédios?

— Peraí, o cara não é Deus. Não tem quatro mãos. Você vai lá e faz os 4 sozinho, se estiver com cagaço.

— Mas puxa vida! — Gritou Lizbeth de novo.

— O que aconteceu? — perguntou Damasco, timidamente, e ninguém prestou atenção.

— Deixa para lá, Lizbeth — disse Decambrais segurando o braço dela. — Eles estão enlouquecendo. Esperemos que a noite os deixe mais calmos. Vamos servir o jantar, chame os inquilinos.

Enquanto Lizbeth reunia as suas ovelhas, Decambrais ligou para Adamsberg, afastando-se do bar.

— Delegado, a coisa por aqui está esquentando — disse. — O pessoal está perdendo a cabeça.

— Por aqui também — disse Adamsberg, lá da sua mesa no bar irlandês. — Quem semeia audiência colhe pânico.

— O que é que o senhor vai fazer?

— Repetir e tornar a repetir que os três homens foram assassinados. E aí à sua volta, quem está dizendo o quê?

— A Lizbeth já passou por muita coisa nessa vida, está mantendo a cabeça fria. Le Guern não dá muita bola, tenta defender o seu ganha-pão e para ele se perturbar as tempestades teriam de ser maiores. Bertin parece bastante abalado, Damasco não está entendendo nada e Marie-Belle ficou uma pilha de nervos. Os demais estão tendo a reação esperada: estão nos escondendo tudo, não dizem nada para a gente e as estações estão completamente desreguladas. “Como quando o inverno é quente, em vez de ser frio; o verão, fresco, em vez de ser quente, e assim na primavera, e no outono.”

— O senhor está com um bom pano para mangas, conselheiro.

— O senhor também, delegado.

— Já nem distingo mais o pano das mangas.

— O que é que o senhor pensa em fazer?

— Penso em ir dormir, Decambrais.

Às oito horas da manhã de sexta-feira, um reforço de doze homens foi designado para a seção de homicídios do delegado Adamsberg, e mandaram instalar em regime de urgência uns quinze aparelhos telefônicos suplementares, na tentativa de atender aos chamados que as delegacias dos distritos, sobrecarregadas, estavam redirecionando para a Brigada. Alguns milhares de parisienses exigiam saber se, afinal, a polícia falara a verdade acerca daqueles mortos, se havia precauções a serem tomadas, e quais eram as instruções. A Prefeitura de Polícia dera ordem a todas as delegacias para levar em conta cada chamada e atender individualmente todos os apavorados, que são os primeiros a espalhar confusão.

A imprensa da manhã não iria contribuir para apaziguar aquela inquietação crescente. Adamsberg pusera as principais manchetes sobre a sua mesa e passava de uma para outra. Os jornais expunham, em linhas gerais, o conteúdo do telejornal da véspera, com acréscimo de comentários e fotos, muitas das quais reproduzindo o 4 invertido na primeira página. Alguns agravavam o ocorrido; outros, mais circunspectos, procuravam dar manchetes mais sóbrias. Todos os jornais, no entanto, tinham o cuidado de citar *in extenso* as palavras do delegado divisionário Brézillon. E todos retranscreviam o texto dos dois últimos "especiais". Adamsberg os releu, tentando colocar-se no lugar de quem os lia pela primeira vez, naquele contexto, ou seja, com três cadáveres pretos como desfecho:

"Este flagelo está sempre pronto e às ordens de Deus, que o envia e manda embora quando lhe convém."

“Corre, de súbito, o rumor, rapidamente confirmado, de que a peste acaba de irromper na cidade, em duas ruas ao mesmo tempo. Dizem que os dois [...] foram encontrados com todos os sinais mais evidentes do mal.”

Havia ali, naquelas poucas linhas, o suficiente para fazer vacilar os mais crédulos, que eram cerca de dezoito por cento da população, já que dezoito por cento tinham temido a virada do ano 2000. Adamsberg estava surpreso com o espaço que a imprensa resolvera atribuir ao caso, surpreso também com a rapidez daquele início de incêndio, embora o tivesse temido desde o anúncio do primeiro morto. A peste, aquele flagelo ultrapassado, empoeirado, engolido pela história, renascia por baixo das penas com vitalidade quase intacta.

Adamsberg deu uma olhada no relógio de parede, preparando-se para enfrentar uma coletiva de imprensa às nove, por ordem da direção geral. Adamsberg não gostava nem de ordens, nem de coletivas de imprensa, mas tinha consciência de que a situação exigia isso. As instruções eram: acalmar os espíritos, mostrar as fotos dos pescoços estrangulados, desmontar os boatos. O médico-legista viera como reforço e, não havendo um novo assassinato ou um “especial” particularmente assustador, calculava que a situação ainda estava sob controle. Atrás da porta, ouvia crescer o grupo dos jornalistas e aumentar o barulho das conversas.

Naquela mesma hora, Joss pontuava sua meteorologia marítima diante de uma pequena multidão claramente crescida e abordava o especial do dia, que chegara de manhã pelo correio. O delegado fora categórico: continuar a ler, não cortar o único cordão que nos une ao semeador. Em meio a um silêncio um pouco pesado, Joss anunciou o número 20:

— “Pequeno tractado e familiar da peste. Contendo a descrição, os sintomas e efeitos daquela, com o método e remédios requeridos, tanto preservativos quanto curativos, *reticências*. E reconhecerá que está acometido da dita peste aquele que

apresentar calombos na virilha, comumente chamados bubões, aquele que sofrer de febres e desfalecimentos, de males de espírito e toda sorte de loucura, e que avistar manchas que aparecem na pele comumente denominadas traço ou púrpura, e são na maioria de cor azulada, lívida e negra, e vão todavia se alargando. Quem quiser se preservar da investida da infecção tomará o cuidado de fixar à sua porta o talismã da cruz de quatro pontas, o qual seguramente há de afastar o contágio de sua casa.”

No instante em que Joss concluía a duras penas a longa descrição, Decambrais pegou o telefone para transmiti-la a Adamsberg sem mais tardar.

— Entramos em cheio na história — resumiu Decambrais. — O sujeito encerrou as primícias. Está descrevendo o mal como se realmente tivesse tomado conta da cidade. Suponho que seja um texto do começo do século XVII.

— Releia o final para mim, por favor — pediu Adamsberg. — Devagar.

— Tem muita gente aí? Estou ouvindo barulho.

— Uns sessenta jornalistas impacientes. E aí?

— Um grupo mais denso que de costume. Quase uma multidãozinha, montes de rostos novos.

— Observe os antigos. Tente estabelecer para mim uma lista dos assíduos, o quanto puder lembrar, tão precisa quanto possível.

— Varia conforme o horário do pregão.

— Faça o possível. Peça aos assíduos da praça que o ajudem. O cafeteiro, o prancheiro, a irmã dele, a cantora, o Pregoeiro, todos os que souberem.

— O senhor supõe que ele esteja aqui?

— Acho que sim. Foi aí que ele começou, é aí que ele fica. Todo homem tem sua toca, Decambrais. Releia o final para mim.

— “Quem quiser se preservar da investida da infecção tomará o cuidado de fixar à sua porta o talismã da cruz de quatro pontas, o qual seguramente há de afastar o contágio de sua casa.”

— Um apelo para que a população pinte seus próprios 4 nas portas. Ele está criando uma cortina de fumaça.

— Exatamente. Eu disse século XVII, mas tenho a impressão de que, pela primeira vez, e por necessidades da causa, temos aqui fragmentos inventados. Eles até enganam, mas acho que são falsos. Alguma coisa não está combinando no estilo, no final.

— Como por exemplo?

— Essa “cruz de quatro pontas”. Nunca tinha deparado com essa formulação. O autor quer expressamente designar um 4, não quer que ninguém tenha dúvida, mas acho que forjou essa passagem de ponta a ponta.

— Se o excerto foi enviado para a imprensa ao mesmo tempo que para o Le Guern, vamos ficar sobrecarregados, Decambrais.

— Um momentinho, Adamsberg, estou escutando o naufrágio.

Houve um silêncio de uns dois minutos, e então Decambrais voltou.

— E aí?

— Todos salvos — disse Decambrais. — Qual era a sua aposta?

— Todos salvos.

— Pelo menos nisso o senhor ganhou o dia.

No mesmo momento em que Joss saltava de seu estrado para ir tomar o café com Damasco, Adamsberg penetrava na sala principal e subia num pequeno estrado preparado por Danglard, tendo ao seu lado o legista e um projetor pronto para rodar. Voltou-se para a tropa de jornalistas e microfones estendidos e disse:

— Estou esperando suas perguntas.

Uma hora e meia mais tarde se encerrava a conferência, que transcorreria razoavelmente bem. Adamsberg, respondendo devagar e ponto a ponto, conseguira desfazer as dúvidas que pairavam sobre as três mortes negras. No meio da sessão, cruzara seu olhar com o de Danglard e compreendera, pela sua fisionomia tensa, que acabava de entrar areia em alguma coisa. As fileiras de seus oficiais

clarearam discretamente. Tão logo terminara a reunião, Danglard levou-o para a sua sala e fechou a porta.

— Um cadáver na avenue de Suffren — informou ele —, enfiado debaixo de uma caminhonete, com as roupas empilhadas. Só foi descoberto quando o motorista deu partida, às nove e quinze da manhã.

— Droga — disse Adamsberg, deixando-se cair na cadeira. — Um homem? De uns trinta anos?

— Uma mulher, de menos de trinta.

— Rompe-se o único fio. Ela morava no raio de um desses prédios?

— O décimo quarto da lista, rue du Temple. Foi coberto de 4 há duas semanas, com exceção da porta da vítima, no segundo andar à direita.

— Primeiras informações?

— Chama-se Marianne Bardou. Sozinha, pais residentes na região da Corrèze, um amante de fins de semana em Mantes, outro para algumas noites em Paris. Era vendedora num empório de luxo, na rue du Bac. Mulher bonita, muito esportiva, matriculada em várias academias.

— Suponho que não se encontrava com Laurion, Viard ou Clerc nessas academias?

— Eu já teria lhe dito.

— Ela saiu ontem à noite? Disse alguma coisa para o agente de plantão?

— Ainda não sabemos. Voisenet e Estalère foram para a residência dela. Mordent e Retancourt estão na avenue de Suffren, esperando o senhor.

— Já não sei mais quem é quem, Danglard.

— São os seus adjuntos, homens e mulheres.

— E a mulher? Estrangulada? Nua? Pele enegrecida?

— Igual aos outros.

— Não houve estupro?

— Aparentemente, não.

— Avenue de Suffren, muito bem escolhido. Um dos lugares mais desertos da cidade, à noite. Dá tempo de descarregar

quarenta corpos sem susto. Por que debaixo de um caminhão, a seu ver?

— Tive tempo para pensar nisso. Ele deve ter colocado ela ali no início da noite, mas não queria que descobrissem antes do amanhecer. Seja para seguir a tradição dos carreteiros, que passavam no raiar do dia para juntar os corpos que tinham sido jogados nas ruas, seja para que a descoberta só ocorresse depois do pregão. O pregão anunciou esta morte?

— Não. Fez prescrições para o povo se proteger do flagelo. Adivinhe o quê.

— Os 4?

— Os 4. Cada um deve desenhar o seu, sozinho, feito um bom menino.

— O nosso assassino está ocupado demais em matar, é isso? Está sem tempo para pintar? Está delegando?

— Não é isso — disse Adamsberg, levantando-se e vestindo o paletó. — É para nos soterrar. Imagine se só um terço dos parisienses obedecer e proteger a porta com um 4, não vamos mais conseguir separar os autênticos dos espontâneos. São fáceis de pintar, os jornais reproduziram de tudo que é jeito, basta copiar com cuidado.

— Um grafólogo pode distinguir rapidinho para nós os verdadeiros dos falsos.

Adamsberg balançou a cabeça.

— Não, Danglard, rapidinho não, se nos depararmos com cinco mil 4 executados por cinco mil mãos. E estou decerto bem aquém da quantidade exata. Montes de gente vão obedecer. Quanto dá dezoito por cento de 2 milhões?

— Quem são esses dezoito por cento?

— Os crédulos, os medrosos, os supersticiosos. Os que temem os eclipses, os novos milênios, as predições e os fins do mundo. Ou que, pelo menos, admitem isso nas pesquisas. Quanto dá, Danglard?

— Trezentos e sessenta mil.

— Pois então, podemos esperar mais ou menos isso. Se o medo entrar nessa história, vai ser um deus nos acuda. E se não

distinguirmos mais os *verdadeiros* 4, não distinguiremos mais as *verdadeiras* portas virgens. Não vamos mais conseguir proteger ninguém. E o semeador vai poder deambular como bem lhe aprouver, sem tira esperando por ele na soleira das portas. Vai poder até pintar em plena luz do dia, sem se incomodar com códigos. Pois não vamos poder deter os milhares de pessoas que surpreenderemos desenhando nas portas. Está entendendo, Danglard, por que ele faz isso? Ele está manipulando a opinião pública, porque é do interesse dele, porque ele precisa, para se livrar dos tiras. Ele é lúcido, Danglard, lúcido e pragmático.

— Lúcido? Nada o obrigava a pintar esses malditos 4. Nada o obrigava a isolar as vítimas. É uma armadilha que ele preparou para si mesmo.

— Ele queria que compreendêssemos que se tratava da peste.

— Era só pintar uma cruz vermelha, *depois*.

— É verdade. Mas ele está lançando uma peste seletiva, não uma genérica. Ele escolhe as vítimas e faz absoluta questão de proteger do contágio os que estão próximos a elas. Isso também é pragmático, refletido.

— Refletido dentro do universo da demência dele. Ele poderia matar sem trazer à tona essa porcaria de peste fora de época.

— Ele não quer matar pessoalmente. Quer que as pessoas *sejam mortas*. Quer ser o agente que dirige a maldição. Isso deve fazer uma diferença enorme para ele. Assim, não se sente responsável.

— Mas uma peste, caramba! É grotesco. De onde é que me saiu esse cara? De que mundo? De que tumba?

— Quando compreendermos isso, Danglard, nós o pegamos, já disse. Que é grotesco, certamente é. Mas não subestime a velha peste. Ela ainda tem fôlego e interessa a muito mais gente do que deveria. Grotesca, talvez, com seus molambos esfarrapados, mas ninguém acha graça. Grotesca, mas temível.

Do carro que seguia rumo à avenue de Suffren, Adamsberg contactou o entomologista para que ele fosse, com uma cobaia, ao

apartamento da nova vítima, na rue du Temple. Tinham sido coletadas umas *Nosopsyllus fasciatus* nos apartamentos de Jean Viard e François Clerc, catorze no primeiro e nove no segundo, e outras nas pilhas de roupa que o semeador jogara ao lado deles. Todas saudáveis. Todas oriundas de um envelope grande, cor de marfim, aberto com um golpe de faca. O seu segundo telefonema foi para a AFP. Era para quem quer que recebesse um envelope assim entrar imediatamente em contato com a polícia. O envelope era para ser exibido no telejornal do meio-dia.

Adamsberg contemplou, desolado, o corpo nu da jovem mulher, desfigurado pelo estrangulamento, quase que totalmente manchado de carvão e sujeira da caminhonete, a roupa formando um patético montinho ao seu lado. Tinham interditado a rua para evitar os curiosos, mas centenas de pessoas já tinham passado por ali. Não havia como conter a informação. Ele enfiou tristemente os punhos nos bolsos. Estava perdendo toda a clarividência, não conseguia mais entender, sentir, perceber o assassino, enquanto o semeador, ao contrário, ostentava uma perfeita eficácia, alardeando seus anúncios, dominando a imprensa e abatendo suas vítimas onde e quando queria, apesar de um aparato policial que deveria supostamente cerceá-lo por todos os lados. Quatro mortes que ele não pudera impedir, embora sua vigilância tivesse sido alertada muito antes. Quando, aliás? Na segunda visita de Maryse, a mãe de família com os nervos à flor da pele. Em compensação, já não sabia quando tinha perdido o fio da meada, em que momento tinha-se extraviado na bruma, submerso pelos dados, impotente.

Olhou para a jovem Marianne Bardou até que carregassem seu corpo no caminhão do necrotério, dando algumas ordens breves, escutando distraidamente os relatórios de seus oficiais que chegavam da rue du Temple. A mulher não saíra à noite, ela simplesmente não voltara do trabalho para casa. Ele mandou dois tenentes falarem com o empregador, sem levar fé, e enveredou a pé pelo caminho da Brigada. Andou muito tempo, muito mais que uma hora, e bifurcou rumo a Montparnasse. Se pelo menos ele conseguisse lembrar quando é que tinha se perdido.

Subiu a rue de la Gaîté e, lentamente, entrou no Viking. Pediu um sanduíche e sentou-se à mesa que dava para a praça, a mesa que ninguém queria porque tinha de ser baixinho para não esbarrar na falsa proa de drácar suspensa na parede, acima dela. Tinha comido um quarto de seu sanduíche quando Bertin se levantou e, subitamente, bateu numa placa de cobre acima do bar, causando um estrondo de trovoadas. Surpreso, Adamsberg viu decolarem, num alvoroço de asas, todos os pombos da praça, enquanto simultaneamente surgia uma multidão de clientes, entre os quais Le Guern, a quem fez um sinal. O Pregoeiro veio sentar-se à sua frente, sem pedir licença.

— O senhor está na fossa, delegado?

— Estou no fundo do poço, Le Guern, dá para notar tanto assim?

— Ahã. Perdido no mar?

— É exatamente isso.

— Isso me aconteceu três vezes, e rodamos feito desgraçados dentro da névoa, só evitando uma catástrofe para passar raspando por outra. Por duas vezes, os aparelhos se desregularam sozinhos. Mas na terceira, eu é que tinha errado com o sextante, depois de uma noite em claro. Basta um cansaço e lá vem a bobagem, o equívoco. Um negócio imperdoável.

Adamsberg se endireitou e Joss viu se acender nos seus olhos de alga a mesma luz que vira brilhar na sua sala, na primeira vez.

— Repita isso, Le Guern. Repita exatamente.

— A história do sextante?

— É.

— Pois é a história do sextante. Quando a gente vacila, o imenso equívoco, o erro imperdoável.

Adamsberg fixou um ponto sobre a mesa, concentrado, imóvel, uma mão estendida como que para mandar calar o Pregoeiro. Joss não ousava mais falar e observava o sanduíche meio dobrado entre os dedos do delegado.

— Eu sei, Le Guern — disse Adamsberg, erguendo a cabeça. — Sei quando foi que deixei de entender, quando deixei de ver.

— Quem?

— O semeador de peste. Deixei de ver, perdi o norte. Mas agora sei *quando* isso aconteceu.

— É importante?

— Tão importante como se você pudesse retificar o erro de sextante e retornar ao ponto preciso em que se extraviou.

— Então é mesmo importante — confirmou Joss.

— Preciso ir — disse Adamsberg, deixando uma cédula de dinheiro sobre a mesa.

— Cuidado com o drácar — avisou Joss. — É de rachar a cabeça.

— Eu sou baixinho. Tinha algum especial hoje de manhã?

— A gente teria avisado.

— O senhor está indo procurar o seu ponto? — Indagou Joss, quando Adamsberg abriu a porta.

— Exatamente, capitão.

— O senhor realmente sabe onde ele está?

Adamsberg apontou a testa com o dedo e saiu.

Tinha sido no momento do equívoco. Quando Marc Vandoosler lhe falara do equívoco. Naquele momento é que ele perdera o rumo. Adamsberg procurava, caminhando, rememorar a frase de Vandoosler. Deixava emergir as imagens, ainda recentes, junto com o som. Vandoosler em pé, encostado na porta, com seu cinto brilhante e sua mão se agitando no ar, magra, enfeitada com anéis de prata, três anéis de prata. Sim, era a história do carvão, estavam naquele ponto. “Este homem está errando quando passa carvão no corpo. Está cometendo um imenso de um equívoco.”

Adamsberg respirou, aliviado. Sentou-se no primeiro banco que apareceu, anotou a observação de Marc Vandoosler no seu caderninho e acabou de comer o sanduíche. Não sabia mais para onde ir mas, pelo menos, tinha encontrado o ponto. O ponto em que seu sextante tinha saído dos eixos. E ele sabia que, a partir dali, havia alguma chance de a névoa se dispersar. Experimentou um forte sentimento de gratidão pelo marinheiro Joss Le Guern.

Voltou tranquilamente para a Brigada, o olhar batendo nas manchetes dos jornais a cada vez que passava na frente de um

quiosque. Naquela noite, no outro dia, se o semeador enviasse sua nova mensagem para a AFP, seu pernicioso "Pequeno tractado da peste", e quando viesse à luz a morte da quarta vítima, nenhuma coletiva de imprensa conseguiria mais conter o contágio do rumor. O semeador estava semeando, e ganhando fácil.

Naquela noite, no outro dia.

23

— É você?

— Sou eu, Zinha. Abre — disse o homem, impaciente.

Mal entrou, ele se atirou nos braços da velha e a apertou junto ao peito, balançando devagar para um lado e outro.

— Está dando certo, Zinha, está dando certo! — Disse.

— Que nem moscas, eles estão caindo que nem moscas.

— Eles se torcem e caem, Zinha. Você se lembra de como, antigamente, os infectados, quase loucos, arrancavam as roupas e corriam para o rio para se afogar? Ou para uma parede, para se espatifar?

— Vem, Arnaud — disse a velha, puxando-o pela mão. — Não vamos ficar no escuro.

Zinha guiou-se até a sala pelo facho da lanterna.

— Acomode-se, fiz umas *galettes*. Você sabe que não se encontra mais nata, sou obrigada a usar creme de leite, Arnaud, sou obrigada. Sirva-se de vinho.

— Antigamente, eles se livravam dos infectados pela janela, de tantos que tinha, e eram encontrados na rua, jogados feito colchões velhos. É triste, hein, Zinha? Pais, irmãos, irmãs.

— Não são seus irmãos, nem suas irmãs. São animais ferozes que não merecem andar sobre a Terra. Depois, só depois, você vai recuperar as forças. É isso ou é você. E agora é você.

Arnaud sorriu.

— Você sabe que eles rodopiam e desabam em poucos dias?

— O flagelo de Deus fulmina enquanto eles correm. Pois que corram. Acho que agora eles já estão sabendo.

— É claro que estão sabendo, e estão tremendo, Zinha. Chegou a vez deles — disse Arnaud, esvaziando o copo.

— Basta de bobagem. Você veio pegar o material?

— Preciso de bastante. Está na hora da viagem, Zinha, você sabe, estou me abrindo.

— Esse material não é nada ruim, hein?

No sótão, a velha se orientou entre as gaiolas, em meio a guinchos e roçares.

— Ora, ora — ela resmungou —, vamos parar com essa gritaria? A Zinha por acaso não alimenta vocês direitinho?

Ela soergueu um saquinho bem fechado e estendeu para Arnaud.

— Tome — disse ela —, você vai ver só que maravilha.

Descendo a escada à frente de Zinha, atento para amparar a velha senhora, Arnaud, comovido, com o braço estendido balançava o peso do rato morto. Era uma senhora especialista, essa Zinha, era a melhor. Sem ela, não teria dado conta. Ele decerto era o mestre, pensou, girando o anel no dedo, e estava provando isso, mas sem ela teria perdido mais dez anos de vida. E da vida ele precisava agora, imediatamente.

Arnaud deixou a velha casa no meio da noite, nos bolsos o lastro dos cinco envelopes em que se agitavam umas *Nosopsyllus fasciatus* de proventrículos carregados feito torpedos. Cochichava sozinho enquanto andava no escuro pela alameda pavimentada. Proventrículo. Estilete mediano do aparelho bucal. Probóscide, trompa, injeção. Arnaud gostava de pulgas e não tinha ninguém, à exceção de Zinha, com quem comentar livremente o imenso interior de sua anatomia, do tamanho do céu. Mas não das pulgas de gato, isso não. Um incompetentes que ele desprezava inteiramente, e Zinha também.

No sábado, todos os agentes da Brigada disponíveis para hora extra tinham sido convidados a trabalhar e, tirando três homens retidos por imperativos familiares, a equipe de Adamsberg estava completa, acrescida pelos doze oficiais de reforço. Adamsberg chegara às sete horas e, sem ilusão, tomara conhecimento dos últimos resultados do laboratório, antes de atacar a pilha de jornais que tinham depositado sobre a sua mesa. Na medida do possível, ele tentava substituir a palavra "escrivania" pela palavra "mesa", a qual, sem encantá-lo, pesava-lhe menos. Em "escrivania" ele só ouvia escravos, escrachos, escrotos. Em "mesa", ouvia sussurrar surpresas, belezas, levezas. Mesa flutuava, escrivania desabava.

Sobre a mesa, ele empilhou os últimos dados técnicos que não levavam a nada. Marianne Bardou não fora estuprada, seu empregador afirmava que ela se trocara nos fundos da loja para sair, mas não especificara aonde ia, o empregador tinha um álibi sólido, assim como os dois amantes de Marianne. Ela morrera estrangulada por volta das dez horas da noite e fora borrifada com gás lacrimogêneo, como Viard e Clerc. Teste de bacilo negativo. No corpo, nenhuma picada de pulga, como tampouco no corpo de François Clerc. Mas foram coletadas na casa dela nove *Nosopsyllus fasciatus*, teste de bacilo negativo. Carvão de lenha utilizado: macieira. Nenhum vestígio de unguento, graxa ou qualquer outra substância nas portas.

Eram sete e meia e os quarenta e três telefones da Brigada estavam começando a tocar por todo lado. Adamsberg mandara cortar a sua linha, ficando apenas com o celular. Puxou a pilha dos jornais e a manchete do primeiro não anunciou nada de bom. Ele avisara o divisionário Brézillon, na noite anterior, depois de o anúncio da nova "Morte Negra" ser transmitido no telejornal das

oito horas. Se o semeador resolvesse enviar seus bons conselhos “preservativos e curativos” para a imprensa, eles não teriam mais condições de proteger as vítimas potenciais.

— E os envelopes? — Retrucara Brézillon. — Focalizaram esse ponto.

— Ele pode mudar o envelope. Para não falar nos engraçadinhos ou nos vingativos que vão colocar envelopes debaixo de um monte de portas.

— E as pulgas? — Sugerira o divisionário. — E se toda pessoa picada se colocar sob a proteção da polícia?

— Elas não picam toda vez — respondera Adamsberg. — Clerc e Bardou não foram picados. Também corremos o risco de nos chegarem milhares de pessoas apavoradas, meramente atacadas por pulgas de homem, de gato ou de cachorro, enquanto passarmos ao largo dos verdadeiros alvos.

— E desencadear um pânico coletivo — acrescentara Brézillon, acabrunhado.

— A imprensa está tratando disso — dissera Adamsberg. — Não vamos conseguir evitar.

— Evite — interrompera Brézillon.

Adamsberg desligara, consciente de que sua recente nomeação para a Criminal se encontrava em equilíbrio instável, nas mãos competentes do semeador de peste. Perder o cargo, ir para outro lugar, ele não ligava muito para isso. Mas perder o fio da meada, agora que tinha achado o ponto de enredamento, isso sim o preocupava.

Espalhou os jornais e precisou fechar a porta para se isolar das estridências entrecruzadas dos telefones que disparavam, um depois do outro, na sala principal, mobilizando todos os agentes da Brigada.

O *Pequeno Tractado* do semeador se estampava nas primeiras páginas, acompanhado de fotos da última vítima, boxes sobre a peste negra, subtítulos próprios para atizar o medo: “Peste negra ou *serial killer*?” “O retorno do flagelo de Deus?” “Assassinatos ou contágio?” “Quarta morte suspeita em Paris.”

E assim por diante.

Menos prudentes que na véspera, alguns artigos começavam a abalar o que já se chamava de “tese oficial do estrangulamento”. Quase todas as edições citavam os elementos de prova que ele apresentara um dia antes na coletiva de imprensa, para em seguida colocá-los em dúvida e exagerá-los. A cor preta dos cadáveres decididamente tirava do sério as penas mais disciplinadas e despertava, como a belas adormecidas, sustos antigos após um sono de quase três séculos. Esse preto que não passava, porém, de um *imenso equívoco*. Imenso equívoco que podia arremessar a cidade nos abismos da loucura.

Adamsberg achou umas tesouras e começou a recortar um artigo que o preocupava muito mais do que todos os outros. Um agente, provavelmente Justin, bateu na porta e entrou.

— Delegado — disse ele, esbaforido —, estão computando quantidades de 4 na área da place Edgar-Quinet. Vão de Montparnasse até a avenue du Maine, e estão avançando pelo boulevard Raspail. Parece que já contaram uns duzentos ou trezentos prédios marcados, cerca de mil portas. O Favre e o Estalère saíram em reconhecimento. O Estalère não quer formar dupla com o Favre, diz que o Favre enche o saco dele, o que é que a gente faz?

— Permutem, faça você uma dupla com o Favre.

— Ele me enche o saco.

— Cabo... — Começou Adamsberg.

— Tenente Voisenet — retificou o oficial.

— Voisenet, não temos mais tempo de cuidar do saco do Favre, do Estalère, nem do seu.

— Tenho consciência disso, delegado. Mais tarde a gente resolve.

— Exatamente.

— Continuamos com as patrulhas?

— É como esvaziar o mar de colherinha. A onda vem vindo aí. Olhe só — disse ele, estendendo os jornais. — Os conselhos do sementeiro foram publicados em todas as primeiras páginas: faça você mesmo os seus 4 para evitar a infecção.

— Eu vi, delegado. Uma catástrofe. Não vamos dar conta. Tirando os primeiros vinte e nove, não vamos mais saber quem proteger.

— Só sobraram vinte e cinco, Voisenet. Houve alguma chamada por causa dos envelopes?

— Mais de cem, só aqui. Não estamos conseguindo acompanhar. Adamsberg deu um suspiro.

— Peça para as pessoas trazerem os malditos envelopes aqui para a Brigada. E mande verificar todos eles. Talvez, lá no meio, tenha algum autêntico.

— Continuamos com as patrulhas?

— Continuem. Procurem avaliar a extensão do fenômeno. Procedam por amostragem.

— Pelo menos não houve assassinato esta noite, delegado. Os vinte e cinco estavam todos lépidos e faceiros pela manhã.

— Eu sei, Voisenet.

Adamsberg terminou às pressas de recortar o artigo que, em meio aos outros todos, se diferenciava por seu conteúdo pausado e consistente. Era o elemento que faltava para pôr fogo na pólvora, o jato de gasolina no lume incipiente. O título era enigmático: "A doença número 9".

"A doença número 9

"A Prefeitura de Polícia, pela voz do delegado divisionário Pierre Brézillon, assegurou-nos que as quatro mortes misteriosas ocorridas em Paris esta semana eram obra de um assassino em série. As vítimas teriam sido mortas por estrangulamento e o delegado-chefe Jean-Baptiste Adamsberg, responsável pela investigação, passou para a imprensa fotos muitíssimo convincentes das marcas de estrangulamento. Mas hoje ninguém mais desconhece que essas mortes são paralelamente atribuídas, por um informante anônimo, a uma epidemia incipiente de peste negra, o terrível flagelo que outrora assolou o mundo.

"Diante dessa alternativa, tomemos a liberdade de lançar uma dúvida sobre a impecável demonstração de serviços de nossa polícia, voltando oitenta anos no tempo. Paris apagou de sua

memória a história de sua última peste. No entanto, a derradeira epidemia que atingiu a capital remonta apenas a 1920. Partindo da China em 1894, a terceira pandemia pestilenta devastou a Índia, causando a morte de doze milhões de pessoas, e atingiu a Europa Ocidental em todos os seus portos — Lisboa, Londres, Porto, Hamburgo, Barcelona... e Paris, por meio de um barco proveniente de Le Havre, que esvaziou seus porões nas margens da cidade de Levallois. Como no resto da Europa, a doença felizmente esmoreceu, declinando em poucos anos. Ainda assim, atingiu 96 pessoas, principalmente nos subúrbios norte e leste na cidade, entre as populações miseráveis dos trapeiros residentes em barracos insalubres. O contágio, inclusive, infiltrou-se intramuros e fez duas dezenas de vítimas no centro da cidade.

“Ora, enquanto durou, essa epidemia foi mantida em segredo pelo governo francês. Vacinaram-se populações expostas sem que a imprensa fosse informada do verdadeiro objetivo daquelas medidas excepcionais. O Departamento de epidemias da Prefeitura de Polícia, numa série de notas internas, insistiu na necessidade de se ocultar o mal da população, mal que foi pudicamente chamado de ‘doença número 9’. Desse modo, lê-se pela pena do secretário-geral, em 1920: ‘Certo número de casos da doença número 9 foram notificados em Saint-Ouen, Clichy, Levallois-Perret e no 19º e 20º distritos. [...] Chamo a atenção para o caráter estritamente confidencial desta nota e a necessidade de não se espalhar o pânico entre a população’. Um vazamento da informação possibilitou que o jornal *L’Humanité* revelasse a verdade na sua edição de 3 de dezembro de 1920: ‘O Senado consagrou sua sessão de ontem à doença número 9 O que é a doença número 9? Às três e meia, soubemos, pelo senhor Gaudin de Villaine, que se trata da peste...’

“Sem querer acusar os representantes da polícia de falsificar os fatos, hoje como no passado, para nos ocultar a realidade, essa pequena nota histórica vem utilmente lembrar aos cidadãos que o Estado tem suas verdades que a verdade desconhece e, em todas as épocas, soube lidar com a arte da dissimulação.”

Pensativo, Adamsberg deixou pender seu braço, com o artigo arrasador entre os dedos. A peste de 1920, em Paris. Era a primeira vez que ele ouvia falar nesse troço. Digitou o número de Vandoosler.

— Acabo de ler os jornais — disse Marc Vandoosler, sem lhe dar tempo de falar nada. — Estamos caminhando para a catástrofe.

— Estamos — confirmou Adamsberg. — A tal peste de 1920 é verdade ou é cascata?

— Verdade absoluta. Noventa e seis casos, dos quais trinta e quatro mortais. Trapeiros da periferia e algumas pessoas da cidade. Foi mais particularmente violento em Clichy pegou famílias inteiras. As crianças juntavam ratos mortos nos lixões.

— Por que não se alastrou?

— Vacinação e profilaxia. Mas, principalmente, os ratos pareciam imunizados. Foi a agonia da última peste da Europa. Ela ainda subsistia em Ajaccio em 1945.

— E o silêncio da polícia é verdade? A “doença número 9” é verdade?

— Verdade, delegado, sinto muito. Impossível de o senhor desmentir.

Adamsberg desligou e ficou zanzando pela sala. A epidemia de 1920 tilintava na sua cabeça, como um discreto mecanismo libera uma porta secreta. Ele não apenas recuperara o seu ponto, mas tinha a impressão de que podia se arriscar para além daquela porta entreaberta, para uma escada sombria, um pouco mofada, em suma, a escada da História. O celular ressoou no seu paletó e ele escutou Brézillon emergindo, fora de si, da leitura dos jornais da manhã.

— Que bandalheira é essa sobre segredinhos da polícia? — Gritou o delegado divisionário. — Que bandalheira é essa sobre uma peste em 1920? Gripe espanhola, isso sim! Me desminta isso mais que depressa!

— Impossível, senhor. É verdade.

— Adamsberg, você está gozando da minha cara? Ou está querendo voltar para o seu pastoreio nas montanhas?

— Não é essa a questão, senhor. Foi uma peste, foi em 1920, foram 96 casos, dos quais 34 mortais, e tanto a polícia como o governo tentaram ocultar o fato da população.

— Ponha-se no lugar deles, Adamsberg!

— Eu estou no lugar deles, senhor.

Houve um silêncio e Brézillon desligou violentamente.

Justin, ou Voisenet, um dos dois, empurrou a porta da sala. Voisenet.

— Está crescendo, delegado. Ligação de tudo que é lugar. Toda a cidade está sabendo, as pessoas estão com medo, as portas estão se enchendo de 4. Não estamos sabendo o que fazer.

— Não tentem fazer mais nada. Deixem rolar.

— Ah, muito bem, delegado.

O celular tocou mais uma vez e Adamsberg retomou sua posição, encostado na parede. O ministro? O juiz? Quanto mais crescia a tensão dos outros, mais a sua indolência o invadia. Desde que reencontrara o seu ponto, tudo relaxava.

Era Decambrais. Foi o primeiro, naquele dia, que não disse que tinha lido os jornais e que estavam caminhando para uma catástrofe. Decambrais continuava ligado nos seus “especiais”, que ele recebia em primeira mão, antes que chegassem à AFP. O sementeiro realmente deixava uma pequena dianteira ao Pregoeiro, como se fizesse questão de manter o privilégio com que o beneficiara de início, ou então agradecer-lhe por ter servido de trampolim sem reclamar.

— O especial da manhã — disse Decambrais. — Merece reflexão. É comprido, pegue alguma coisa para anotar.

— Pronto.

— “De fato, fazia setenta anos” — começou Decambrais — “que eles não experimentavam os rigores do terrível flagelo, e efetuavam seu comércio com inteira liberdade, quando, *reticências*, viram chegar, *reticências*, uma nau carregada de algodão e outras mercadorias. *Reticências*.” Delegado, estou mencionando essas *reticências* porque elas constam do texto.

— Eu sei. Continue, devagar.

— “Mas a liberdade que se deu aos passageiros de entrar na Cidade com sua bagagem e a frequência que eles tiveram com os moradores logo produziram efeitos funestos: pois no *reticências*, os senhores, *reticências*, Médicos, vieram à sede do governo alertar os regedores municipais que, tendo sido chamados pela manhã *reticências* para atender um rapaz enfermo, denominado Eissalene, marinheiro, parecera-lhes que estava acometido de infecção.”

— Acabou?

— Não, há um epílogo interessante sobre o estado de espírito dos governantes da cidade, perfeito para agradar os seus superiores.

— Estou escutando.

— “Tal alerta fez estremecer os Regedores Municipais; e, como se já previssem as desgraças e perigos que iriam enfrentar, caíram de súbito num abatimento que deu facilmente a conhecer o sofrimento extremo que os acometeu. Com efeito, não devemos nos surpreender se o temor e a aproximação da Peste lançaram tamanho pavor em seus espíritos, pois os Livros Sagrados nos ensinam que, dos três flagelos com que Deus outrora ameaçou o seu Povo, o da Peste era o mais severo e o mais rigoroso...”

— Não sei se o meu divisionário está acometido de abatimento extremo — comentou Adamsberg. — Ele teria mais tendência a abater os outros.

— Posso imaginar. Conheci essa situação, por outras vias. É preciso que alguém caia. O senhor teme por seu posto?

— Vou pensar no caso. Para o senhor, o que tem a dizer esse pregão de hoje?

— Que é cumprido. É cumprido porque tem dois objetivos: legitimar o medo da população, justificando o dos próprios governantes, e anunciar outras mortes por vir. Anunciar com precisão. Tenho uma vaga ideia sobre o assunto, Adamsberg, mas não estou seguro, preciso conferir. Não sou especialista.

— Muita gente em volta de Le Guern?

— Ainda mais que ontem à noite. Está começando a faltar espaço na hora do pregão.

— Le Guern devia cobrar ingresso. Pelo menos assim alguém saía ganhando.

— Cuidado, delegado. Quero preveni-lo contra esse tipo de brincadeira, caso se encontre com o bretão. Porque os Le Guern podem até ser grossos, mas não são bandidos.

— Isso é certo?

— Em todo caso, é o que afirma o finado trisavô dele, que faz uma visitinha para ele de vez em quando. Não que seja muito apegado à família, mas aparece com razoável regularidade.

— Decambrais, o senhor hoje pintou um 4 na sua porta?

— O senhor está querendo me ofender? Se alguém permanecer de pé contra as ondas mortais da superstição, esse alguém serei eu, Ducouëdic, palavra de bretão. Eu e Le Guern. E Lizbeth. Se quiser juntar-se a nós será bem-vindo no nosso grupinho.

— Vou pensar no assunto.

— Superstição significa credulidade — prosseguiu Decambrais, arrebatado. — Credulidade significa manipulação e manipulação significa calamidade. É a praga da humanidade, provocou mais mortes que todas as pestes juntas. Tente pôr a mão nesse semeador antes que o despeçam, delegado. Não sei se ele tem consciência dos seus atos mas, nivelando o povo de Paris por baixo, está cometendo um erro e tanto.

Adamsberg desligou, sorrindo e refletindo. “Consciência dos seus atos.” Decambrais estava pondo o dedo no fio que o vinha preocupando desde o dia anterior e que, devagarinho, ele estava começando a seguir. Com o texto do “especial” debaixo dos olhos, tornou a ligar para Vandoosler enquanto Justin/Voisenet abria a porta e, num gesto silencioso dos dedos, comunicava que acabavam de atingir o número de setecentos prédios marcados com 4. Adamsberg aquiesceu com um movimento de cílios e calculou que, nesse ritmo, chegariam a mil antes da noite.

— Vandoosler? Adamsberg de novo. Não está ocupado? Posso ler o especial de hoje? Vai levar um tempinho.

— Vá em frente.

Marc escutou atentamente a voz de Adamsberg descrevendo suavemente o desastre iminente que se abatia sobre a cidade, na

pessoa do jovem Eissalene.

— E então? — Disse Adamsberg, concluindo a leitura, como quem consulta um dicionário. Parecia impossível o vagão-tanque do Marc Vandoosler não desvendar o enigma da nova mensagem.

— Marselha — disse Marc, num tom firme. — A peste está chegando a Marselha.

Adamsberg estava preparado para um desvio por parte do sementeiro, já que seu texto descrevia uma nova eclosão, mas não para uma saída de Paris.

— Você tem certeza, Vandoosler?

— Absoluta. Trata-se da chegada, em 25 de maio de 1720, às ilhas do castelo de If, do *Grande Santo Antônio*, navio proveniente da Síria e Chipre, carregado de pacotes de seda infectados e, a bordo, uma tripulação já dizimada pela doença. Os nomes dos médicos que estão faltando são os de Peissonel, pai e filho, que deram o alarme. O texto é famoso, assim como a epidemia, um desastre que dizimou quase metade da cidade.

— Esse rapaz, esse Eissalene que os médicos vão atender, você sabe onde foi visitado?

— Na place Linche, hoje place de Lenche, atrás do cais norte do antigo porto. O foco originário da epidemia devastou a rue de l'Escale. A rua não existe mais.

— Nenhuma possibilidade de erro?

— Nenhuma. Trata-se de Marselha. Posso lhe enviar uma cópia do texto original, se quiser uma confirmação.

— Não vai ser preciso, Vandoosler. Obrigado.

Adamsberg deixou sua sala, abalado. Foi ter com Danglard que, como os demais trinta agentes, tentava controlar as chamadas telefônicas e medir o movimento ascendente do ciclone de superstição. A sala principal recendia a cerveja e, principalmente, suor.

— Daqui a pouco — disse Danglard, colocando o fone no gancho e anotando um número —, não vai mais se achar uma só lata de tinta na cidade inteira.

Ergueu o rosto, com a testa úmida, para Adamsberg.

— Marselha — disse Adamsberg, pondo o texto do último especial debaixo dos olhos dele. — O semeador está alçando voo. Vamos viajar, Danglard.

— Caramba — disse Danglard, percorrendo rapidamente o texto. — A chegada do *Grande Santo Antônio*.

— Você conhece esse excerto?

— Estou reconhecendo, depois que o senhor falou. Mas não sei se eu teria decifrado de saída.

— É mais conhecido que os outros?

— Certamente. Foi a última epidemia na França, mas foi atroz.

— Não foi a última — disse Adamsberg, estendendo-lhe o artigo sobre a “doença número 9”. — Leia isso e você vai entender por que, daqui até hoje à noite, não vai mais haver um só parisiense que acredite nas palavras de um tira.

Danglard leu e meneou a cabeça.

— É uma catástrofe — disse.

— Danglard, eu lhe peço, não pronuncie essa palavra. Ponha-me na linha com o colega de Marselha, setor do Antigo Porto.

— No setor do Antigo Porto é o Masséna — murmurou Danglard, que conhecia os delegados-chefes e divisionários de todo o país, assim como os centros administrativos de cada distrito. — Um sujeito correto, não uma besta que nem o seu antecessor, que acabou degradado por golpes e ferimentos com intuito de arrancar o sangue dos árabes. Foi substituído pelo Masséna, que é direito.

— Melhor assim — disse Adamsberg —, porque vamos ter de fechar com ele.

Adamsberg se posicionou às seis e cinco na place Edgar-Quinet, para escutar o pregão da tarde, que não acrescentou nada de novo. Agora que o semeador era obrigado a utilizar o correio para jogar as mensagens na urna, sua liberdade de horários ficava limitada. Adamsberg sabia disso e só viera mesmo para examinar o rosto dos que se agrupavam em torno de Le Guern. A multidão estava bem mais densa que nos dias anteriores e muitas pessoas esticavam o

pescoço para ver que cara tinha aquele “pregoeiro” por quem se dera o anúncio do contágio. Os dois agentes que estavam permanentemente vigiando a praça tinham como missão suplementar cuidar da segurança de Joss Le Guern, no caso de um movimento hostil se desencadear durante o pregão.

Adamsberg postara-se junto a uma árvore, não muito longe do estrado, e Decambrais comentava para ele os rostos familiares. Ele já tinha indicado numa lista umas quarenta pessoas, separadas em três colunas — os assíduos, os fiéis e os inconstantes, com as descrições físicas atinentes, como diria Le Guern. Sublinhara de vermelho os nomes dos que aproveitavam a “Página de história da França” para lançar apostas sobre o desfecho dos naufrágios finisterianos, de azul os apressados que saíam para o trabalho assim que acabava o pregão, de amarelo os molengões que ficavam discutindo na praça ou no Viking, de roxo os que apareciam somente no horário das compras. Um trabalho bom e bem-feito. Com o papel em mãos, Decambrais designava discretamente ao delegado os rostos correspondentes para memorizar.

— “*Carmella*, três-mastros austríaco de 405 tonéis, saiu pelo leste de Bordeaux com destino a Cardiff, vindo perder-se em Gazckar-Vilers. Tripulação, catorze homens, salva” — concluiu Joss, saltando do estrado.

— Olhe depressa — disse Decambrais. — Todos os que estão com ar atônito, os que estão franzindo o cenho, os que não estão entendendo nada, todos esses são novos.

— Quer dizer, novatos — disse Adamsberg.

— Exatamente. E todos os que estão discutindo, mexendo a cabeça, gesticulando, são os assíduos.

Decambrais deixou Adamsberg para ir ajudar Lizbeth a descascar aquela vagem que eles tinham adquirido em caixas, a baixo preço, e Adamsberg entrou no Viking, esgueirando-se sob a proa do drácar para ocupar a mesa que ele já considerava sua. Os apostadores do naufrágio já estavam reunidos no bar e o dinheiro passava ruidosamente de mão em mão. Bertin é que mantinha uma lista de apostas a fim de que não houvesse nenhuma marmelada.

Devido a suas origens divinas, julgava-se que Bertin era um homem confiável, imune a propinas.

Adamsberg pediu um café e ficou contemplando o perfil de Marie-Belle, que, muito compenetrada, escrevia uma carta na mesa ao lado. Era uma moça delicada, que seria quase lindíssima se seus lábios fossem um pouco mais nítidos. Como o irmão, tinha cabelos grossos e cacheados que lhe batiam nos ombros, só que eram limpos e loiros. Ela sorriu para ele e continuou com sua tarefa. Ao seu lado, a jovem senhora chamada Eva esforçava-se para ajudá-la. Era menos bonita, decerto por ser menos livre, tinha um rosto macio e sério, marcado por olheiras roxas, como Adamsberg imaginava uma heroína do século XIX, enclausurada em sua casa do interior com lambris de madeira.

— Está bom assim? Você acha que ele vai entender? — Perguntava Marie-Belle.

— Está bom — disse Eva —, ela só está um pouco curta.

— Falo no tempo que está fazendo?

— Por exemplo.

Marie-Belle voltou à sua tarefa, segurando a caneta bem apertada entre os dedos.

— “Friagem” — disse Eva — é com “g”.

— Tem certeza?

— Acho que sim. Deixa eu tentar.

Eva fez várias tentativas num rascunho e acabou franzindo o cenho, indecisa.

— Agora já não sei mais, me confundi.

Marie-Belle voltou-se para Adamsberg.

— Delegado — perguntou, um tanto tímida —, “friagem” é com “g” ou com “j”?

Era a primeira vez na vida que alguém consultava Adamsberg sobre uma questão de ortografia e ele era incapaz de oferecer a resposta.

— Na frase “Mas Damasco não pegou friagem” — especificou Marie-Belle.

— A frase não muda nada — disse Eva, em voz baixa, ainda debruçada sobre o rascunho.

Adamsberg explicou que não entendia nada de ortografia e Marie-Belle pareceu se abalar com a notícia.

— Mas o senhor é policial — ela objetou.

— É assim mesmo, Marie-Belle.

— Vou indo — disse Eva, tocando o braço de Marie-Belle. — Prometi ao Damasco que ia ajudar a fechar o caixa.

— Obrigada — disse Marie-Belle —, é muito bacana você ir no meu lugar. Porque com essa carta toda para escrever, não vou conseguir me liberar.

— Imagine — disse Eva —, para mim é uma distração.

Ela se afastou sem fazer ruído e Marie-Belle voltou-se imediatamente para Adamsberg.

— Delegado, eu devo contar sobre essa... esse... flagelo? Ou é melhor calar tanto quanto possível?

Adamsberg meneou a cabeça, devagar.

— Não há nenhum flagelo.

— Mas e os 4? Os corpos pretos?

Adamsberg repetiu seu gesto.

— Um assassino, Marie-Belle, já é o quanto basta. Mas nenhuma peste, nem sombra.

— Devo acreditar no senhor?

— Cegamente.

Marie-Belle sorriu de novo e, desta vez, descontraíu-se totalmente.

— Desconfio que a Eva está apaixonada pelo Damasco — disse ela franzindo a testa, como se Adamsberg, por ter solucionado o problema da peste, fosse resolver na sequência todas as outras complicações da vida. — O conselheiro diz que isso é bom, que é a vida renascendo, que tem que deixar acontecer. Mas, por uma vez, não concordo com o conselheiro.

— Por quê? — Perguntou Adamsberg.

— Porque Damasco está apaixonado pela gorda Lizbeth, por isso.

— Você não gosta da Lizbeth?

Marie-Belle fez beicinho, emendando-se em seguida.

— Ela é legal — disse —, mas é muito barulhenta. E também me assusta um pouco. De qualquer modo, Lizbeth aqui é inatacável. O conselheiro diz que ela é igual à árvore que dá abrigo a centenas de pássaros. Tudo bem, mas é uma árvore que perturba à beça os ouvidos da gente. E, além disso, a Lizbeth meio que dita a lei por aí. Os homens todos arrastam um caminhão por ela. Com aquela experiência, é óbvio...

— Você está com ciúmes? — Perguntou Adamsberg, sorrindo.

— O conselheiro afirma que sim, mas eu não me dou conta. O que me incomoda é que o Damasco fica enfiado lá toda noite. Tenho que reconhecer que, quando a gente escuta a Lizbeth cantar, fica seduzido, é óbvio. O Damasco está mesmo fascinado e não vê a Eva, porque ela não faz barulho. Claro que a Eva é mais tediosa, é óbvio, com a experiência que teve.

Marie-Belle lançou um olhar inquiridor a Adamsberg, para conferir o que ele sabia ou não sobre Eva. Visivelmente, nada.

— O marido bateu nela durante anos — explicou, incapaz de resistir à tentação. — Ela fugiu, mas ele anda atrás dela para matá-la, o senhor pode imaginar? Como é que a polícia não mata o marido primeiro? Ninguém pode saber o nome da Eva, é uma ordem do conselheiro, e ai de quem quiser mexer nessa história. Ele sabe o nome, tem esse direito, já que é o conselheiro.

Adamsberg deixou-se embalar pela conversa, lançando vez por outra um olhar às atividades que enlanguesciam pela praça. Le Guern amarrava a urna no plátano, para a noite. O alarido dos telefones, que parecera persegui-lo Brigada afora, estava amainando aos poucos. Quanto mais pobre a conversa, mais ele se descontraía. Já tinha tido a sua cota de reflexões intensas.

— Está certo — disse Marie-Belle, voltando-se totalmente para ele —, é bom pela Eva, porque depois daquilo ela não podia mais ver homem nenhum, nem pintado. Assim ela desperta. Com o Damasco, ela está descobrindo que existem homens melhores do que o desgraçado que batia nela. E isso é bom, porque é óbvio que a vida de uma mulher sem homem não leva a nada. A Lizbeth não acredita nisso, ela fala que o amor é baboseira para boi dormir. Fala até que é pura besteira, então já viu.

— Ela foi prostituta? — Perguntou Adamsberg.

— Claro que não — disse Marie-Belle, chocada —, por que o senhor está dizendo uma coisa dessas?

Adamsberg se arrependeu de ter perguntado. A candura de Marie-Belle ultrapassava a sua expectativa, o que era ainda mais relaxante.

— É a sua profissão — constatou Marie-Belle com ar tristonho. — Deforma tudo.

— Receio que sim.

— E o senhor acredita no amor? Eu me permito perguntar a opinião de uma ou outra pessoa, porque, por aqui, a opinião da Lizbeth é inatacável.

Como Adamsberg permanecesse calado, Marie-Belle meneou a cabeça.

— É óbvio — concluiu ela —, com tudo o que o senhor vê por aí. Mas o conselheiro é a favor do amor, besteira ou não besteira. Ele até diz que mais vale uma boa besteira do que se chatear numa cadeira. Isso vale para a Eva. Ela anda mais animada desde que está fechando o caixa com o Damasco à noitinha. Só que o Damasco ama a Lizbeth.

— É — disse Adamsberg, percebendo sem desprazer que a conversa estava andando em círculos. Quanto mais andasse em círculos, tanto menos ele teria que falar, tanto mais esqueceria o semeador e as centenas de portas que, naquele exato momento, deviam estar se cobrindo de 4.

— E a Lizbeth não ama o Damasco. Então a Eva vai se machucar, é óbvio, o Damasco vai se machucar também e a Lizbeth eu não sei.

Marie-Belle considerou outro arranjo que pudesse agradar todo mundo.

— E você — perguntou Adamsberg —, gosta de alguém?

— Eu — disse Marie-Belle, corando e tamborilando na carta com o dedo —, com meus dois irmãos já tenho homens bastante para me ocupar.

— Você estava escrevendo para o seu irmão?

— O mais novo. Ele mora em Romorantin e gosta de receber notícias. Escrevo toda semana para ele, e telefono. Eu gostaria que ele viesse para Paris, mas ele tem medo de Paris. O Damasco e ele não são de se virar muito bem. O menor ainda menos. Tenho que dizer para ele tudo o que ele tem que fazer, até com as mulheres. E olhe que é um garoto bonito, bem loiro. Mas ele fica esperando eu dar um empurrãozinho, senão ele não se mexe. Então, preciso cuidar deles até se casarem, é óbvio. Tenho trabalho pela frente, principalmente se o Damasco for ficar esperando a Lizbeth por nada durante anos. Depois, quem é que vai secar as lágrimas dele? O conselheiro diz que eu não tenho obrigação de cuidar dele.

— É verdade.

— Mas bem que ele cuida das pessoas. Elas ficam desfilando pelo consultório dele o dia inteiro, e o que ele cobra vale a pena. Não são conselhos furados. Mas eu não posso abandonar os meus irmãos, não posso mesmo.

— Isso não impede você de gostar de alguém.

— Claro que impede — disse firmemente Marie-Belle. — E com o trabalho, com a loja, é óbvio que acabo não conhecendo muita gente. Na praça não tem ninguém que me agrade. O conselheiro falou para eu dar uma olhadinha um pouco mais adiante.

O relógio do café soou sete e meia e Marie-Belle teve um sobressalto. Dobrou rapidamente a carta, colou um selo no envelope e o enfiou dentro da bolsa.

— Desculpe, delegado, mas tenho de ir. O Damasco está me esperando.

Ela saiu correndo e Bertin veio tirar os copos.

— Tagarela — explicou o normando, como que desculpando Marie-Belle. — Também não dá para acreditar em tudo o que ela fala sobre a Lizbeth. A Marie-Belle está com ciúmes, tem medo que a outra tire o irmão dela. É humano. A Lizbeth é uma mulher que está acima dessas confusões, nem todo mundo consegue entender. O senhor fica para o jantar?

— Não — disse Adamsberg, levantando-se. — Tenho o que fazer.

— Me diga uma coisa, delegado — perguntou Bertin, acompanhando-o até a porta —, é preciso pintar esse 4 ou não?

— Dizem que você é filho do trovão — disse Adamsberg, voltando-se. — Ou é só conversa que escutei na praça?

— Sou, sim — disse Bertin, erguendo o queixo. — Por parte dos Toutin, por parte de mãe.

— Então não pinte esse 4, Bertin, se não quiser que toda a sua gloriosa ascendência o renegue com um pé na bunda.

Bertin fechou a porta, com o queixo ainda erguido, tomado por uma súbita determinação. Com ele vivo, nenhum 4 seria visto na porta do Viking.

Meia hora mais tarde, Lizbeth reunira os inquilinos para o jantar. Decambrais pediu silêncio fazendo tilintar o copo com a faca, gesto que julgava meio vulgar, mas por vezes necessário. Castillon compreendia muito bem aquele apelo à ordem e reagia no ato.

— Não costumo ditar o comportamento de meus hóspedes — Decambrais preferia esse termo a inquilino, concreto demais —, que nos seus quartos são reis. Contudo, tendo em vista as circunstâncias muito singulares do momento, peço encarecidamente a cada um que não ceda à intoxicação coletiva e se abstenha de pintar qualquer espécie de talismã na sua porta. Tal figura desabonaria esta casa. Respeitoso das liberdades individuais, porém, não me oporei se algum de vocês desejar se colocar sob a proteção desse 4. Mas ficaria agradecido se se mudasse para outro lugar enquanto durar a loucura para a qual esse semeador de peste tenta nos arrastar. Ouso esperar que nenhum de vocês compactue com esse projeto.

Seu olhar passou de um para o outro no grupo silencioso. Decambrais observou que Eva vacilava, hesitante, que Castillon sorria com ar bravateiro, nem por isso totalmente tranquilo, que Joss não estava nem aí e que Lizbeth fulminava com a mera ideia de alguém vir colocar um 4 nas proximidades.

— Está bem — disse Joss, que estava com fome. — Está votado.

— Mesmo assim — disse Eva —, se você não tivesse lido todas essas mensagens do diabo...

— O diabo não me põe susto, Evinha — respondeu Joss. — Os vagalhões, isso sim é um pavor, nem me fale. Mas o diabo, os 4 e essa coisarada toda, pode esquecer e deixar para lá. Palavra de bretão.

— Está falado — disse Castillon, reaprumado pelo discurso de Joss.

— Está falado — repetiu Eva, em voz baixa.

Lizbeth não acrescentou nada e serviu generosamente a sopa.

Adamsberg contava com o domingo, quando a maioria da imprensa francesa fica reduzida ao mínimo, para que os ânimos esfriassem. A última estimativa da véspera desagradara-o sem surpreendê-lo: quatro a cinco mil prédios marcados com 4 em Paris. Por outro lado, o domingo propiciava aos parisienses tempo para que cuidassem de suas portas, e o número podia aumentar drasticamente. No fim das contas, tudo dependia do tempo. Se em 22 de setembro fizesse um dia bonito, eles iriam escapular da cidade e deixariam decantar um pouco a história. Se ficasse cinzento, o astral se fragilizaria, e as portas sofreriam com isso.

Assim que acordou e antes de se mexer na cama, seu primeiro olhar foi para a janela. Estava chovendo. Adamsberg dobrou os dois braços sobre os olhos e confirmou sua intenção de não pôr os pés na Brigada. A equipe de plantão saberia encontrá-lo caso o semeador tivesse atacado à noite, apesar de uma vigilância reforçada junto aos vinte e cinco prédios iniciais.

Depois de tomar banho, deitou-se vestido em cima da cama e esperou, com os olhos fixos no teto e os pensamentos errantes. Às nove e trinta, levantou-se e considerou que o dia estava ganho em pelo menos uma frente. O semeador não tinha matado.

Foi se encontrar, como combinado na véspera, com o médico psiquiatra Ferez, que o esperava no cais da ilha Saint-Louis. Adamsberg não gostava da ideia de se trancar no consultório dele, preso a uma cadeira, e tinha conseguido que se encontrassem na rua, olhando para a água. Ferez não tinha o hábito de se dobrar aos mil caprichos de seus pacientes, mas Adamsberg não era um paciente e a emoção coletiva vinda do homem dos 4 o intrigava desde os primeiros sussurros.

Adamsberg avistou Ferez de longe, homem muito alto, um tantinho encurvado debaixo de um imenso guarda-chuva cinzento, rosto quadrado, fronte alta, cabeça cingida por um círculo de cabelos brancos que brilhavam na chuva. Ele o conhecera dois anos antes por ocasião de um jantar cujos anfitriões esquecera. Aquele homem que cultivava uma fleuma delicada, uma felicidade sóbria, um discreto distanciamento dos outros que ele sabia transformar, se lhe pedissem, em atenção verdadeira, tinha alterado as ideias um tanto fixas que Adamsberg nutria sobre a sua profissão. Tomara o hábito de consultar Ferez quando sua intuição sobre o funcionamento alheio deparava-se com as limitações de seus conhecimentos médicos.

Adamsberg, que não possuía guarda-chuva, chegou ao encontro encharcado. Ferez só sabia, sobre o assassino e suas manias obsessivas, o que a mídia divulgara, e escutou o delegado fornecer os detalhes complementares sem tirar os olhos dele. A máscara inexpressiva que o médico usava por automatismo profissional ostentava um olhar fixo e claro que não desgrudava dos lábios do seu interlocutor.

— O que me parece — disse Adamsberg, depois de quarenta longos minutos de narrativa que o médico não interrompera — é que esse recurso à peste deve ser elucidado. Não é como se o semeador estivesse usando uma ideia banal, na ordem do dia em todos os espíritos, como por exemplo...

Adamsberg se deteve, buscando as palavras.

— Como, por exemplo, um assunto em voga que não surpreendesse ninguém...

Interrompeu-se novamente. Definir verbalmente as coisas com termos precisos às vezes apresentava para ele alguma dificuldade. Ferez não tentava, de modo algum, dar-lhe uma mão.

— Como, por exemplo, o apocalipse do terceiro milênio ou histórias de ficção científica do tipo fantasia heroica.

— Sim — confirmou Ferez.

— Ou então as ladainhas vampíricas, crísticas, solares. Isso tudo, Ferez, podia servir de embalagem legível para um assassino querendo se irresponsabilizar pelos seus atos. Mas legível, quero

dizer compreensível a todos, contemporâneo. O homem se apresentaria como o Senhor dos Pântanos, o Enviado do Sol ou o Grande Tudo, e todo mundo perceberia na hora que um maluco perdeu a cabeça ou foi induzido por alguma seita. Estou me fazendo entender?

— Prossiga, Adamsberg. Você não quer pegar carona no meu guarda-chuva?

— Obrigado, já vai parar. Mas com essa peste, o semeador está fora do século dele. É anacrônico, “grotesco”, como diz o meu adjunto. É grotesco porque está fora de tom, porque esta peste em nossa época causa o mesmo efeito que um dinossauro numa cristaleira. O semeador não está por dentro, está correndo por fora da pista. Ainda estou me fazendo entender?

— Prossiga — repetiu Ferez.

— Apesar de que, por mais fora de moda que esteja, a tal peste consegue despertar terrores históricos muito menos amorfos do que seria de se esperar, mas isso já é outro assunto. O meu assunto é a defasagem entre esse sujeito e o seu tempo, sua escolha incompreensível de um tema que a ninguém, absolutamente ninguém, teria ocorrido. E é esse incompreensível que temos de perceber. Não digo que não existam alguns sujeitos trabalhando sobre essa questão do ponto de vista histórico. Conheço um. Mas Ferez, me diga se estou enganado, por mais que um sujeito se afeite a um tema de estudo, esse tema não pode penetrar dentro dele a ponto de se tornar o móbil de uma série de assassinatos.

— É verdade. O objeto de estudo permanece externo à personalidade instintiva, principalmente se sobreveio tardiamente. É uma atividade, não uma pulsão.

— Ainda que a atividade assuma contornos frenéticos?

— Ainda assim.

— Elimino, portanto, nessa escolha do semeador, qualquer motivação de ordem intelectual, e elimino também qualquer acaso. Não se trata de um homem que pensou: vamos adotar o flagelo de Deus, vai dar um efeito sensacional. Não se trata de um engraçadinho ou de um trapaceiro. É impossível. O semeador não tem esse distanciamento. Ele acredita violentamente naquilo. Ele

desenha os 4 com verdadeiro carinho, está mergulhado no caso até o pescoço. Ele utiliza a peste instintivamente, sem o mínimo contexto cultural adequado. Ele não liga se está sendo entendido ou não. Ele entende. Utiliza a peste porque é preciso. É até onde consigo chegar.

— Muito bem — disse Ferez, pacientemente.

— Se o semeador está nessa, é que a peste está dentro dele, fundamental. É, portanto, um assunto de...

— Família — completou Ferez.

— Exatamente. Você concorda?

— Não há nenhuma dúvida, Adamsberg. Porque não há outra solução.

— Muito bem — disse Adamsberg, reconfortado e sabendo que, em matéria de vocabulário, já tinha passado pelo mais árduo. — No início — retomou —, pensei que o sujeito talvez tivesse contraído a doença quando jovem, num país distante, uma falta de sorte, um trauma, sei lá o quê. Não fiquei convencido.

— Então?

— Então quebrei a cabeça, pensando em como a infância de um homem podia se ressentir de um drama encerrado no início do século XVIII. Cheguei à solução lógica de que o semeador teria duzentos e sessenta anos de idade. Não fiquei convencido.

— Não estava mal. Um paciente interessante.

— Então soube que a peste atacou Paris em 1920. No *nosso* século, já bem adiantado. Você sabia disso?

— Não — reconheceu Ferez. — Para ser honesto, não.

— Noventa e seis casos, trinta e quatro mortos, a maioria nos subúrbios pobres. E estou achando, Ferez, que a família desse cara viveu essa tormenta, foi em parte ceifada por ela, talvez os bisavós. Que o drama se cristalizou dentro da saga da família.

— Isso se chama fantasma familiar — interrompeu o médico.

— Muito bem. Ele se cristalizou, e foi assim que a peste se infiltrou dentro da cabeça da criança, pela dizimação de antepassados próximos incansavelmente recontada. Um menino, na minha opinião. Para ele, então, a peste faz naturalmente parte da vida, do seu...

— Ambiente psíquico.

— Isso mesmo. Ela é um elemento espontâneo, não uma figura histórica ultrapassada como é para nós. Vou descobrir o sobrenome do semeador em meio às trinta e quatro vítimas da peste de 1920.

Adamsberg parou de andar, cruzou os braços e olhou para o médico.

— Você até que é bom nisso, Adamsberg — disse Ferez, sorrindo. — E está na direção certa. Acrescente, porém, a esse fantasma familiar, perturbações violentas que permitiram que ele se instalasse. É nas falhas que os fantasmas constroem os seus ninhos.

— Certo.

— Mas, lamento, acho que vou frustrar você. Eu não procuraria esse semeador no seio de uma família dizimada pela peste, mas no seio de uma família *poupada*. Isso representa milhares de pessoas possíveis e não apenas trinta e quatro.

— Por que poupada?

— Porque o seu semeador usa a peste como instrumento de poder.

— E daí?

— Não seria assim se a peste tivesse *vencido* a sua família. Nesse caso, ele a abominaria.

— Eu imaginei que estaria errando em algum ponto — disse Adamsberg, recomeçando a andar, com as mãos cruzadas nas costas.

— Um erro, não, Adamsberg, um simples pino encaixado ao contrário. Pois se o semeador usa a peste como instrumento de poder, é porque ela, no seu tempo, trouxe algum tipo de poder à família. O lar deve ter sido poupado, como que por milagre, no coração de um bairro onde os outros todos morriam. E a família pode ter tido que pagar um preço muito alto por esse milagre. É fácil passar a odiar os que escapam ilesos e então suspeitar que são beneficiados por algum poder secreto e então os acusar de espalharem o flagelo. Você conhece essa história, a mesma de sempre. Eu não ficaria surpreso se a família dele tivesse sido apontada com o dedo, depois ameaçada, vilipendiada, e tivesse

tido que fugir do local do drama sob pena de ser feita em pedaços pelos vizinhos.

— Caramba — disse Adamsberg, chutando um tufo de grama ao pé de uma árvore. — Você tem razão.

— É uma possibilidade.

— A possibilidade certa. A saga da família é o milagre da sobrevivência, daí a vingança e o isolamento. A saga é ter escapado da peste e, melhor ainda, ter dominado a peste. Puderam extrair orgulho daquilo que lhes censuravam.

— É o que geralmente acontece. Basta dizer a uma pessoa que ela é babaca para ela retrucar que se orgulha de ser assim. É um reflexo de defesa corriqueiro, qualquer que seja a acusação.

— O fantasma é o diferencial deles, é o poder que eles têm sobre o flagelo de Deus, incansavelmente ensinado.

— Não esqueça, Adamsberg, sobre esse seu semeador: família destrocada, perda do pai ou da mãe, sentimento de abandono e, portanto, de fraqueza imensa. É a explicação mais provável para o menino ter se apegado à violência da glória familiar, sua única fonte de poder. Remoída, decerto, por um avô. As transmissões dos dramas se fazem pulando uma geração.

— Desse jeito não vou conseguir encontrar nada buscando no registro civil — disse Adamsberg, ainda maltratando o mesmo tufo de grama. — Centenas de milhares de pessoas escaparam da peste.

— Sinto muito.

— Não faz mal, Ferez. Você me ajudou.

Adamsberg subiu o boulevard Saint-Michel pela calçada onde o sol estava voltando a bater. Ia com o paletó na mão, para ver se ele secava. Não tentava combater o ponto de vista de Ferez, sabia que o médico estava certo. Isso punha o semeador fora de alcance, quando supusera que o tinha quase à mão. Restava a place Edgar-Quinet, para onde ele se dirigia. O bisneto dos trapeiros de 1920 estava naquela praça, ele sempre acabava voltando a essa ideia. Ele estava ali, ou passava sempre por ali, desdenhando o perigo. Afinal, o que ele tinha a temer? Sentia-se senhor da situação e provaria isso, num momento de sua vida em que precisara. Não eram vinte e oito tiras que iriam assustá-lo, ele que comandava o flagelo de Deus e podia detê-lo com um gesto da mão. De modo que vinte e oito tiras ou vinte e oito titicas de passarinho davam exatamente na mesma.

E tudo confirmava o orgulho do semeador. Os parisienses lhe obedeciam e pintavam conscienciosamente o talismã nas suas portas. E os vinte e oito tiras deixavam os cadáveres se acumularem. Já eram quatro mortes, e ele não tinha a mais leve ideia do que fazer para impedir a próxima. Exceto plantar-se no cruzamento para olhar — e olhar para quê, ele nem sabia — e para deixar secar seu paletó e as pernas de sua calça.

Ele estava pisando na praça quando ressoou o trovão do normando. Ele agora compreendera como funcionava o sistema e se apressou para aproveitar o prato quente, juntando-se à mesa onde estavam Decambrais, Lizbeth, Le Guern, a melancólica Eva e outras pessoas que ele não conhecia. Como que por uma palavra de ordem, visivelmente dada por Decambrais, tentavam falar de tudo, menos do semeador. Em compensação, nas mesas próximas, Adamsberg ouvia as conversas transcorrerem sobre o assunto, e

alguns apoiavam vigorosamente o ponto de vista do jornalista acusador: os tiras estavam mentindo. “As fotos dos estrangulamentos eram falsificadas, estavam achando que eles eram o quê? Uns idiotas?” “Ahã”, respondia outro, “mas se os mortos morreram de peste, como se explica que tenham tido tempo, antes de bater as botas, para tirar a roupa e fazer um montinho bem arrumadinho com ela? Ou para irem se enfiar debaixo de um caminhão? A que leva isso, pode me dizer? Se parece com uma peste ou com um assassinato?” “Corretíssimo”, pensou Adamsberg, que se virou para examinar o rosto inteligente e sensato de uma mulher muito gorda, apertada numa blusa florida. “Não estou dizendo”, respondeu seu interlocutor, abalado, “não estou dizendo que é simples.” “Não é bem assim”, interveio um terceiro, um homem seco de voz flautada. “São as duas coisas ao mesmo tempo. As pessoas morrem de peste, mas como o desconhecido quer que se fique sabendo, leva elas para fora de casa, tira a roupa delas para ficar bem visível do que é que se trata e para que a população seja informada. Ele não é trapaceiro. Está tentando ajudar.” “Ahã”, retrucou a mulher, “então por que ele não fala mais claramente? Sujeitos que se escondem nunca inspiraram muita confiança.” “Ele está se escondendo porque não pode se mostrar”, retrucou a voz flautada, elaborando com dificuldade sua teoria à medida que ia falando. “É um cara de algum laboratório que sabe que deixaram escapar a peste, quebrando um vidro ou algo assim. Ele não pode contar porque o laboratório deu ordem de calar a boca, por causa da população. O governo não gosta da população quando ela não fica quieta. Então, calado. O cara tenta fazer as pessoas entenderem sem se dar a conhecer.” “Por quê?”, retrucou a mulher. “Tem medo de perder o emprego? Se é por isso que esse seu protetor não quer falar, então dá licença, André, mas esse cara é um banana.”

Adamsberg se afastou na hora do café para atender um telefonema do tenente Mordent. O número de prédios marcados estava, no momento, sendo avaliado em dez mil. Não, nenhuma

nova vítima a assinalar, por esse lado estavam tendo um descanso. Mas por outro estavam submersos. Será que já dava para parar de responder aos chamados dos apavorados? Porque, além disso, naquele dia estavam só em seis na Brigada. “Claro”, disse Adamsberg. “Melhor assim”, disse Mordent. Pelo menos, o que o consolava era ter sido dada a largada em Marselha, assim teria companhia. Masséna tinha pedido que ele entrasse em contato.

Adamsberg se trancou no banheiro para ligar para Masséna e sentou-se sobre a tampa fechada.

— Começou, colega — disse Masséna —, depois que o rádio divulgou a mensagem desse seu biruta e os jornalistas comentaram, isso aqui virou uma festa.

— Não é *meu* biruta, Masséna — disse Adamsberg num tom um pouco áspero. — Agora ele também é seu. Vamos dividir.

Masséna deixou passar um silêncio, o tempo de avaliar o colega.

— Vamos dividir — admitiu. — Nosso biruta pôs o dedo num ponto nevrálgico: a peste, aqui, é uma ferida antiga, mas não precisa de muita coisa para voltar a se abrir. Todo mês de junho o arcebispo celebra a Missa do Voto para esconjurar a epidemia. Ainda temos monumentos e ruas em honra do cavaleiro Roze ou do bispo de Belsunce. São nomes que não estão enterrados, porque os marseheses não têm um orifício no lugar da memória.

— Quem são esses sujeitos? — Perguntou Adamsberg, com voz calma.

Masséna era um sujeito colérico, provavelmente incitado por um antiparisianismo instintivo, que não incomodava Adamsberg porque ele não era parisiense, e também não incomodaria se fosse. Para Adamsberg, ser daqui, dali ou de acolá não tinha a menor importância. Masséna, porém, era combativo só de fachada e não levaria mais de meia hora para aquele ranço ceder.

— Esses sujeitos, colega, são caras que se detonaram noite e dia para ajudar as pessoas durante o grande contágio de 1720, enquanto uma porção de oficiais municipais, notáveis, médicos e padres davam no pé. Foram uns heróis, é isso.

— É normal sentir medo da morte, Masséna. Você não estava lá.

— Escute, nós não estamos aqui para reescrever a história. Só estou explicando que, aqui em Marselha, o flagelo do *Grande Santo Antônio* torna a se abrir em velocidade relâmpago.

— Não me diga que todos os marseheses sabem quem são esse Roze e esse Belsain.

— Belsunce, colega.

— Belsunce.

— Não — admitiu Masséna —, nem todos sabem. Mas eles sabem a história da peste, da cidade aniquilada, do muro de Provença. A peste está em algum lugar lá dentro da cabeça deles.

— Parece que aqui também, Masséna. Hoje chegamos aos dez mil prédios marcados. Só resta rezar por uma penúria de tinta.

— Pois aqui, numa só manhã, calculo mais ou menos uns duzentos no bairro do Antigo Porto. Agora faça as contas para a cidade inteira. Mas puta que o pariu, colega, eles estão malucos ou o quê?

— Estão fazendo isso para se proteger, Masséna. Se você fosse contar quantas pessoas possuem uma pulseira de cobre, um pé de coelho, um são Cristóvão, água de Lourdes, ou que batem na madeira, para não falar nos crucifixos, você chegaria facilmente aos quarenta milhões.

Masséna suspirou.

— Enquanto são eles mesmos que estão pintando — disse Adamsberg —, não tem problema. Há por acaso alguma coisa, qualquer coisa, que indique uma assinatura autêntica? Um 4 desenhado pelo próprio semeador?

— É difícil, colega. As pessoas copiam. Muitas deixam de alargar a base, sabe, ou colocam só uma barrinha em vez de duas. Mas uns cinquenta por cento são conscienciosos. São terrivelmente parecidos com o original. Como é que eu vou me situar?

— Reportaram algum envelope?

— Não.

— Você observou algum prédio com todas as portas marcadas, menos uma?

— Há vários, colega. Mas há também muita gente que mantém a cabeça fria e se nega a pintar essa baboseira na porta de casa.

Também há os envergonhados, que rabiscam um 4 minúsculo na parte de baixo da porta. Assim, fazem o 4 sem fazer, discretamente, ou não fazem fazendo, como preferir. Não posso verificar todas as portas com uma lupa. Você consegue fazer isso?

— É um cataclismo, Masséna, a principal ocupação do fim de semana. Perdemos o controle.

— Totalmente?

— Quase. Estou controlando cem dos quinhentos milhões de metros quadrados da cidade. É o espaço onde espero ver passar o semeador, que talvez esteja, neste exato momento, rondando o Antigo Porto.

— Você tem a descrição dele? Uma vaga ideia?

— Nada. Ninguém viu. Nem sei se é um homem.

— E o que é que você está espreitando nesse espaçozinho, colega? Um ectoplasma?

— Uma impressão. Torno a ligar para você à noite, Masséna. Agente firme aí.

Já fazia um tempinho que alguém estava chacoalhando furiosamente a maçaneta da porta e Adamsberg saiu, plácido, passando diante de um sujeito para lá de impaciente para desaguar as suas quatro cervejas.

Pedi licença a Bertin para deixar seu paletó secando no encosto de uma cadeira enquanto ia perambular pela praça. Depois que Adamsberg reerguera *in extremis* a coragem vacilante do normando, salvando-o, quiçá, de uma gargalhada geral e da perda definitiva de toda autoridade divina junto à clientela, Bertin se considerava seu devedor vitalício. Autorizou-o a deixar o paletó até dez vezes, se quisesse, cuidaria dele com vigilância de mãe, e insistiu para que vestisse uma capa de chuva verde para enfrentar o vento e a chuvarada anunciados por Joss no pregão do meio-dia. Adamsberg aceitou para não fazer desfeita ao brioso descendente de Thor.

Vagou a tarde inteira pelo cruzamento, entrecortando suas deambulações com alguns cafés no Viking e alguns telefonemas.

Até a noite, chegariam a quinze mil prédios em Paris e quatro mil em Marselha, onde a arrancada fora, de fato, fulgurante. Adamsberg já estava se enfastiando, incrementando sua ampla capacidade de indiferença para lutar contra aquela maré montante. Poderiam ter lhe anunciado dois milhões de 4 e ele não teria se sobressaltado. Tudo nele estava se soltando, relaxando. Tudo menos o olhar, única parte ainda viva de seu corpo.

Acomodou-se, indolente, para o pregão da tarde, recostado no plátano, braços estendidos ao longo do corpo, perdido na enorme capa de chuva do normando. Le Guern alterava os horários nos domingos e já eram perto das sete quando ele colocou seu caixote na calçada. Adamsberg não esperava nada daquele pregão, visto que o carteiro não passava aos domingos. Mas estava começando a reconhecer algumas fisionomias nos grupos que se formavam em volta do estrado. Puxara a lista elaborada por Decambrais e ia controlando seus novos conhecidos à medida que chegavam. Faltando dois minutos para as sete, Decambrais apareceu no limiar da porta de casa, Lizbeth abriu caminho entre a pequena multidão até o seu lugar habitual, Damasco apareceu diante da loja, de suéter, encostado na grade de ferro fechada.

Joss deu início ao pregão com determinação, lançando sua voz possante de um lado a outro da praça. Adamsberg ouviu com prazer escoarem-se os anúncios anódinos, debaixo de um sol fraco. Aquela tarde toda sem fazer nada, afrouxando totalmente o corpo e os pensamentos, relaxara-o daquela densa discussão da manhã com Ferez. Alcançara o estado energético de uma esponja balançada pelas águas, exatamente o estado que ele às vezes buscava.

E, no final do pregão, enquanto Joss abordava a sua conclusão naufragada, sobressaltou-se como se um pedregulho pontudo tivesse esbarrado violentamente na esponja. O choque quase doeu e o deixou estupefato, de sobreaviso. Ele era incapaz de identificar sua proveniência. Era necessariamente uma imagem, que o atingira enquanto ele ia quase caindo no sono, recostado no tronco do plátano. Um pedaço de imagem, em algum lugar da praça, viera cruzar-se com ele por um décimo de segundo.

Adamsberg endireitou-se, buscando por toda parte a imagem desconhecida para se religar com o choque. Depois, encostou-se na árvore, reconstituindo exatamente a posição em que se encontrava no momento do impacto. Dali, seu campo de visão abarcava desde a casa de Decambrais até a loja de Damasco, passando por cima da rue Montparnasse e englobando um quarto do público do Pregoeiro, visto de frente. Adamsberg apertou os lábios. Era um bocado de espaço e um bocado de gente, e a multidão já se dispersava aos quatro ventos. Cinco minutos mais tarde, Joss levava o caixote embora e a praça se esvaziava. Tudo escapava. Adamsberg fechou os olhos, com a cabeça erguida para o branco do céu, na esperança de que a imagem voltasse sozinha, aérea. Mas a imagem tinha caído no fundo do poço, feito pedra anônima e emburrada, ofendida, quem sabe, por ele não lhe ter concedido mais atenção no breve momento em que ela se dignou passar, feito estrela cadente, e talvez levasse meses para voltar a subir.

Desolado, Adamsberg deixou a praça em silêncio, convencido de que acabava de deixar escapar a sua única chance.

Foi só depois de chegar em casa, ao tirar a roupa, que se deu conta de que ficara com a capa de chuva do normando e deixara seu velho paletó preto secando sob a proa do drácar. Sinal de que ele também confiava na divina cobertura de Bertin. Ou sinal, mais provável, de que soltava as coisas todas água abaixo.

Camille galgou os quatro andares estreitos que levavam à habitação de Adamsberg. De passagem, notou que o morador do terceiro andar à esquerda tinha pintado a sua porta com um gigantesco 4 preto. Ela e Jean-Baptiste tinham combinado de se encontrar para partilhar a noite, não antes das dez, dados os dias imprevisíveis que o semeador vinha propiciando à Brigada.

Ela estava chateada com aquele filhote de gato debaixo do braço. Ele a seguira pelas ruas horas a fio. Camille tinha lhe feito um carinho e então o deixara e o despistara, mas o filhote grudara obstinadamente em suas pegadas, extenuando-se em saltos desordenados para alcançá-la. Camille atravessara a praça para dar um fim à perseguição. Abandonara-o à porta enquanto jantava e, ao sair, lá estava ele na soleira. O gatinho recomeçara a segui-la, corajoso, fixado no objetivo. Desistindo, quando chegou diante do prédio de Adamsberg, sem saber o que fazer com o bichano que a escolhera, ela o pegara e aninhara debaixo do braço. Era uma mera bolinha branca e cinza, leve feito uma bola de espuma, com olhos perfeitamente azuis e redondos.

Às dez e cinco, Camille empurrou a porta que Adamsberg deixava quase sempre aberta e não viu ninguém, nem na sala principal, nem na cozinha. A louça escorria sobre a pia e Camille concluiu que Jean-Baptiste adormecera enquanto a esperava. Ela poderia ir ter com ele sem despertá-lo do primeiro sono, que ela protegia muito em momentos de investigação intensa, e pôr a cabeça em seu peito para passar a noite. Largou a mochila e o casaco, colocou o gatinho em cima do sofá e foi para o quarto, andando com cuidado.

Na peça escura, Jean-Baptiste não estava dormindo. Camille levou um momento para perceber, quando o descobriu nu, de costas, com o corpo moreno se destacando nos lençóis brancos, que ele estava fazendo amor com uma mulher.

Uma dor fulgurante lhe atravessou a testa, feito um estilhaço de granada vindo plantar-se entre seus olhos e, sob o impacto daquele raio, ela por um instante imaginou que nunca mais enxergaria. Com as pernas paralisadas, deixou-se cair, na penumbra, sobre o baú de madeira de múltipla serventia que naquela noite servira de depósito para a roupa da moça. Diante dela, inconscientes de sua silenciosa presença, os dois corpos se mexiam. Camille olhava para eles, abobalhada. Viu Jean-Baptiste fazer uns gestos que ela reconheceu, um por um, movimento por movimento. A fulgurância, pregada feito uma broca incandescente entre suas sobrancelhas, obrigava-a a apertar os olhos. Cena violenta, cena comum, dor e banalidade. Camille abaixou o olhar.

Não chore, Camille.

Ela fixou um ponto no chão, deixando os corpos estendidos na cama.

Vá embora, Camille. Vá depressa para bem longe e se demore por lá.

Cito, longe, tarde.

Camille tentou se mexer, mas percebeu que suas pernas não conseguiam sustê-la. Baixou ainda mais os olhos e se concentrou ardentemente na ponta dos seus pés. Nas botas de couro preto, cujos detalhes ela detalhou minuciosamente — a ponta quadrada, a fivela lateral, as dobras cinzentas de poeira, o salto biselado de tanto andar.

Suas botas, Camille, olhe para as suas botas.

Estou olhando.

Sorte ela não ter tirado os sapatos. Descalça e desarmada, não teria estado em condições de ir para onde quer que fosse. Talvez tivesse ficado ali, largada sobre o baú, com a broca na testa. Uma broca para cimento, decerto, não para madeira. Olhe para as suas botas, já que você está com elas. Olhe bem para elas. E corra, Camille.

Mas ainda era cedo demais. Suas pernas repousavam feito bandeiras arriadas na madeira do baú. Não levante a cabeça, não olhe.

Claro que ela sabia. Sempre fora assim. Ele sempre tivera mulheres, muitas outras mulheres, por temporadas variáveis, dependendo da resistência da mulher, já que Adamsberg sempre deixava qualquer situação ir se desmanchando até se esgotar. É claro que sempre houvera mulheres, nadando como sereias ao longo do rio, enredando-se nas margens. “Elas me tocam”, dizia Jean-Baptiste, lacônico. Sim, Camille sabia de tudo, dos momentos de eclipse, dos tempos velados, de tudo o que borbulhava lá adiante, ao longe. Uma vez, ela dera meia-volta e se afastara. Esquecera Jean-Baptiste Adamsberg e suas margens superpovoadas, mundo de dramas sussurrantes que se achegavam demais. Ela se afastara por longos anos e enterrara Adamsberg com as honrarias devidas àqueles a quem amamos muito.

Até que ele um dia surgiu numa curva da estrada, no verão anterior, e sua memória morta lhe restituiu, num lance de prestidigitação um tanto tortuoso, o seu pedaço de rio intacto. Ela o reinvestira com a ponta da bota, um pé para fora, outro para dentro, efetuando um passo de balé moderno, por vezes vacilando entre os braços da liberdade e os de Jean-Baptiste. Até aquela noite, quando aquela percussão imprevista lhe enfiou aquele troço na testa. Por uma mera confusão de dia. Jean-Baptiste nunca fora muito minucioso com respeito a datas.

De tanto ficar fitando as botas, suas pernas tinham recobrado uma espécie de firmeza. Sobre a cama, o movimento esmorecia. Camille levantou-se devagar e contornou o baú. Estava se esgueirando pela porta quando a moça se ergueu e deu um grito. Camille ouviu o barulho de corpos se afobando, Jean-Baptiste ficando em pé num salto, gritando o seu nome.

Vá embora, Camille.

Estou fazendo o possível. Camille apanhou o casaco, a mochila, reparou no gatinho sobre o sofá e o pegou. Ouvia a moça falando e questionando. Fugir, depressa. Camille desabou escada abaixo e correu muito tempo pela rua. Parou, resfolegante, diante de uma

praça deserta, passou por cima das grades e se aboletou num banco, joelhos dobrados, apertando as botas com as mãos. O troço enfiado na sua testa estava relaxando a pressão.

Um rapaz de cabelos tingidos sentou-se do lado dela.

— Você não está bem — ele afirmou, suavemente.

Depois deu-lhe um beijo na testa e se afastou, em silêncio.

Danglard não estava dormindo quando, passando da meia-noite, bateram discretamente à sua porta. Estava de camiseta sem mangas, tomando uma cerveja na frente da televisão, sem assistir, folheando e refolheando suas anotações sobre o semeador da peste e suas vítimas. Não podia ser acaso. O sujeito escolhia as vítimas, devia haver uma ligação em algum lugar. Ele interrogara as famílias durante horas à cata de algum ponto de contato e estava repassando as suas anotações, procurando a ligação.

Tão elegante durante o dia, Danglard à noite zanzava nos trajes operários da sua infância, do seu pai, calça de veludo grosso, camiseta sem manga e barba incipiente. As cinco crianças estavam dormindo, de modo que ele se esgueirou silenciosamente pelo comprido corredor para ir abrir. Pensou que fosse Adamsberg, deparou-se com a filha da rainha Mathilde em pé na soleira da porta, quase rígida, meio sem fôlego, com algo como um filhote de gato debaixo do braço.

— Te acordei, Adrien? — Perguntou Camille.

Danglard meneou a cabeça e fez sinal para que ela o acompanhasse em silêncio. Camille se perguntou se havia uma mulher ou qualquer coisa do gênero na casa e sentou-se, exausta, no sofá meio gasto. Com a luz, Danglard percebeu que ela tinha chorado. Desligou a televisão sem uma palavra, abriu uma cerveja e a levou à mão dela. Camille esvaziou metade num gole só.

— Eu não estou bem, Adrien — disse ela num sopro, largando a garrafa.

— O Adamsberg?

— É. Algo deu errado.

Camille esvaziou a segunda metade da cerveja. Danglard sabia como era. Quando a gente chora, precisa repor líquido que

evaporou. Ele inclinou-se na poltrona, ao pé da qual jazia uma caixa recém-aberta, e preparou uma segunda garrafa, passando-a para Camille pela mesa baixa e lisa, como quem move, cheio de esperança, um peão de xadrez.

— Existe todo tipo de plantação, Adrien — disse Camille, estendendo o braço. — As da gente, que a gente cava com enxada, e as dos outros, que a gente visita. Tem um monte de coisas para se ver nessas plantações, alfafa, colza, linho, trigo, e alqueives, e também urtigas. Nunca chego perto das urtigas, Adrien, nem mexo nelas. Não são minhas, entende, como o resto também não é.

Camille deixou cair seu braço e sorriu.

— E de repente, a gente se mexe, se engana. E se deixa arranhar, sem querer.

— Está ardendo?

— Não foi nada, vai passar.

Ela pegou a segunda garrafa e tomou uns goles, mais devagar. Danglard a observava. Camille se parecia muito com a mãe dela, a rainha Mathilde, tinha o mesmo maxilar quadrado, o pescoço fino, o nariz meio arqueado. Mas Camille tinha uma pele muito clara e uns lábios ainda infantis, diferentes do largo sorriso conquistador de Mathilde. Ficaram um momento sem falar e Camille secou a segunda garrafa.

— Você o ama? — Perguntou Danglard.

Camille pôs os cotovelos sobre os joelhos e observou atentamente a garrafinha verde em cima da mesa.

— Muito perigoso — disse ela devagar, meneando a cabeça.

— Camille, você sabe que Deus, no dia em que criou Adamsberg, tinha dormido muito mal à noite.

— Ah, é? — Disse Camille, erguendo os olhos. — Não, eu não sabia.

— Pois é. E Ele não só tinha dormido mal, como estava com falta de material. De modo que foi, irrefletidamente, bater à porta do Colega para pedir uns apetrechos emprestados.

— O Colega... de baixo, você quer dizer?

— Evidente. Este aproveitou a oportunidade e mais que depressa ofereceu uns provimentos. E Deus, atordoado por sua

noite em claro, misturou tudo inconsideradamente. Daquela massa, tirou Adamsberg. Foi realmente um dia fora do comum.

— Eu não estava a par.

— Consta em todos os bons livros — disse Danglard, sorrindo.

— E então? O que é que Deus deu a Jean-Baptiste?

— Deu intuição, ternura, beleza e flexibilidade.

— E o que é que o Diabo deu?

— Indiferença, ternura, beleza e flexibilidade.

— Droga.

— É mesmo. Mas nunca se soube em que proporções Deus, o irrefletido, confeccionou a mistura. Permanece como um dos grandes mistérios teológicos da atualidade.

— Não vou me meter nisso, Adrien.

— Claro, Camille, pois é público e notório que, quando Deus te fabricou, Ele tinha dormido dezessete horas e estava numa forma fantástica. Durante o dia inteiro, foi se esmerando em te modelar beatificamente com mãos estudiosas.

Camille sorriu.

— E você, Adrien, como estava Deus quando te fabricou?

— Ele tinha passado a noite bebericando algo bem forte, com os seus camaradas Rafael, Miguel e Gabriel. A história é menos conhecida.

— Poderia ter dado um resultado sensacional.

— Não, ele ficou com tremelique. Por conta disso, repare nos meus contornos, incertos, vagos, frouxos.

— Está tudo explicado.

— Pois é, está vendo como é simples?

— Vou dar uma volta por aí, Adrien.

— Tem certeza?

— Você tem uma ideia melhor?

— Dobre o Adamsberg.

— Não gosto de dobrar as pessoas, elas ficam marcadas.

— Tem razão. Eu fui dobrado, uma vez.

Camille meneou a cabeça.

— Você precisa me ajudar. Me ligue amanhã, quando ele estiver na Brigada. Para eu poder passar em casa e arrumar a mala.

Camille pegou a terceira garrafa e bebeu boa parte dela.

— Para onde você vai? — Perguntou Danglard.

— Não faço ideia. Onde é que tem espaço?

Danglard apontou para a testa.

— Ah, sim — disse Camille, sorrindo —, mas você é um velho filósofo e eu não tenho a sua sabedoria. Adrien?

— Sim?

— O que eu faço com isso?

Camille estendeu a mão e mostrou uma bola de pelos. Era mesmo um filhote de gato.

— Ele me seguiu hoje à noite. Imagino que quisesse me ajudar. É bem pequenininho, mas é sagaz e orgulhoso. Não posso levar comigo, é frágil demais.

— Você quer que eu fique cuidando desse gato?

Danglard agarrou o gatinho pelo pelo das costas, examinou-o e colocou de volta no chão, desconcertado.

— O melhor seria você ficar — disse Danglard. — Ele vai sentir sua falta.

— O gatinho?

— O Adamsberg.

Camille terminou sua terceira garrafa e colocou-a sem barulho sobre a mesa.

— Não — disse ela. — Ele não é frágil.

Danglard não tentou demover Camille. Depois de um acidente, nunca faz mal sair por aí. Ele cuidaria do gato para ela, ficaria como lembrança, tão doce e bonita como a própria Camille, só que menos fastuosa, claro.

— Onde é que você vai dormir? — Perguntou ele.

Camille deu de ombros.

— Aqui — decidiu Danglard. — Vou abrir esse sofá para você.

— Não se incomode, Adrien. Vou deitar direto em cima dele, porque vou dormir de botas.

— Por quê? Vai ficar desconfortável.

— Não faz mal. De hoje em diante, vou dormir de botas.

— Não é muito higiênico — disse Danglard.

— Mais vale ficar de pé do que ser higiênico.

— Sabe, Camille, que a grandiloquência nunca resolveu o problema de ninguém?

— Sei disso, sim. O meu lado babaca é que às vezes me faz grandiloquar. Ou pequenoloquar.

— Não brota nada no grandilóquio, nem no pequenilóquio, nem no solilóquio.

— No que é que brota alguma coisa? — Perguntou Camille, tirando as botas.

— No reflexilóquio.

— Muito bem — disse ela. — Vou comprar um.

Camille estendeu-se no sofá, de costas, olhos abertos. Danglard saiu do banheiro e voltou com uma toalha e água fria.

— Ponha isso aqui nas suas pálpebras, elas precisam desinchar.

— Adrien, sobrou para Deus alguma massa depois que ele concluiu o Jean-Baptiste?

— Um pouquinho.

— E o que é que Ele fez com ela?

— Umas quinquilharias bastante complexas, como solas de couro, por exemplo. Maravilhosas de se usar, só que escorregam nas ladeiras e derrapam sempre que chove. Só recentemente o Homem solucionou este embaraço milenar colando borracha nelas.

— Não dá para colar borracha no Jean-Baptiste.

— Para não escorregar? Não, não dá.

— O que mais, Adrien?

— Não tinha sobrado muita massa, sabe?

— O que mais?

— Bolinhas de gude.

— Está vendo, bolinhas de gude, é superdifícil de fazer.

Camille pegou no sono e Danglard esperou uma meia hora antes de tirar a compressa fria e apagar a luz do teto. Ficou olhando para a jovem, no escuro. Teria trocado dez meses de cerveja para poder encostar nela quando Adamsberg esquecia de beijá-la. Pegou o gato, ergueu-o à altura do rosto e mirou-o nos olhos.

— Que coisa boba, esses acidentes — disse ele. — São sempre muito bobos. E nós dois temos um bocado de caminho para andar

juntos. Vamos esperar que ela volte, quem sabe. Não é mesmo, bola?

Antes de se deitar, Danglard deteve-se diante do telefone e hesitou em avisar Adamsberg. Trair Camille ou trair Adamsberg. Meditou um longo momento diante da porta escura daquela alternativa.

Enquanto Adamsberg se vestia às pressas para correr atrás de Camille, a moça encadeava ansiosamente as perguntas: desde quando ele a conhecia, por que não tinha falado sobre ela, se ele dormia com ela, se a amava, no que ele estava pensando, por que ia correr atrás dela, quando ele ia voltar, por que não continuava ali, ela não queria ficar sozinha. Adamsberg já estava até tonto e não sabia responder a nenhuma pergunta. Abandonou-a no apartamento, certo de que a encontraria ao voltar, com o monte de perguntas intacto. O caso de Camille era muito mais preocupante, Camille não ligava para a solidão. Tanto não ligava que se lançava em errâncias ao menor tropeçinho.

Adamsberg caminhava depressa pelas ruas, flutuando dentro da imensa capa de chuva do normando, que lhe dava frio nos braços. Ele conhecia Camille. Ela ia bater asas, e logo. Quando Camille resolvia mudar de ares, era tão difícil segurá-la como alcançar um pássaro dopado com hélio, tão difícil de alcançar como a mãe dela, a rainha Mathilde, quando mergulhava no oceano. Camille saía serpenteando em latitudes próprias, subitamente cansada de um espaço onde as tortuosas trajetórias se embaralhavam, desajeitadas. A essa altura, devia estar amarrando as botas, embalando o sintetizador, fechando a caixa de ferramentas. Camille contava muito com aquela caixa para batalhar vida afora, muito mais do que com ele, de quem desconfiava com toda a razão.

Adamsberg dobrou a esquina e ergueu os olhos para o janelão. Apagado. Sentou-se, resfolegando, no capô de um carro e cruzou os braços sobre a barriga. Camille não voltara para casa e decerto alçaria voo sem olhar para trás. Era assim quando Camille saía para

dar uma volta. Quem podia saber, então, quando tornaria a vê-la, daqui a cinco, dez anos, ou nunca, possivelmente.

Voltou para casa a passos lentos, descontente. Se o semeador não tivesse obcecado suas horas e seus pensamentos, aquilo não teria acontecido. Deixou-se cair em cima da cama, silencioso e cansado, enquanto a moça, desolada, recomeçava a desfiar suas perguntas inquietas.

— Por favor, fique quieta — disse ele.

— A culpa não é minha — insurgiu-se ela.

— É toda minha — disse Adamsberg, fechando os olhos. — Mas fique quieta, ou vá-se embora.

— Para você tanto faz?

— Para mim, tudo tanto faz.

29

Às nove horas Danglard entrou na sala de Adamsberg, relativamente preocupado, embora soubesse que, fundamentalmente, nada podia alterar a constância do humor vagabundo do delegado, devida a um contato tão reduzido quanto possível com a realidade. Adamsberg, de fato, à sua mesa, folheava uma pilha de jornais com manchetes bastante devastadoras sem parecer muito perturbado, o rosto tão calmo como de costume, talvez um pouco distante.

— Dezoito mil prédios marcados — disse Danglard, pondo um bilhete sobre a mesa.

— Muito bem, Danglard.

Danglard ficou parado, sem falar nada.

— Quase peguei o sujeito, ontem, na praça — disse Adamsberg com uma voz meio apagada.

— O semeador? — Perguntou Danglard, surpreso.

— O semeador em pessoa. Mas ele me escapou. Tudo me escapa, Danglard — acrescentou, erguendo os olhos e cruzando rapidamente o olhar do seu adjunto.

— O senhor viu alguma coisa?

— Não, não vi nada. Aí é que está.

— Nada? E como é que o senhor pode me dizer que quase pegou o sujeito?

— Porque eu senti.

— Sentiu o quê?

— Não sei, Danglard.

Danglard desistiu, preferindo deixar Adamsberg sozinho quando ele abordava aqueles espaços confusos, aquela praia onde os passos afundam na maciez dos limos, onde a água a disputa com a terra. Esquivou-se até o pórtico da entrada para ligar para Camille,

com a vergonhosa sensação de se infiltrar feito espião no seio da Brigada.

— Pode ir — disse ele, baixinho. — Ele está aqui, e com uma montoeira de trabalho da altura da torre Eiffel.

— Obrigada, Adrien. Até logo.

— Até logo, Camille.

Danglard desligou, triste, voltou para a sua mesa e acionou, num gesto mecânico, o computador, que tilintou um pouco alegre demais nos seus pensamentos sombrios. Que coisa babaca que é um computador, não se adapta a nada. Uma hora e meia mais tarde, viu Adamsberg passar diante dele num passo relativamente rápido. Danglard imediatamente tornou a ligar para Camille a fim de avisá-la sobre uma provável visita. Mas Camille já tinha zarpado.

Adamsberg deparou-se novamente com a porta cerrada e, desta vez, não hesitou. Puxou sua chave-mestra e destrancou a fechadura. Bastou-lhe uma rápida olhada pelo ateliê para compreender que Camille sumira. O sintetizador fora embora, junto com a maleta de encanador e a mochila. A cama estava arrumada, a geladeira, vazia, a energia elétrica, desligada. Adamsberg sentou-se numa cadeira para contemplar a casa abandonada e tentar refletir. Contemplou, mas sem refletir. Quarenta e cinco minutos mais tarde, o celular o arrancou da sua posição.

— Masséna acabou de ligar — disse Danglard. — Estão com um defunto em Marselha.

— Muito bem — comentou Adamsberg, como fizera de manhã. — Estou indo. Me faça uma reserva no primeiro avião.

Por volta das duas horas, ao deixar a Brigada efervescente, Adamsberg largou a sacola no chão junto à mesa de Danglard.

— Estou indo — disse ele.

— Certo — disse Danglard.

— Deixo a Brigada em suas mãos.

— Certo.

Adamsberg buscava as palavras e seu olhar se deteve nos pés de Danglard, que mal dissimulavam uma cesta redonda na qual

dormia um minúsculo filhote de gato, tão redondo quanto ela.

— O que é isto, Danglard?

— É um gato.

— Você agora está trazendo gatos para a Brigada? Não acha que já estamos com confusão suficiente para aguentar?

— Não posso deixá-lo em casa. É pequeno demais, mija em todo canto e às vezes custa para se alimentar.

— Danglard, você disse que não queria ter nenhum bicho.

— Tem coisas que a gente diz e outras que a gente faz.

Danglard falava de um jeito breve, um pouco hostil, com o olhar fixo na tela, e Adamsberg reconheceu distintamente a muda desaprovação que ele às vezes enfrentava da parte de seu adjunto. Seu olhar voltou para o cesto e a imagem emergiu, bem nítida. Camille saindo de costas, com a jaqueta num braço e, no outro, um gatinho branco e cinza em que ele, na pressa, não prestara atenção.

— Ela deixou ele com você, não é, Danglard? — Perguntou.

— É — respondeu Danglard, com o olhar ainda grudado na tela.

— Como ele se chama?

— Bola.

Adamsberg puxou uma cadeira e se sentou, apoiando os cotovelos nas coxas.

— Ela foi dar uma volta por aí — disse ele.

— Foi — repetiu Danglard, desta vez virando a cabeça e detendo-se no olhar pálido de cansaço de Adamsberg.

— Ela disse onde?

— Não.

Fez-se um breve silêncio.

— Aconteceu uma pequena colisão — disse Adamsberg.

— Eu sei.

Adamsberg passou os dedos das mãos pelo cabelo, várias vezes, devagar, como que apertando a cabeça, depois se levantou e deixou a Brigada sem dizer palavra.

30

Masséna apanhou o colega no aeroporto de Marignane e levou-o diretamente ao necrotério para onde o corpo fora transferido. Adamsberg queria ver, Masséna não estando em condições de afirmar se se tratava ou não de uma imitação.

— Foi encontrado nu, em casa — explicou Masséna. — As fechaduras foram forçadas com arte. Serviço caprichado. E isso porque havia dois ferrolhos novinhos.

— A técnica do início — comentou Adamsberg. — Não havia nenhum homem de plantão naquele andar?

— Eu estava com quatro mil prédios para cuidar, colega.

— Sei. Nisso é que ele foi esperto. Aniquilou em poucos dias a vigilância policial. Nome, idade, profissão?

— Sylvain, Jules Marmot, trinta e três anos. Funcionário do porto, na manutenção dos barcos.

— Dos barcos — repetiu Adamsberg. — Ele passou pela Bretanha?

— Como é que você sabe?

— Eu não sei, estou perguntando.

— Aos dezessete anos, trabalhou em Concarneau. Foi lá que ele aprendeu o ofício. De repente, largou tudo e subiu para Paris, onde vivia de pequenos serviços de marcenaria.

— Ele morava aqui sozinho?

— Morava. A companheira dele é uma mulher casada.

— Por isso é que o semeador matou dentro de casa. Está muito bem informado. Não há nenhum acaso nessa história, Masséna.

— Pode ser, mas não há nenhum ponto em comum entre esse Marmot e as quatro vítimas de vocês. Tirando essa estada em Paris, entre os vinte e vinte e sete anos. Não quebre a cabeça com

interrogatórios, colega, já mandei o dossiê completo para a sua Brigada.

— Foi lá que aconteceu, em Paris.

— O quê?

— O encontro entre eles. Esses cinco devem ter se conhecido, se cruzado, de um jeito ou de outro.

— Não, colega, acho que o semeador está nos engambelando. Induz a gente a pensar que esses assassinatos têm algum sentido, só para nos desorientar. Era fácil descobrir que o Marmot morava sozinho. O bairro inteiro sabia disso. Aqui, a vida das pessoas é contada nas ruas.

— Ele teve direito ao gás lacrimogêneo?

— Um belo de um jato no rosto. Vamos comparar a amostra com a de Paris, só para ver se ele trouxe com ele ou comprou outro em Marselha. Poderia ser um começo.

— Não sonhe demais, Masséna. O cara é superdotado, tenho certeza. Ele previu tudo, todas as articulações do caso, todas as reações em cadeia, feito um químico. E ele sabe exatamente a que produto quer chegar. Não me espantaria que ele fosse um cientista.

— Cientista? Pensei que você tivesse dito literato.

— Não é incompatível.

— Cientista e biruta?

— Ele está com um fantasma na cabeça, desde 1920.

— Ora essa, colega, é um velho de oitenta anos?

Adamsberg sorriu. Pessoalmente, Masséna era um sujeito muito mais cordial do que por telefone. Até demais, porque pontuava quase todas as suas palavras com gestos demonstrativos, segurando o colega pelo braço, dando-lhe tapinhas no ombro, nas costas e, dentro do carro, nas coxas.

— Não, imagino que ele tenha entre vinte e quarenta anos.

— Colega, isso não é uma margem de erro, é uma praia!

— Mas pode ser que tenha oitenta, por que não? A técnica dele para assassinar não requer nenhuma força. Asfixia rápida e nó correção, provavelmente aquela fita braçadeira regulável que os eletricitistas usam para atar maços de cabos. Um troço que não perdoa e que até uma criança pode manipular.

Masséna estacionou um pouco distante do necrotério, buscando uma vaga à sombra. O sol, ali, ainda estava forte, e as pessoas andavam de camisa aberta ou se refrescavam à sombra, sentadas nos degraus das casas, com uma bacia de verduras por descascar no colo. Em Paris, Bertin devia estar procurando a sua capa de chuva para enfrentar os aguaceiros.

Puxaram o lençol que cobria o morto e Adamsberg o examinou atentamente. As manchas de carvão de lenha tinham uma extensão similar às encontradas nos corpos parisienses, cobrindo quase a totalidade do ventre, dos braços, coxas, tingindo a língua. Adamsberg passou o dedo em cima, esfregando-o depois na calça.

— Já foi enviado para análise — disse Masséna.

— Ele foi picado?

— Duas vezes, aqui — disse Masséna, apontando para a dobra interna da coxa.

— E na casa dele?

— Sete pulgas foram recolhidas, segundo a técnica que você tinha me indicado, colega. Prático e esperto. Os bichinhos foram enviados para análise.

— Um envelope marfim?

— Sim, na lixeira. Não entendo ele não ter nos avisado.

— Estava com medo, Masséna.

— Justamente por isso.

— Medo dos tiras. Muito mais dos tiras do que do assassino. Ele pensou que conseguiria se defender sozinho, colocou mais dois ferrolhos. Como estava a roupa dele?

— Jogada pelo quarto. Bastante bagunçado, esse Marmot. Mas também, quando se mora sozinho tanto faz mesmo.

— Esquisito. O assassino costuma tirar direitinho a roupa de suas vítimas.

— É que dessa vez não precisou, colega. Ele estava dormindo, pelado na cama. Aqui geralmente se dorme assim. Por causa do calor.

— Posso ver o prédio dele?

Adamsberg transpôs o pórtico de um edifício com reboco vermelho e decrépito, não muito distante do Antigo Porto.

— Aqui não tem nenhum problema de código para entrar no prédio, não é?

— Deve fazer um tempo que a caixa de código está estragada — disse Masséna.

Masséna trouxera uma lanterna potente, pois a minuteria das escadas não funcionava mais. Adamsberg examinou atentamente as portas com o facho de luz, andar por andar.

— E então? — Inquiriu Masséna, ao chegar no último piso.

— Então ele esteve aqui com vocês. Isso é dele, não há a menor dúvida. O traçado, a rapidez, o desembaraço, a localização das barras perpendiculares, isso tudo  ele. Até dá para dizer que ele levou tempo, tomou todo o cuidado. Não deve ter muito movimento nesses prédios?

— Quer dizer — explicou Masséna —, ninguém ia estar nem aí se cruzasse com um cara pintando uma porta, de dia ou de noite, no ponto em que está o prédio seria até um plus. E com tanta gente pintando ao mesmo tempo, que risco ele corria? Que tal darmos uma caminhada, colega?

Adamsberg olhou para ele, surpreso. Era a primeira vez que um tira queria andar, como ele.

— Tenho uma barquinha, numa angra. Que tal navegar ao largo? Abre as ideias, não ? Faço muito isso.

Meia hora mais tarde, Adamsberg embarcara a bordo do *Edmond Dants*, uma lancha a motor que aguentava bem o mar. Adamsberg, sem camisa, na frente, fechava os olhos ao vento morno. Masséna, também sem camisa, segurava o leme atrás. Nem um nem outro tentava ter alguma ideia.

— Você vai embora hoje  noite? — Gritou Masséna.

— Amanhã, ao raiar do dia — disse Adamsberg. — Eu gostaria de passear pelo porto.

— Ah, sim. Também há muitas ideias l no Antigo Porto.

Adamsberg desligara o celular durante o passeio e verificou as mensagens ao desembarcar. Uma advertência do delegado divisionário Brézillon, muito preocupado com o ciclone que rodopiava sobre a capital, uma chamada de Danglard para comunicar o balanço atualizado dos 4, outra de Decambrais, lendo o "especial" que caíra naquela segunda de manhã:

"Ela se alojou, durante os primeiros dias, nos bairros baixos, úmidos e sujos. Durante algum tempo, progride pouco. Parece até ter desaparecido. Mas mal transcorrem alguns meses e, mais ousada, ela se põe a avançar, lentamente de início, em ruas populosas e abastadas e, finalmente, cheia de audácia, mostra-se em todos os bairros, onde espalha seu veneno mortal. Está em toda parte."

Adamsberg anotou o texto no seu caderninho e depois o leu, devagar, na secretária eletrônica de Marc Vandoosler. Mexeu mais uma vez no celular, numa busca irracional de outra mensagem, escondida por baixo das outras, mas não havia nada. Camille, por favor.

À noite, após um jantar de peso em companhia do colega, Adamsberg se despedira de Masséna com fortes abraços, promessas de tornarem a se ver, e ele caminhava pelo cais do sul sob a bem-iluminada presença de Nossa Senhora da Guarda. Considerava, barco após barco, os reflexos que se formavam sob os cascos, na água escura, precisos até a ponta dos mastros. Ajoelhou-se e jogou um cascalho na água, fazendo estremecer o reflexo inteiro, que pareceu acometido de um longo frêmito. A luz da lua se prendeu, em minúsculos clarões, aos ondeios do marulho. Adamsberg se imobilizou, os cinco dedos da mão apoiados no chão. O semeador estava ali.

Ergueu a cabeça com cautela e perscrutou os transeuntes da noite, numerosos, que aproveitavam o calor residual andando a passos lentos. Alguns casais e grupos de adolescentes. Nenhum

homem sozinho. Adamsberg, ainda ajoelhado, percorreu o cais com o olhar, metro per metro. Não, ele não estava no cais. Estava ali, e estava em outro lugar. Economizando os movimentos, Adamsberg jogou mais um cascalhinho, menor que o anterior, na água plana e escura. O reflexo estremeceu e a lua, mais uma vez, fez cintilar fugazmente a borda das rugas. Era ali que ele estava, na água, na água brilhante. Naqueles ínfimos clarões que atraíam seus olhos e se esvaneciam. Adamsberg se apoiou com mais firmeza no cais, com as duas mãos no chão, o olhar mergulhado sob o casco branco. O semeador estava naqueles clarões. Ele esperou, sem se mexer. E, feito espuma se soltando dos fundos rochosos e subindo, indolente, para a luz, a imagem perdida do dia anterior, na praça, deu início à sua lenta ascensão. Adamsberg mal respirava, fechando os olhos. No clarão, a imagem estava no clarão.

De repente, ali estava ela, inteira. O clarão, durante o pregão de Joss, no final. Alguém se mexera e alguma coisa luzira, intensa e ligeira. Um flash? Um isqueiro? Não, claro que não. Era um clarão muito menor, ínfimo e branco, como os desses ondeios, e muito mais fugaz. Vindo de uma mão, ele se movera, de baixo para cima, feito estrela cadente.

Adamsberg se levantou e respirou fundo. Pegara. O clarão de um diamante, projetado pelo gesto de uma mão durante o pregão. O clarão do semeador, protegido pelo rei dos talismãs. Ele estivera lá, em algum lugar da praça, com o diamante no dedo.

De manhã, no saguão do aeroporto de Marignane, recebeu a resposta de Vandoosler.

— Passei a noite procurando o raio do excerto — disse Marc. — A versão que o senhor leu para mim foi modernizada, refundida, no século XIX.

— E então? — Perguntou Adamsberg, confiante como sempre nos recursos do vagão-tanque de Vandoosler.

— Troyes. Texto original de 1517.

— Três?^[5]

— A peste na cidade de Troyes, delegado. Ele está levando o senhor a passear.

Adamsberg ligou imediatamente para Masséna.

— Uma boa notícia, Masséna, você vai poder descansar um pouco. O semeador está lhe dando uma trégua.

— O que está acontecendo, colega?

— Ele está indo para Troyes, a cidade de Troyes.

— Coitado.

— Do semeador?

— Do delegado de lá.

— Vou indo, Masséna, estão anunciando o meu voo.

— A gente se vê, colega, a gente se vê.

Adamsberg ligou para Danglard para comunicar a mesma notícia e pedir que entrasse imediatamente em contato com a cidade ameaçada.

— Ele vai fazer a gente andar pela França toda?

— Danglard, o semeador usa um diamante no dedo.

— Uma mulher?

— Pode ser, talvez, não sei.

Adamsberg desligou o celular durante o voo e tornou a ligá-lo assim que pôs os pés em Orly. Consultou a caixa de mensagens, vazia, e o colocou no bolso apertando os lábios.

31

Enquanto Troyes se preparava para a ofensiva, Adamsberg, assim que desembarcara do avião, dera uma passada na Brigada e fora se instalar na praça. Decambrais viera em seguida ter com ele, um envelope graúdo na mão.

— O seu especialista decifrou o especial de ontem? — Perguntou.

— Troyes, epidemia de 1517.

Decambrais passou uma mão no rosto, como que fazendo a barba.

— O semeador pegou gosto pelas viagens — disse ele. — Se ele resolver visitar todos os lugares atingidos pela peste, vamos levar uns trinta anos percorrendo a Europa inteira, com exceção de algumas localidades da Hungria e de Flandres. Ele está complicando as coisas.

— Está simplificando. Está agrupando os seus homens.

Decambrais olhou inquisitivamente para ele.

— Não acredito que ele atravesse o país inteiro só pelo prazer — explicou Adamsberg. — A tropa dele se dispersou e ele está indo atrás.

— A tropa dele?

— Se eles se dispersaram — continuou Adamsberg, sem responder —, é que o caso se deu há bastante tempo. Um bando, um grupo, um crime. O semeador está colhendo um por um, abatendo sobre eles o flagelo de Deus. Tenho certeza de que não são escolhas casuais. Ele sabe no que está mirando, e as vítimas foram identificadas há tempo. Decerto já compreenderam, a esta altura, que estão ameaçadas. Decerto sabem quem é o semeador.

— Não, delegado, elas viriam se colocar sob a sua proteção.

— Não, Decambrais. Por causa do crime. Seria o mesmo que confessar. O cara de Marselha entendeu, ele acabava de colocar mais dois ferrolhos na porta.

— Mas que crime, caramba?

— Como é que o senhor quer que eu saiba? Houve uma sacanagem. Estamos assistindo ao efeito reativo. Colhe pulgas quem semeia sacanagem.

— Se fosse assim, há muito que o senhor teria achado o ponto de contato.

— Há dois pontos. Todos eles, homens e mulheres, são da mesma geração. E todos moraram em Paris. Por isso falo num grupo, num bando.

Estendeu a mão e Decambrais lhe entregou o envelope marfim. Adamsberg tirou a missiva daquela manhã:

“Essa epidemia cessou bruscamente no mês de agosto de 1630 e toda [...] alegrou-se muito; infelizmente, a trégua foi de curtíssima duração. Foi a sinistra precursora de uma recrudescência tão terrível que, do mês de outubro de 1631 até o final de 1632...”

— Em que pé estamos, quanto aos prédios? — Perguntou Decambrais, enquanto Adamsberg teclava o número de Vandoosler. — Os jornais anunciaram 18 mil em Paris e 4 mil em Marselha.

— Isso foi ontem. Estamos em 22 mil, por baixo.

— Que desastre.

— Vandoosler? Adamsberg. Vou ditar o de hoje de manhã, posso começar?

Decambrais ficou olhando o delegado ler o “especial” ao telefone, com um ar suspeito e um tantinho enciumado.

— Ele vai pesquisar e me liga de volta — disse Adamsberg, desligando.

— O cara é bom, não é?

— Muito bom — confirmou Adamsberg com um sorriso.

— Se ele descobrir qual é a cidade partindo deste excerto, parabéns. Aí ele vai ser mais do que bom, vai ser um visionário. Ou culpado. O senhor só vai precisar soltar seus cães no encalço dele.

— Isso já foi feito há tempos, Decambrais. O cara está fora de questão. Não só ele tinha um excelente álibi no primeiro assassinato, como mandei vigiá-lo todas as noites de lá para cá. O sujeito dorme em casa e sai de manhã para ir fazer suas faxinas.

— Faxinas? — Perguntou Decambrais, perplexo.

— Ele é faxineiro.

— E é especialista em peste?

— O senhor não faz rendas?

— Ele não vai descobrir, esta ele não vai — disse Decambrais, após um silêncio constrangido.

— Vai descobrir, sim.

O velho penteou os cabelos brancos, ajustou a gravata azul-marinho e retornou à sombra do seu escritório, onde não tinha nenhum rival.

O estrondo do trovão do normando abalou a praça e, debaixo de uma chuva fina, as pessoas se dirigiram para o Viking, afastando os pombos na contramão.

— Desculpe, Bertin — disse Adamsberg. — Levei sua capa de chuva para Marselha.

— O seu paletó está seco. Minha mulher passou para o senhor.

Bertin tirou o paletó de sob o balcão e o entregou para o delegado, num pacote bem-arrumado e quadrado. O paletó de algodão nunca tivera tão bom aspecto desde o dia em que fora comprado.

— Ei, Bertin, você agora está mimando os tiras? Enrolam você e você gosta, é?

O normando grandalhão voltou a cabeça para o homem que falava, rindo de um jeito ruim enquanto enfiava o guardanapo entre a camisa e o pescoço de touro, pronto para comer.

O filho de Thor se afastou do balcão e foi direto para a mesa, derrubando cadeiras ao passar até alcançar o homem, que ele agarrou pela camisa e puxou para trás violentamente. Enquanto o sujeito protestava aos berros, Bertin lhe deu dois tabefes e, arrastando-o até a porta, jogou-o na praça.

— E vê se não volta, no Viking não tem lugar para safados da tua laia.

— Você não tem o direito, Bertin! — Gritou o sujeito, erguendo-se com dificuldade. — Isso é um estabelecimento público! Você não tem o direito de selecionar a clientela!

— Eu escolho os tiras e escolho os homens — retrucou Bertin, batendo a porta. Então passou a mãozona nos cabelos claros, reajeitando-os para trás, e reassumiu seu posto ao balcão, digno e firme.

Adamsberg se esgueirou à direita, embaixo da proa.

— O senhor vai almoçar? — Perguntou Bertin.

— Vou almoçar e me abancar por aqui até o pregão.

Bertin assentiu com a cabeça. Não gostava mais dos tiras do que de qualquer outra pessoa, mas aquela mesa estava reservada para Adamsberg *ad vitam aeternam*.

— Não entendo o que o senhor procura nesta praça — disse o normando, dando uma boa passada de pano para deixar o lugar limpo. — Seria até meio chato, não fosse pelo Joss.

— É exatamente isso — disse Adamsberg. — Vou esperar o pregão.

— Está bem — disse Bertin. — O senhor ainda tem cinco horas pela frente, mas cada qual com seus métodos.

Adamsberg colocou o celular junto do prato e o considerou com um olhar vago. Camille, ligue, puxa vida. Pegou-o, virou-o para um lado, para o outro. Então deu-lhe um leve peteleco. O aparelho girou sobre si mesmo, como numa roleta. Vai ver até tanto fazia. Mas ligue. Já que tudo tanto faz.

Marc Vandoosler telefonou no meio da tarde.

— Não foi fácil — disse ele, com o tom de quem se esalfou o dia inteiro atrás de uma agulha num palheiro.

Confiante, Adamsberg esperou pela resposta.

— Châtellerault — prosseguiu Vandoosler. — Um relato tardio dos fatos.

Adamsberg comunicou a informação para Danglard.

— Châtellerault — registrou Danglard. — Delegados divisionários Levelet e Bourrelot. Vou dar o alerta.

— Algum 4 em Troyes?

— Ainda não. Os jornalistas não conseguiram decifrar a mensagem, como no caso de Marselha. Preciso ir, delegado. O Bola está causando estragos no gesso novo.

Adamsberg desligou e levou um tempo para compreender que Danglard estava falando do gato. Pela quinta vez naquele dia, olhou para o celular dentro dos olhos, cara a cara.

— Toque — murmurou. — Mova-se. Foi uma colisão, e vai haver outras. Você não tem que dar bola, o que é que você tem com isso? São minhas colisões e minhas histórias. Deixe isso comigo. Toque.

— É um daqueles troços com identificação vocal? — Perguntou Bertin ao trazer o prato quente. — Atende sozinho?

— Não — disse Adamsberg —, não atende.

— Esses troços não dão só satisfação.

— Não.

Adamsberg passou a tarde no Viking, interrompido apenas por Castillon e depois por Marie-Belle, que veio distraí-lo com meia hora de tagarelíce circular. Ele se acomodou para o pregão quinze minutos antes da hora, junto com Decambrais, Lizbeth, Damasco, Bertin, Castillon, que assumiam suas posições, e a melancólica Eva, que ele avistou à sombra da coluna Morris.^[6] A multidão, ainda compacta, espremia-se em volta do estrado.

Adamsberg abandonara o seu plátano para se aproximar ao máximo do Pregoeiro. Seu olhar tenso percorria os frequentadores de sempre um por um, examinando suas mãos uma após a outra, espreitando os mínimos gestos que revelassem um tênue clarão. Joss passou dezoito anúncios sem que Adamsberg notasse o que quer que fosse. Durante a meteorologia marítima, uma mão se ergueu, passou por uma testa e Adamsberg a alcançou em pleno voo. O clarão.

Estupefato, ele recuou até o plátano. Ficou encostado ali, sem se mexer durante um bom tempo, hesitante, incerto.

Então, tirou lentamente o telefone do paletó passado a ferro.

— Danglard — murmurou ele —, venha aqui para a praça correndo, com mais dois homens. Depressa, capitão. Peguei o sementeiro.

— Quem? — Perguntou Danglard, levantando-se e fazendo sinal a Noël e Voisenet para que o seguissem.

— Damasco.

Minutos mais tarde, o carro dos tiras freou na praça e três homens desceram rapidamente, dirigindo-se para Adamsberg, que os esperava junto ao plátano. O acontecimento suscitou certo interesse nos que ainda zanzavam por ali entre uma discussão e outra, principalmente porque o tira mais alto vinha com um gatinho branco e cinza na mão.

— Ele ainda está lá — disse Adamsberg em voz baixa. — Está fechando o caixa com Eva e Marie-Belle. Não toquem nas mulheres, peguem só o cara. Cuidado, ele pode ser perigoso, porte atlético, confirmam as armas. Em caso de violência, por favor, nada de estrago. Noël, você vem comigo. Há outra porta que dá para uma rua lateral, que é por onde passa o Pregoeiro. Danglard e Justin, postem-se diante dela.

— Voisenet — corrigiu Voisenet.

— Postem-se diante dela — repetiu Adamsberg, desgrudando-se do tronco da árvore. — Vamos.

A saída de Damasco, cercado por quatro tiras, algemado, e seu embarque imediato no carro da polícia paralisaram de estupefação os moradores da praça. Eva correu até o carro, que arrancou na sua frente enquanto ela segurava a cabeça com ambas as mãos. Marie-Belle jogou-se, aos prantos, nos braços de Decambrais.

— Ele está doido — disse Decambrais, abraçando a jovem. — Está completamente doido.

Até Bertin, que acompanhara toda a cena através da vidraça, ficou abalado na veneração que nutria pelo delegado Adamsberg.

— Damasco — murmurou ele. — Eles perderam a cabeça.

No espaço de cinco minutos, a praça inteira se reunira no Viking, onde ácidas discussões tiveram início em clima de drama e semitumulto.

Quanto a Damasco, permanecia calmo, nenhuma sombra de preocupação ou questionamento passando pelo seu rosto. Deixara que o prendessem sem protestar, que o sentassem no carro e o levassem à Brigada sem dizer palavra, sem tampouco fechar a fisionomia. Era o acusado mais tranquilo que Adamsberg já tivera sentado à sua frente.

Danglard se ajeitou na beirada da mesa, Adamsberg se recostou na parede cruzando os braços, Noël e Voisenet quedavam-se em pé nos cantos da sala. Favre se postara a uma mesa de canto, pronto a digitar o interrogatório. Damasco, bem descontraidamente acomodado na cadeira, jogou os longos cabelos para trás e esperou, com as duas mãos fechadas sobre os joelhos por causa das algemas.

Danglard saiu discretamente para colocar Bola na cesta e pediu a Mordent e Mercadet que fossem buscar algo de comer e beber para todo mundo, mais meio litro de leite, por gentileza.

— É para o acusado? — Perguntou Mordent.

— Para o gato — disse Danglard discretamente. — Seria legal se vocês pudessem encher o prato dele. Vou estar ocupado agora à noite, talvez a noite inteira.

Mordent garantiu que podia contar com ele e Danglard foi reassumir sua posição na ponta da mesa.

Adamsberg estava tirando as algemas de Damasco e Danglard achou o gesto prematuro, já que ainda havia uma janela sem grades e que ninguém conhecia as reações do homem. Contudo, não se preocupou. Em contrapartida, o que o inquietava era o sujeito ser acusado sem uma única prova válida de que era o semeador de peste. A aparência pacífica de Damasco, aliás, desmentia totalmente o fato. Estavam procurando um erudito e

uma mente brilhante. E Damasco era um homem simples, até meio lento no gatilho. Era impossível que o sujeito, preocupado principalmente com suas proezas físicas, tivesse conseguido endereçar mensagens tão complexas ao Pregoeiro. Danglard se perguntava ansiosamente se Adamsberg tinha pelo menos parado para pensar antes de se jogar de cabeça naquela inverossímil detenção. Mordiscou a bochecha, cheio de apreensão. Para ele, Adamsberg estava indo bater direto na parede.

O delegado já tinha feito contato com o substituto e obtido mandados de busca para a loja de Damasco e para a sua residência, na rue de la Convention. Seis homens tinham saído para os locais havia quinze minutos.

— Damasco Viguier — começou Adamsberg, consultando a carteira de identidade gasta —, o senhor é acusado do assassinato de cinco pessoas.

— Por quê? — Perguntou Damasco.

— Porque é acusado — repetiu Adamsberg.

— Ah! O senhor está dizendo que eu matei pessoas?

— Cinco pessoas — disse Adamsberg, dispondo diante dele as fotos das vítimas e enumerando seus nomes.

— Não matei ninguém — disse Damasco, olhando para as fotos.

— Posso ir embora? — Acrescentou em seguida, levantando-se.

— Não. O senhor está detido para averiguações. Pode dar um telefonema.

Damasco olhou para o delegado, estarecido.

— Mas eu telefono sempre que quero — disse ele.

— Estas cinco pessoas — disse Adamsberg mostrando as fotos uma por uma — foram todas estranguladas esta semana. Quatro em Paris, a última em Marselha.

— Muito bem — disse Damasco, tornando a sentar-se.

— O senhor as reconhece?

— Claro.

— Onde é que as viu antes?

— No jornal.

Danglard se levantou e afastou-se, deixando a porta aberta para ouvir a continuação daquele medíocre início de interrogatório.

— Me mostre suas mãos — disse Adamsberg, guardando as fotos. — Não, não assim, ao contrário.

Damasco obedeceu de boa vontade e mostrou ao delegado suas mãos compridas, estendidas, com as palmas voltadas para o teto. Adamsberg segurou sua mão esquerda.

— Isto é um diamante?

— É.

— Por que deixa ele virado para dentro?

— Para não estragar quando estou consertando as pranchas.

— Vale muito dinheiro?

— Sessenta e dois mil francos.

— Onde o senhor conseguiu esse anel? É de família?

— Foi o preço de uma moto, uma 1000 R1 quase nova que eu vendi. O comprador me pagou com isso.

— Não é muito comum um homem usar diamante.

— Pois eu uso. Já que tenho um.

Danglard apareceu na porta e fez um sinal chamando Adamsberg à parte.

— O pessoal da busca acabou de ligar — disse Danglard em voz baixa. — Não deu em nada. Nenhum saco de carvão de lenha, nenhuma criação de pulgas, nenhum rato vivo ou morto e, principalmente, nenhum livro, nem na loja, nem em casa, tirando alguns romances em edição de bolso.

Adamsberg esfregou a nuca.

— Deixe isso para lá — disse Danglard num tom insistente. — O senhor está caminhando para o fracasso. Esse cara não é o semeador.

— É sim, Danglard.

— O senhor não pode jogar tudo neste anel, é ridículo.

— Homens não usam diamante, Danglard. Esse usa um no anular esquerdo, e esconde a pedra na palma da mão.

— Para não estragar.

— Bobagem, nada pode estragar um diamante. O diamante é a pedra protetora da peste por excelência. Este está na família desde 1920. Ele está mentindo, Danglard. Não esqueça que ele manipula a urna do Pregoeiro três vezes ao dia.

— Esse cara nunca leu um livro na vida, caramba — disse Danglard, quase rosnando.

— Como é que a gente sabe?

— O senhor consegue imaginar ele de latinista? Está brincando?

— Não conheço nenhum latinista, Danglard. De modo que não tenho os mesmos preconceitos que você.

— E Marselha? Como é que ele podia estar em Marselha? Ele está sempre enfiado dentro daquela loja.

— Não no domingo, nem na segunda de manhã. Depois do pregão da tarde, ele teve tempo de sobra para pegar o trem das 20h20. E estar aqui de volta às dez da manhã.

Danglard deu de ombros, quase furioso, e foi se postar diante de seu monitor. Se Adamsberg queria dar com os burros n'água, que fosse sem ele.

Os tenentes tinham trazido o jantar e Adamsberg serviu as pizzas em sua sala, nas próprias caixas. Damasco comeu com apetite, ar satisfeito. Adamsberg esperou tranquilamente que todos acabassem de se alimentar, empilhou as caixas ao lado da lixeira e retomou o interrogatório a portas fechadas.

Danglard bateu na porta, meia hora mais tarde. Seu descontentamento parecia ter, em parte, diminuído. Fez, com o olhar, um sinal chamando Adamsberg.

— Não tem nenhum Damasco Viguiet na Identificação — disse ele em voz baixa. — O cara não existe. Os documentos são falsos.

— Está vendo, Danglard? Ele está mentindo. Despache as digitais, ele decerto andou cumprindo pena. É o que vimos repetindo desde o início. O homem que arrombou o apartamento de Laurion e o de Marselha entendia do riscado.

— O arquivo das digitais acaba de emperrar. Eu não falei que o raio desse arquivo estava me incomodando de uma semana para cá?

— Corra até o Quai, meu chapa, e ande logo. Me ligue de lá.

— Droga, todo mundo usa nome falso naquela praça.

— Decambrais diz que há lugares onde sopra o espírito.

— O senhor não se chama Viguier? — Perguntou Adamsberg, reassumindo seu lugar junto à parede.

— É um nome para a loja.

— E para os seus documentos — disse Adamsberg, mostrando a identidade. — Falsificação e uso de documentos falsos.

— Foi um amigo que fez para mim. Prefiro assim.

— Por quê?

— Porque não gosto do nome do meu pai. É muito chamativo.

— Mesmo assim, diga qual é.

Pela primeira vez, Damasco guardou silêncio e apertou os lábios.

— Não gosto — disse finalmente. — Me chamam de Damasco.

— Muito bem, então vamos esperar por esse nome — disse Adamsberg.

Adamsberg saiu para caminhar, deixando Damasco sob a guarda de seus tenentes. Às vezes é fácil identificar um sujeito que está mentindo, ou um sujeito que está dizendo a verdade. E Damasco estava dizendo a verdade quando afirmava que não tinha matado ninguém. Isso Adamsberg podia escutar na sua voz, nos seus olhos, ler nos seus lábios e na sua testa. Mas continuava convencido de que estava diante do semeador. Esta era a primeira vez em que se sentia dividido em duas metades inconciliáveis diante de um suspeito. Ligou para os homens que continuavam esquadrinhando a loja e o apartamento. A busca redundara num completo fracasso. Adamsberg voltou para a Brigada uma hora mais tarde, consultou o fax enviado por Danglard e copiou-o no caderninho. Pouco se surpreendeu ao ver Damasco dormindo na cadeira, com o sono pesado de um sujeito que não tem nada pesando na consciência.

— Faz quarenta e cinco minutos que ele está dormindo.

Adamsberg pôs uma mão no seu ombro.

— Acorde, Arnaud Damas Heller-Deville. Eu vou lhe contar a sua história.

Damasco abriu os olhos e tornou a fechá-los.

— Já conheço.

— Heller-Deville, o industrial da aeronáutica, é o seu pai?

— Era — disse Damasco. — Ele, graças a Deus, explodiu no ar com o jato particular dele, dois anos atrás. Que não descanse em paz.

— Por quê?

— Nada — disse Damasco, cujos lábios tremiam levemente. — O senhor não tem o direito de me interrogar. Pergunte qualquer outra coisa. Qualquer outra coisa.

Adamsberg lembrou das palavras de Ferez e deixou para lá.

— Você cumpriu pena de cinco anos em Fleury, saiu há dois anos e meio — disse Adamsberg, lendo as suas anotações. — Acusação de homicídio voluntário. A sua namorada caiu pela janela.

— Ela pulou.

— Foi o que você ficou repetindo leito um autômato durante o processo. Vizinhos testemunharam. Eles vinham escutando vocês dois gritarem feito bichos havia várias semanas. Por pouco não chamaram os tiras diversas vezes. O motivo da briga, Damasco.

— Ela estava desequilibrada. Gritava o tempo todo. Ela pulou.

— Você não está no tribunal, Damasco, e o seu processo nunca vai ser reaberto. Pode mudar o disco.

— Não.

— Você empurrou a moça?

— Não.

— Heller-Deville, você matou, na semana passada, esses quatro sujeitos e essa mulher? Estrangulou?

— Não.

— Você entende de fechadura?

— Aprendi.

— Esses caras, essa mulher, eles fizeram algum mal para você? Você matou eles? Como matou sua namorada?

— Não.

— O que o seu pai fazia?

— Fazia dinheiro.

— E com a sua mãe, o que ele fazia?

Mais uma vez, Damasco apertou os lábios.

O telefone tocou e Adamsberg ouviu, na linha, o juiz de instrução.

— Ele falou? — perguntou o juiz.

— Não. Está trancado — disse Adamsberg.

— Alguma abertura à vista?

— Nenhuma.

— E a busca?

— Nada.

— Ande logo, Adamsberg.

— Não. Quero que ele seja indiciado, meritíssimo.

— Nem pensar. Você não tem um único elemento de prova. Faça com que ele fale ou solte-o.

— O nome dele não é Viguier, a identidade é falsa. Trata-se de Arnaud Damas Heller-Deville, cinco anos de xadrez por homicídio. Não basta para o senhor como presunção?

— Menos ainda. Lembro muito bem do caso Heller-Deville. Ele foi condenado porque o testemunho dos vizinhos impressionou o júri. Mas a versão dele se sustentava tanto quanto a da acusação. Nem pensar em jogar uma peste nas costas dele a pretexto de que esteve cinco anos preso.

— As fechaduras foram abertas por um perito.

— Estou enganado ou vocês já nem sabem mais o que fazer com tantos ex-detentos naquela praça? Ducouëdic e Le Guern estão em igualdade de condições com Heller-Deville. Os relatórios sobre a reintegração dele são todos excelentes.

O juiz Ardet era um homem firme, além de sensível e prudente, raras qualidades que, naquela noite, não favoreciam Adamsberg.

— Se soltarmos o sujeito — disse Adamsberg —, não garanto mais nada. Ele vai voltar a matar ou nos escapar por entre os dedos.

— Nada de indiciamento — concluiu o juiz com firmeza. — Ou então, vire-se para conseguir alguma prova antes das dezenove e trinta de amanhã. Adamsberg, provas, não intuições confusas. Provas. Confissões, por exemplo. Boa noite, delegado.

Adamsberg desligou e guardou durante muito tempo um silêncio que ninguém ousou interromper. Ele se encostava na parede ou

deambulava pela sala, cabeça inclinada, braços cruzados. Danglard via aflorar, sob a pele de suas faces, de sua testa, o estranho fulgor da sua concentração. Mas, por mais concentrado que estivesse, não encontrava uma brecha por onde quebrar Arnaud Damas Heller-Deville. Porque Damasco talvez tivesse matado a namorada e falsificado os documentos, mas Damasco não era o semeador. Se aquele cara de olhar vazio soubesse latim, ele, Danglard, em capaz de comer a camisa. Adamsberg saiu para telefonar e voltou para a sala.

— Damasco — retomou, puxando uma cadeira e sentando pertinho dele. — Damasco, você semeia a peste. Você vem colocando aqueles anúncios na urna de Joss Le Guern há mais de um mês. Você cria pulgas de rato e depois as solta por baixo da porta das vítimas. Essas pulgas são portadoras de peste, estão infectadas e picam. Os cadáveres trazem as marcas das mordidas mortíferas, e os corpos ficam pretos. Mortos de peste, os cinco.

— Sim — disse Damasco. — Foi o que os jornalistas explicaram.

— É você quem pinta os 4 pretos. É você quem despacha as pulgas. É você quem mata.

— Não.

— Você precisa compreender uma coisa, Damasco. Essas pulgas que você carrega pulam para cima de você, assim como pulam para cima dos outros. Você não troca muito de roupa nem toma muito banho.

— Lavei a cabeça na semana passada — protestou Damasco.

Mais uma vez, Adamsberg vacilou diante da candura dos olhos do rapaz. A mesma candura um pouco simplória dos olhos de Marie-Belle.

— Essas pulgas pestilentas também estão com você. Mas você está protegido, você tem o diamante. Portanto, elas não podem nada contra você. Mas, e se você não tivesse a pedra, Damasco?

Damasco fechou os dedos sobre o anel.

— Se você não tiver nada com isso — prosseguiu Adamsberg —, não precisa se preocupar. Porque nesse caso você não estaria com pulgas. Está me entendendo?

Adamsberg ficou em silêncio, espreitando ligeiras alterações na fisionomia do rapaz.

— Me dê o seu anel, Damasco.

Damasco não se moveu.

— Só por uns dez minutos — insistiu Adamsberg. — Vou devolver, juro.

Adamsberg estendeu a mão e esperou.

— O anel, Damasco, tire o anel.

Damasco permaneceu quieto, como todos os outros homens presentes. Danglard viu suas feições se contraírem. Alguma coisa estava começando a mover-se.

— Me dê o anel — disse Adamsberg, a mão ainda estendida. — Do que é que você tem medo?

— Não posso tirar. Foi uma promessa. A moça que pulou. O anel era dela.

— Eu vou devolver. Tire o anel, dê para mim.

— Não — disse Damasco, enfiando a mão sob a coxa.

Adamsberg se levantou e andou.

— Você está com medo, Damasco. Assim que o anel sair do seu dedo, você sabe que as pulgas vão picar você e, desta vez, vão transmitir a peste. E você vai morrer, como os outros.

— Não. Foi uma promessa.

Burros n'água, pensou Danglard, deixando cair os ombros. Bela tentativa, mas burros n'água. Fraquinha, essa história de diamante, calamitosa.

— Então tire a roupa — disse Adamsberg.

— O quê?

— Tire os trapos, todos. Danglard, traga um saco.

Um homem, desconhecido de Adamsberg, apontou a cabeça na porta.

— Martin — apresentou-se o homem. — Serviço de entomologia. O senhor mandou me chamar.

— Já vai ser a sua vez, Martin, só um minuto. Damasco, tire a roupa.

— Na frente desses caras todos?

— O que é que tem? Saiam — disse ele para Noël, Voisenet e Favre. — Vocês estão perturbando o rapaz.

— Por que eu teria de tirar a roupa? — Perguntou Damasco, hostil.

— Quero as suas roupas, e quero ver o seu corpo. Então tire a roupa, caramba.

Com a testa franzida, Damasco obedeceu, devagar.

— Ponha tudo no saco — disse Adamsberg.

Quando Damasco ficou nu, só com o anel no dedo, Adamsberg fechou o saco e chamou Martin.

— Urgente. Procure as...

— *Nosopsyllus fasciatus*.

— Exatamente.

— Hoje à noite?

— Hoje à noite, com toda a pressa.

Adamsberg voltou para a sala onde Damasco ficara em pé, de cabeça baixa.

Adamsberg ergueu-lhe um dos braços, depois o outro.

— Afaste as pernas, trinta centímetros.

Adamsberg puxou a pele dos quadris, de um lado, de outro.

— Sente-se, acabou. Vou buscar uma toalha.

Adamsberg voltou dos vestiários com uma toalha de banho verde, que Damasco apanhou num gesto rápido.

— Você não está com frio?

Damasco fez que não com a cabeça.

— Você está picado de pulgas, Damasco. Você está com duas mordidas debaixo do braço direito, outra na virilha esquerda e três na virilha direita. Mas não tem perigo, você está com o anel.

Damasco mantinha a cabeça abaixada, apertada na imensa toalha.

— O que você tem a dizer?

— Tem pulgas lá na loja.

— Pulgas de homem, você quer dizer?

— Sim. Os fundos da loja não estão muito limpos.

— Pulgas de rato, você sabe disso melhor do que eu. Vamos esperar mais um pouco, uma horinha, então saberemos. Martin vai

telefonar. É um grande especialista, sabe? Ele descobre o nome de uma pulga de rato num piscar de olhos. Você pode dormir, se quiser. Vou trazer uns cobertores.

Pegou Damasco pelo braço e o levou até a cela. O homem continuava calmo, mas perdera a sua indiferença. Estava preocupado, tenso.

— A cela é nova — disse Adamsberg entregando-lhe dois cobertores. — E a roupa de cama está limpa.

Damasco se deitou sem uma palavra e Adamsberg fechou a grade sobre ele. Voltou para a sua sala, pouco à vontade. Pusera a mão no semeador, estava com a razão, e estava com pena. No entanto, aquele sujeito tinha massacrado cinco pessoas em uma semana. Adamsberg se obrigou a se lembrar disso, a rever o rosto das vítimas, da moça empurrada para baixo do caminhão.

Esperaram pouco mais de uma hora em silêncio. Danglard ainda não ousava pronunciar-se. Nada indicava que a roupa de Damasco abrigaria as pulgas da peste. Adamsberg rabiscava numa folha de papel, apoiava no joelho, as feições um pouco abatidas. Era uma e meia da manhã. Martin ligou às duas e dez.

— Duas *Nosopsyllus fasciatus* — declarou sobriamente. — Vivas.

— Obrigado, Martin. Artigo superprecioso. Não deixe que elas pulem para o piso, ou nosso dossiê inteirinho se manda com elas.

— Com eles — corrigiu o entomologista. — São machos.

— Desculpe, Martin. Não quis ofender ninguém. Mande as roupas de volta para a Brigada, para o suspeito poder se vestir.

Cinco minutos depois, o juiz, acordado em seu primeiro sono, autorizava o indiciamento.

— O senhor tinha razão — disse Danglard, erguendo-se com dificuldade, os olhos abatidos, o corpo abatido. — Mas foi por um fio.

— Um fio é muito mais sólido do que a gente pensa. Basta puxar devagar e regularmente.

— Devo observar que Damasco ainda não falou.

— Vai falar. Ele agora sabe que dançou. Ele é extremamente esperto.

— Não é possível.

— É sim, Danglard. Ele se faz de bobo. E como é extremamente esperto, se faz de bobo muito bem.

— Se esse sujeito souber latim, eu como a minha camisa — disse Danglard, saindo.

— Bom apetite, Danglard.

Danglard desligou o computador, ergueu o moisés onde o gatinho dormia e deu boa-noite aos agentes de plantão, cesta debaixo do braço. No saguão, cruzou com Adamsberg, que vinha trazendo do vestiário uma cama de armar e um cobertor.

— Puxa — disse ele —, o senhor vai dormir aqui?

— Vá que ele resolva falar — disse Adamsberg.

Danglard seguiu seu caminho, sem comentários. O que é que haveria para comentar? Ele sabia que Adamsberg não estava com muita vontade de voltar para o seu apartamento, onde ainda flutuavam as fumaças do acidente. No dia seguinte, as coisas estariam melhor. Adamsberg era um sujeito que dava a volta por cima com rara rapidez.

Adamsberg instalou a cama de armar e pôs o cobertor todo enrolado por cima. Estava com o semeador a dez passos dali. O homem dos 4, o homem dos “especiais” aterradores, o homem das pulgas de rato, o homem da peste, o homem que estrangulava e encarvoava suas vítimas. A passada de carvão, o último gesto, seu *imenso equívoco*.

Tirou o paletó, a calça, e pôs o celular em cima da cadeira. Ligue, caramba.

Tocaram a campainha noturna várias vezes seguidas, em sinal de urgência. O cabo Estalère abriu o portão e recebeu um homem molhado de suor, usando um terno abotoado às pressas e uma camisa aberta sobre uma crina de pelos pretos.

— Depressa, meu chapa — disse o homem, pondo-se rapidamente ao abrigo dentro da Brigada. — Quero prestar um depoimento. Sobre o assassino, o homem da peste.

Estalère não ousou alertar o delegado-chefe e acordou o capitão Danglard.

— Que droga, Estalère — disse Danglard da sua cama —, você está me ligando para quê? Chame o Adamsberg, ele está dormindo na sala dele.

— Aí é que está, capitão. Se não for importante, tenho medo de levar uma bronca do delegado.

— E você tem menos medo de mim, Estalère?

— Tenho, capitão.

— Pois está errado. Nessas seis semanas convivendo com o Adamsberg, alguma vez você viu ele gritar?

— Não, capitão.

— Pois vai continuar sem ver nos próximos trinta anos. Mas a mim sim, cabo, e vai ser agora mesmo. Acorde o Adamsberg, droga. De qualquer modo, ele não tem necessidade de muito sono. Eu tenho.

— Muito bem, capitão.

— Um momento, Estalère. O que é que o cara quer?

— É um desses apavorados, está com medo que o assassino assassine ele.

— Já decidimos há um tempão deixar os apavorados pra lá. A essa hora, são cem mil na cidade. Ponha-o na rua e deixe o

delegado dormir.

— Ele insiste que é um caso especial — explicou Estalère.

— Todos os apavorados se acham especiais. Se não, não ficariam apavorados.

— É que ele insiste que acabou de ser picado por uma pulga.

— Quando? — Perguntou Danglard, sentando-se na cama.

— Esta noite.

— Está bem, Estalère, acorde o Adamsberg. Estou indo também.

Adamsberg molhou o rosto e o torso com água fria, pediu um café para Estalère — a nova máquina fora instalada na véspera — e empurrou com o pé a cama de armar para o fundo da sua sala.

— Traga o sujeito aqui, cabo — disse ele.

— Estalère — apresentou-se o rapaz.

Adamsberg assentiu com a cabeça e pegou seus apontamentos. Agora que o semeador estava numa cela, ele talvez conseguisse dar atenção a essa tropa de desconhecidos que povoava a sua Brigada. Anotou: “Rosto redondo, olhos verdes, temeroso igual a Estalère”. E acrescentou, na sequência: “Entomologista, pulgas, pomo de adão: Martin”.

— Como é que ele se chama? — Perguntou.

— Kévin Roubaud — disse o cabo.

— Idade?

— Em torno dos trinta — avaliou Estalère.

— Ele foi picado esta noite, é essa a história dele?

— É, e ele está apavorado.

— Nada mau.

Estalère acompanhou Kévin Roubaud até a sala do delegado, segurando na mão esquerda uma xícara de café, sem açúcar. O delegado não tomava com açúcar. Ao contrário de Adamsberg, Estalère gostava dos pequenos detalhes da vida, gostava de se lembrar deles e gostava de mostrar que se lembrava.

— Não pus açúcar, delegado — disse ele, pondo a xícara em cima da mesa e Kévin Roubaud na cadeira.

— Obrigado, Estalère.

O homem passava os dedos nos pelos densos do peito, agitado, pouco à vontade. Cheirava a suor e seu suor cheirava a vinho.

— Nunca teve pulgas antes? — Perguntou-lhe Adamsberg.

— Nunca.

— Tem certeza de que as picadas ocorreram esta noite?

— Faz menos de duas horas, foi por isso que acordei. Então vim correndo avisar vocês.

— Tem algum 4 nas portas do seu prédio, seu Roubaud?

— Dois. A zeladora desenhou um no vidro dela, com hidrocor, e o cara do quinto andar, à esquerda.

— Então não foi ele. E não foram as pulgas dele. Pode voltar para casa tranquilo.

— Está brincando? — Disse o homem, levantando a voz. — Eu exijo proteção.

— O semeador pinta todas as portas, menos uma, antes de soltar as pulgas — escandiu Adamsberg. — São outras pulgas. O senhor recebeu alguma visita nesses últimos dias? Alguém com um animal?

— Sim — disse Roubaud, aborrecido. — Um amigo apareceu para me ver com o cachorro uns dois dias atrás.

— Então é isso. Volte para casa, seu Roubaud, e durma. Vamos todos voltar a dormir mais uma horinha, vai fazer bem para todo mundo.

— Não. Não quero.

— Se está preocupado a esse ponto — disse Adamsberg, levantando-se —, chame a dedetização e pronto.

— Não ia adiantar nada. O assassino me escolheu, ele vai me matar, com pulga ou sem pulga. Exijo proteção.

Adamsberg voltou para a sua mesa, recuou até a parede e examinou Kévin Roubaud com mais atenção. Uns trinta anos, violento, preocupado, e alguma coisa furtiva nos olhões escuros meio arregalados.

— Está certo — disse Adamsberg. — Ele escolheu o senhor. Não há um só 4 que se preze no seu prédio, mas o senhor sabe que foi escolhido.

— As pulgas — rosnou Roubaud. — Deu no jornal. Todas as vítimas tiveram pulgas.

— E o cachorro do seu amigo?

— Não, não é isso.

— Como é que o senhor tem tanta certeza?

O tom do delegado estava mudando, Roubaud percebeu e se encolheu na cadeira.

— No jornal — repetiu.

— Não, Roubaud, é outra coisa.

Danglard acabava de chegar, eram seis horas da manhã e Adamsberg fez sinal para que se acomodasse. O capitão moveu-se em silêncio e se instalou ao teclado.

— Espere aí — disse Roubaud, recobrando alguma firmeza —, estão me ameaçando, um doido está tentando me matar e é a mim que vão encher o saco?

— Qual é a sua ocupação? — Perguntou Adamsberg, suavizando o tom.

— Trabalho na seção de linóleos numa importante loja de móveis, atrás da estação do Leste.

— O senhor é casado?

— Estou divorciado há dois anos.

— Filhos?

— Dois.

— Moram com o senhor?

— Com a mãe deles. Tenho direito a visita no fim de semana.

— O senhor janta fora? Em casa? Sabe cozinhar?

— Depende — disse Roubaud, meio desconcertado. — Às vezes faço uma sopa e abro um prato congelado. Às vezes vou até o café. Restaurantes são muito caros.

— O senhor gosta de música?

— Gosto — disse Roubaud, meio perdido.

— O senhor tem uma tevê, um canal preferido?

— Tenho.

— O senhor assiste futebol?

— Sim, claro.

— Entende do assunto?

— Bastante.

— Assistiu Nantes x Bordeaux?

— Assisti.

— Foi um jogo legal, não foi? — Disse Adamsberg, que não tinha visto.

— Mais ou menos — disse Roubaud, com uma careta. — Estava meio frouxo e acabou num empate. Dava para fazer uma aposta já no primeiro tempo.

— O senhor assistiu ao noticiário, no intervalo?

— Assisti — disse Roubaud, maquinalmente.

— Então — disse Adamsberg vindo sentar-se na frente dele —, sabe que na noite passada o sementeiro de peste foi detido.

— Foi o que disseram — murmurou Roubaud, perturbado.

— Neste caso, o senhor está com medo do quê?

O sujeito mordeu os lábios.

— O senhor está com medo do quê? — Repetiu Adamsberg.

— Não tenho certeza de que seja ele — soltou o homem com voz hesitante.

— É mesmo? O senhor entende de assassinos?

Roubaud engoliu o lábio inferior inteiro, dedos enfiados nos pelos do peito.

— Estou sendo ameaçado e é a mim que enchem o saco? — Repetiu. — Eu tinha que ter imaginado. É só a gente dar um toque para os tiras e eles grudam no pé da gente. Eu tinha que ter me virado sozinho. A gente quer ajudar a justiça e está aí o resultado.

— Mas o senhor vai ajudar, seu Roubaud, bastante até.

— Ah, é? Acho que está redondamente enganado, delegado.

— Não banque o durão, Roubaud, você não é tão esperto assim.

— Ah, é?

— É. Mas se não quiser ajudar, pode voltar para casa, tranquilo. Para casa, Roubaud. Se tentar fugir, vão te levar de volta ao lar. Às últimas consequências.

— Desde quando os tiras ficam dizendo para onde eu tenho que ir?

— Desde que você está me enchendo o saco. Mas pode ir, Roubaud, você está livre. Se mande.

O homem não se mexeu.

— Está com medo, é? Está com medo que ele te estrangule com um nó corrediço, que nem os outros cinco? Você sabe que não vai conseguir se defender. Você sabe que ele vai te alcançar, aonde quer que você vá, Lyon, Nice, Berlim. Você é o alvo. E você sabe *porquê*.

Adamsberg abriu sua gaveta e espalhou diante do homem as fotos das cinco vítimas.

— Você sabe que vai para junto delas, não é? Você conhece todas elas, e é por isso que está com medo.

— Me deixe em paz — disse Roubaud, virando de lado.

— Então se mande. Suma daqui.

Passaram-se dois longos minutos.

— Está bem — decidiu o homem.

— Você conhece as vítimas?

— Sim e não.

— Explique.

— Digamos que encontrei com elas certa noite, muito tempo atrás, uns sete, oito anos pelo menos. Bebemos umas e outras.

— Ah, está certo. Beberam umas e outras e é por isso que alguém está acabando com vocês, um depois do outro.

O homem transpirava e o cheiro do seu suor enchia a sala inteira.

— Você quer um café? — Perguntou Adamsberg.

— Pode ser.

— Com alguma coisa para comer?

— Pode ser.

— Danglard, peça para o Estalère trazer isso.

— E cigarros — acrescentou Roubaud.

— Conta — repetiu Adamsberg enquanto Roubaud se revigorava à base de café bem doce, com leite. — Vocês eram quantos?

— Sete — murmurou Roubaud. — Nos encontramos num bar, palavra.

Adamsberg olhou imediatamente para os olhões pretos e viu que alguma verdade tinha passado junto com aquele “palavra”.

— O que é que vocês fizeram?

— Nada.

— Roubaud, estou com o semeador ali na cela. Se quiser, coloco você lá com ele, fecho os olhos e não se fala mais nisso. Dentro de meia hora você está morto.

— Digamos que azucrinamos um cara.

— Para quê?

— Faz tempo. Fomos pagos para que o cara falasse, foi só isso. Ele tinha roubado um troço e tinha que devolver. Azucrinamos ele, era o contrato.

— O contrato?

— Ahã, tinham alugado a gente. Um servicinho, é isso.

— Onde é que vocês “azucrinaram” ele?

— Numa academia de ginástica. Tinham nos passado o endereço, o nome do cara e o nome do bar onde era para a gente se reunir. Porque a gente não se conhecia.

— Nenhum de vocês?

— Nenhum. Éramos sete, e ninguém se conhecia. Ele nos pescou em separado. Esperto.

— Pescou vocês onde?

Roubaud deu de ombros.

— Em lugares onde se encontram caras que topam azucrinar os outros por grana. Não é muito difícil. Me pegaram numa porcaria de um cabaré na rue Saint-Denis. Palavra que faz séculos que não mexo com esse tipo de negócio. Palavra, delegado.

— Quem te pegou?

— Não sei, era tudo por escrito. Uma mulher me passou a correspondência. Papel chique, limpo. Confiei.

— Da parte de quem?

— Palavra, eu nunca soube quem estava nos contratando. Uma raposa, o tal chefe. No caso da gente ir pedir mais dinheiro.

— Então vocês sete se encontraram e foram buscar a vítima.

— É.

— Quando foi isso?

— Dia 17 de março, numa quinta.

— E vocês levaram ele para uma academia. E depois?

— Já falei, droga — disse Roubaud, se agitando na cadeira. —

Azucrinamos o cara.

— Foi eficaz? Ele contou o que tinha que contar?

— Sim. Acabou dando o recado. Passou todas as informações.

— Do que é que se tratava? Grana? Droga?

— Não entendi nada, palavra. O chefe deve ter ficado satisfeito, porque nunca mais se ouviu falar nele.

— Bem pago?

— Ahã.

— Azucrinação, é? E o cara contou tudinho? A palavra certa não seria "tortura"?

— Azucrinação.

— E a vítima estaria fazendo vocês pagarem oito anos depois?

— É o que eu estou achando.

— Por causa de uma azucrinação? Você está de gozação comigo, Roubaud. Vai voltar para casa.

— É verdade — disse Roubaud, agarrando a cadeira. — Por que a gente teria torturado eles, droga? Eram uns cagões, se borravam só de olhar para a gente.

— "Eles"?

Roubaud engoliu o lábio inferior mais uma vez.

— Eram muitos? Anda logo, Roubaud, estou sentindo que é urgente.

— Tinha uma moça com ele — murmurou Roubaud. — Não tivemos escolha. Quando fomos pegar o cara, ele estava com a namorada, que diferença faz? Levamos os dois.

— Azucrinaram a mulher também?

— Um pouquinho. Não fui eu, juro.

— Está mentindo. Saia desta sala, não quero mais ver você na minha frente. Enfrente o seu destino, Kévin Roubaud, eu lavo as minhas mãos.

— Não fui eu — disse Roubaud sussurrando —, juro. Não sou um bruto. Um pouquinho só, quando me provocam, mas não igual aos outros. Eu só fiquei rindo e cobrindo a retaguarda.

— Acredito em você — disse Adamsberg, que não acreditava nem um pouco. — Você ficou rindo do quê?

— Ora, do que eles estavam fazendo.

— Anda, Roubaud, você tem mais cinco minutos ou te joga na rua.

Roubaud inspirou ruidosamente.

— Tiraram a roupa dele — prosseguiu baixinho —, jogaram gasolina na... no...

— No sexo — sugeriu Adamsberg.

Roubaud aquiesceu. As gotas de suor rolavam pelo seu rosto e vinham se perder no peito.

— Acenderam uns isqueiros e ficaram girando em volta dele, se aproximando da... do negócio dele. O cara berrava, morria de medo só de pensar no troço dele pegando fogo.

— Azucrinação — murmurou Adamsberg. — E depois?

— Depois, viraram ele em cima de uma bancada de ginástica e pregaram ele.

— Pregaram?

— Pois é. Isso se chama enfeitar um cara. Colocaram tachinhas no corpo dele, depois enfiaram um porrete nas, no, no cu dele.

— Formidável — disse Adamsberg entre dentes. — E a moça? Não me diga que vocês não encostaram a mão na moça.

— Eu não — gritou Roubaud —, eu fiquei cobrindo a retaguarda. Eu só estava me divertindo.

— E hoje, você ainda está se divertindo?

Roubaud abaixou a cabeça, as mãos ainda agarradas na cadeira.

— A moça? — Repetiu Adamsberg.

— Violentada pelos cinco caras, um em seguida do outro. Teve uma hemorragia. No final, estava totalmente largada. Até pensei que tínhamos bobeadado, que ela estava morta. Na real, ela tinha ficado louca, não reconhecia mais ninguém.

— Cinco? Achei que vocês eram sete.

— Não encostei a mão nela.

— Mas e o sexto cara? Não fez nada?

— Era uma mulher. Essa aqui — disse Roubaud apontando para a foto de Marianne Bardou. — Ela morava com um dos caras. Não

queriam nenhuma mulher, mas ela estava a fim e foi atrás.

— O que é que ela fazia?

— Foi ela que espalhou a gasolina. Estava se divertindo à beça.

— Realmente.

— É — disse Roubaud.

— E aí?

— Depois que o cara acabou de dar o recado, no meio do vômito, jogamos os dois para fora, pelados, junto com a tralha deles, e fomos todos encher a cara.

— Uma noitada legal — comentou Adamsberg — deve ser comemorada.

— Palavra, aquilo me gelou. Nunca mais mexi com essas coisas e nunca mais vi aqueles caras. Recebi a grana pelo correio, como combinado, e nunca mais ouvi falar nisso.

— Até esta semana.

— É.

— Quando você reconheceu as vítimas.

— Só este, e este, e a mulher — disse Roubaud, indicando as fotos de Viard, Clerc e Bardou. — Só tinha visto eles uma noite.

— Você sacou na hora?

— Só depois do assassinato da mulher. Reconheci porque ela tinha várias marcas no rosto. Então olhei para as fotos dos outros e me toquei.

— De que ele tinha voltado.

— É.

— Você sabe por que ele esperou tanto tempo?

— Não, não conheço ele.

— Porque depois disso ele ficou cinco anos em cana. A namorada dele, a moça que vocês endoideceram, se jogou pela janela um mês depois. Segure essa, Roubaud, se já não foi demais para a sua consciência.

Adamsberg se levantou, abriu bem a janela para respirar, expulsar o cheiro de suor e horror. Ficou um momento debruçado no peitoril, baixando o olhar para as pessoas que caminhavam lá embaixo, na rua, e não tinham escutado aquela história. Sete e quinze. O semeador ainda dormia.

— Por que é que você tem medo, se ele está no xadrez? — Perguntou, voltando-se.

— Porque não foi ele — disse Roubaud, num sopro. — O senhor está metendo os pés pelas mãos. O cara que nós torturamos era um magricela que dava para derrubar com um piparote, um coitado, uma coisica, um intelectualzinho de merda que não conseguia erguer nem um prendedor de roupa. O cara que apareceu na tevê era um fortão, um sarado, nada a ver, acredite em mim.

— Tem certeza?

— Absoluta. O sujeito tinha cara de passarinho, lembro muito bem. Continua fora, e está me vigiando. Agora eu já disse tudo, peço proteção. Palavra, eu não fiz nada, só estava cobrindo...

— A retaguarda, já escutei, não precisa repetir. Mas você não acha que um homem pode mudar, em cinco anos de xilindró? Principalmente se resolveu se vingar, tipo ideia fixa? Você não acha que músculo, ao contrário do cérebro, é coisa que dá para adquirir? E mesmo que você continue sendo o mesmo babaca, ele pode ter se transformado, de propósito?

— Para quê?

— Para limpar a honra, para continuar vivendo e para condenar vocês.

Adamsberg foi até o armário, tirou de dentro um saco plástico com um envelope grande, cor de marfim, e balançou-o devagarinho diante dos olhos de Roubaud.

— Você conhece isso aqui?

— Conheço — disse Roubaud, franzindo a testa. — Tinha um no chão quando saí de casa, há pouco. Não tinha nada dentro, estava vazio e já estava aberto.

— Foi ele, o semeador. Era o envelope do qual soltou as suas pulgas mísseis.

Roubaud apertou os dois braços junto à barriga.

— Você tem medo da peste?

— Nem tanto — disse Roubaud. — Não acredito muito nessas babaquices, isso é lorota para enrolar a gente. Eu acho que ele estrangula.

— Tem razão. Esse envelope, você tem certeza de que já não estava lá ontem?

— Tenho.

Adamsberg passou a mão no rosto, pensativo.

— Venha dar uma olhada — disse ele, dirigindo-se para a porta.

Roubaud hesitou.

— É menos divertido que nos bons velhos tempos, não é? Venha, não tem perigo, a fera está enjaulada.

Adamsberg arrastou Roubaud até a cela de Damasco. Este ainda dormia o sono dos justos, com o rosto, de perfil, sobre o cobertor.

— Olhe bem — disse Adamsberg. — Tome o tempo que precisar. Não esqueça que já faz quase oito anos que você não o vê e, na ocasião, o sujeito não estava com o melhor dos aspectos.

Roubaud examinou Damasco através das grades, quase fascinado.

— E então? — Perguntou Adamsberg.

— É possível — disse Roubaud. — A boca, é possível. Eu teria que ver os olhos dele.

Adamsberg abriu a cela, diante do olhar quase em pânico de Roubaud.

— Quer que eu feche? — Perguntou Adamsberg. — Ou quer que eu tranque você na companhia dele, para que vocês possam se divertir juntos como na juventude, evocando as boas recordações?

— Não vacile — disse Roubaud, sombrio. — Ele talvez seja perigoso.

— Você também foi perigoso.

Adamsberg se fechou com Damasco e Roubaud olhou para ele como quem admira um domador penetrando na arena. O delegado sacudiu Damasco pelo ombro.

— Acorde, Damasco, tem visita para você.

Damasco se sentou, resmungando, e olhou para as paredes da cela, estupefato. Então se lembrou e jogou os cabelos para trás.

— O que foi? — Perguntou. — Posso ir embora?

— Ponha-se de pé. Está aí um cara que quer olhar para você, um antigo conhecido.

Damasco obedeceu, enrolado no cobertor, sempre dócil, e Adamsberg observou os dois homens alternadamente. O rosto de Damasco pareceu se fechar ligeiramente. Roubaud arregalou os olhos e se afastou.

— E então? — Perguntou Adamsberg, de volta à sua sala. — Deu para lembrar?

— Pode até ser — disse Roubaud, pouco convencido. — Mas, se for ele, dobrou de tamanho.

— E o rosto?

— Pode até ser. Ele não tinha cabelo comprido.

— Você não se compromete, hein? É porque está com medo?

Roubaud assentiu.

— Talvez você não esteja errado — disse Adamsberg. — O seu vingador provavelmente não trabalha sozinho. Vou segurar você aqui até que a gente enxergue um pouco mais claro.

— Obrigado — disse Roubaud.

— Me dê o nome da próxima vítima.

— Eu, ora.

— Já entendi. Mas e a outra? Vocês eram sete, menos cinco que morreram ficam dois, menos você, fica um. Está faltando quem?

— Um sujeito magricela e feio como um sapo, na minha opinião era o pior do bando. Foi ele que enfiou o porrete.

— O nome?

— A gente não falou nome, nem sobrenome. Nesse tipo de golpe não dá pra correr nenhum risco.

— Idade?

— Como todos nós. Devia ter uns vinte, vinte e cinco.

— Era de Paris?

— Acho que sim.

Adamsberg deixou Roubaud numa cela, sem fechá-la, e deu uma olhada, através das grades, na de Damasco, alcançando-lhe suas roupas.

— O juiz resolveu indiciá-lo.

— Está bem — disse Damasco, plácido, sentado na banquetta.

— Damasco, você fala latim?

— Não.

— Você continua sem nada para me dizer? A respeito das pulgas?

— Não.

— E a respeito de seis caras que torturaram você, numa quinta-feira, 17 de março, você não tem nada para me dizer? E de uma moça que estava se divertindo?

Damasco ficou silencioso, com as palmas das mãos viradas para dentro, o polegar roçando o diamante.

— O que é que eles te tiraram, Damasco? Além da sua namorada, seu corpo, sua honra? O que é que eles queriam?

Damasco não se mexeu.

— Muito bem — disse Adamsberg. — Vou mandar um café da manhã para você. Vista a sua roupa.

Adamsberg puxou Danglard à parte.

— O asqueroso do Roubaud não é afirmativo — disse Danglard.
— Para você, isso é um problema.

— Damasco tem um cúmplice lá fora, Danglard. As pulgas foram soltas na casa do Roubaud quando Damasco já estava com a gente. Alguém o substituiu assim que a detenção dele foi divulgada. Agiu depressa, sem gastar tempo pintando os 4 preventivos.

— Um cúmplice explicaria essa tranquilidade dele. Tem alguém para continuar o serviço e ele conta com isso.

— Mande os homens interrogarem a irmã dele, a Eva e todos os frequentadores da praça para descobrir se ele tinha amigos. E quero, principalmente, o levantamento de todas as chamadas telefônicas de dois meses para cá. As da loja e as do apartamento.

— O senhor não quer ir conosco?

— Não sou mais muito bem-vindo naquela praça. Sou o traidor, Danglard. Vai ser mais fácil para eles falar com oficiais que não conhecem.

— Entendi — disse Danglard. — A gente nunca ia achar um ponto em comum desses, imagine. Um encontro, um bar, uns caras que nem se conheciam. Uma sorte esse Roubaud ter se assustado.

— Ele tinha todos os motivos para isso, Danglard.

Adamsberg puxou o celular e o encarou, olho no olho. De tanto suplicar, em silêncio, que ele tocasse, se mexesse, fizesse qualquer coisa interessante, acabava confundindo o aparelho com uma projeção da própria Camille. Falava com ele, contava a vida para ele, como se Camille pudesse escutar facilmente. Mas, como dizia Bertin com toda a razão, esses troços não dão só satisfação, e Camille não saía de dentro do celular como o gênio saía da lâmpada. Vai ver, para ele até que tanto fazia. Colocou-o delicadamente no chão, para não machucá-lo, e deitou para dormir mais uma hora e meia.

Danglard despertou-o com o levantamento das chamadas telefônicas de Damasco. Os interrogatórios na praça não estavam levando a grandes coisas. Eva estava trancada feito uma ostra; Marie-Belle, caindo em prantos sem mais nem menos; Decambrais, de cara feia; Lizbeth, insultando, e Bertin, se expressando por monossílabos, de volta à velha desconfiança normanda. Disso tudo, ainda assim dera para tirar que Damasco nunca, por assim dizer, deixava a praça, passava as noites vendo a Lizbeth no cabaré, sem fazer amizade com ninguém. Não tinha nenhum amigo conhecido e passava os domingos com a irmã.

Adamsberg destrinchou a lista das chamadas telefônicas, procurando um número recorrente. Se houvesse algum cúmplice, Damasco estaria necessariamente em contato com ele, pois o complexo cronograma dos 4, das pulgas e dos assassinatos era bem apertado. Mas Damasco telefonava excepcionalmente pouco. Da casa, havia chamadas para a loja, decerto feitas por Marie-Belle para Damasco, e, da loja, uma lista bem reduzida e raras

repetições. Adamsberg conferiu os quatro números que apareciam com alguma regularidade, eram todos de fornecedores de pranchas, rolamentos e capacetes esportivos. Adamsberg empurrou os levantamentos para um canto da mesa.

Damasco não era nenhum bobo. Damasco era um superdotado que brincava de esvaziar o olhar. Isso também ele tinha preparado na prisão, e depois dela. Preparado tudo nos últimos sete anos. Se tivesse um cúmplice, não ia arriscar que o descobrissem fazendo contato com ele de casa. Adamsberg ligou para a agência do 14º distrito para pedir o levantamento das chamadas feitas no telefone público da rue de la Gaîté. O fax passou pelo seu aparelho vinte minutos depois. Com a disseminação dos celulares, o uso dos telefones públicos andava em queda livre e Adamsberg teve de esquadrihar uma lista bastante leve. Observou onze números que se repetiam.

— Se quiser, posso decodificar — sugeriu Danglard.

— Primeiro esse — disse Adamsberg, pondo o dedo sobre um número. — Esse, no departamento 92, Hauts-de-Seine, já dentro de Paris.

— Posso ver? — Perguntou Danglard, saindo para consultar sua tela.

— Subúrbio norte, é o nosso. Com alguma sorte, vamos dar em Clichy.

— Não seria mais prudente conferir os outros?

— Eles não vão fugir.

Danglard digitou por alguns instantes em silêncio.

— Clichy — declarou ele.

— Na mosca. O foco da peste de 1920. Está na família, é o fantasma dele. Era provavelmente ali que ele morava. Depressa, Danglard, o nome e o endereço.

— Clémentine Courbet, rue Hauptoul, 22.

— Procure na Identificação.

Danglard trabalhou no teclado enquanto Adamsberg caminhava pela sala, tentando evitar o gatinho que brincava com um fio pendurado na bainha de sua calça.

— Clémentine Courbet, Journot em solteira, nascida em Clichy casada com Jean Courbet.

— O que mais?

— Deixe para lá, delegado. Ela tem oitenta e seis anos. É uma senhora de idade, deixe para lá.

Adamsberg fez um bico.

— O que mais? — Insistiu Adamsberg.

— Teve uma filha, nascida em 42, em Clichy — proferiu Danglard mecanicamente —, Roseline Courbet.

— Fique com essa Roseline.

Adamsberg recolheu Bola e colocou-a no cesto. Ela tornou a sair em seguida.

— Roseline, Courbet em solteira, casada com Antoine Heller-Deville.

Danglard olhou para Adamsberg sem dizer nada.

— Tiveram um filho? Arnaud?

— Arnaud Damas — confirmou Danglard.

— É a avó dele — disse Adamsberg. — Ele liga para a avó escondido, do telefone público. Os pais dessa avó, Danglard?

— Mortos. Não vamos remontar até a Idade Média.

— O nome deles?

As teclas tilintaram rapidamente.

— Émile Journot e Célestine Davelle, nascidos em Clichy conjunto habitacional Hauptoul.

— Aqui estão eles — murmurou Adamsberg —, os vencedores da peste. A avó de Damasco tinha seis anos na época da epidemia.

Tirou o telefone do gancho e discou o número de Vandoosler.

— Marc Vandoosler? Aqui, Adamsberg.

— Só um momento, delegado — disse Marc —, vou largar o ferro.

— Conjunto habitacional Hauptoul, em Clichy isso lhe diz alguma coisa?

— Hauptoul foi o cerne da epidemia, eram os barracos dos trapeiros. Algum especial falando nisso?

— Não, um endereço.

— O conjunto foi derrubado faz tempo e substituído por ruelas e casebres.

— Obrigado, Vandoosler.

Adamsberg pôs devagar o fone no gancho.

— Dois homens, Danglard. Vamos correr para lá.

— Em quatro? Por causa de uma velha?

— Em quatro. Vamos passar no juiz para pegar um mandado.

— Quando é que nós vamos comer?

— No caminho.

Subiram uma alameda antiga, margeada de lixo, que conduzia a uma casinha decrépita acrescida de uma ala feita de tábuas desconjuntadas. Chovia delicadamente sobre o telhado de telhas. O verão tinha sido uma droga e setembro também.

— Chaminé — disse Adamsberg indicando o telhado. — Lenha. Macieira.

Ele bateu à porta e uma senhora de idade veio abrir, alta e forte, de rosto pesado e enrugado, cabelos presos num lenço florido. Seus olhos muito escuros detiveram-se silenciosamente sobre os quatro agentes. Então ela tirou o cigarro que pendia da sua boca.

— Os tiras — disse.

Não era uma pergunta, e sim um diagnóstico firme.

— Os tiras — confirmou Adamsberg, entrando. — Dona Clémentine Courbet?

— Ela mesma — respondeu Clémentine.

A velha os fez entrar na sala, deu uma ajeitada no sofá antes de dizer que se sentassem.

— Tem mulher na polícia, agora? — Perguntou, com um olhar de desprezo para a tenente Froissy. — Pois eu é que não vou lhe dar os parabéns. Vocês não acham que já tem bastante homem brincando com arma de fogo, ainda querem imitar, é? Vocês por acaso não teriam nenhuma ideia melhor?

Clémentine pronunciava “acaso”, do jeito caipira.

Ela foi, suspirando, até a cozinha e voltou com uma bandeja carregada de copos e um prato de biscoitos.

— Imaginação, é disso que sempre se carece — ela concluiu, colocando a bandeja numa mesinha enfeitada com guardanapo, na frente do sofá florido. — Aceitam vinho quente, *galettes* de nata?

Adamsberg olhava para ela, surpreso, quase cativado pelo rosto pesado, curtido. Kernorkian deu a entender ao delegado que não desdenharia as *galettes*, já que o sanduíche que tinha comido no carro mal dera para enganar a fome.

— Ótimo — disse Clémentine. — Só que não se encontra mais nata no leite. O leite virou pura água. Sou obrigada a usar creme de leite.

Clémentine encheu cinco copos, bebeu um trago grande de vinho quente e olhou para eles.

— Basta de bobagem — disse ela, acendendo um cigarro. — Era a respeito do quê?

— Arnaud Damas Heller-Deville — começou Adamsberg, servindo-se de uma *galette* pequena.

— Desculpe, mas é Arnaud Damasco Viguier — disse Clémentine. — Ele prefere assim. Não se pronuncia o nome Heller-Deville debaixo deste teto. Se não puderem evitar, vão dizer o nome lá fora.

— É o seu neto?

— Espere aí, belo tenebroso — disse Clémentine apontando o queixo para Adamsberg —, não me trate como se eu fosse uma toupeira. Se vocês já não soubessem, não estariam aqui, não é? Mas e que tal as *galettes*? Estão ou não estão gostosas?

— Estão gostosas — afirmou Adamsberg.

— Excelentes — garantiu Danglard, e estava sendo sincero. Na verdade, fazia pelo menos quarenta anos que ele não comia *galettes* tão gostosas, e essa sensação o enchia de uma alegria fora de propósito.

— Basta de bobagem — disse a velha, que ainda estava em pé, avaliando os quatro tiras. — Vocês só me deem um tempinho para tirar o avental, fechar o gás e avisar a vizinha, e vou com vocês.

— Clémentine Courbet — disse Adamsberg —, tenho um mandado de busca. Vamos, primeiro, visitar a casa.

— Qual é a sua graça?

— Delegado-chefe Jean-Baptiste Adamsberg.

— Jean-Baptiste Adamsberg, não costumo pôr em risco a vida das pessoas que não me fizeram nada, sejam tiras ou não. Os ratos

estão no sótão — disse ela, indicando o teto —, trezentos e vinte e dois ratos, mais onze cadáveres cobertos de pulgas famintas. Meu conselho é que não se aproxime, ou não respondo pela existência de vocês. Se quiserem enfiar o nariz lá em cima, vão ter que desinfetar primeiro. Não quebrem a cabeça: a criação está lá em cima, e a máquina do Arnaud, que ele usava para bater as mensagens, está na salinha. Junto com os envelopes. O que mais interessa a vocês?

— A biblioteca — disse Danglard.

— Também está no sótão. Primeiro, tem que passar pelos ratos. Quatrocentos volumes, significa alguma coisa para vocês?

— Sobre a peste?

— O que mais podia ser?

— Dona Clémentine — disse Adamsberg mansamente, enquanto pegava mais uma *galette* —, a senhora não quer se sentar?

Clémentine encaixou o corpanzil numa poltrona florida e cruzou os braços.

— Por que está nos dizendo tudo isso? — Perguntou Adamsberg.

— Por que não nega?

— O quê?, sobre os pestilentos?

— É, sobre as cinco vítimas.

— Vítimas uma ova — disse Clémentine. — Carrascos.

— Carrascos — confirmou Adamsberg. — Torturadores.

— Que morram. Quanto mais eles morrem, mais o Arnaud renasce. Tiraram tudo dele, puseram ele mais baixo que o chão. Ele precisa renascer. E isso não vai ser possível enquanto essa erva daninha ainda estiver pelo mundo.

— Essa erva daninha não morre sozinha.

— Seria bom demais. A erva daninha é ainda mais resistente que o cardo.

— Foi preciso dar uma mãozinha, dona Clémentine?

— Não só uma mãozinha.

— Por que a peste?

— Os Journot são os senhores da peste — disse Clémentine num tom brusco. — Não se pode atacar um Journot, só isso.

— Senão?

— Senão os Journot mandam a peste. Eles são os senhores do grande flagelo.

— Dona Clémentine, por que está nos contando isso tudo? — Repetiu Adamsberg.

— Em vez do quê?

— Em vez de ficar calada.

— Vocês me acharam, não me acharam? E o menino está trancafiado desde ontem. Então basta de bobagem, vamos lá e pronto. Qual é a diferença?

— Toda — disse Adamsberg.

— Nenhuma — disse Clémentine, sorrindo duramente. — O serviço está terminado. Entendeu, delegado? Pronto. O inimigo está a postos. Haja o que houver, os próximos três vão apagar no decorrer da semana, quer eu esteja aqui ou em qualquer outro lugar. É tarde demais para eles. O serviço está terminado. Estarão mortos, todos os oito.

— Oito?

— Os seis torturadores, a mulher cruel e o mandante. Para mim isso dá oito. O senhor está por dentro ou não está?

— O Damasco não falou.

— Claro. Ele não podia falar antes de ter certeza que o serviço estava pronto. É o que a gente tinha combinado, no caso de um de nós dois ser pego. Como é que o senhor descobriu?

— Pelo diamante dele.

— Ele esconde o diamante.

— Eu vi.

— Ah — disse Clémentine. — O senhor tem conhecimentos, conhecimentos sobre o flagelo de Deus. A gente não contava com isso.

— Tentei aprender depressa.

— Mas foi tarde demais. O serviço está pronto. O inimigo está a postos.

— As pulgas?

— Ahã. Já estão em cima deles. Eles já foram infectados.

— Qual é o nome deles, dona Clémentine?

— Pode esperar sentado. Para ir lá salvar os dois? É o destino deles que está se cumprindo. Não tinham que ter destruído um Journot. Destruíram ele, delegado, ele e a moça que ele amava. Coitada, saltou pela janela.

Adamsberg meneou a cabeça.

— Foi a senhora que o convenceu a se vingar?

— Falamos nisso quase todo dia, na prisão. Ele é o herdeiro do trisavô dele, e do anel. O Arnaud precisava erguer a cabeça, que nem fez o Émile durante a epidemia.

— A prisão não assusta a senhora? Pela senhora mesma? Pelo Damasco?

— A prisão? — Fez Clémentine, batendo as mãos nas coxas. — Está brincando, delegado? Espere um pouco. Arnaud e eu não matamos ninguém.

— Então, quem foi?

— Foram as pulgas.

— Soltar pulgas infectadas é o mesmo que atirar em alguém.

— Espere um pouco, elas não eram obrigadas a picar. É o flagelo de Deus, ele cai onde quiser. Se alguém matou, esse alguém foi Deus. O senhor está pretendendo prender Deus, por acaso?

Adamsberg observou a fisionomia de Clémentine Courbet, tão serena como a do neto. Compreendeu de onde vinha a tranquilidade quase imperturbável de Damasco. Tanto um como o outro se sentiam profundamente inocentes dos cinco assassinatos que acabavam de cometer, e dos três que ainda estavam programando.

— Basta de bobagem — disse Clémentine. — Agora que já proseamos, vou com vocês ou fico aqui?

— Vou pedir que nos acompanhe, dona Clémentine Courbet — disse Adamsberg, levantando-se. — Para dar o seu depoimento. A senhora está detida para averiguações.

— Para mim está ótimo — disse Clémentine, levantando-se por sua vez. — Assim, vou poder ver o menino.

Enquanto Clémentine tirava a mesa, apagava o fogo, desligava o gás, Kernorkian deu a entender a Adamsberg que não estava muito animado para fazer uma busca no sótão.

— Elas não estão infectadas, cabo — disse Adamsberg. — Caramba, onde é que essa mulher iria conseguir ratos empestados? Ela está sonhando, Kernorkian, é tudo coisa da cabeça dela.

— Não é o que ela diz — objetou Kernorkian com ar sombrio.

— Ela manipula os ratos todos os dias. E não está com peste.

— Os Journot estão protegidos, delegado.

— Os Journot têm é um fantasma, e ele não vai lhe fazer nada, tem a minha palavra. Ele só ataca quem tiver tentado destruir um Journot.

— Um vingador da família, de certa forma?

— Exatamente. Recolham carvão de lenha também e mandem para o laboratório, com pedido de urgência.

A chegada da velha senhora na Brigada causou alguma sensação. Ela trouxe com ela uma caixa grande cheia de *galettes*, que mostrou alegremente para Damasco, detendo-se diante dele. Damasco sorriu.

— Não se preocupe, Arnaud — disse ela, sem procurar abaixar a voz. — O serviço está pronto. Todos, todos pegaram.

Damasco sorriu mais ainda, pegou a caixa que ela lhe estendia através das grades e tornou calmamente a sentar-se no banco.

— Preparem a cela ao lado da do Damasco — pediu Adamsberg. — Tragam um colchão do vestiário e instalem-na da maneira mais confortável possível. Ela tem oitenta e seis anos. Dona Clémentine — disse ele, voltando-se para a velha senhora —, basta de bobagem, começamos esse depoimento agora ou está se sentindo cansada?

— Começamos — disse Clémentine, firmemente.

Por volta das seis horas da tarde, Adamsberg saiu para caminhar, com a cabeça repleta das revelações de Clémentine Journot, Courbet por casamento. Ele a escutara durante duas horas e depois confrontara a avó com o neto. Em nenhum momento se abalara a confiança dos dois na morte próxima dos últimos três

torturadores. Nem quando Adamsberg demonstrou que o tempo transcorrido entre o soltar das pulgas e a morte das vítimas era muito breve, breve demais para que se pudesse atribuir as mortes a pulgas empestadas. “Este flagelo está sempre pronto e às ordens de Deus, que o envia e manda embora quando lhe convém”, retrucava Clémentine, recitando impecavelmente o especial de 19 de setembro. Nem quando Adamsberg mostrou os resultados negativos das análises comprovando a absoluta inocuidade das pulgas. Nem quando ele lhes pusera diante dos olhos as fotos dos estrangulamentos. A fé que depositavam em seus insetos se mantivera inabalada e, principalmente, a certeza de que três homens morreriam dentro em pouco, um em Paris, outro em Troyes, o terceiro em Châtellerault.

Ele deambulou pelas ruas mais de uma hora e parou em frente à prisão da Santé. Um prisioneiro, lá em cima, pusera um pé para fora através das grades. Sempre tinha um sujeito para pôr o pé para fora e abaná-lo sobre o boulevard Arago. Não uma mão, e sim um pé. Não calçado, e sim descalço. Um sujeito que, como ele, queria andar na rua. Considerou aquele pé, imaginou o pé de Clémentine, e o de Damasco, se contorcendo debaixo do céu. Não julgava que eles fossem tão loucos, tirando esse corredor por onde o fantasma deles os levava. Quando o pé retornou bruscamente para a sua cela, Adamsberg compreendeu que um terceiro elemento ainda estava do lado de fora das grades, pronto para concluir a obra iniciada, em Paris, Troyes, Châtellerault, com o nó corredeiro.

Adamsberg virou na direção de Montparnasse e desembocou na place Edgar-Quinet. Dali a meia hora, Bertin daria o estrondo do trovão da tarde.

Abriu a porta do Viking se perguntando se o normando ousaria agarrá-lo pelo colarinho como fizera com o cliente do dia anterior. Mas Bertin não se mexeu enquanto Adamsberg se esgueirava sob a proa do drácar e tomava seu lugar à mesa. Não se mexeu, mas também não o cumprimentou, e saiu assim que Adamsberg se sentou. Adamsberg compreendeu que em dois minutos a praça inteira estaria informada de que o tira que tinha pegado Damasco estava no café, e ele logo estaria com uma tropa em cima dele. Era o que ele estava querendo. Quem sabe até, naquela noite, o jantar de Decambrais se daria excepcionalmente no Viking. Colocou o celular em cima da mesa e esperou.

Cinco minutos depois, um grupo hostil abriu a porta do café, encabeçado por Decambrais, seguido por Lizbeth, Castillon, Le Guern, Eva e vários outros. Le Guern era o único que parecia bastante indiferente à situação. As notícias espantosas há muito não o espantavam mais.

— Sentem-se — quase ordenou Adamsberg, erguendo a cabeça para encarar os rostos agressivos que o cercavam. — Onde está a menina? — Perguntou, procurando Marie-Belle.

— Está doente — disse Eva surdamente. — Está de cama. Por sua culpa.

— Sente-se também, Eva — disse Adamsberg.

A jovem mudara de fisionomia de um dia para o outro e nela Adamsberg leu uma quantidade insuspeitada de ódio, ocultando a graça *démodée* da sua melancolia. Ainda ontem, ela era comovente e, hoje, estava ameaçadora.

— Tire o Damasco de lá, delegado — disse Decambrais, rompendo o silêncio. — O senhor está pisando na bola, vai acabar fazendo bobagem. O Damasco é um sujeito pacífico, doce. Não matou ninguém, não.

Adamsberg não respondeu e se afastou na direção do banheiro para ligar para Danglard. Dois homens para vigiar a residência de Marie-Belle, na rue de la Convention. Depois voltou para o seu lugar à mesa, na frente do velho letrado que o mirava com um olhar altivo.

— Só cinco minutos, Decambrais — disse ele erguendo a mão, dedos abertos. — Vou contar uma história. Não interessa se vou chatear todo mundo, vou contar. E quando conto uma história, conto no meu ritmo e com minhas palavras. Às vezes, meu adjunto pega no sono.

Decambrais ergueu o queixo e calou-se.

— Em 1918 — disse Adamsberg —, Émile Journot, trapeiro de profissão, volta são e salvo da guerra de 14.

— E nós com isso? — Disse Lizbeth.

— Fique quieta, Lizbeth, ele está contando. Dê essa chance para ele.

— Quatro anos de front sem nenhum ferimento — prosseguiu Adamsberg —, já dá para se dizer que é um milagre. Em 1915, o trapeiro salva a vida do seu capitão, indo buscá-lo, ferido, no *no man's land*. O capitão, antes de ser evacuado para a retaguarda, e em prova de sua gratidão, dá o seu anel ao soldado raso Journot.

— Delegado — disse Lizbeth —, não estamos aqui para ficar contando boas histórias dos bons velhos tempos. Não faça cortina de fumaça. Estamos aqui para falar do Damasco.

Adamsberg olhou para Lizbeth. Ela estava pálida e era a primeira vez que ele via uma pele negra pálida. Sua tez ficara cinzenta.

— Mas Lizbeth, a história do Damasco é uma velha história dos bons e velhos tempos — disse Adamsberg. — Retomando, o soldado raso Journot não perdeu o seu dia. O anel do capitão tem um diamante maior que uma lentilha. Durante toda a guerra, Émile Journot usa o anel no dedo, com o engaste virado para dentro,

coberto de lama, para ninguém roubar. Quando da desmobilização, em 1918, ele volta para a miséria de Clichy mas não vende o anel. Para Émile Journot, aquele anel é salvador e sagrado. Dois anos depois, irrompe uma peste no conjunto habitacional, dizimando uma ruela inteira. Mas a família Journot — Émile, sua mulher e sua filha Clémentine, de seis anos — é poupada. Surgem cochichos, acusações. Émile descobre, pelo médico que visita o bairro devastado, que o diamante protege do flagelo.

— É verdade, essa bobagem? — Pergunta Bertin lá do bar.

— É verdade nos livros — disse Decabrais. — Prossiga, Adamsberg. Essa história está arrastada.

— Eu avisei. Se quiserem notícias do Damasco, vão ter que escutar eu me arrastando até o final.

— Notícias são sempre notícias — disse Joss —, sejam antigas ou novas, longas ou breves.

— Obrigado, Le Guern — disse Adamsberg. — Émile Journot foi imediatamente acusado de comandar ou até de semear a peste.

— Não estamos nem aí para esse tal de Émile — disse Lizbeth.

— Ele era o bisavô de Damasco, Lizbeth — disse Adamsberg, com certa firmeza. — Ameaçada de linchamento, a família Journot fugiu do conjunto Hauptoul no meio da noite, a menina nas costas do pai, atravessando os lixões onde agonizam ratos pestilentos. Protegidos pelo diamante, refugiam-se sãos e salvos na casa de um primo, em Montreuil, e só voltam para o antigo bairro depois de terminado o drama. Sua reputação está criada. Os Journot, antes vilipendiados, cumprem agora o papel de heróis, de dominadores, senhores da peste. Sua história milagrosa se torna o seu Orgulho de trapeiros e sua divisa. Émile se apaixona definitivamente por seu anel e por todas as histórias sobre a peste. Sua filha Clémentine herda, depois de sua morte, o anel, a glória e as histórias. Ela se casa e educa orgulhosamente a filha Roseline dentro do culto ao poder dos Journot. Essa filha se casa com Heller-Deville.

— Estamos indo longe, longe — resmungou Lizbeth.

— Estamos chegando perto — disse Adamsberg.

— Heller-Deville? O industrial da aeronáutica? — Perguntou Decabrais, meio rívido.

— É o que ele viria a ser mais tarde. Nessa época, é um sujeito de vinte e três anos, ambicioso, inteligente, violento, que quer engolir o mundo. E é o pai de Damasco.

— O sobrenome do Damasco é Viguier — disse Bertin.

— Não é. É Heller-Deville. O Damasco cresce entre um pai brutal e uma mãe aos prantos. Heller-Deville surra a mulher e bate no filho e, sete anos depois do nascimento do menino, praticamente abandona a família.

Adamsberg deu uma olhada para Eva, que abaixou subitamente a cabeça.

— E a menina? — Perguntou Lizbeth, que começava a se interessar.

— Eles não falam na menina. Ela nasceu bem depois do Damasco. Damasco se refugia sempre que possível na casa de sua avó Clémentine, em Clichy. Ela consola, encoraja e fortalece a criança, repetindo os gloriosos feitos do lado Journot da família. Depois dos tabefes e do abandono do pai, a fama da família Journot se torna a única força de Damasco. Quando ele completa dez anos, a avó lhe confia solenemente o anel e, com o diamante, o poder de comandar o flagelo de Deus. Aquilo que para o menino ainda era um jogo de guerra entranha-se em seu espírito e se torna um formidável instrumento de vingança, ainda simbólico. Juntando o que encontrava nas feiras de Saint-Ouen e de Clignancourt, a avó acumulou uma quantidade impressionante de obras sobre a peste, sobre a dela, de 1920, e sobre todas as outras, que vinham alimentar a epopeia familiar. Vocês podem imaginar. Mais tarde, Damasco já tem idade suficiente para encontrar consolo, sozinho, naqueles relatos atroztes da peste negra. Ele não se assusta, pelo contrário. Ele tem o diamante do grande Émile, o herói da guerra de 14-18 e herói da peste. Esses relatos o acalmam, são sua vingança natural contra uma infância funesta. Sua tábua de salvação. Vocês estão acompanhando?

— Não estamos vendo a relação entre uma coisa e outra — disse Bertin. — Isso não prova nada.

— O Damasco está com dezoito anos. É um rapaz franzino, malcuidado e maltratado. Torna-se físico, provavelmente para

superar o pai. Ele é um letrado, latinista, um exímio pestólogo, um cientista culto e superdotado, e tem um fantasma na cabeça. Ele persiste e investe no ramo da aeronáutica. Aos vinte e quatro anos, descobre um sistema de fabricação que reduz de cem para um os riscos de falha num aço alveolado leve como uma esponja, não peguei direito. Não saberia dizer por que, mas esse aço oferece um interesse extraordinário para a construção aeronáutica.

— O Damasco descobriu esse troço? — Perguntou Joss, estupefato. — Aos vinte e quatro anos?

— Isso mesmo. E tem a intenção de negociar bem caro. Um sujeito resolve não negociar e simplesmente arrancar, na moita, o tal aço do Damasco. Joga em cima dele seis homens, seis cães selvagens, que humilham o rapaz, torturam, e estupram a namorada dele. Damasco acaba abrindo o bico, perdendo numa só noite seu orgulho, seu amor e sua descoberta. E sua glória. Um mês depois, a namorada se joga pela janela. O caso Heller-Deville foi julgado há quase oito anos. Acusado de defenestrar a moça, ele pegou cinco anos, que acabou de cumprir há pouco mais de dois.

— Por que é que o Damasco não disse nada no processo? Por que se deixou enjaular?

— Se os tiras identificassem os torturadores, o Damasco perderia a liberdade de movimento. Ora, o Damasco queria porque queria se vingar. Na época, ele não tinha tamanho para lutar contra eles. Mas cinco anos depois, a situação era bem outra. Damasco, o mirrado, sai do xadrez com quinze quilos de músculos, determinado a nunca mais ouvir falar em aço na vida, e obcecado pela vingança. Na prisão, é fácil se obcecar. Obcecar-se é praticamente o único recurso lá dentro. Quando ele sai, tem oito pessoas para matar: os seis torturadores, a mulher que os acompanhava e o mandante. Durante aqueles cinco anos, a velha Clémentine levantou pacientemente as pistas, seguindo as indicações do Damasco. Dessa vez, estão preparados. Para matar, é claro que o Damasco se vale do poder familiar. O que mais poderia ser? Cinco já levaram o deles esta semana. Sobram três.

— Não é possível — disse Decambrais.

— O Damasco e a avó confessaram tudo — disse Adamsberg, olhando-o nos olhos. — Sete anos de preparativos. Os ratos, as pulgas e os livros antigos estão na casa da avó, ainda em Clichy. Os envelopes marfim também. A impressora. Todo o material.

Decambrais balançou a cabeça.

— O Damasco não é capaz de matar — ele repetiu. — Se for, penduro o meu avental de conselheiro em coisas da vida.

— Pode pendurar, eu faço coleção. O Danglard já comeu a camisa por causa disso. O Damasco confessou, Decambrais. Tudo. Menos o nome das três vítimas que faltam, cuja morte iminente ele aguarda cheio de júbilo.

— Ele diz que matou todas elas? Ele mesmo?

— Não — reconheceu Adamsberg. — Ele diz que as pulgas pestíferas é que mataram.

— Se essa história for mesmo verdade — disse Lizbeth —, não tiro a razão dele.

— Decambrais, se quiser, faça uma visita para ele e para a “Zinha”, como ele a chama. Ele vai confirmar tudo o que eu acabei de contar. Vá, Decambrais. Vá ouvir o Damasco.

Um silêncio pesado se fez em volta da mesa. Bertin tinha esquecido de fazer soar o trovão. Apavorado, às oito e vinte e cinco ele bateu com o punho na pesada placa de cobre. O som rugiu, sinistro, como conclusão apropriada para a terrível história dos bons e velhos tempos de Arnaud Damas Heller-Deville.

Uma hora mais tarde, a informação fora mais ou menos engolida, em pedaços indigestos, e Adamsberg se demorava pela praça com um Decambrais nutrido e serenado.

— É assim mesmo, Decambrais — dizia Adamsberg. — O que é que se pode fazer? Eu também sinto muito.

— Tem uma coisa nisso tudo que não está encaixando — disse Decambrais.

— É verdade. Tem uma coisa que não está encaixando. O carvão.

— Ah, o senhor sabe?

— Um *imenso equívoco* para um exímio pestólogo — murmurou Adamsberg. — E também não tenho certeza, Decambrais, de que os três sujeitos que faltou matar vão se sair dessa.

— O Damasco e a Clémentine estão na cadeia.

— Mesmo assim.

Adamsberg deixou a praça às dez horas com a sensação de ter perdido alguma coisa, e ele sabia o que era. Queria ter visto Marie-Belle no grupo.

“Um caso de família”, confirmara Ferez.

A ausência de Marie-Belle tinha desequilibrado a mesa do Viking. Precisava falar com ela. Ela era o único ponto de dissensão que surgira entre a dupla Damasco-Zinha. Quando Adamsberg pronunciara o nome da moça, Damasco quis responder e a velha Clémentine se virou raivosamente, mandando que ele esquecesse aquela “filha de uma puta”. A velha tinha então resmungado entre dentes e ele pensava ter entendido algo como “a gorda de Romorantin”. Damasco parecera bastante infeliz e esforçara-se por mudar de assunto, dirigindo a Adamsberg um olhar intenso, aparentemente suplicando que não desse mais atenção à irmã. Por isso mesmo é que Adamsberg estava lhe dando atenção.

Ainda não eram onze horas quando ele desembocou na rue de la Convention. Avistou dois de seus homens, arriados num carro à paisana não muito afastado do prédio. Lá em cima, no quarto andar, a luz estava acesa. Ele podia, portanto, bater à porta de Marie-Belle sem risco de acordá-la. Mas Lizbeth dissera que ela estava doente. Ele hesitou. Sentia-se, diante de Marie-Belle, tão dividido como diante de Damasco e Clémentine, uma parte dele enfraquecida pela convicção de inocência deles, outra parte determinada a agarrar o semeador, por múltiplo que fosse.

Ergueu os olhos para a fachada. Construção haussmanniana, em pedra talhada de primeira, sacadas esculpidas. O apartamento compreendia as seis janelas do andar. Bom patrimônio o dos Heller-

Deville, bom patrimônio. Adamsberg se perguntou por que, se é que precisava mesmo trabalhar, Damasco não tinha investido numa loja luxuosa em vez daquele térreo escuro e abarrotado da Roll-Rider.

Enquanto esperava na escuridão, indeciso, viu o portão se abrir. Marie-Belle saiu, de braço dado com um homem bastante baixo e andou uns passos com ele pela calçada deserta. Falava com ele, agitada, impaciente. O amante, pensou Adamsberg. Uma briga de namorados, por causa do Damasco. Aproximou-se devagar. Distinguia perfeitamente os dois à luz do poste, duas cabeças loiras e finas. O homem se voltou para responder a Marie-Belle e Adamsberg o avistou de frente. Um tipo até bonito, um pouco apagado, sem sobrancelhas, mas delicado. Marie-Belle apertou-lhe o braço com força, depois lhe deu dois beijos no rosto antes de deixá-lo.

Adamsberg ficou olhando a porta do prédio se fechar sobre ela e o rapaz ir embora pela calçada. Não, não era o amante. Ninguém beija o amante no rosto, assim tão depressa. Outra coisa então, um amigo. Adamsberg seguiu com o olhar a silhueta do rapaz que se afastava e atravessou a rua para subir ao apartamento de Marie-Belle. Ela não estava doente. Estava tendo um encontro. Com não se sabe quem.

Com seu irmão.

Adamsberg se imobilizou, com a mão na porta do prédio. Seu irmão. Seu irmão menor. Os mesmos cabelos loiros, as mesmas sobrancelhas ralas, o mesmo sorriso contrafeito. Marie-Belle numa versão frouxa, embaçada. O irmão menor, de Romorantin, que tinha tanto medo de Paris. Mas que estava em Paris. Adamsberg percebeu naquele instante que, no levantamento das chamadas de Damasco, não notara um telefonema sequer para Romorantin, no Loir-et-Cher. Ora, a irmã supostamente ligava para ele com frequência. O menino não sabia se virar, o menino queria ter notícias.

Mas o menino estava em Paris. O terceiro descendente Journot.

Adamsberg pegou a rue de la Convention em passo de corrida. Ela era comprida e ele avistava o jovem Heller-Deville de longe. Chegando a trinta metros dele, diminuiu o passo e o seguiu no escuro. O rapaz olhava frequentemente para a rua, como que procurando um táxi. Adamsberg se escondeu debaixo de um pórtico para chamar um carro. Depois, guardou o aparelho no bolso interno, pegou-o de novo e ficou olhando. No olho morto do telefone, compreendeu que Camille não ligaria. Cinco anos, dez anos, talvez nunca. Bem, azar, tanto fazia.

Expulsou aquele pensamento e recomeçou a perseguir Heller-Deville.

Heller-Deville, o jovem, o segundo homem, o que iria concluir a obra da peste agora que o mais velho e a Zinha estavam detidos. Nem Damasco nem Clémentine tinham a menor dúvida de que alguém os substituiria. O poder da epopeia familiar operava. Os descendentes Journot sabiam ser solidários e não toleravam sujeira. Eram os mestres, não os mártires. E lavavam a afronta no sangue da peste. Marie-Belle acabava de dar a vez ao caçula dos Journot. Damasco tinha matado cinco, aquele ali mataria três.

Nem pensar em perder seu rastro, nem pensar em assustá-lo. A perseguição se complicava pelo fato de o rapaz se voltar o tempo todo para a rua, e Adamsberg também, pois temia ver surgir um táxi e não tinha certeza de que conseguiria detê-lo sem dar o alerta. Adamsberg identificou um carro que avançava lentamente com luz baixa, um carro bege no qual logo reconheceu um dos veículos da Brigada. Rodou até alcançá-lo e Adamsberg, sem virar a cabeça, fez discretamente sinal ao motorista para diminuir a marcha.

Quatro minutos depois, ao chegar ao cruzamento com a avenue Félix-Faure, o jovem Heller-Deville ergueu o braço e um táxi parou junto à calçada. Adamsberg, trinta metros atrás, entrou no carro bege.

— Siga o táxi — soprou, fechando a porta devagar.

— Já tinha entendido — respondeu a tenente Violette Retancourt, a mulher pesada e maciça que o interpelara duramente naquela primeira reunião de emergência.

Ao lado dela, Adamsberg reconheceu o jovem Estalère dos olhos verdes.

— Retancourt — anunciou a mulher.

— Estalère — disse o rapaz.

— Vá atrás dele devagar, sem manobra em falso, Retancourt. Faça questão fechada desse sujeito.

— Quem é ele?

— O segundo homem, um trineto Journot, um senhorzinho. Ele é que está se preparando para castigar um torturador em Troyes, outro em Châtellerauld e Kévin Roubaud em Paris, assim que for solto.

— Uns desgraçados — disse Retancourt. — Eu é que não vou chorar por eles.

— Tenente, não podemos ficar jogando cartas, assistindo, enquanto eles são estrangulados — disse Adamsberg.

— Por que não? — Perguntou Retancourt.

— Eles não vão escapar, acredite. Se não me engano, os Journot-Heller-Deville operam em sentido ascendente, do pequeno para o grande. Tenho impressão de que começaram o massacre com um dos menos cruéis do bando e vão concluir com o rei dos sacanas. Porque, aos poucos, os membros do grupo foram entendendo, como Sylvain Marmot e Kévin Roubaud entenderam, que sua antiga vítima estava de volta. Os três últimos sabem, estão esperando, morrendo de medo. Isso aumenta a vingança. Vire à esquerda, Retancourt.

— Já vi.

— Logo, pela lógica, o último da lista deveria ser o mandante do suplício. Um físico, necessariamente do setor da indústria aeronáutica, capaz de sacar a importância da descoberta de Damasco. Não devem existir muitos em Troyes ou Châtellerauld. Coloquei Danglard nessa pista. Esse aí nós temos alguma chance de encontrar.

— É só deixar esse rapaz nos levar até ele.

— É um jogo arriscado, esse da cabra-cega, Retancourt. Prefiro evitar, se pudermos usar outros meios.

— Para onde esse rapaz está nos levando? Estamos indo direto para o norte.

— Para onde ele mora, num hotel ou quarto alugado. Ele já recebeu suas ordens e agora vai dormir. A noite vai ser tranquila. Ele não vai de táxi até Troyes ou Châtellerault. Por enquanto só nos interessa o endereço dele. Mas ele vai viajar amanhã. Deve agir o quanto antes.

— E a irmã?

— Sabemos onde está a irmã, estamos vigiando. Damasco deu a ela todos os detalhes, para ela poder repassar para o irmãozinho caso surgisse algum pepino. O que conta para eles, tenente, é terminar o serviço. Só falam nisso. Terminar o serviço. Porque nenhum Journot experimentou nenhum fracasso desde 1914, nem deve experimentar.

Estalère deu um assobio entre dentes.

— Então não sou mesmo um Journot — disse ele. — Agora tenho certeza disso.

— Nem eu — disse Adamsberg.

— Estamos perto da estação do Norte — disse Retancourt. — E se ele resolvesse pegar o trem agora à noite?

— É tarde demais. E ele não está levando nenhuma sacola.

— Ele pode viajar sem nada.

— E a tinta preta, tenente? As ferramentas de chaveiro? O envelope com as pulgas? O gás lacrimogêneo? O nó corrediço? O carvão de lenha? Ele não pode enfiar isso tudo no bolso de trás.

— Quer dizer que o irmão menor também mexe com fechaduras.

— Certamente. A menos que atraia a vítima para fora de casa, como aconteceu com Viard e Clerc.

— Não é tão simples — disse Estalère —, se as vítimas a essa altura já estiverem prevenidas. E segundo o senhor, estão.

— E a irmã? — Perguntou Retancourt. — É muito mais fácil para uma mulher atrair um homem para fora. Ela é bonita?

— É. Mas acho que Marie-Belle é apenas informada e, por sua vez, informa. Não estou certo de que ela saiba de tudo. É muito ingênua e tagarela e é provável que Damasco desconfie dela, ou a proteja.

— Um assunto entre homens, de certa forma? — Fez Retancourt, meio bruscamente. — Um assunto entre superhomens?

— O problema é exatamente esse. Pode frear, Retancourt. E apague as luzes.

O táxi deixara o rapaz às margens do canal Saint-Martin, numa porção deserta do cais de Jemmapes.

— Um lugar tranquilo, é o mínimo que se pode dizer — murmurou Adamsberg.

— Ele está esperando o táxi ir embora para entrar em casa — comentou Retancourt. — Super-homem prudente. Na minha opinião, não deu o endereço certo. Ele ainda vai andar.

— Continue com os faróis desligados, tenente — disse Adamsberg, enquanto o rapaz recomeçava a caminhar. — Siga. Pare.

— Já vi, droga — disse Retancourt.

Estalère lançou um olhar apavorado para Violette Retancourt. Puxa vida, não dava para dizer droga para o chefe do grupo.

— Desculpe — resmungou Retancourt —, escapou. É que eu vi. Enxergo muito bem no escuro. O rapaz não está mais se mexendo. Está esperando junto ao canal. O que é que ele está aprontando? Vai dormir aí ou o quê?

Adamsberg ficou alguns momentos analisando o local, inclinado entre os dois tenentes.

— Vou descer — disse ele. — Vou ficar o mais perto possível, atrás do outdoor.

— Onde tem aquela xícara de café? — Perguntou Retancourt. — “E morrer de prazer”? Não é lá um esconderijo muito animador.

— É verdade que tem bons olhos, tenente.

— Quando quero. Posso até dizer que tem um monte de cascalho em volta. Vai fazer barulho. O super-homem está acendendo um cigarro. Acho que está esperando alguém.

— Ou tomando ar fresco, ou meditando. Vocês dois, posicionem-se quarenta passos atrás de mim, 30 graus à esquerda e 30 graus à direita.

Adamsberg desceu silenciosamente do carro e se aproximou da esguia silhueta que esperava à beira d’água. Faltando uns trinta

metros, tirou os sapatos, atravessou a faixa de cascalho passo a passo e se grudou atrás do “E morrer de prazer”. Não dava para distinguir o canal naquele lugar em que a escuridão era quase absoluta. Adamsberg levantou a cabeça e constatou que os três postes de luz mais próximos estavam com a lâmpada quebrada. Talvez o cara não fosse simplesmente tomar ar fresco. O rapaz jogou o cigarro na água, depois estalou os dedos, puxando primeiro os de uma mão, depois os da outra, enquanto vigiava o cais à sua esquerda. Adamsberg ficou espreitando na mesma direção. Uma sombra apareceu ao longe, alta, magra e hesitante. Um homem, um velho, que prestava atenção onde punha os pés. Um quarto Journot? Um tio? Um tio-avô?

Chegando à altura do rapaz, o velho se deteve na escuridão, indeciso.

— É você? — Perguntou.

Levou um direto violento no queixo, seguido de um soco no estômago e desmoronou feito um castelo de cartas.

Adamsberg atravessou correndo a distância que o separava do cais, enquanto o rapaz jogava o corpo inerte no canal. O passo da corrida de Adamsberg fez com que, numa fração de segundo, ele se voltasse e desatasse a fugir.

— Estalère! Atrás dele! — Gritou Adamsberg, antes de mergulhar no canal, onde o corpo do velho flutuava de barriga para baixo, sem se debater. Em poucas braçadas Adamsberg o puxou para a margem, onde Estalère lhe estendia a mão.

— Que droga, Estalère! — Gritou Adamsberg. — O cara! Se mande atrás do cara!

— Retancourt já está atrás dele — explicou Estalère, como se tivesse soltado os cachorros.

Ajudou Adamsberg a subir até o cais e puxar o corpo pesado e escorregadio.

— Boca a boca — ordenou Adamsberg, precipitando-se para o cais.

Ao longe, via escapar a silhueta do rapaz, veloz como um cervo. Atrás dele vinha a passos pesados a sombra larga de Retancourt, tão impotente como um tanque na cola de uma gaivota. Então a

sombra larga pareceu estreitar a distância, aproximando-se claramente, aliás, de sua presa. Adamsberg diminuiu a velocidade, estupefato. Umas vinte passadas adiante, ouviu o ruído surdo de um choque e um grito de dor. Ninguém mais corria ao longe.

— Retancourt? — Chamou ele.

— Não tenha pressa — respondeu a voz grave da mulher. — Ele está bem seguro.

Dois minutos depois, Adamsberg deparava com a tenente Retancourt comodamente instalada sobre o peito do fugitivo, amassando todas as suas costelas superiores. O rapaz penava para respirar, torcendo-se para todo lado, tentando se libertar daquela bomba que caíra em cima dele. Retancourt não se dera ao trabalho de puxar a pistola.

— Você corre depressa, tenente. Eu não teria apostado em você.

— Porque sou bunduda?

— Não — mentiu Adamsberg.

— Erro seu. Isso me põe um freio.

— Nem tanto.

— Digamos que eu tenho muita energia — respondeu Retancourt. — Transformo essa energia no que eu quiser.

— Como por exemplo?

— Como por exemplo agora, estou fazendo peso.

— Tem uma lanterna? A minha está ensopada.

Retancourt alcançou-lhe a lanterna e Adamsberg iluminou o rosto do prisioneiro. Depois, passou-lhe as algemas, prendendo um dos braceletes no pulso de Retancourt. O mesmo que prender numa árvore.

— Jovem descendente Journot — disse ele —, a vingança termina aqui, no cais de Jemmapes.

O homem voltou os olhos para ele, pasmo e furioso.

— O senhor errou de pessoa — disse ele com uma careta. — O velho quis me agredir, eu me defendi.

— Eu estava atrás de você. Você enfiou um soco na cara dele.

— Porque ele tinha puxado um berro! Ele falou: “É você?” e, ao mesmo tempo, puxou um berro! Meti um murro nele. Não sei o que

esse cara queria comigo! Por gentileza, o senhor poderia pedir para esta mulher sair daí? Estou sufocando.

— Sente em cima das pernas dele, Retancourt.

Adamsberg o revistou, procurando documentos. Achou uma carteira no bolso interno da jaqueta e esvaziou seu conteúdo, focando a lanterna no chão.

— Me solte! — Gritou o sujeito. — Ele me agrediu!

— Fique quieto. Já chega.

— O senhor está se enganando de pessoa! Não conheço nenhum Journot!

Adamsberg franziu o cenho e iluminou a carteira de identidade.

— E também não se chama Heller-Deville? — Perguntou, surpreso.

— Não! Está vendo como é um engano? O sujeito me agrediu!

— Ponha ele de pé, Retancourt — disse Adamsberg. — E leve-o para o carro.

Adamsberg se levantou, com as roupas pingando água suja, e se voltou para Estalère, preocupado. O rapaz se chamava Antoine Hurfin, nascera em Vétigny no Loir-et-Cher. Mero amigo de Marie-Belle? Agredido pelo velho?

Estalère parecia ter trazido de volta à vida o corpo do homem idoso, que ele mantinha sentado junto de si, segurando-o pelo ombro.

— Estalère — perguntou Adamsberg ao se aproximar —, por que você não correu quando eu pedi?

— Desculpe, delegado, transgredi. Mas Retancourt corre três vezes mais rápido que eu. O sujeito já estava fora de alcance, achei que ela era a nossa única chance.

— É curioso os pais terem dado a ela o nome de Violette.

— Sabe, delegado, um bebê sempre é miudinho, não dá para imaginar que ele um dia vai se transformar num blindado de assalto polivalente. Mas é uma mulher muito doce — acrescentou em seguida, corrigindo-se. — Muito simpática.

— É mesmo?

— Tem que aprender a conhecer, claro.

— Como é que ele está?

— Está respirando, mas já estava com água nos brônquios. E ainda está machucado, esgotado, o coração talvez. Chamei uma ambulância, fiz bem?

Adamsberg se ajoelhou e focou a lanterna no rosto do homem, que descansava apoiado no ombro de Estalère.

— Droga. Decambrais.

Adamsberg segurou-lhe o queixo, mexeu devagarinho.

— Decambrais, é o Adamsberg. Abra os olhos, meu chapa.

Decambrais pareceu fazer um esforço, ergueu as pálpebras.

— Não é o Damasco — disse ele num sopro. — O carvão.

A ambulância freou junto deles e dois homens desceram carregando uma maca.

— Para onde o estão levando? — Perguntou Adamsberg.

— Para o Saint-Louis — disse um dos enfermeiros, carregando o velho.

Adamsberg ficou olhando enquanto acomodavam Decambrais na maca e o levavam para o veículo. Tirou o telefone do bolso e meneou a cabeça.

— Celular afogado — disse para Estalère. — Me passe o seu.

Adamsberg se deu conta de que, mesmo querendo, Camille já não podia ligar para ele. Celular afogado. Mas isso não tinha importância, já que Camille não queria ligar mesmo. Muito bem. Não ligue mais. E vá, Camille, vá.

Adamsberg discou o número da casa de Decambrais e foi atendido por Eva, que ainda não estava dormindo.

— Eva, me passe a Lizbeth, é urgente.

— A Lizbeth está no cabaré — respondeu Eva, secamente. — Cantando.

— Então me passe o número do cabaré.

— Não dá para chamar a Lizbeth quando ela está no palco.

— Eva, isso é uma ordem.

Adamsberg esperou um minuto em silêncio, perguntando-se se não estava virando um pouco tira. Ele compreendia que Eva estivesse precisando punir o mundo inteiro, mas aquela simplesmente não era hora para isso.

Levou dez minutos para conseguir falar com Lizbeth.

— Eu estava saindo, delegado. Se for para me avisar que vai soltar o Damasco, estou ouvindo. Se não, está perdendo o seu tempo.

— É para avisar que o Decambrais foi agredido. Está sendo levado para o hospital Saint-Louis. Não, Lizbeth, acho que vai ficar tudo bem. Não, um cara jovem. Não sei, vai ser interrogado. Por favor, prepare uma sacola, não esqueça de colocar um ou dois livros dentro e vá fazer uma visita para ele. Ele vai precisar de você.

— É culpa sua. Quem mandou mandar ele lá?

— Lá onde, Lizbeth?

— Quando o senhor ligou. Está faltando pessoal na polícia? O Decambrais não é reservista.

— Lizbeth, eu não liguei.

— Foi um colega seu — afirmou Lizbeth. — Ligando em seu nome. Eu não estou louca, fui eu que dei o recado combinando o encontro.

— No cais de Jemmapes?

— Em frente ao número 57, às onze e trinta.

Adamsberg meneou a cabeça no escuro.

— Lizbeth, que o Decambrais não saia do quarto. Sob nenhum pretexto, quem quer que ligue.

— Não era o senhor, era?

— Não era, Lizbeth. Fique junto dele. Estou mandando um agente de reforço.

Adamsberg desligou para chamar a Brigada.

— Cabo Gardon — informou uma voz.

— Gardon, um homem no hospital Saint-Louis para vigiar o quarto do Hervé Ducouëdic. E dois homens para trocar a guarda na rue de la Convention, na residência de Marie-Belle. Não, tudo igual, que se contentem em vigiar o prédio. Que a levem aí quando ela sair, amanhã de manhã.

— Detida para averiguações, delegado?

— Não, para prestar testemunho. A velha senhora vai bem?

— Conversou por um tempo com o neto, através da grade. E agora está dormindo.

— Conversou sobre o quê, Gardon?

— Brincou, na verdade. Eles brincaram de retrato chinês. Aquele jogo sobre personalidade, sabe? E se fosse uma cor? E se fosse um animal? E se fosse um barulho? E a gente tem de adivinhar a pessoa. Não é fácil.

— Não dá para dizer que eles estão preocupados com a própria sorte.

— Por enquanto não. A velhinha está é animando o astral da Brigada. Heller-Deville é um cara legal, dividiu as *galettes* com a gente. Normalmente, a Zinha faz as *galettes* com a nata do leite, mas não se...

— Já sei, Gardon, ela está usando creme de leite. Já saíram os resultados sobre o carvão de lenha da Clémentine?

— Saíram uma hora atrás, deu negativo. Nem sinal de macieira. Só freixo, olmo, acácia, a mistura corriqueira do varejo.

— Droga.

— Eu sei, delegado.

Adamsberg voltou para o carro com a roupa ensopada grudando no corpo, sentindo um leve arrepio. Estalère sentara-se ao volante. Retancourt estava atrás, algemada ao prisioneiro. Ele se debruçou à janela.

— Estalère, você pegou os meus sapatos? — Perguntou. — Não estou vendo nem sombra deles.

— Não, delegado, não peguei.

— Azar — disse Adamsberg, subindo na frente. — Não podemos passar a noite inteira aqui.

Estalère deu a partida. O rapaz cessara de protestar sua inocência, como que desencorajado pela massa impassível que era Retancourt.

— Me deixem em casa — disse Adamsberg. — Digam para a equipe da noite começar o interrogatório de Antoine Hurfin Heller-Deville Journot, ou seja lá qual for o nome dele.

— Hurfin — rosnou o rapaz. — Antoine Hurfin.

— Conferência de identidade, investigação da residência, álibis e tudo o mais. De minha parte, vou tratar do maldito carvão de lenha.

— Onde? — Perguntou Retancourt.

— Na minha cama.

Deitado no escuro, Adamsberg fechou os olhos. Três picos emergiam do seu cansaço e do enxame de acontecimentos do dia. As *galettes* de Clémentine, o telefone afogado, o carvão de lenha. Ele expulsou do pensamento as *galettes*, irrelevantes para a investigação, cruciais, porém, para a tranquilidade de alma do sementeador e de sua avó. Seu celular afogado veio visitá-lo, feito uma esperança afundada, um destroço, um naufrágio que poderia constar nas Páginas de História ao alcance de todos, de Joss Le Guern.

“Telefone celular Adamsberg, autonomia de bateria três dias, partindo em lastro da rue Delambre, toca o canal Saint-Martin e afunda sobre a âncora. Tripulação perdida. Mulher a bordo, Camille Forestier, perdida.”

Combinado. Não ligue, Camille. Vá. Dá tudo na mesma.

Restava o carvão de lenha.

Voltava ao tal carvão. Quase ao começo da história.

Damasco era um exímio pestólogo e cometera um *imenso equívoco*. E essas duas proposições eram inconciliáveis. Ou Damasco não sabia muita coisa sobre a peste e estava, ao pretejar a pele das vítimas, cometendo o erro que qualquer um cometeria. Ou então Damasco conhecia bem o assunto e jamais teria arriscado uma falha dessas. Um sujeito tão reverente em relação aos textos antigos, que assinalava todos os cortes que lhes infligia, não faria isso. Nada obrigava Damasco a introduzir aquelas reticências que complicavam a leitura das especiais do Pregoeiro. No fundo, estava tudo ali, naqueles três pontinhos, colocados como sinais ofuscantes de uma devoção de erudito pelo texto original. Uma devoção de pestólogo. Não se tritura o texto de um Antigo, não se esmigalha por conveniência própria, como se fosse uma mistura vulgar. Honra-se e respeita-se esse texto, tem-se com ele cuidados de crente, não se blasfema. Um sujeito que coloca reticências não preteja os corpos com carvão, não comete um *imenso equívoco*. Seria uma ofensa, um insulto ao flagelo de Deus em suas mãos de idólatra.

Quem se julga senhor de uma crença torna-se devoto dela. Damasco usava o poder dos Journot, mas seria a última pessoa a brincar com ele.

Adamsberg se levantou e ficou andando pelos dois cômodos do apartamento. Damasco não tinha triturado a História. Damasco tinha posto as reticências. Logo, Damasco não tinha enegrecido os corpos.

Logo, Damasco não tinha matado. O carvão cobria claramente as marcas de estrangulamento. Era o último gesto do assassino, e não fora Damasco quem o fizera. Não encarvoara, nem estrangulara. Nem despira. Nem abria porta alguma.

Adamsberg se imobilizou perto do telefone. Damasco não fizera mais que executar aquilo em que acreditava. Era o senhor do flagelo e semeara anúncios, pintara os 4 e soltara pulgas pestíferas. Anúncios que garantiam o retorno de uma peste verdadeira, desincumbindo-o de seu fardo. Anúncios que apavoravam a opinião pública, creditando-lhe sua renascida onipotência. Anúncios que semeavam a confusão, deixando-lhe as mãos livres. O sinal do 4 limitando os estragos que ele acreditava cometer, apaziguando a consciência daquele assassino imaginário e escrupuloso. Um mestre não seleciona as suas vítimas por aproximação. Os 4 eram necessários para canalizar a soltura dos insetos, para mirar precisa e não grosseiramente. Nem pensar, para Damasco, em acabar com a população de um prédio se ele queria abater uma pessoa só. Teria sido um disparate imperdoável para um Journot.

Era isso o que Damasco fizera. Ele acreditara naquilo. Lançara o seu poder sobre todos os que o tinham abolido, para poder renascer. Passara umas pulgas impotentes por baixo de cinco portas. Clémentine “terminara o serviço” e soltara os insetos na casa dos últimos três torturadores. Os crimes inoperantes do crédulo semeador de peste acabavam aí.

Mas alguém matava depois de Damasco. Alguém que se esgueirava atrás do fantasma dele e agia de fato em seu lugar. Alguém prático, que não acreditava um segundo sequer na peste e não entendia nada sobre ela. Alguém que achava que era preta a pele dos empestados. Alguém que cometia um *imenso equívoco*. Alguém que estava empurrando Damasco para a armadilha profunda que ele cavara para si, até o seu termo inelutável. Uma operação simples. Damasco julgava matar, e outro o fazia em seu lugar. As provas contra Damasco eram acachapantes, muito bem amarradas do começo ao fim, das pulgas de rato ao carvão de lenha, e iam levá-lo direto à perpétua. Quem iria argumentar que Damasco não era culpado tomando por base umas míseras reticências? Era o mesmo que uma palhinha lutando contra uma rebentação de provas. Não haveria nem um jurado para se debruçar sobre os três pontinhos.

Decambrais tinha sacado. Ele topara com a incompatibilidade entre a ciência maníaca do semeador e o grosseiro erro final. Ele topara com o carvão de lenha que ia desembocar na única saída possível: *dois homens*. Um semeador e um matador. E Decambrais falava demais, à noite, no Viking. O assassino compreendera. Medira as consequências de sua mancada. Era uma questão de horas o erudito concluir o seu raciocínio e se abrir com os tiras. O perigo era iminente e o velho tinha de silenciar. Não havia mais tempo para trabalhar pelas caladas. Restava o acidente, o afogamento, o crapuloso acaso.

Hurfin. Um sujeito que odiava suficientemente Damasco para desejar a sua queda. Um sujeito que se aproximara de Marie-Belle para colher informações com a cândida irmãzinha. Uma carinha seca e frágil, um homem que até parecia dócil mas não conhecia nem medo nem hesitação e jogava um velhinho na água num piscar de olhos. Um violento, um assassino rápido. Nesse caso, por que não matar Damasco diretamente? Em vez de matar mais cinco?

Adamsberg foi até a janela e grudou a testa na vidraça, observando a escuridão da rua.

E se ele desse um jeito de trocar de celular, mas ficando com o mesmo número?

Vasculhou o paletó encharcado, pegou o telefone e o desmontou para que secassem seus órgãos internos. Quem sabe.

E se o assassino simplesmente *não pudesse* matar Damasco? Porque o crime recairia de imediato sobre suas costas? Assim como o assassinato de uma mulher rica recai sobre as costas do marido pobre? Única possibilidade, Hurfin era então o marido de Damasco. O marido pobre de um Damasco rico.

A fortuna Heller-Deville.

Adamsberg, do seu telefone fixo, ligou para a Brigada.

— O que é que ele está falando? — Perguntou Adamsberg.

— Está falando que foi agredido pelo velho e se defendeu. Ele está ficando desagradável, bem desagradável.

— Não desistam dele. Quem está falando? É o Gardon?

— Tenente Mordent, delegado.

— Mordent, é ele. Ele estrangulou os quatro caras e a mulher.

— Não é o que ele diz.

— É o que ele fez. Ele tem algum álibi?

— Estava em casa, em Romorantin.

— Vasculhe essa história a fundo, Mordent, vasculhe em Romorantin. Procure a relação entre Hurfin e a fortuna Heller-Deville. Só um pouco, Mordent. Me lembre qual é o nome dele.

— Antoine.

— Heller-Deville pai se chamava Antoine. Acorde o Danglard, mande ele depressa para Romorantin. Para ele já ir começando a investigação ao amanhecer. Danglard é um especialista em lógica familiar, principalmente em sua vertente devastada. Diga a ele para descobrir se Antoine Hurfin não é filho de Heller-Deville. Um filho não reconhecido.

— Para que descobrir isso?

— Porque é isso que ele é, Mordent.

Ao despertar, Adamsberg pôs os olhos no seu celular estripado, nu e seco. Teclou o número do suporte técnico disponível noite e

dia para os chatos e solicitou um aparelho novo, de posse do seu antigo número afogado.

— Isso é impossível — respondeu uma mulher cansada.

— É possível. O troço eletrônico está seco. É só transvasar para um outro aparelho.

— É impossível, meu senhor. Não se trata de cama, mesa e banho, é um *microchip* que não dá para...

— Sei tudo sobre microsseres — interrompeu Adamsberg. — Pulgas, por exemplo. São bem resistentes. Quero que vocês transmigrem esse aqui para outro hábitat.

— Por que é que o senhor simplesmente não pega outro número?

— Porque estou esperando um telefonema urgente para daqui a uns dez, quinze anos. Polícia criminal — acrescentou Adamsberg.

— Nesse caso... — disse a mulher, impressionada.

— Vou mandar o aparelho aí em menos de uma hora.

Ele desligou, na esperança de que seu microsser pessoal se revelasse mais operante que os de Damasco.

Danglard ligou quando Adamsberg acabava de se vestir, com calça e camiseta idênticas às do dia anterior. Adamsberg tendia a estabelecer uma vestimenta universal que eliminasse qualquer problema de escolha e combinação, de modo a se incomodar o menos possível com essas questões indumentárias. Em compensação, não conseguira encontrar outro par de sapatos no armário além de umas botas de montanha inadequadas para andar em Paris, e acabou optando por umas sandálias de couro, que acabava de enfiar.

— Estou em Romorantin — disse Danglard —, e estou com sono.

— Você vai dormir quatro dias seguidos depois que terminar de vasculhar a cidade. Estamos chegando no ponto nevrálgico. Não perca o rastro do Antoine Hurfin.

— Já terminei com o Hurfin. Vou dormir e pegar a estrada de volta para Paris.

— Mais tarde, Danglard. Tome três cafés e prossiga.

— Já prossegui e já terminei. Bastou interrogar a mãe, ela não fez nenhum segredo do fato, pelo contrário. Antoine Hurfin é o filho de Heller-Deville, nascido oito anos depois de Damasco, não reconhecido. Heller-Deville lhe...

— Em que condições eles vivem, Danglard? São pobres?

— Destituídos, digamos. Antoine trabalha com um chaveiro, mora num quartinho em cima da loja. Heller-Deville lhe...

— Perfeito. Entre no carro, você me conta os detalhes quando chegar. Deu para ir adiantando alguma coisa sobre o físico torturador?

— Encurrelei-o no meu monitor ontem, à meia-noite. É em Châtellerault. Aços Messelet, uma empresa enorme instalada na

zona industrial, fornecedora número 1 de frotas aéreas no mercado mundial.

— Peixe graúdo, Danglard. Messelet é o proprietário?

— Sim, Rodolphe Messelet, engenheiro físico, professor da universidade, diretor de laboratório, empresário e detentor exclusivo de nove patentes de invenção.

— Entre as quais um aço ultraleve quase infíssil?

— Não físsil — corrigiu Danglard. — Sim, entre outras. Ele registrou essa patente há sete anos e um mês.

— É ele, Danglard, é o comanditário do suplício e do roubo.

— É evidente que é ele. Mas é também um reizinho da província e um intocável do empresariado francês.

— Vamos tocá-lo.

— Não acredito que o Ministério do Interior nos dê respaldo nessa história, delegada É grana demais e reputação nacional demais em jogo.

— Não precisamos avisar ninguém, muito menos o Brézillon. Um vazamento na imprensa e a mancha de óleo chega naquele lixo em dois dias. Aí é só ele derrapar e cair. A gente junta no tribunal.

— Perfeito — disse Danglard. — Quanto à mãe do Hurfin...

— Depois, Danglard, o filho está me esperando.

Os oficiais da noite tinham deixado o relatório sobre a mesa. Antoine Hurfin, vinte e três anos, nascido em Vétigny e residente em Romorantin, Loir-et-Cher, ativera-se com obstinação às suas primeiras declarações e telefonara para um advogado, que imediatamente o aconselhara a calar a boca. A partir daí, Antoine Hurfin se quedara mudo.

Adamsberg plantou-se diante da cela. O rapaz estava sentado no catre, apertando os maxilares, movimentando uma infinidade de pequenos músculos do rosto ossudo e estalando as articulações de seus dedos magros.

— Antoine — disse Adamsberg —, você é filho de Antoine. Você é um Heller-Deville privado de tudo. Privado de reconhecimento, privado de pai, privado de grana. Mas provavelmente suprido de

surras, tabefes e desolações. Você também esmurra, bate. No Damasco, o outro filho, o reconhecido, o afortunado. Seu meio-irmão. Que penou tanto quanto você, caso não saiba. Mesmo pai, mesmos tabefes.

Hurfin manteve-se em silêncio e lançou na direção do tira um olhar ao mesmo tempo rancoroso e vulnerável.

— Seu advogado disse para calar a boca e você obedece. Você é disciplinado e dócil, Antoine. Isso é estranho para um assassino. Caso eu entrasse na sua cela, não sei se você se jogaria em cima de mim para me serrar a garganta ou se se encolheria num canto. Ou as duas coisas. Nem sei se você se dá conta daquilo que faz. Você é todo ação e não sei onde está o seu pensamento. Enquanto Damasco é todo pensamento e todo impotência. Destruidores, um e outro, você com as mãos, ele com a cabeça. Está me escutando, Antoine?

O rapaz estremeceu, sem se mexer.

Adamsberg largou as grades e se afastou, quase tão desolado diante daquele rosto torturado e fremente como diante da impassibilidade inconsequente de Damasco. Heller-Deville pai podia ficar orgulhoso.

As celas de Clémentine e Damasco estavam situadas no outro extremo. Clémentine começara uma partida de pôquer com Damasco, passando as cartas de uma cela para outra, deslizando-as pelo piso. Na falta de fichas, apostavam *galettes*.

— Conseguiu dormir, dona Clémentine? — Perguntou Adamsberg, abrindo a porta.

— Não foi tão ruim — disse a velha senhora. — Não é igual à casa da gente, mesmo sendo uma mudança de ares. Quando é que eu e o menino vamos sair?

— A tenente Froissy vai acompanhá-la até o banheiro e lhe dar roupa limpa. Onde é que vocês conseguiram essas cartas?

— Foi com o cabo Gardon. Tivemos uma bela noitada, ontem.

— Damasco, prepare-se. Depois vai ser a sua vez.

— De quê? — Perguntou Damasco.

— De tomar banho.

Hélène Froissy levou a velha senhora e Adamsberg foi para a cela de Kévin Roubaud.

— Você vai sair daqui, Roubaud, levante-se. Vai ser transferido.

— Estou bem aqui — disse Roubaud.

— Você vai voltar — disse Adamsberg abrindo a porta. — Você está sendo indiciado por golpes e ferimentos e presunção de roubo.

— Droga — disse Roubaud —, eu só estava cobrindo a retaguarda.

— Uma retaguarda para lá de ativa. Você era o sexto da lista. Portanto, um dos mais perigosos.

— Droga, mas eu vim ajudar vocês, poxa. Colaboração com a justiça vale alguma coisa, não vale?

— Sai fora. Não sou seu juiz.

Dois oficiais levaram Roubaud para fora da Brigada. Adamsberg consultou seus apontamentos. “Acne, prognata, sensível: Maurel.”

— Maurel, quem ficou na residência de Marie-Belle? — Perguntou, consultando o relógio de parede.

— Noël e Favre, delegado.

— O que é que eles estão fazendo? São nove e trinta.

— Talvez ela não saia. Não está mais abrindo a loja depois que o irmão foi preso.

— Estou indo para lá — disse Adamsberg. — Já que Hurfin não fala, Marie-Belle vai me contar o que ele andou lhe extorquindo.

— O senhor está indo assim, delegado?

— Assim como?

— Quer dizer, de sandália? Não quer que a gente empreste alguma coisa para o senhor?

Adamsberg observou seus pés descalços através das tiras de couro cansado, procurando o defeito.

— Qual é o problema, Maurel? — Perguntou, sincero.

— Não sei — disse Maurel, procurando um jeito de dar marcha a ré. — O senhor é chefe de equipe.

— Ah — disse Adamsberg. — A aparência, Maurel? É isso?

Maurel não respondeu.

— Não tenho tempo de comprar sapatos — disse Adamsberg, dando de ombros. — E a Clémentine é mais urgente que a minha

roupa, não é?

— É sim, delegado.

— Cuide para que não falte nada a ela. Vou buscar a irmã e já volto.

— O senhor acha que ela vai falar?

— Provavelmente. Marie-Belle gosta de contar a vida dela.

Quando ia passar pelo pórtico, um entregador especial lhe trouxe um pacote que ele foi abrindo na rua. Dentro, estava o seu celular. Ele colocou tudo sobre o capô do carro, procurando um contrato atinente. Microsser resistente. O número antigo fora mantido e transferido para outro aparelho, novo. Satisfeito, guardou-o no bolso interno e seguiu seu caminho, com a mão sobre ele por cima do tecido, como que para aquecê-lo e retomar o diálogo interrompido.

Avistou Noël e Lamarre de guarda na rue de la Convention. Noël era o mais baixo. Orelhas, escovinha, jaqueta igual à de Noël. O altão rígido era Lamarre, ex-gendarme de Granville. Os dois homens deram uma breve olhada nos seus pés.

— Sim, Lamarre, eu sei. Vou comprar mais tarde. Estou subindo — disse ele, indicando o quarto andar. — Vocês podem ir embora.

Adamsberg atravessou o saguão luxuoso, subiu a escadaria coberta por um largo tapete vermelho. Avistou o envelope, preso com uma tachinha na porta de Marie-Belle, antes mesmo de alcançar o patamar. Galgou lentamente os últimos degraus, em estado de choque, e se aproximou do retângulo branco que ostentava apenas o seu nome, "Jean-Baptiste Adamsberg".

Embora. Marie-Belle tinha ido embora debaixo do nariz de seus vigias. Tinha escapado. Escapado sem se importar com Damasco. Adamsberg despreendeu o envelope, cenho franzido. A irmã de Damasco tinha abandonado o campo em chamas.

A irmã de Damasco e irmã de Antoine.

Adamsberg se sentou pesadamente num degrau, o envelope sobre os joelhos. A luz se apagou. Antoine não arrancara as informações de Marie-Belle, ela é que as tinha passado para ele. Para o Hurfin assassino, para o Hurfin obediente. Às ordens da irmã, Marie-Belle Hurfin. No escuro, ligou para Danglard.

— Estou no carro — disse Danglard. — Estava dormindo.

— Danglard, havia outro filho ilegítimo de Heller-Deville na família de Romorantin? Uma menina?

— É o que eu estava tentando lhe dizer. Marie-Belle Hurfin nasceu dois anos antes de Antoine. É meia-irmã de Damasco. Ela não o conhecia até um ano atrás, quando apareceu em Paris, na casa dele.

Adamsberg meneou a cabeça, em silêncio.

— Isso é chato?

— É. Eu queria a cabeça do assassino, agora eu tenho.

Adamsberg desligou, levantou-se para acender a luz e se encostou no marco da porta para abrir a carta.

“Prezado delegado,

“Não estou lhe escrevendo para facilitar as coisas para o senhor. O senhor achou que eu fosse uma idiota e eu não gostei. Mas como eu tinha mesmo cara de idiota, é óbvio que não posso ficar chateada com o senhor. Se escrevo, é por causa do Antoine. Quero que esta carta seja lida durante o processo, porque ele não é responsável. Eu é que orientei ele do começo ao fim, eu é que pedi para ele matar. Eu é que dizia para ele por que, quem, onde, como e quando. Antoine não é responsável por nada, ele só me obedeceu, como sempre fez. Não é culpa dele, nada é culpa dele. Quero que isto seja dito no processo, posso contar com o senhor? Preciso me apressar porque não tenho muito tempo. Foi meio bobagem da sua parte ligar para a Lizbeth pedindo paralela ir até o hospital ficar com o velho. Porque a Lizbeth, pode até não parecer, mas ela às vezes precisa de apoio. Do meu apoio. E ela me telefonou imediatamente para me contar o acidente de Decambrais.

“Quer dizer que o assassinato do velho fracassou e puseram a mão no Antoine. O senhor não vai demorar para sacar quem é o meu pai, mesmo porque a minha mãe não faz nenhum segredo disso, e vai aparecer aqui mais que depressa. Já tem dois sujeitos lá embaixo, dentro de um carro. Danou-se, estou caindo fora. Não quebre a cabeça tentando me encontrar, vai ser perda de tempo.

Tenho um monte de dinheiro vivo que chupei da conta do babaca do Damasco e sei me virar. Tenho uma roupa de africana que Lizbeth tinha me emprestado para uma festa, seus homens não vão nem desconfiar, não estou preocupada. É óbvio que é melhor o senhor deixar para lá.

“Vou lhe dar rapidinho alguns detalhes para que fique claro que Antoine não é responsável por nada. Ele detestava Damasco tanto quanto eu, mas é incapaz de maquirar o que quer que seja. Afora obedecer à mãe e ao pai, quando lhe pregava uns tapas, a única coisa que ele sabia fazer, quando criança, era estrangular as galinhas e os coelhos para descontar a raiva. É óbvio que ele não mudou. Nosso pai talvez fosse o rei da aeronáutica, mas era principalmente o rei dos canalhas, isso o senhor tem que compreender bem. Ele só sabia engravidar e dar surras. Ele tinha um primeiro filho, declarado, que ele educou em redoma de vidro em Paris. Estou falando do pancada do Damasco. Quanto a nós, éramos a família vergonhosa, os proletas de Romorantin, e ele nunca quis nos reconhecer. Questão de reputação, ele dizia. Em compensação, em questão de tabefes ele não pechinchava e eu, minha mãe e meu irmão apanhamos poucas e boas. Eu não dava bola, tinha decidido que ia matar ele um dia, mas ele acabou se detonando sozinho. E quanto à grana, não soltava nada para a minha mãe, só o suficiente para sobreviver, porque tinha medo que os vizinhos estranhassem se nos vissem levando um vidão. Um calhorda, um bruto e um covarde, isso é o que ele era.

“Quando ele bateu as botas, eu e o Antoine imaginamos que não havia por que a gente não ter direito a uma parte da grana, já que o nome a gente não tinha. Era direito nosso, afinal éramos filhos dele. Tudo bem, mas isso ainda tinha que se provar. É óbvio que a gente sabia que o teste genético não ia dar pé, já que ele tinha se pulverizado em cima do Atlântico. Mas dava para fazer com o Damasco, que estava levando o tutu todo sem repartir. Só que nós imaginamos que era óbvio que o tal Damasco não ia aceitar fazer o teste, já que com isso ia perder dois terços da grana. A não ser que ele goste da gente, pensei. A não ser que ele se tomasse de amores por mim. Sou boa nesse joguinho. É claro que pensamos

em eliminar ele, mas eu disse para o Antoine que isso estava fora de questão: quando a gente fosse pedir a herança, de quem é que eles iam suspeitar? De nós, é óbvio.

“Cheguei em Paris só com essa ideia: comunicar para ele que eu era a sua meia-irmã, chorar as pitangas e fazer ele me aceitar. O Damasco caiu feito um patinho em dois dias. Abriu os braços bem abertos para mim, por pouco não começou a chorar, e quando soube que tinha um meio-irmão foi pior ainda. Ele estava comendo na minha mão, era um legítimo imbecil. O plano de DNA meu e do Antoine ia funcionar às mil maravilhas. E depois que a gente estivesse com dois terços da fortuna eu teria deixado o Damasco ali plantado. Não gosto muito desse tipo de cara que fica exibindo os músculos e chora por qualquer coisinha. Só mais tarde é que eu me dei conta que o Damasco era pancada. Como ele estava comendo na minha mão e precisava de apoio, ele me contou o plano pancada dele inteirinho, a vingança, a peste, as pulgas e a barafunda toda. Eu estava a par dos mínimos detalhes, ele ficava horas falando sobre isso. O nome das pessoas que ele tinha descoberto, os endereços, tudo. Não acreditei nem por um minuto que as babacas daquelas pulgas dele pudessem matar quem quer que fosse. É óbvio que eu mudei meu plano, ponha-se no meu lugar. Por que ficar com dois terços se a gente podia ficar com tudo? O Damasco já tinha o nome, o que é uma grande coisa. E nós, nada. O melhor de tudo é que o Damasco não queria de jeito nenhum tocar no dinheiro do pai, dizia que era assombrado, podre. Aliás, diga-se de passagem, tenho a impressão de que a infância dele também não foi lá muito divertida.

“Preciso me apressar. Era só deixar o Damasco fazer os salamaleques dele e ir matando atrás. Se concluíssemos a ideia dele, o Damasco ia para a cadeia pelo resto da vida. Depois dos oito assassinatos, eu teria dado uma pista para os tiras, como quem não quer nada. Sou bastante boa nisso. Depois, como ele estava comendo na minha mão, eu ia administrar a fortuna dele, ou seja, ia passar a mão nela, junto com o Antoine e adeus, mariazinha, são as voltas que o mundo dá. O Antoine só precisava obedecer e matar, assim as tarefas ficavam bem distribuídas, porque é disso

que ele gosta, obedecer e matar. Eu não tenho força suficiente, e não é muito do meu gosto. Eu dei uma mãozinha para atrair dois caras para a rua, Viard e Clerc, quando os tiras estavam por todo lado, e o Antoine deu cabo deles, um depois do outro. Por isso é que eu digo que não é culpa do Antoine. Ele me obedeceu, não sabe fazer mais nada. Se eu mandasse ele ir buscar um balde d'água em Marte, ele ia sem reclamar. Não é culpa dele. Se ele pudesse ficar numa casa de saúde, sabe, algo do tipo intensivo, em vez de na prisão, talvez fosse mais justo, porque é óbvio que ele não é responsável. Não tem nada na cabeça.

“O Damasco soube que as pessoas estavam morrendo e não ficou se perguntando muito. Estava convencido de que sua ‘força Journot’ estava funcionando e não queria saber mais que isso. Pobre pateta. Eu teria enganado ele até o fim, se o senhor não tivesse aparecido. Seria melhor ele também fazer um tratamento, do tipo intensivo.

“Comigo, tudo bem. Nunca me faltam ideias, não esquento a cabeça com o meu futuro, não se preocupe. Se o Damasco pudesse mandar um pouco do dinheiro podre dele para a minha mãe, não faria mal para ninguém. E principalmente não se esqueça do Antoine, conto com o senhor. Um beijão para a Lizbeth e para a pobre bobinha da Eva. Um abraço, o senhor estragou tudo mas gosto do seu tipo. Sem mágoas,

“Marie-Belle.”

Adamsberg tornou a dobrar a carta e sentou-se na escuridão, o punho sobre os lábios, por muito tempo.

Na Brigada, abriu sem uma palavra a cela de Damasco e fez sinal para que ele o acompanhasse. Damasco pegou uma cadeira, jogou os cabelos para trás e olhou para ele, atento, paciente. Ainda sem falar nada, Adamsberg lhe estendeu a carta da irmã.

— É para mim? — Perguntou Damasco.

— É para mim. Leia.

Damasco suportou muito mal o golpe. A carta pendia de seus dedos, sua cabeça se apoiava nas mãos, e Adamsberg viu umas lágrimas se espatifarem nos seus joelhos. Era muita novidade de

uma vez, o ódio de um irmão e de uma irmã, e a total inoperância do poder dos Journot. Adamsberg se sentou em silêncio na frente dele e esperou.

— Não tinha nada nas pulgas? — Sussurrou Damasco afinal, ainda de cabeça baixa.

— Nada.

Damasco ainda deixou passar um longo silêncio, as mãos agarradas nos joelhos, como se tivesse tido de beber algo horrível que não queria descer. Adamsberg quase conseguia ver o peso da realidade desabando sobre ele feito uma massa assombrosa, esmagando-lhe a cabeça, estourando o seu mundo redondo igual a uma bola, sangrando de morte o seu imaginário. Ele se perguntava se o homem conseguiria sair andando da sala, com aquela carga que ruíra sobre ele feito um meteorito.

— Não havia peste? — Ele perguntou, articulando com dificuldade.

— Nenhuma peste.

— Eles não morreram de peste?

— Não. Morreram estrangulados pelo seu meio-irmão, Antoine Hurfin.

Outro abatimento, outro torcer de mãos sobre os joelhos.

— Estrangulados e enegrecidos — prosseguiu Adamsberg. — Você não ficou surpreso com as marcas de estrangulamento, com o carvão?

— Fiquei.

— E então?

— Pensei que a polícia estava inventando aquilo para esconder a peste, para não apavorar as pessoas. Mas era verdade?

— Era. Antoine passava depois de você e acabava com eles.

Damasco; olhou para a sua mão, tocou o diamante.

— E a Marie-Belle orientava?

— É.

Outro silêncio, outra queda.

Nisso, Danglard entrou e Adamsberg lhe apontou com o dedo a carta caída aos pés de Damasco. Danglard pegou a carta, leu e

meneou gravemente a cabeça. Adamsberg escreveu umas palavras num papel e lhe passou.

“Chame o doutor Ferez para o Damasco: urgente. Avise a Interpol sobre Marie-Belle: nenhuma esperança, esperta demais.”

— E a Marie-Belle não gostava de mim? — Sussurrou Damasco.

— Não.

— Eu pensei que ela gostasse.

— Eu também pensei. Todo mundo pensou. Foi assim que todos nós bobeamos.

— Ela gostava do Antoine.

— Gostava. Um pouquinho.

Damasco se dobrou ao meio.

— Por que ela não me pediu o dinheiro? Eu teria dado tudo, tudo.

— Eles não imaginaram que isso fosse possível.

— De qualquer modo, não quero mexer nesse dinheiro.

— Você vai mexer nele, Damasco. Vai pagar um bom advogado para o seu meio-irmão.

— Está certo — disse Damasco, ainda escondido atrás dos braços.

— Você também tem que cuidar da mãe deles. Ela não tem com o que sobreviver.

— Está certo. “A gorda de Romorantin.” É assim que sempre se falava nela lá em casa. Eu não sabia o que eles queriam dizer, nem quem ela era.

De súbito, Damasco ergueu a cabeça.

— Não vá contar para ela, hein? Não vá contar!

— Para a mãe deles?

— Não, para a Zinha. Não vá contar para ela que as pulgas não... não estavam...

Adamsberg não tentou ajudá-lo. Damasco precisava pronunciar aquelas palavras sozinho um bom número de vezes.

— Não estavam... infectadas? — Concluiu Damasco. — Ela morreria se soubesse.

— Eu não sou nenhum assassino. E você também não. Pense nisso, pense muito bem nisso.

— O que é que vão fazer comigo?

— Você não matou ninguém. Você é responsável apenas por umas trinta picadas de pulga e um pânico popular.

— E então?

— O juiz não vai dar seguimento. Você pode sair hoje, agora.

Damasco se levantou com o desajeitamento de um homem exausto, apertando os dedos sobre o seu diamante. Adamsberg observou enquanto ele saía e o seguiu, atento ao seu primeiro contato com a rua real. Mas Damasco virou na direção da cela aberta, deitou em posição fetal sobre o catre e não se mexeu mais. Antoine Hurfin, na sua cela, estava na mesma posição, no sentido inverso. Heller-Deville, o pai, fizera um bom trabalho.

Adamsberg abriu a cela de Clémentine, que fumava, jogando paciência.

— Então? — Disse ela, olhando para ele. — Esse pessoal está se mexendo, afinal? Ficam indo para lá, para cá, e a gente não sabe o que está se passando.

— Pode ir, dona Clémentine. Vamos levar a senhora até Clichy.

— Já não era sem tempo.

Clémentine apagou a bagana no chão, vestiu o casaco de lã abotoando-o com cuidado.

— São bacanas essas suas sandálias — disse ela, num tom apreciativo. — Assentam muito bem no pé.

— Obrigado — disse Adamsberg.

— Me diga uma coisa, delegado, agora que já nos conhecemos um pouco, o senhor poderia me dizer se os três últimos canalhas morreram? Com essa confusão toda, acabei não acompanhando o noticiário.

— Os três morreram de peste, Clémentine. Kévin Roubaud, para começar.

Clémentine sorriu.

— Depois um outro, esqueci o nome dele e, finalmente, Rodolphe Messelet, uma hora atrás. Caiu feito um pino de boliche.

— Ótimo — disse Clémentine, sorrindo largamente. — A justiça existe. Só não se pode ter pressa.

— Clémentine, me lembre o nome do segundo, me escapou.

— Para mim, não vai escapar tão cedo. Henri Tomé, na rue de Grenelle. O último dos crápulas.

— Isso.

— E o menino?

— Pegou no sono.

— Claro, de tanto ficar em cima dele vocês deixam ele cansado. Diga a ele que espero por ele no domingo para almoçar, como sempre.

— Ele vai estar lá.

— Bem, acho que dissemos tudo o que tinha para dizer, delegado — ela concluiu, estendendo-lhe uma mão firme. — Vou deixar um bilhete para o Gardon, agradecendo pelo baralho, e para o outro, o altão, meio molenga, com umas entradas, muito alinhado, um homem de bom gosto.

— Danglard?

— É, ele queria a minha receita de *galettes*. Ele não expressou diretamente, mas compreendi qual era o xis da questão. Parecia ter muita importância para ele.

— É bem possível.

— Aquele é um homem que sabe viver — disse Clémentine, balançando a cabeça. — Com licença, vou indo na frente.

Adamsberg acompanhou Clémentine Courbet até o pórtico e recebeu Ferez, que ele deteve com um gesto.

— É ele? — Perguntou Ferez, indicando a cela onde Hurfin estava encolhido.

— É o assassino. Um supercaso de família, Ferez. Ele provavelmente vai ser internado num asilo psiquiátrico.

— Não se diz mais "asilo", Adamsberg.

— Agora, esse aqui — continuou Adamsberg, designando Damasco — precisa sair e não está em condições. Seria para mim um favor, Ferez, um favor imenso, se você o ajudasse e

acompanhasse. Reinserção no mundo real. Uma queda muito dolorosa, dez andares.

— É o sujeito do fantasma?

— O próprio.

Enquanto Ferez tentava desdobrar Damasco, Adamsberg mandou dois oficiais atrás de Henri Tomé e a imprensa atrás de Rodolphe Messelet. Depois, ligou para Decambrais, que se preparava para deixar o hospital à tarde, e para Lizbeth e Bertin, recomendando que preparassem com carinho a volta de Damasco. Concluiu ligando para Masséna e para Vandoosler, a quem comunicou o resultado do imenso equívoco.

— Não estou escutando direito, Vandoosler.

— É o Lucien despejando a feira em cima da mesa. Uma barulheira.

Em contrapartida, escutou nitidamente a voz forte de Lucien, declamando na grande sala sonora:

— Na natureza, subestima-se demais o extraordinário poder da abóbora.

Desligou, pensando que aquele poderia ser um bom anúncio para o pregão de Joss Le Guern. Um anúncio robusto, saudável e bem escandido, sem confusão, distante, bem distante dos ecos sinistros da peste, que já se apagavam. Colocou o telefone em cima da mesa, bem no meio, e o considerou por um instante. Danglard entrou com uma pasta na mão, e acompanhou o olhar de Adamsberg. Pôs-se, por sua vez, a observar silenciosamente o pequeno aparelho.

— Alguma coisa errada com este celular? — Perguntou ele, depois de um longo instante.

— Nada — disse Adamsberg. — Ele não toca.

Danglard depositou o dossiê Romorantin e saiu sem fazer comentários. Adamsberg deitou-se sobre o dossiê, cabeça apoiada nos braços, e adormeceu.

Às sete e meia da noite, Adamsberg dirigiu-se à place Edgar-Quinet, sem apressar o passo, porém mais leve do que estivera nos últimos quinze dias. Mais leve e também mais vazio. Entrou na casa de Decambrais, no pequeno escritório onde uma placa modesta anunciava: “Conselheiro em coisas da vida.” Decambrais estava a postos, ainda muito pálido, mas com as costas novamente eretas, e falava com um homem gordo e vermelho, transtornado, que estava sentado à sua frente.

— Ora — disse Decambrais, lançando um olhar para Adamsberg e depois para as sandálias dele. — Hermes, o mensageiro dos deuses. Novidades?

— Paz na cidade, Decambrais.

— Aguarde um instante, delegado. Estou no meio de uma consulta.

Adamsberg se afastou em direção à porta, apanhando no ar um fragmento da conversa que recomeçava.

— Desta vez, ficou tudo em pedaços — dizia o homem.

— Mas já foi colado outras vezes — respondia Decambrais.

— Em pedaços.

Decambrais recebeu Adamsberg uns dez minutos depois e o fez sentar na cadeira ainda quente do predecessor.

— Qual era o assunto? — Perguntou Adamsberg. — Um móvel? Um membro?

— Um relacionamento. Vinte e sete rupturas e vinte e seis colagens com a mesma mulher, um recorde absoluto na minha clientela. O apelido dele é Quebra-Cola.

— E o senhor aconselha o quê?

— Nada, nunca. Procuo compreender o que as pessoas querem e procuro ajudá-las a realizar o que querem. Aconselhar é isso. Se

alguém quer quebrar, eu ajudo. Se no dia seguinte quiser consertar, eu ajudo. Se no dia seguinte quiser remendar, eu ajudo. E o senhor, delegado, queria o quê?

— Não sei. De repente, tanto faz.

— Então, não posso ajudar.

— Não pode. Ninguém pode. Sempre foi assim.

Decambrais se encostou no respaldar da cadeira com um leve sorriso.

— Eu não estava certo sobre o Damasco?

— Estava. O senhor é um bom conselheiro.

— Ele não podia matar *realmente*, eu sabia. Ele não queria *realmente* matar.

— Tem visto o Damasco?

— Ele entrou na loja faz uma hora. Mas não ergueu a cortina metálica.

— Ele escutou o pregão?

— Era tarde demais. O pregão da tarde, durante a semana, é às dezoito e dez.

— Desculpe. Não sou muito bom com horários e datas.

— Não faz mal.

— Às vezes faz. Entreguei o Damasco nas mãos de um médico.

— Fez bem. Ele desabou lá das nuvens para o chão. Nunca é muito agradável. Lá em cima não existem coisas que se quebram ou que não se colam mais. Por isso é que ele estava lá.

— E a Lizbeth?

— Foi imediatamente falar com ele.

— Ah!

— A Eva vai sofrer um pouco.

— É óbvio — disse Adamsberg.

Deixou passar um silêncio.

— Veja só, Ducouëdic — retomou, mudando de posição para ficar de frente para ele —, o Damasco passou cinco anos preso por um crime que não existiu. Hoje, está livre por crimes que ele pensa que cometeu. Marie-Belle está fugindo por uma carnificina que ela ordenou. Antoine será condenado por assassinatos que ele não decidiu.

— A culpa e a aparência de culpa — disse Decambrais, mansamente. — Isso lhe interessa?

— Interessa — disse Adamsberg, fitando-o nos olhos. — Estamos todos nessa.

Decambrais susteve o olhar alguns instantes e meneou a cabeça.

— Não encostei naquela menina, Adamsberg. Os três colegiais estavam em cima dela, no banheiro. Bati feito um surdo, ergui a menina e tirei-a dali. Os testemunhos acabaram comigo.

Adamsberg assentiu com um movimento das pálpebras.

— É o que o senhor achava?

— Sim.

— Então daria um bom conselheiro. Na época, eu já estava quase impotente. O senhor achava isso também?

— Não.

— E agora, tanto faz para mim — disse Decambrais, cruzando os braços. — Ou quase.

Nisso, o trovão do normando ressoou sobre a praça.

— Um calvados — disse Decambrais, levantando o dedo. — Um prato quente. Não é de se jogar fora.

No Viking, Bertin estava servindo uma rodada geral em homenagem a Damasco, cuja cabeça repousava, cansada, no ombro de Lizbeth. Le Guern se levantou e apertou a mão de Adamsberg.

— A avaria foi consertada — começou Joss. — Fim dos especiais. A venda de verduras está reassumindo a liderança.

— Na natureza — disse Adamsberg —, subestima-se demais o extraordinário poder da abóbora.

— É verdade — disse Joss, sério. — Eu vi umas abóboras que, em duas noites, ficaram do tamanho de umas bolas.

Adamsberg se juntou ao grupo barulhento que começava a jantar. Lizbeth puxou uma cadeira para ele e sorriu. Ele teve um súbito desejo de se aninhar junto dela, mas o lugar já estava ocupado por Damasco.

— Ele vai adormecer no meu ombro — ela disse, apontando para Damasco.

— Isso é normal, Lizbeth. Ele vai dormir muito tempo.

Bertin, cerimoniosamente, pôs mais um prato no lugar do delegado. Um prato quente não é de se jogar fora.

Danglard abriu a porta do Viking na hora da sobremesa, recostou-se no balcão, colocou a Bola aos seus pés e fez um sinal discreto para Adamsberg.

— Tenho pouco tempo — disse Danglard. — As crianças estão me esperando.

— Nenhum problema com Hurfin? — Perguntou Adamsberg.

— Não. Ferez foi dar uma olhada nele. Deu um calmante. Ele obedeceu e está descansando.

— Muito bem. Hoje, no fim das contas, todo mundo vai conseguir dormir.

Danglard pediu a Bertin uma taça de vinho.

— Para o senhor não?

— Não sei. Acho que vou andar um pouco.

Danglard tomou metade da taça e olhou para a Bola, instalada em cima do seu sapato.

— Ela está crescendo, não é?

— Está.

Danglard esvaziou a taça e sem ruído colocou-a sobre o balcão.

— Lisboa — disse ele, escorregando um pedaço de papel sobre o bar. — Hotel São Jorge. Quarto 302.

— A Marie-Belle?

— A Camille.

Adamsberg sentiu seu corpo se retesando como que num impulso súbito. Cruzou os braços bem apertados e se recostou no balcão.

— Como é que você sabe, Danglard?

— Mandei seguir a Camille — disse Danglard, abaixando-se para apanhar o gatinho, ou para esconder o rosto. — Desde o início. Feito um canalha. Ela não pode vir a saber disso nunca.

— Seguida por um tira?

— Pelo Villeneuve, um aposentado do 5º.

Adamsberg ficou imóvel, o olhar fixo no papel dobrado.

— Vai haver outras colisões — disse ele.

— Eu sei.

— E de repente...

— Eu sei. De repente.

Sem se mexer, Adamsberg observou o papel branco e então, devagar, adiantou a mão e fechou-a sobre ele.

— Obrigado, Danglard.

Danglard guardou o gatinho debaixo do braço e saiu do Viking fazendo sinal com a mão, de costas.

— Era o seu colega? — Perguntou Bertin.

— Um mensageiro. Dos deuses.

Quando a praça ficou mergulhada na noite, Adamsberg, encostado no plátano, abriu o caderninho e arrancou uma folha. Refletiu e então escreveu "Camille". Esperou um pouco e acrescentou "Eu".

Um começo de frase, pensou. Já é alguma coisa.

Dez minutos depois, como não viesse a continuação da frase, pôs um ponto depois do "Eu" e dobrou o papel em volta de uma moeda de cinco.

Então, num passo lento, atravessou a praça e depositou sua oferenda na urna azul de Joss Le Guern.

FRED VARGAS é historiadora e arqueóloga medievalista nascida em Paris, em 1957, e um dos maiores nomes do romance policial francês contemporâneo. *Fuja logo e demore para voltar*, o seu oitavo romance, obteve o *Prix des Libraires de France* 2002 e é best-seller na França.



Copyright © 2001 by Éditions Viviane Hamy

A publicação deste livro contou com o apoio do Ministério Francês das Relações Exteriores.

Título original:

Pars Vite et Reviens Tard

Capa:

João Baptista da Costa Aguiar

Foto de capa:

Ana Ottoni

Preparação:

Bernardo Esteves Gonçalves da Costa

Revisão:

Olga Cafalcchio

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vargas, Fred

Fuja logo e demore para voltar / Fred Vargas; tradução Dorothée de Bruchard
— São Paulo : Companhia das Letras, 2004.

Título original: *Pars Vite et Reviens Tard*.

ISBN: 85-359-0484-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I. Título.

04-1479

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

[2004]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

[1] Bebida tradicional da Bretanha, feita de mel e água fermentados, o *chouchen*, ou *chouchenn*, remonta diretamente ao antigo hidromel, néctar divino dos druidas. (N. T.)

[2] Em bretão no original: pregoeiro. (N. T.)

[3] Referência ao feriadão de 15 de agosto, no meio do verão, quando os parisienses costumam abandonar a cidade (N. T.)

[4] Na França, a partícula “de” é característica dos sobrenomes da nobreza. Joss, sem nunca ter visto o nome “Decambrais” escrito, julga pelo som que seja “de Cambrais”, deduzindo daí tratar-se de um “aristocrata”. (N. T.)

[5] *Troyes* (nome de uma cidade francesa) pronuncia-se de forma idêntica a *trois* (três). (N. T.)

[6] Típicas colunas das ruas parisienses, datadas do século XIX e que levam o nome de seu criador, onde são colados cartazes anunciando eventos e espetáculos. (N. T.)